

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Camila Tatsch Ferrari

“EXISTIA UMA DEUSA”:
O CONSUMO MUDIÁTICO DO SAGRADO FEMININO PELAS
MULHERES RESIDENTES EM ECOVILAS

Santa Maria, RS
2022

Camila Tatsch Ferrari

**“EXISTIA UMA DEUSA”:
O CONSUMO MIDIÁTICO DO SAGRADO FEMININO PELAS MULHERES
RESIDENTES EM ECOVILAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de Concentração em Comunicação Midiática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Comunicação**.

Orientadora: Profa. Dra. Veneza Mayora Ronsini
Coorientadora: Profa. Dra. Camila da Silva Marques

Santa Maria, RS
2022

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Ferrari, Camila Tatsch
"Existia uma Deusa": O Consumo Midiático do Sagrado Feminino pelas Mulheres Residentes em Ecovilas / Camila Tatsch Ferrari.- 2022.
189 p.; 30 cm

Orientadora: Veneza Mayora Ronsini
Coorientadora: Camila da Silva Marques
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2022

1. Sagrado Feminino 2. Mulheres 3. Consumo midiático
4. Espiritualidade I. Ronsini, Veneza Mayora II.
Marques, Camila da Silva III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, CAMILA TATSCH FERRARI, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado**

**“EXISTIA UMA DEUSA”: O CONSUMO MUDIÁTICO DO
SAGRADO FEMININO PELAS MULHERES RESIDENTES EM
ECOVILAS**

elaborada por
Camila Tatsch Ferrari

Aprovada em 19 de maio de 2022.

Como requisito parcial para obtenção do título de
Mestre em Comunicação

COMISSÃO EXAMINADORA:

Veneza Mayora Ronsini, Dra. (UFSM)
Presidente/Orientadora

Milena Freire de Oliveira-Cruz, Dra. (UFSM)

Participação por vídeo

Ana Carolina Escosteguy, Dra. (UFRGS)

Participação por vídeo

Santa Maria, 19 de maio de 2022

NUP: 23081.057484/2022-25

Prioridade: Normal

Homologação de ata de banca de defesa de pós-graduação

134.332 - Bancas examinadoras: indicação e atuação

COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
2	Folha de aprovação	Folha de Aprovação Mestrado_Camila Ferrari.pdf

Assinaturas

24/05/2022 16:23:37

MILENA CARVALHO BEZERRA FREIRE DE OLIVEIRA-CRUZ (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

06.10.01.00.0.0 - CURSO PG-E EM ESTUDOS DE GÊNERO - EEG

24/05/2022 16:49:29

VENEZA VELOSO MAYORA RONSINI (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR)

06.31.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - DCCOM

25/05/2022 15:18:59

ANA CAROLINA DAMBORIARENA ESCOSTEGUY (Pessoa Física)

Usuário Externo (378.***.***.**) 1960



Código Verificador: 1472521

Código CRC: d839f84

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>



AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe e meu pai pelo apoio e suporte na minha escolha de seguir uma trajetória acadêmica e antes, durante e depois desse mestrado. Obrigada especial à minha mãe por me ouvir e incentivar.

Agradeço à prof.^a Veneza por sua dedicada e rica orientação, pelo imenso aprendizado nesses dois anos e por me proporcionar fazer parte de um grupo de pesquisa tão completo.

Agradeço à prof.^a Camila Marques por sua co-orientação, presença e apoio em todos os momentos possíveis.

Agradeço à prof.^a Milena por sua presença e apoio, desde antes do mestrado, à banca de qualificação e banca de defesa. Agradeço à prof.^a Ana Carolina por sua participação e significativa contribuição na banca de defesa. As contribuições de ambas para a pesquisa foram muito gratificantes.

Aos colegas (e amigos) Laura e Marco pelas trocas e apoios constantes, bem como Rafael, Maurício e Gabriela sempre dispostos à trocar e aprender em reciprocidade. Tive muita sorte de contar com o grupo Usos Sociais da Mídia, de pesquisadoras e pesquisadores exemplares e humanos.

À Grazi Knoll por seu apoio e gentileza infinita antes mesmo do processo seletivo.

À Jéssica Miranda, que provavelmente não verá esses agradecimentos, mas que foi essencial, como mentora e a inspiração para que eu seguisse esse caminho.

Às amigas pesquisadoras e intelectuais feministas que tanto me inspiram e confortam: Maria Nosvitz, Suzana Veiga e Larissa Catharine Oliveira.

À Isadora Brusius, por sua irmandade, acolhimento, amizade, presença. À Jana Kanitz pelo apoio, carinho e amizade.

À Letícia Crema pela amizade e por ser um apoio incondicional; à Frannie por ter sido um apoio essencial no início desse curso; ao Alexandre pelo apoio e presença; à Isadora Severo pelas trocas e por entender o que significa finalizar essa etapa. Aos demais colegas do programa de pós-graduação em Comunicação e ao próprio POSCOM e à UFSM por proporcionarem esse mestrado.

Às mulheres participantes dessa pesquisa, pela confiança e oportunidade de ouvir seus relatos e histórias, que para além da pesquisa, me ensinaram muito.

Por último, mas não menos importante, agradeço à CAPES por financiar parcialmente esta pesquisa.

RESUMO

“EXISTIA UMA DEUSA”: O CONSUMO MIDIÁTICO DO SAGRADO FEMININO PELAS MULHERES RESIDENTES EM ECOVILAS

AUTORA: Camila Tatsch Ferrari
ORIENTADORA: Veneza Mayora Ronsini
COORIENTADORA: Camila da Silva Marques

Este trabalho, através de pesquisa empírica qualitativa, visa abordar o consumo de mídia e as relações sociais de mulheres em ecovilas, no que diz respeito às relações de gênero e práticas espirituais dentro de suas comunidades e em suas experiências pessoais. O objetivo geral deste estudo é investigar como o consumo do Sagrado Feminino na mídia incide nas relações de gênero nas comunidades de ecovilas. Buscamos organizar nosso referencial teórico a partir de três eixos: o contexto social atual e as alternativas baseadas nas ecovilas e na perspectiva espiritual; o próprio Sagrado Feminino como uma perspectiva e prática adotada por mulheres; e o Sagrado Feminino a partir do consumo midiático. Para isso, estabelecemos três eixos de estudo: questões de gênero (FRASER, 2020; FEDERICI, 2017); espiritualidade feminina nas ecovilas (ELLER, 2000; ARRUDA, 2018); consumo midiático (GARCÍA-CANCLINI, 2010). A metodologia conta com o aporte dos Retratos Sociológicos de Bernard Lahire (2004) a fim de construir a trajetórias de três mulheres que possuem experiência em ecovilas e se aproximam do Sagrado Feminino em sua espiritualidade. Na trajetória percorrida, entendemos que essa espiritualidade propõe a sacralização da figura feminina na medida em que atribui às mulheres qualidades e características positivas, contribuindo para autonomia e poder femininos e assim, indiretamente para a igualdade de gênero. Nesse sentido, concluímos que não desconstrói padrões de gênero por funcionar como um grupo de apoio para as mulheres e por amenizar conflitos entre mulheres e homens apenas na conciliação de seus interesses domésticos na esfera individual.

Palavras-chave: Sagrado Feminino. Mulheres. Consumo midiático. Espiritualidade.

ABSTRACT

“THERE WAS A GODDESS”: MEDIA CONSUMPTION OF THE SACRED FEMENINE BY WOMEN RESIDENTS IN ECOVILLAGES

AUTHOR: Camila Tatsch Ferrari
ADVISOR: Veneza Mayora Ronsini
CO-ADVISOR: Camila da Silva Marques

This work, through qualitative empirical research, aims to address the media consumption and social relations of women in ecovillages, with regard to gender relations and spiritual practices within their communities and in their personal experiences. The general objective of this study is to investigate how the consumption of the Sacred Feminine in the media affects gender relations in ecovillage communities. We seek to organize our theoretical framework from three axes: the current social context and alternatives based on ecovillages and a spiritual perspective; the Sacred Feminine itself as a perspective and practice adopted by women; and the Sacred Feminine from media consumption. For this, we established three axes of study: gender issues (FRASER, 2020; FEDERICI, 2017); female spirituality in ecovillages (ELLER, 2000; ARRUDA, 2018); media consumption (GARCÍA-CANCLINI, 2010). The methodology relies on the contribution of Bernard Lahire's Sociological Portraits (2004) in order to build the trajectories of three women who have experience in ecovillages and approach the Sacred Feminine in their spirituality. In the trajectory covered, we understand that this spirituality proposes the sacralization of the female figure insofar as it attributes positive qualities and characteristics to women, contributing to female autonomy and power and, thus, indirectly to gender equality. In this sense, we conclude that it does not deconstruct patterns of gender by functioning as a support group for women and by easing conflicts between women and men only in reconciling their domestic and interests in the individual sphere.

Keywords: Sacred Feminine. Women. Media Consumption. Spirituality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Perfil Faces do Sagrado	48
Figura 2 - Postagens perfil Faces do Sagrado.....	48
Figura 3 - Postagem perfil Faces do Sagrado	49
Figura 4 - Perfil Blog Las Lobas	49
Figura 5 - Postagens Blog Las Lobas	50
Figura 6 - Postagem Blog Las Lobas	50
Figura 7 - Perfil Pri Elias	51
Figura 8 - Postagens perfil de Pri Elias	51
Figura 9 - Postagem perfil de Pri Elias.....	52
Figura 10 - Capa do livro Mulheres que correm com os lobos	53
Figura 11 - Capa do livro Lua Vermelha.....	54
Figura 12 - Capa do livro O Oráculo da Deusa	55
Figura 13 - Canal A Mulher Selvagem.....	56
Figura 14 - Canal Filha da Serpente	56
Figura 15 - Canal Prisma do Saber	57
Figura 16 - Pôster A Tenda Vermelha.....	58
Figura 17 - Imagem O Resgate do Feminino Sagrado	59
Figura 18 - Pôster As Brumas de Avalon	60
Figura 19 - Grupo Cultura Alternativa em setembro de 2020.....	87
Figura 20 - Apresentação.....	88
Figura 21 - Apresentação de curso	88
Figura 22 - Mulheres indígenas	89
Figura 23 - Episódio de Diversidade Feminina	90
Figura 24 - Perfil Ecovilas_Brasil	91
Figura 25 - Live Ecovilas Brasil.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA	Bahia
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GEN	<i>Global Ecovillage Network</i>
ONU	Organização das Nações Unidas
PUC-Campinas	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
RJ	Rio de Janeiro
RO	Rondônia
RS	Rio Grande do Sul
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	REPENSANDO SOCIEDADE E BUSCANDO ALTERNATIVAS	23
2.1	CONTEXTO SOCIETÁRIO E COLAPSO AMBIENTAL.....	24
2.2	A NOVA ERA E AS ESPIRITUALIDADES	28
2.3	ECOVILAS COMO ALTERNATIVAS PRÁTICAS	34
2.4	AS ECOVILAS NA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO	39
2.5	MAPEAMENTO DO SAGRADO FEMININO NA MÍDIA.....	47
2.5.1	Instagram.....	48
2.5.1.1	Perfil Faces do Sagrado @facesdosagrado	48
2.5.1.2	Perfil Blog Las Lobas @bloglaslobas	49
2.5.1.3	Perfil Pri do Feminino Sagrado @pri_elias_.....	51
2.5.2	Obras literárias	52
2.5.2.1	Mulheres que correm com os lobos.....	52
2.5.2.2	Lua Vermelha	53
2.5.2.3	O Oráculo da Deusa: um novo método de adivinhação	54
2.5.3	YouTube	55
2.5.3.1	Canal A Mulher Selvagem: Júlia Otero	55
2.5.3.2	Canal Filha da Serpente.....	56
2.5.3.3	Canal Prisma do Saber	57
2.5.4	Produções audiovisuais	57
2.5.4.1	A Tenda Vermelha	57
2.5.4.2	O Resgate do Feminino Sagrado	58
2.5.4.3	As Brumas de Avalon.....	59
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	61
3.1	MULHERES, CUIDADO E ESPIRITUALIDADE	61
3.1.1	Gênero entre opressão e cuidado.....	61
3.1.2	Desvelando o Sagrado Feminino	68
3.1.3	A espiritualidade do Sagrado Feminino nas Ecovilas	77
3.2	O SAGRADO FEMININO NA MÍDIA E O CONSUMO	81
4	METODOLOGIA.....	85
4.1	DADOS EXPLORATÓRIOS	86
4.2	METODOLOGIA E PERSPECTIVAS	95

4.2.1	Retratos sociológicos	96
4.2.2	Aproximação com o campo	97
5	COMUNICANDO O SAGRADO FEMININO	99
5.1	INTRODUÇÃO À PARTICIPANTE - SALLY	99
5.1.1	Vivência(s) na ecovila.....	102
5.1.2	Práticas espirituais e o lugar do Sagrado Feminino.....	104
5.1.3	Questões de gênero e o Ser Mulher	109
5.1.4	Consumo midiático e consumo globalizado	115
5.2	INTRODUÇÃO À PARTICIPANTE - KAREN	117
5.2.1	Vivência(s) na ecovila.....	119
5.2.2	Práticas espirituais e o lugar do Sagrado Feminino.....	122
5.2.3	Questões de gênero e o Ser Mulher	127
5.2.4	Consumo midiático e consumo globalizado	135
5.3	INTRODUÇÃO À PARTICIPANTE - MARINA	139
5.3.1	Vivência(s) na ecovila.....	141
5.3.2	Práticas espirituais e o lugar do Sagrado Feminino.....	144
5.3.3	Questões de gênero e o Ser Mulher	150
5.3.4	Consumo midiático e consumo globalizado	153
5.4	APROXIMAÇÕES ENTRE OS RETRATOS DAS PARTICIPANTES	157
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
	REFERÊNCIAS	165
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO.....	177
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	181
	APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO	189

1 INTRODUÇÃO

Iniciamos este trabalho apresentando uma contextualização do tema, a saber, o papel da comunicação nas práticas espirituais femininas em ecovilas. Situamos o leitor sobre as questões que nos fizeram chegar à problemática e aos objetivos pretendidos para então apresentar um levantamento bibliográfico sobre ecovilas e mulheres em pesquisas realizadas em áreas das humanidades e ciências sociais aplicadas.

É importante frisar a importância das mulheres em temas e práticas relacionadas com a ecologia e a Natureza, por isso, muitas ecovilas¹ e comunidades são consideradas como alternativas, questionando as hierarquias tanto entre humano/natureza, cultura/natureza quanto homem/mulher. Afinal, por muito tempo as mulheres foram mantidas distantes de qualquer esfera de decisão e opinião que influenciasse na sociedade, primeiro devido ao domínio patriarcal que as considera de forma inferior. E segundo, devido ao capitalismo, que conjuntamente com o patriarcado, relegou as mulheres ao âmbito doméstico com a responsabilidade da reprodução social cuidado e manutenção familiar (HOOKS, 2019). A união desses dois sistemas não prejudicou apenas as mulheres, mas estendeu-se para as relações sociais humanas e impactou as relações destas com a Natureza.

Essas problemáticas passaram a ser vistas de modo mais claro no século XX e de alguma maneira, combatidas pelo movimento feminista e os movimentos ecológicos, principalmente a partir dos anos 1970, que denunciaram as opressões sobre a vida das mulheres e a degradação ambiental (SILIPRANDI, 2015). O movimento feminista reivindica igualdade e autonomia das mulheres, para que se mantenham as lutas políticas feministas. O movimento ecológico, busca recuperar relações de humanidade com a Natureza. A autora afirma que os dois trazem contribuições no momento em que as relações buscam ter sentido de unidade e continuidade entre humanos e Natureza, em uma espécie de ambientalismo feminista. Desse pensamento vem a compreensão de que os seres humanos são parte da natureza, “assim como a natureza não-humana é histórica, completamente imbricada nos processos sociais de vida de animais humanos e não-humanos” (FRASER; RAHEL, 2020, p. 112).

Diante disso, muitos indivíduos procuraram outro modelo de sociedade da época, algo que ocorre ainda hoje, com objetivo de cultivar outros valores que não os do consumismo, da exploração e das relações de poder. Diversas comunidades foram construídas, como as de abordagem hippie e consideradas como alternativas (NERY, 2018). O próprio modelo

¹ São comunidades urbanas ou rurais formadas com o intuito de integrar o ambiente social e cooperativa com um estilo de vida sustentável, sem causar danos ao meio ambiente (GEN, 2021).

econômico e político da sociedade é questionado, como cita a agrônoma Emma Silliprandi (2015), também o conjunto das instituições sociais, ideologias e valores que moldam os comportamentos e ações dos indivíduos, algo já presente em movimentos ecológicos a partir da década de 1960 no Ocidente. A autora menciona que especialmente as mulheres feministas se conectavam com essa pauta, denunciando relações opressivas entre países – imperialismo – e as próprias relações pessoais, politizando-as ao evidenciar mecanismos de poder por trás do racismo, do sexismo e da irresponsabilidade humana para com o meio ambiente.

Atenta-se especialmente para as relações advindas da dicotomia homem/mulher, pois seriam então espaços em que as mulheres exerceriam atividades da mesma forma que os homens. Pois, originalmente na sociedade, a dicotomia traz a exclusão das mulheres das esferas de poder e decisão pela discriminação feminina baseada na dominação masculina (DEVREUX, 2005). Essas relações aqui são tratadas como as relações de gênero sob a perspectiva das teorias feministas, compreendendo o gênero como uma construção social, como um conjunto de normas e condutas construídas socialmente que dita como os seres humanos devem se comportar, agir e portar a partir de seu sexo biológico, que produz uma legitimação da desigualdade entre homens e mulheres (GARCIA, 2011).

Buscando uma forma de modificar esse padrão, muitas mulheres reagiram à imagem de inferioridade da mulher substituindo-lhe pelo seu enaltecimento através da espiritualidade. A dimensão cultural-espiritual é um fator relevante nesses espaços como as ecovilas, como as manifestações de espiritualidade, celebrações e rituais, expressões criativas e artísticas que conecta os sujeitos a um propósito de vida maior que se apoia no respeito à dignidade humana, à proteção de comunidades e da natureza, à celebração da vida e da diversidade e à reconexão de si à natureza e estilos de baixo impacto ambiental (SANTOS JR., 2006).

Nesse sentido, aqui tratamos das mulheres que adotam as perspectivas dos conceitos espiritualidades femininas, ou *female spirituality* (CORDOVIL, 2016). Tais conceitos caracterizam um conjunto de movimentos espiritualistas e descentralizados organizados por mulheres que cultuam o “ser mulher”, um sagrado feminino. Em certa relação com a maior entrada da mulher no mercado de trabalho da esfera pública a partir da segunda metade do século XX e uma visão pela igualdade entre os sexos por meio dessa inserção, uma parte do movimento teve seu foco na reconstrução da positividade do feminino a partir da experiência corporal da mulher, como a gravidez, a menstruação e a amamentação (CORDOVIL, 2016). Aqui nomeamos de *Sagrado Feminino* essa perspectiva da espiritualidade feminina.

Esse modelo de espiritualidade encontrado nas ecovilas, deriva de outro mais conhecido, o *New Age* ou Nova Era, um movimento de contracultura iniciado na década de 1960 baseado

no pacifismo, na espiritualidade e nas relações de harmonia com a Natureza (ARRUDA, 2018). Renunciando ao consumismo e à falta de sacralidade do início do século XX, muitas pessoas encontraram nas tradições filosóficas e religiosas do budismo, xamanismo e outras religiões orientais, possibilidade de ressignificar a própria existência através de práticas espirituais, em um reencantamento do mundo (AMARAL, 2000). Dentro dessas práticas, encontram-se o uso de cristais para energização, incensos, defumadores, figuras da tradição hindu e imagens de Buda, velas, livros, símbolos chineses do *Feng Shui* e terapias holísticas, como a acupuntura, a medicina *ayurvédica*, *Reiki*, aromaterapia, entre outros (BIRCHAL, 2006).

As práticas espirituais das ecovilas derivam do movimento *New Age*, integrando uma sensibilidade ecológica, noções de saúde holística, e que envolve as dimensões física, mental e espiritual. Há uma reconexão com a natureza através da experiência do sagrado e uma mistura e diversidade de práticas e processos ritualísticos de diferentes religiões e doutrinas. Foi observado em uma comunidade estátuas de Buda até elementos de tradição indígena, e também, um “recanto da Deusa” (COMUNELLO; CARVALHO, 2015). A questão da Deusa merece destaque na medida em que muito do Sagrado Feminino se apoia nessa ideia de uma divindade mulher, a Deusa-Mãe e em um passado no qual existia uma deusa única ao invés de uma figura masculina, como temos por exemplo na maioria das religiões patriarcais.

Tanto no Sagrado Feminino, no *New Age* e nas ecovilas, tem-se a ideia de preceitos como “a liberdade, autonomia, igualdade, fluidez, conexão, trocas, além de uma frequente oposição às estruturas rígidas, hierárquicas, conservadoras e centralizadas” (LEAL, 2019, p. 14). Resta saber, no entanto, se esses preceitos são realmente empreendidos, especialmente na estrutura das relações sociais.

Diante disso, elaboramos como problema de pesquisa a seguinte questão: Em que medida a perspectiva do Sagrado Feminino nas ecovilas desconstrói padrões e propõe uma igualdade de gênero?

Para responder a tal questão, nosso objetivo geral centra-se em investigar como o consumo do Sagrado Feminino na mídia incide nas relações de gênero nas comunidades de ecovilas. Os objetivos específicos se delimitam em: a) entender a perspectiva do Sagrado Feminino adotado pelas mulheres nas comunidades e seu funcionamento na prática das relações sociais dentro das ecovilas; b) averiguar se, e como, o consumo midiático possui um papel na adoção do Sagrado Feminino na vida das mulheres; c) identificar como se constroem as relações de gênero nas ecovilas a partir da adoção do Sagrado Feminino.

O consumo torna-se uma questão importante quando tratamos de ecovilas na medida em que suas práticas são baseadas nele, ou ainda, em sua moderação. O estilo de vida mais

simples aplicado no cotidiano por seus moradores inclui uma oposição ao consumo excessivo ditado pela nossa sociedade atual. Contudo, a mídia está presente e seu consumo, apesar de moderado, se faz necessário (RONSINI, 2019). Além disso, há também a presença da mídia na vida que os indivíduos tinham antes de alinharem-se com tais princípios da ecovila. A mídia é uma parte intrínseca de nosso mundo, sendo assim, mesmo as mulheres a tiveram presente de alguma forma, podendo ter aderido às referências recebidas através desse consumo, como as espirituais.

Com a pretensão de pesquisar acerca dos aspectos comunicacionais e midiáticos das ecovilas, buscamos nos estabelecer no eixo analítico dos estudos feministas e de gênero, tanto pelo interesse pessoal e histórico acadêmico da pesquisadora, quanto pela escassez de trabalhos nesse contexto que abordassem perspectivas especificamente femininas.

Pesquisar acerca do contexto das ecovilas mostra como é importante nos colocarmos em posição de estudar e avaliar vivências e práticas cotidianas diferentes das normas impostas na sociedade ocidental, especialmente por todos os desastres ambientais que vem ocorrendo e o excesso de violência, em grande parte direcionado às mulheres (DEVREUX, 2005). Assim, inserir as ecovilas nesta pesquisa, é também refletir sobre possíveis soluções para os problemas sociais e ambientais que possuímos.

Com base no levantamento bibliográfico apresentado mais adiante no trabalho, podemos constatar que este é o primeiro trabalho sobre ecovilas a trazer uma perspectiva sobre as mulheres e as relações de gênero nas comunidades. Os demais possuem descrições sobre práticas espirituais e trabalho feminino, mas sem relacioná-las com as práticas de poder entre os gêneros. Por ser uma pesquisa realizada por mulheres e com a contribuição de mulheres participantes, ressaltamos a importância de dar destaque aos trabalhos e narrativas femininas, especialmente após milênios de exclusão feminina da história do mundo. Dessa forma, dar protagonismo às mulheres acaba por ser um exercício de justiça social e de gênero, criando espaços de presença e expressão.

Se observa na literatura existe que as motivações para seguir uma espiritualidade podem vir da busca por comunidade e conexão com a natureza, mas também podem ser diversas, sendo que algumas mulheres já tinham conhecimento de práticas ao adentrarem uma comunidade. Nesse sentido, espiritualidades fora dos padrões religiosos e patriarcais que conhecemos, podem trazer às mulheres uma mudança interna que permite que criem e tomem esses espaços para si. A espiritualidade por si só na vida dos indivíduos já é algo capaz que lhes fortalecer emocionalmente.

Assim, um levantamento bibliográfico nos permitiu visualizar um panorama dos estudos sobre ecovilas, principalmente nos estudos de Comunicação. Isso nos direcionou para um recorte de pesquisa que pudesse contribuir para a área e também para em nível social e político nos trabalhos acadêmicos brasileiros. Acolher a perspectiva feminina em nosso tema, objetivo e objeto de pesquisa é dar destaque à voz das mulheres e ocupar espaço no importante debate gerado pelas ecovilas e seus objetivos de sustentabilidade, que também se propõem a contribuir para a sociedade.

Nisso, em se tratando especificamente deste tema no campo da Comunicação Midiática, há relevância em compreender os discursos que circulam na sociedade e ganham força devido à necessidade de igualdade social, moral, ética e espiritual dos indivíduos, especialmente na busca por alternativas que sejam capazes de constituir esses marcadores em suas estruturas, como as ecovilas. Também como se encontra esse processo a partir do viés midiático e como este incentiva valores condizentes às práticas do cotidiano.

Dito isso, para a construção da pesquisa, no **primeiro capítulo** buscamos tratar acerca da problemática da pesquisa tratando do contexto atual da sociedade, o colapso ambiental e as novas espiritualidades nas ecovilas como modo de buscar alternativas à lógica opressora do sistema. Apresentamos também o levantamento bibliográfico realizado e um mapeamento do Sagrado Feminino na mídia, cujo propósito é visualizar sua presença no meio midiático e junto da discussão, mostrar onde nossa pesquisa está inserida e como pode ser relevante em termos acadêmicos, assim como, esclarecer o tema no qual se apoiam o problema e os objetivos de pesquisa.

O **capítulo segundo** apresenta a fundamentação teórica na qual nos aportamos, a partir de autoras do pensamento feminista e dos estudos midiáticos. Abordamos questões sobre as mulheres, gênero e o conceito do Sagrado Feminino a partir das espiritualidades femininas. O consumo midiático também é parte em destaque da discussão, sendo fundamental para entender as referências midiáticas e a construção do sagrado para as mulheres.

No **terceiro capítulo** trazemos a metodologia e nosso percurso de exploração e construção metodológica, partindo dos dados exploratórios que nos auxiliaram a pensar os caminhos disponíveis e a perspectivas possíveis. Apresentamos informações acerca do primeiro questionário aplicado nas plataformas digitais online, que nos direcionou à temática do Sagrado Feminino. Aqui também descrevemos um apanhado das principais discussões em grupos online de ecovilas, que nos permitiu identificar os temas mais abordados por seus membros e aqueles que não possuíam grande destaque, como o Sagrado Feminino e a presença de mulheres. Além disso, situamos sobre as participantes da pesquisa.

O **capítulo quatro** é onde tratamos mais propriamente das participantes e suas perspectivas. Destacamos trechos de seus relatos, articulando seus argumentos com as questões principais tratadas no trabalho, categorizando aquilo que identificamos a partir do tema de pesquisa. Detalhamos suas trajetórias ao confeccionar retratos com seus relatos sobre o Sagrado Feminino, seu consumo midiático, as ecovilas e as relações de gênero. Separamos seus relatos por categorias de análise que derivam diretamente do tema de pesquisa: uma introdução da participante; Vivência(s) na Ecovila, para contextualizar sua história com as comunidades; Práticas Espirituais e o lugar do Sagrado Feminino, para entendermos como funciona essa presença na espiritualidade da participante; Questões de gênero e o ser mulher, para entendermos qual a perspectiva de gênero da participante e como se articulam as relações entre homens e mulheres à sua volta; Consumo Midiático e Consumo Globalizado, em que levamos em consideração suas referências midiáticas e o impacto do consumo em suas vidas. No último tópico, relacionamos os relatos e retratos das participantes, fazendo conexões entre suas experiências sob o olhar crítico da teoria abordada.

Dessa forma, então, que procuramos estabelecer um entendimento sobre as práticas de mulheres em ecovilas a partir de espiritualidade e as referências midiáticas que moldaram essas práticas e aquelas envolvendo as relações de gênero.

2 REPENSANDO SOCIEDADE E BUSCANDO ALTERNATIVAS

Vivemos em uma era de mudanças desestabilizadoras e consequências drásticas derivadas do sistema econômico e social regido pela razão econômica que envolve o mundo todo na busca do lucro incessante. Tal busca demanda extração e exploração dos bens naturais, dos seres humanos e da Natureza, causando desequilíbrios ambientais e espaciais, justificando crimes ecológicos e intensificação das opressões e desigualdades.

A partir da segunda década do nosso milênio, juntou-se os visíveis ataques à classe trabalhadora, o aprofundamento da precarização do trabalho, o desmonte de políticas sociais e mecanismos de proteção social e a expansão do modo de produção capitalista, oferecendo condições apropriadas para o surgimento e surtos de doenças, como a que vemos atualmente com a devastadora pandemia do Covid-19 (PINTO; CERQUEIRA, 2020).

Pela falta de apoio do Estado e de organização governamental, essas consequências se agravam diariamente. A também falta de consideração ética, moral e respeitosa para com a Natureza e os seres humanos é parte fundamental disso. Principalmente em culturas orientais, a rocha, a água e a montanha, etc., eram vistas como seres divinos à que se devia respeito e formas de diálogo. Contudo, primeiro pela religião e depois pela ciência, se acaba a busca de ação através do externo e atribuiu-se ao ser humano a dominação única de sua vontade e sobre todas as coisas, tornando-se o responsável pelo andamento da própria vida e do mundo. Ocorre, assim, uma racionalização ocidental e alcança-se a modernidade (PIERUCCI, 1999). No entanto, isso pode ter libertado a humanidade de superstições e mesmo, de Deus, mas por outro lado, a escraviza em sua própria criação, sob rígidas estruturas institucionais. Dessa forma, a racionalidade nos fechou em uma determinação e busca pelo trabalho e pela economia, tudo é explorado em prol disso, tal como o meio ambiente (CARDOSO, 2014).

Essa ideia é vista pelo permacultor e sociólogo Djalma Nery como uma arma poderosa nas mãos daqueles que querem manter uma força conservadora e de estagnação no mundo, impedindo transformações e mudanças positivas para nossa sociedade, seja a grande mídia, a política institucional e o próprio sistema e seus incentivos de banalização da violência e intolerância. Em sua visão, é necessário repensar e nos reencantar sem ilusões, substituindo a inércia pela crença na mudança, colocando o reencantamento como horizonte (NERY, 2018). Formas de realização disso tiveram seu início há décadas e hoje entram em foco para aqueles que desejam encontrar novos modos de reencantar a si mesmos e buscar alternativas ao cenário societário. A própria permacultura, tratada pelo autor, resgata crenças tradicionais dos povos originários australianos e conhecimentos técnicos que nos permitem uma conexão com o

entorno e os outros seres. Possibilitando uma relação sustentável com a agricultura, com a água e a construções, a permacultura incentiva uma relação baseada no cuidado e na interligação de tudo e todos, proporcionando justamente um olhar de reencantamento sobre a vida e suas conexões (NERY, 2018).

2.1 CONTEXTO SOCIETÁRIO E COLAPSO AMBIENTAL

O conceito de colapso ambiental está muito ligado ao contexto atual da sociedade. Caracterizado por crimes ambientais, mudanças climáticas e esgotamentos dos recursos naturais, afirma-se ser um resultado do sistema capitalista e do paradigma de crescimento econômico sob o neoliberalismo.

O capitalismo surgiu de uma contrarrevolução para destruir o poder das possibilidades das lutas antifeudais por volta do século XIV na Europa, como uma resposta dos senhores feudais e da Igreja aos conflitos gerados pelas exigências a uma ordem social igualitária e baseada em riqueza compartilhada e recusa às hierarquias e ao autoritarismo. As formas de trabalho coletivo e comunal da economia campesina eram uma ameaça ao poder do feudalismo e ao clero por sua autossuficiência e riqueza do povo (FEDERICI, 2017). Mesmo a própria economia feudal não era capaz de se reproduzir e gerar lucros dominantes para a elite, excluindo a possibilidade de riqueza capitalista (MARX, 2004 apud FEDERICI, 2017).

Para combater essa crise, houve uma ofensiva global partindo da classe dominante que nos três séculos seguintes estabeleceu as bases para o “sistema capitalista mundial, no esforço implacável de se apropriar de novas formas de riqueza, expandir sua base econômica e colocar novos trabalhadores sob seu comando” (FEDERICI, 2017, p. 116). Federici (2017) cita que esse processo foi chamado por Marx de acumulação primitiva: a reestruturação social realizada pela classe dominante europeia para à crise acumulação, que se desenvolveu a partir de violência, escravidão e apropriação, o início do capitalismo foi manifestado através da Caça às Bruxas na Europa e na Colonização de povos estrangeiros, especialmente nos continentes africano e americano. São questões que ecoam em nossa sociedade até hoje, precedidas pelo acúmulo de bens materiais como finalidade e uma radical desumanização da vida sob o pensamento capitalista que transforma em mercadoria não apenas bens e ofícios públicos, mas transforma trabalhadores em mercado e em consumidores (COMPARATO, 2011).

Karl Marx trouxe em 1867 em sua obra *O Capital* a importância de reconhecer o sistema capitalista e seu funcionamento, dissertando acerca de seus processos e circulação, como uma espiral em constante expansão. No capitalismo, portanto, “o valor é relação social, e todas as

relações sociais escapam à investigação material direta. O dinheiro é a representação e expressão dessa relação social” (MARX, 2011 apud HARVEY, 2018, p. 19). Assim, o capital assume e transita entre diferentes formas, começando pelo capital-dinheiro, pelos sistemas de produção, emerge como mercadorias a serem monetizadas no mercado e distribuídas antes de retornar ao capital-dinheiro (HARVEY, 2018).

Fraser (2015), com base em Marx, afirma que o capitalismo tem três características definidoras: há uma instituição do mercado de trabalho livre, em termos de *status* jurídico, pois não é servil ou escravizado e possibilita a participação em um contrato de trabalho. Porém, também se é “livre” do acesso aos meios de produção e de subsistência. Os proprietários buscam expandir seu capital, colocando necessidades como secundárias e autoexpansão como prioridade. Assim, o sistema aloca os bens imóveis, de produção e as matérias-primas, transformando-os em mercadorias.

Gerador de uma lógica de mercantilização, significa que todos os esforços da sociedade se voltam à economia e tudo se move a partir disso: a ordem social, política e cultural, causando enormes desigualdades sociais, causando desigualdades sociais e “resultados danosos à vida das pessoas, à coesão social e à Natureza” (AMARAL; SANTOS, 2019, p. 39).

Essa lógica também foi responsável pela criação de uma espécie de doutrina econômica que atualmente permeia toda forma de racionalidade mundial, o neoliberalismo, como um projeto vindo como uma teoria das práticas políticas-econômicas. Traz a ideia de que o bem-estar humano pode ser elevado ao liberar as liberdades e capacidades empreendedoras individuais em uma esfera institucional de direito à propriedade privada, livres mercados e livres comércio. Se não há mercado em um local, deve-se cria-lo pela ação do Estado (HARVEY, 2018). Este com seu papel reduzido e limitado em nível social, produtivo, comercial, financeiro e ambiental. Assim, o neoliberalismo passou da esfera econômica para se incorporar na forma com que as pessoas veem e interpretam o mundo, fala da competição, criando uma base competitiva nos níveis individual e coletivo, em que tudo se encaminha para o lucro (SANTOS, 2004).

Dentro dessa lógica, o consumo torna-se essencial, apresentado como um resultado da autonomia individual, mas o liberalismo faz com que a sociedade domine o indivíduo através do mundo material dos objetos e interesses, agora indispensáveis para a satisfação das necessidades e mesmo, para a produção da vida cotidiana, seu nível e qualidade, estruturada pelo dinheiro e pelas relações de mercado. Assim, ocorre uma comercialização do cotidiano, em que governa a abundância trazida pelo consumismo, supostamente derivada da organização racional e o saber científico que integram e constroem esse novo mundo. Contudo, o que

realmente trespassa o cotidiano é a ordem econômica, causando desigualdades já na distribuição de riquezas com base no mercado e a figura do consumidor que envolve o indivíduo pela forma com que o consumo passa a ser obrigatório para a manutenção das relações sociais, como também, exemplo de dinamismo e liberdade cívicos.

A sociedade industrial inaugura um novo tipo de estrutura social nacional, passando a constituir a nação historicamente por meio da modernidade. A modernidade em si, se relaciona à modernização da sociedade em seus níveis econômico, político e cultural. É uma organização social em que prevalecem as qualidades de funcionalidade, mobilidade e racionalidade (ORTIZ, 1994). Isso criou uma hierarquia de gostos e uma dimensão imperativa que ordena os indivíduos e certas práticas sociais em relação ao moderno e ao tradicional. Aquilo que é moderno pesa mais, enquanto que o tradicional tem valor somente se vinculado à publicidade, ao mercado e à cultura de massa (ORTIZ, 1994). Valores como a espiritualidade e as práticas tradicionais de cuidado são deixadas de fora das narrativas midiáticas da ideologia moderna, contribuindo para a ocultação das diferenças e desigualdades globais.

É estabelecida a cultura do consumo, que incentiva a competição social, o despotismo político e necessidades e desejos insaciáveis, e nisso, as pessoas não são mais vistas como classes ou gêneros que consomem, mas como consumidoras que se organizam em classes e gêneros.

É dessa forma que as grandes empresas e corporações se fazem determinantes de nosso dia a dia e de nossos modos de existir em um mercado cada vez mais amplo e global (SLATER, 2002). Para existir, deve-se consumir e para consumir, deve-se explorar, produzir, vender e comprar. Todo esse longo e problemático processo que vai muito além da compra de bens materiais, causa enormes rupturas e degradações em nossos ambientes sociais e naturais, e na maior parte das vezes, de forma muito específica. Tais consequências causadas por isso, acabam sendo sentidas rápida e diretamente em grupos e comunidades periféricos, como as classes mais baixas da população mundial.

A expansão do desemprego e a redução do valor do trabalho em prol da racionalidade econômica deixa pessoas desamparadas em diversas partes do mundo, enquanto as de maior poder aquisitivo lucram com isso (SANTOS, 2004). Devido à falta de oportunidades, muitas pessoas encontram-se em situações precárias vivendo em áreas de ambiente poluído, com dejetos ambientais liberados pelas indústrias, falta de água potável e alimentos frescos e saneamento básico. É notório afirmar que maior parte da população dessas regiões periféricas ou em desenvolvimento são mulheres. Além da já reduzida possibilidade de empregos, os cargos formais são ausentes, contribuindo ainda mais para os problemas (SALLEH, 2017). Há

uma degradação intensa não apenas da Natureza, mas da própria vida humana, a modernidade e o progresso não se atribuem ao seu cuidado, são associados ao consumir e ao incremento da produtividade.

São exemplos deste cenário a biopirataria, o patenteamento de códigos genéticos, a privatização de recursos naturais antes comunais (terra, água, ar), além da degradação e poluição dos ambientes naturais em ritmos alarmantes. Este processo incide ainda sobre os direitos adquiridos no campo ambiental, com a tentativa de desmonte da legislação ambiental que sequer experimentou a sua execução plena (QUINTANA; HACION, 2011, p. 432).

A filósofa Nancy Fraser (2020) declara que estamos em uma crise sistêmica profunda e severa, e falar sobre esse contexto é revelar as raízes estruturais do que os sustenta. Afinal, as classes economicamente privilegiadas, não são atingidas com tanta facilidade devido à segurança de seus locais de moradia e seu poder de consumo que supre desde as necessidades básicas até as supérfluas. A pobreza, mesmo que vista como algo natural e inevitável, é produzida politicamente pelo sistema capitalista e pelas corporações, de forma globalizada e estrutural (SANTOS, 2004).

Afirmando a problemática dos padrões de vida das classes altas globais, o economista e filósofo Latouche (2009) cita como exemplo a França e dos Estados Unidos, que se fossem levados à todas as pessoas do mundo, seria necessário de três a quatro planetas para suportar tamanha demanda de recursos e bens naturais. Esse esgotamento é algo que coloca em perigo todo o planeta e todas as suas espécies, inclusive a humana. Segundo o filósofo, é preciso uma tomada de consciência e mudança radical para lidar com a degradação irrefreável causada à Natureza e com o sofrimento sentido pelas pessoas e outros seres. Os capitalistas supõem que ela é infinita (FRASER, 2020).

A dominação da racionalidade econômica utiliza do desenvolvimento para esconder as perdas e danos irreparáveis das bases materiais nas quais nos sustentamos. Começando pela apropriação e privatização dos bens comuns, a extração e destruição, a geração de escassez e a emissão de resíduos e poluentes, tudo isso afetando os ciclos naturais da Terra e da natureza. As consequências maiores são a perda e alteração da biodiversidade e dos ecossistemas, dessa forma, a escassez chega para todos, não apenas humanos (HERRERO, 2020).

A cooptação capitalista gera um número infindável de dificuldades e perturbações, especialmente no estágio atual, que mesmo diante do reconhecimento dessas questões por muitos intelectuais e da profunda crise das mudanças climáticas, ainda se continua a viver sob os interesses do mercado e das grandes empresas. A ativista e jornalista Naomi Klein (2017) já

coloca que o panorama não é dos mais otimistas e favoráveis, mas que nossa chance é procurar enxergar a possibilidade de que os indivíduos despertem para ações democráticas contrárias à realidade apresentada.

Dessa forma, podemos intencionar compreender como que indivíduos estão buscando se posicionar e tomar ações contra um sistema opressivo e suas facetas. Há inúmeros grupos que, aderindo ao pensamento de Klein (2017), se esforçam em construir alternativas dentro dele próprio, muitas vezes por sua conta e de cunho individual, mas em uma tentativa de contribuir à sociedade e mostrar que novas práticas e modelos de viver são possíveis.

Diante disso, trazemos perspectivas que tomam forma nesse contexto, aliando-se às práticas anticapitalistas e colaborativas. Além disso, situando-se tanto no plano imaterial, através da espiritualidade, quanto no plano material, com a construção de novos espaços, como visto nos próximos tópicos.

2.2 A NOVA ERA E AS ESPIRITUALIDADES

A religião teve um importante papel na construção da sociedade que conhecemos hoje, especialmente com o andamento e crescimento do Cristianismo, até mesmo no estabelecimento do próprio capitalismo, como já vimos. Com isso, as teorias e explicações sobre o mundo e a realidade têm base no teocentrismo e centralizam-se na fé e em crenças religiosas que ditam as esferas sociais, culturais e políticas por muitos séculos (LEAL, 2019).

Na passagem para a modernidade com a disseminação do Iluminismo e das revoluções do século XVIII, a Igreja Católica e o cristianismo começam a perder a centralidade que possuíam na sociedade. A religião perde espaço e os indivíduos passam a buscar outras formas de sentido e mesmo, espiritualidade, sem a rigidez ditada anteriormente pela Igreja. O papel de explicar a realidade é dado à ciência e o ser humano é incentivado a ver sob a ótica da racionalidade e das experimentações.

Entretanto, o foco extremo na racionalidade e na ciência não foi suficiente para dar à sociedade uma vida de bem-estar. A razão do mundo centrou-se na economia e no lucro, levando a consequências devastadoras e ocupando muitas pessoas na procura por soluções e alternativas ao capitalismo. Nisso, cria-se um direcionamento para a espiritualidade, mas não voltado à religião. Esse caminho é mais flexível e junta diversos ensinamentos de fé e misticismo sem o comprometimento de uma única crença religiosa. Para Toniol (2017), é necessário apresentar claramente a diferenciação entre religião e espiritualidade. Seguindo uma

transcrição da OMS, o autor coloca que a espiritualidade é um lado da pessoa, e a religião, uma doutrina possível de ser seguida ou não.

Dessa maneira, é na metade do século XX que se cria um novo olhar para as práticas espirituais e questões de fé, vindas da necessidade de mudança e de um imaginário coletivo que colocava a emoção e a subjetividade como os elementos primordiais na compreensão da vida humana e nos aspectos relacionados à paz e sentido da existência (CAMPANELLA; CASTELLANO, 2015). É um modo de pensar que começava a procurar modos de se opor à violência das guerras ocorridas no período e à inicial propagação de um incentivo ao consumismo. Assim, em torno da década de 1950 e 1960, formam-se movimentos de contracultura como o *New Age*, ou Nova Era.

O movimento contracultura base da década de 1960 foram os precursores de diversas perspectivas de mobilização política, como o movimento feminista e a liberação sexual, as modificações na estrutura familiar, a flexibilização de hierarquias e autoridades, uma centralidade nas questões ecológicas e uma maior atenção às relações (CARDOSO, 2014). Eles ocorreram em muitos países no mundo, na América Latina, na África, na Ásia e Leste Europeu, mas sobretudo naqueles de capitalismo central, como América do Norte e Europa Ocidental. Ainda são lembrados pelo objetivo de transgredir as tradicionais ações políticas, mas o país de maior marco e influência foram os Estados Unidos, cujas manifestações são consideradas modelos até hoje para muitos movimentos sociais, como as mobilizações em massa contra a guerra do Vietnã, a luta contra discriminação racial e as manifestações estudantis. Na época o pós-guerra e seu complexo industrial militar direcionavam para uma sociedade para uma tecnocracia moldada pelo *American Way of Life*, levando muitos jovens a contestarem os valores tradicionais e o caminho que poderiam minar ainda mais a formas livres de expressão (SOUSA, 2013).

No Brasil, mesmo sob a repressão do regime ditatorial, muitos grupos resistiram devido aos acontecimentos no estrangeiro que reverberavam de alguma forma no país. O pensamento rebelde contracultural foi espalhado pelo mundo através do cinema, da televisão, do rádio, discos e livros (GUIMARÃES, 2012). Os jovens do movimento questionavam duramente o sistema e ideias de liberdade, recusando a violência, o autoritarismo e as inúmeras formas de discriminação e opressão. Também projetavam ideais para o futuro, de revolução e pacifismo, uma transformação social (LEAL, 2019).

Uma questão a ser destacada, é que a divulgação de “ideias e temas filosófico-espiritualistas cuja orientação diferia das crenças e valores religiosos dominantes à época” (MAGNANI, 2000, p. 17), já vinha sendo abordada no Brasil de forma sutil desde o início do

século XX. Através da abertura de lojas e sociedades ligadas à Índia e templos de diferentes religiões, principalmente de procedência oriental, como o budismo, vinculado aos imigrantes japoneses. Porém, a difusão dos temas da *Nova Era*, veio mesmo após a década de 70 por meio de figuras públicas como Raul Seixas que incorporava seus valores em suas músicas e militantes políticos que seguiram caminhos religiosos e alternativos, como a atriz Odete Lara que passou a praticar o zen-budismo (MAGNANI, 2000).

O historiador Getúlio Sousa (2013, p. 4) apresenta algumas das características que norteavam a contracultura:

De um modo geral, podemos citar como características principais deste movimento, nas décadas de 1960 e 1970: valorização da natureza (ecologia); vida comunitária; luta pela paz (contra as guerras, conflitos e qualquer tipo de repressão); vegetarianismo; respeito às minorias raciais e culturais; experiência com drogas psicodélicas; liberdade nos relacionamentos sexuais e amorosos; anticonsumismo: aproximação das práticas religiosas orientais, principalmente do budismo; crítica aos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão; discordância com os princípios do capitalismo e economia de mercado; forma despojada e livre de expressão artística.

Vinculado a isso estava também o movimento hippie, em que os jovens escolhiam um estilo de vida fora dos padrões e valores da classe média norte-americana, adotando práticas orientais do budismo e hinduísmo, das culturas nativas e o nomadismo ou a vida comunitária, em comunidades próprias e afastadas dos grandes centros (SOUSA, 2013). Através das práticas e ensinamentos das culturas e religiões do oriente, a espiritualidade se encontrava muito forte nesses grupos e espaços, como um elemento fundamental de suas relações e da construção do próprio movimento *New Age*, ou como em português, Nova Era. Tanto é que essas práticas e comportamentos repercutem até os dias atuais.

Dessa forma, afirma Amaral (2000) que apesar das diversas discussões acerca do início do *New Age*, a maioria dos autores concorda em seu surgimento impulsionado e influenciado pelos movimentos de contracultura. A autora ainda reflete sobre as muitas definições que tentam explicar o que é o movimento *New Age*, por ser amplo e constituído por uma interconexão de múltiplas práticas, crenças, espiritualidades e formas de organização. Há toda uma junção dos mais diversos ensinamentos e doutrinas, do Zen à bruxaria e práticas associadas, como meditação e rituais Wiccanos². Inclui-se também aspectos da psicologia, junguianos com a linguagem das práticas místicas orientais ou elementos do paganismo (HEELAS, 1996). Já Oliveira (2011) coloca que isso deve-se à capacidade plasticidade do

² Cerimônias baseadas nas crenças da religião neopagã Wicca, popularizada por Gerald Gardner na década de 1950.

movimento e seus adeptos, especialmente aqui no Brasil pelo viés híbrido de nossa cultura e as possibilidades de lidar e vivenciar com diversas crenças ao mesmo tempo. Contudo, é unânime seu objetivo de transformação pessoal e mesmo, planetária (AMARAL, 2000).

Isso deve-se ao fator que originou o termo, advindo da astrologia e de uma mudança no plano astral devido ao percurso dos planos e constelações no céu, que após uma era de 2000 mil anos sob o signo de Peixes, agora um novo ciclo se inicia sob a regência de Aquário. Assim, fundando uma nova era em que ocorreriam transformações, superação de hierarquias e harmonizações entre todos os seres a par de uma conscientização universal (OLIVEIRA, 2011). Seria a chegada do terceiro milênio e a espiritualidade seria parte fundamental disso, gerando uma nova relação com o sagrado. Já o uso como movimento, refere-se mais ao seu direcionamento da humanidade ao progresso do que à uma entidade organizacional, estando longe de ser centralmente administrado (HEELAS, 1996).

Entretanto, compartilha de muitos dos modos de operação de um movimento organizado e administrado, como a organização de comunidades e centros, realização de encontros e ações, nova construção de redes e relações (HEELAS, 1996). Seu maior atrativo, no entanto, parece ser a liberdade propiciada pela recusa de rótulos religiosos aos indivíduos que, dessa forma, não precisam abrir mão da crença em algum poder superior ao mesmo tempo em que creem em si mesmos como responsáveis pela própria vida. Isso vem da maior característica atribuída à espiritualidade *New Age*, a *self-spirituality*, ou seja, para sentir a experiência de Deus só é preciso a si mesmo e a busca pelo se “eu” mais elevado, o seu “eu” essencial e interior. Esse interior é uma fonte de vitalidade autêntica, onde se encontram aqueles elementos comumente associados a Deus em religiões tradicionais: amor, criatividade, tranquilidade, poder, sabedoria e outras qualidades que guariam o indivíduo para a vida perfeita. Além disso, é o que conecta tal indivíduo com toda a vida no planeta e seus seres, a sua parte da uma e única entidade, por assim, que somos na existência.

Assim, percebe-se que apesar de não ser um movimento com uma única definição, os adeptos da espiritualidade *New Age* e da *self-spirituality* compartilham de muitos valores e princípios. Todas as práticas, terapias e atividades são direcionadas ao propósito em comum de aprendizado e evolução para alcançar novos níveis de consciência, desenvolvimento e bem-estar enquanto humanidade, pois, acredita-se que somos todos seres espirituais passando pela experiência específica de ser humano, estando aqui para aprender e evoluir através de desafios ao longo da vida (HEELAS, 1996). Incluem-se práticas de:

Yoga, meditação, astrologia, terapia com cristais, numerologia, aromaterapia, tarô, fisioterapia e cura com as plantas, reiki, xamanismo, canalizações, leituras de aura, radiestesia, constelações familiares, thetahealing, barra de access, consulta dos registros akáshicos, florais de Bach, massagens terapêuticas, tratamentos Ayurvédicos, Sagrado Feminino e Culto à Deusa, Wicca, uso da Ayahuasca/Santo Daime, seminários, cursos e retiros espirituais (AMARAL, 2000, p. 34).

Para Paul Heelas (2008), não se trata somente de uma “celebração do eu”, mas de uma sacralização da modernidade, uma forma de buscar aquilo que o *desencantamento* retirou com a entrada da racionalização pura e uma visão *desmagificada* do mundo. No centro do *New Age*, como elementos ainda presentes da contra cultura, está a recusa do consumo e de um modo de vida baseado em produtivismo e relações sociais com base em dominação e hierarquias. Na crença do poder que o “eu” tem de mudar o mundo, ancora-se a esperança de uma mudança radical e solução para os problemas e sofrimento da humanidade. A salvação estaria, então, no indivíduo por si só, diferentemente de tradições como a do cristianismo, em que se espera uma força divina e externa vir salvar o mundo.

Contudo, apesar dessa perspectiva otimista e as influências da contracultura na oposição às opressões impostas pelo sistema capitalista, há contradição em torno do *New Age* quando visualizamos seu enquadramento no neoliberalismo. Especialmente nos desdobramentos mercadológicos da cultura terapêutica através da literatura de autoajuda esotérica, que prega práticas individuais e a remodelagem da nossa subjetividade como o caminho para a realização e a felicidade. Uma reverberação midiática foi responsável por criar um movimento no mercado de livros e em programas de televisão acerca de práticas budistas, *feng shui* e numerologia, sob argumentos de transformação em domínios da vida pessoal e profissional. Artigos de jornal e cursos *on-line* também fazem parte desse mercado do sagrado (CAMPANELLA; CASTELLANO, 2015).

Assim, muito dos conhecimentos milenares encontrados nas principais inspirações do movimento Nova Era, tal como os mencionados budismo, taoísmo e xamanismo, são distorcidos dentro de dessa cultura ocidental e mercadológica, muitas vezes utilizando seus ensinamentos de forma literal ou com um novo sentido que não o atribuído inicialmente. É preciso haver atenção para que a espiritualidade não se torne mais um item de consumo, sugere Pierucci (1999). Quando se afirma que o indivíduo deve buscar dentro de si soluções, ele deve seguir por um caminho individualizado que retira do sistema e do Estado a responsabilidade por seu bem estar e apenas ele deve lidar com os próprios problemas. A resolução deles está em si mesmo e no apoio de fluxos de energia e nas práticas mencionadas, de tarô, numerologia, alimentação natural, florais, etc. (CAMPANELLA; CASTELLANO, 2015). A invés de buscar

o apoio de instituições como a família ou o governo. É o que Campanella e Castellano (2015) chamam de discurso de empoderamento do *self*.

Segundo os autores, desse modo a Nova Era, cujas origens despontavam em características contraculturais e crucialmente como uma recusa aos valores dominantes da sociedade moderna, hoje torna-se principalmente uma visível expressão de mercantilização (CAMPANELLA; CASTELLANO, 2015). Justamente pela ênfase no individualismo e na busca pelo sucesso de si mesmo, um discurso adaptado de um conjunto de tradições místico-orientais para um fenômeno com marca da sociedade neoliberal. Nesse sentido, o objetivo não é a conquista de si mesmo como apresentadas pelas filosofias e doutrinas orientais, mas obter sucesso e positividade. Dessa forma, se a espiritualidade em uma abordagem política não alcança o plano cultural da sociedade para uma mudança coletiva, torna-se difícil enxergar como a *self-spirituality* seria capaz de modificar o sistema atual.

É importante tratarmos dessa questão, sem generalizar os adeptos das novas espiritualidades, mas para compreender como o capitalismo é capaz de se apropriar de movimentos inicialmente opostos a ele e transformá-lo em uma espécie de bem de consumo. O materialismo espiritual é associado à Nova Era, resumido no consumo de revistas de autoajuda, consultas esotéricas online, palestras e cursos sobre energias, *feng shui* e alimentos ayurvédicos, programas e todo tipo de mídia (CAMPANELLA; CASTELLANO, 2015).

Defende-se, também, através de autores como Oliveira (2011), que os desdobramentos da Nova Era no Brasil não se resumiram ao mercado, ainda que seja um forte aspecto, mas obtiveram um estilo próprio para vivenciá-la. Aqui podemos citar espaços que vão além de centros de terapia esotérica/espiritual, mas locais cujas práticas no cotidiano se apoiam em formas alternativas ao capitalismo, como as ecovilas e outras comunidades intencionais e sustentáveis. É possível afirmar que no Brasil o direcionamento da Nova Era seja diferenciado, ou ao menos, nesses espaços em específico, especialmente pelo fato de que esses movimentos chegaram no país aproximadamente vinte anos depois de sua origem nos países do norte global. Por causa do regime militar e do foco em estabelecer a democracia, somente a partir dos anos 1980 e 1990 que temas alternativos tiveram oportunidade de espaço, também com influências indígenas, africanas e europeias (AMARAL, 2000). Foi quando a globalização passou a atuar mais fortemente sobre o país, trazendo a Nova Era como fruto e possibilitando que práticas e usos elementos simbólicos de fora do catolicismo como os do Candomblé, muito presentes na cultura brasileira.

Também a ideia de que todos os seres do planeta são um só se estabelecia sob a ligação da Nova Era com o emergente movimento ecológico da época, sob o entendimento de uma

complexa interpelação entre os problemas ambientais com a economia e a cultura em geral, precisamente a partir da consideração de um espectro de níveis de conhecimentos e de práticas que incluem não apenas as ciências naturais e humanas, a filosofia e a religião. Sobre isso, o ambientalismo demanda uma espiritualidade que possa nos aproximar à união com as forças naturais e defender o valor sagrado da Natureza indica a necessidade de um novo cenário mundial e um novo ciclo evolutivo que, como mencionado, considere todos os seres do planeta (LEIS, 2014). Portanto, partindo disso acredita-se que não há evolução como ser humano sem evoluir em relação ao tratamento dado à Natureza. As experiências espirituais constituíam uma sensibilidade ecológica, principalmente pela noção de saúde holística e reconexão com a Natureza para integração do sagrado (COMUNELLO; CARVALHO, 2015).

Indo além, as autoras trazem o exemplo das ecovilas como espaços e comunidades construídas visando o equilíbrio com a Natureza, por sua localização que geralmente se dá fora de centros urbanos para um convívio mais intenso com o mundo natural e a busca por uma vida sem consumo excessivo e com prática sustentáveis (COMUNELLO; CARVALHO, 2015). Essa visão de sacralidade para com a Natureza como sendo um percurso de evolução para um mundo mais humano e sem relações capitalistas e consumistas remete aos aspectos dos movimentos contracultura do século passado, referindo principalmente aos valores materialistas da sociedade de consumo.

É importante destacar que nem todos os movimentos espirituais ligados à ecovilas, *New Age* e ambientalismo são praticados mercadologicamente. Estabelece-se um caminho espiritual sob características do movimento *New Age*, talvez até um estilo próprio, tal como citava Oliveira (2011). Contudo, deve-se questionar de que forma esse estilo próprio poderia ser válido, já que não há uma estrutura ou caminho rígido na *self spirituality*. Pensando assim, a espiritualidade de mercado pode se fazer presente de acordo com as práticas e escolhas individuais de cada um. Diante disso, é justificável questionar o quanto uma espiritualidade baseada no *New Age* pode, de fato, trazer mudanças significativas para a sociedade e para um mundo mais justo.

2.3 ECOVILAS COMO ALTERNATIVAS PRÁTICAS

As ecovilas situam-se como um fenômeno que se relaciona com os movimentos de contracultura, especialmente sob o objetivo de construir alternativas ao modo de vida insustentável no capitalismo e novos projetos de organização social que não dependam exclusivamente das instituições sociais já estabelecidas (MACHADO, 2018).

Apesar do alinhamento com essa questão ser algo presente em muitas das ecovilas, a maior parte delas foca em ser uma solução para os problemas derivados do capitalismo e uma maneira de evoluir da cultura consumista da sociedade, aliviar a pobreza e buscar e respeito pela diversidade cultural e espiritual (DAWSON, 2013). O que as move é principalmente a preocupação com os processos de individualismo da modernidade (ARRUDA, 2018).

Entre as ecovilas, há uma heterogeneidade muito grande de modelos que não permite uma forma única e concreta de definição, sob a impossibilidade de abranger o todo (DAWSON, 2013). Porém, o conceito de ecovilas pode ser referido à sua organização socioespacial, e as formas particulares de grupos populacionais se reunirem em comunidades adotando estratégias de organização e sobrevivência econômica, apropriando-se de um território com uma enfatizada perspectiva ecológica e mesmo, humanizada (ARRUDA, 2018). Sua organização, portanto, se dá por um grupo de pessoas que escolhem viver juntas compartilhando recursos e buscando a melhoria de problemas através de uma ação coletiva. Segundo Prado (2018), também adotam de maneira consciente e elabora, práticas sociais e culturais alternativas que possam contribuir para a própria melhoria como grupo separado da sociedade hegemônica e de problemas sociais derivados dela. Já Arruda (2018), afirma que os as diferencia de outras comunidades alternativas é o foco na sustentabilidade e a sua formação como assentamento humano com uma forma contemporânea de expressar ações individuais e coletivas.

O foco na sustentabilidade é algo essencial nas ecovilas e está aliado como um dos caminhos para soluções à escassez e desperdícios dos bens/recursos naturais (ARRUDA, 2018). Pois, a sustentabilidade é definida pela continuidade temporal a partir da responsabilidade nas ações, para com a geração atual, as próximas, as outras espécies e o planeta (DIAS *et al.*, 2017). Essa associação com a sustentabilidade está intrinsecamente liada nas ecovilas, que por sua vez, também trazem aspectos espirituais importantes e relacionados ao *New Age*.

Há intenções de transformação social, ainda que não se possa generalizar o objetivo dos membros inseridos nessas comunidades, por haver essa inclinação para acabar com as desigualdades sociais, sendo a justiça e a inclusão social fatores essenciais à sustentabilidade (DIAS *et al.*, 2017) e outros aspectos. Nesse sentido, se aproximam muito da *New Age* e das novas espiritualidades, tanto por características em comum quanto possíveis objetos de mudança social.

Dessa forma, a espiritualidade se torna relevante nas ecovilas, sendo suas práticas culturais e espirituais consideradas as mais importantes para uma comunidade por incentivarem amadurecimento e sustentabilidade emocional dos indivíduos como grupo (ROYSEN, 2018). Também no sentido de que o ecológico passa a ser vivido como busca do sagrado, a reconexão

com a Natureza integrando essa experiência. Comunello e Carvalho (2015) identificam uma série de práticas espirituais mescladas como da *New Age*, ainda que não sejam tratadas por esse termo.

Sobre tais práticas, repassando brevemente um olhar histórico sobre ecovilas e comunidades intencionais, vamos um pouco além do *New Age*, sendo importante colocar que a história das comunidades intencionais no mundo pode remontar antes mesmo dos movimentos de contracultura. Talvez servindo até como inspiração para esses. Como no século 6 a.C. na Índia, por exemplo, uma das primeiras comunidades intencionais de que se tem registro, guiava-se pelo budismo e pelo desenvolvimento espiritual em um ambiente ordenado. Outra na mesma época e muito mencionada em trabalhos sobre comunidades, é a *Homakoeion* fundada por Pitágoras na Itália, em que os valores consistiam em misticismo, intelectualidade e o vegetarianismo (KOZENY, 2003; PRADO, 2018).

Muitas dessas comunidades não se apegavam à sustentabilidade como direcionamento, especialmente por ser um termo inexistente na época, mas outros aspectos seus assemelhavam-se aos das ecovilas que temos hoje, como os mencionados de misticismo, intelectualidade e vegetarianismo. Reconhecemos que parte delas era de abordagem alinhada à espiritualidade também, o que se associa à nossa temática de pesquisa, portanto, decidimos seguir por essa via ao pesquisar acerca dessas comunidades. Além da espiritualidade e demais aspectos ditos, também viviam de maneira simples e sem excessos, o que pode nos remontar à alguma origem sustentável.

O ato de se afastar da sociedade hegemônica de alguma época em comunidades retiradas mostra que sempre houve algum tipo de mobilização que se oponha ao contexto social vigente. Tais afastamentos e o envolvimento de abordagens espirituais, pacifistas, coletivas e comunitárias mostra muitas semelhanças entre as motivações. Prado (2018) destaca essa questão dos princípios que movem a criação de comunidades ao longo da história, afirmando que as estruturas sociais mudam com o passar do tempo, mas não os anseios humanos e que essas comunidades representam uma resposta para isso e para as problemáticas encontradas na conjuntura social dominante. Pensando por esse lado, somos capazes de enxergar pistas e mesmo, justificativas, para as buscas espirituais e a importância disso nesses espaços.

Podemos compreender que a questão das comunidades está interligada, justamente pela necessidade dos indivíduos de agirem e de sua capacidade de mobilização diante de questões sociais que mostram o desacordo de uma sociedade para com a humanidade e a Natureza. Tais princípios, no entanto, podem diferir um pouco hoje do que eram, devido às demandas atuais e emergentes que temos no planeta. Nesse contexto, isso pode-se afirmar resolvido através da

organização *Global Ecovillage Network* (Rede Global de Ecovilas) (GEN), que é uma rede parceira da Organização das Nações Unidas (ONU) que organiza comunidades sustentáveis de diferentes países, continentes e culturas como uma forma de apoiar as ecovilas e comunidades intencionais, enfatizando os benefícios da consciência ecológica planetária. A GEN funciona como um sistema informativo e de representação para ecovilas ao redor do mundo, disponibilizando um registro para que as pessoas tenham acesso a suas localidades e projetos e contribuindo para o avanço e educação ambiental. Bem como, promovendo alcance intercultural, participação cidadã e comunitária e um direcionamento sustentável para a população (GEN, 2020).

Para a organização, confirma-se a ideia de que não há uma definição concreta e geral sobre as ecovilas, pois cada uma é projetada de acordo com seus moradores e colaboradores, suas visões de mundo, contexto e cultura. Mas é preciso certas características para que uma comunidade possa ser, de fato, considerada uma ecovila: “uma comunidade intencional, tradicional ou urbana que intencionalmente projeta sua trajetória através de processos participativos em nível local e que vise a atender aos princípios das ecovilas em quatro áreas de regeneração (social, cultural, ecológica e econômica)”. Ainda há o destaque dado para as ações de criatividade e inovação holísticas inteligentemente combinadas com a tecnologia dentro das ecovilas para renovação de recursos junto de conhecimentos tradicionais em prol de contribuir um mundo sem pobreza e destruição ambiental (GEN, 2020). Isso por si só, já mostra como o contexto e as demandas atuais diferenciam as ecovilas das antigas comunidades intencionais, como a *Homakoeion*.

As dimensões de sustentabilidade trazidas pela GEN são abordadas de maneira muito diversa por inúmeros autores, às vezes até com o acréscimo de outras áreas ou categorias. Para explicar sobre essa questão, adotamos Iaquinto (2018, p. 163), que reunindo os principais teóricos da sustentabilidade, apresenta dez dimensões de sustentabilidade: “ecológica, econômica, social, cultural, espacial, política (nacional e internacional), jurídico-política, ética, psicológica e tecnológica”. Aqui, no entanto, consideraremos apenas as de conceito mais próximo às da GEN para que a questão não se estenda sem necessidade, já que o foco no trabalho não está na sustentabilidade em si.

A dimensão ecológica refere-se ao cuidado e preservação da Natureza, compreendendo a existência da espécie humano como dependente e cooperativa com o meio ambiente; já a dimensão econômica traz a visão de uma nova economia que não degrade a Natureza sob o entendimento de que a degradação causa pobreza e miséria extremas, mostrando que há necessidade de redistribuição de riquezas e mudança na economia atual dentro do crescimento

econômico; na dimensão social trata-se de políticas públicas e de um foco pelos direitos sociais e humanos a fim de tornar a sociedade mais justa e apoiadora da diversidade cultural (IAQUINTO, 2018); na dimensão cultural incentiva-se uma forma de preservação da cultura para melhorar a qualidade de vida e situar o sujeito em história, tradições e valores regionais, como em um desenvolvimento cultural (IAQUINTO, 2018; SACHS, 1993).

É possível encontrar autores que incluem elementos e aspectos espirituais na dimensão cultural, associando o acesso e valorização da cultura, até mesmo a criação de uma nova cultura, presente nas ecovilas com suas práticas e atividades espirituais. Santos Jr. (2006) define uma dimensão cultural-espiritual, englobando todo tipo de prática, como expressões criativas e artísticas, celebrações e rituais, manifestações de espiritualidade e de tradições culturais. São práticas com o objetivo de conectar os indivíduos a um propósito de vida, promover crescimento pessoal e respeito, engajamento na proteção de comunidades e da Natureza, celebração da vida e busca pela dignidade humana, com a adoção de um estilo de vida em consonância com as questões ambientais (PEREIRA FILHO; FOLETTO; FERRARI, 2020).

Nesse sentido, as ecovilas têm como princípios norteadores características alinhadas às dimensões de sustentabilidade, não apenas sob a definição da *Global Ecovillage Network*, mas por serem questões atreladas às suas práticas cotidianas nos ideais “de permacultura, bioconstrução, técnicas de comunicação e resolução de conflitos, educação infantil, crescimento pessoal, entre outros” (DIAS et al, 2019 p.86).

Os fatores de justiça e inclusão social da sustentabilidade suscitam um caminho para transformação social que se expressa no movimento das ecovilas. Possivelmente algumas não possuem esse objetivo como central, mas os desdobramentos de suas práticas propõem um modo de acabar com as desigualdades, favorecendo soluções alternativas e inovadoras através de uma mudança de estilo de vida (DIAS *et al.*, 2017). O isolamento de seus espaços, por assim dizer, e a construção de uma comunidade contribuem para tal caminho. O senso de comunidade que oferece também um senso de pertencimento na esfera da relação comunitária dá ao indivíduo uma forma de sair do individualismo e partilhar sua existência, exercer participação e se reconhecer na vida do outro (PAIVA, 2003).

Assim, as ecovilas possuem uma multiplicidade de saberes, conhecimentos e práticas que envolvem seus moradores e seus valores, muitos deles assimilando-se aos do movimento *New Age*, principalmente quando pensamos na espiritualidade. Esse caminho, como citam Comunello e Carvalho (2015), é criado pelo próprio praticante em uma espécie de bricolagem. É individual, mas a experiência visa também a comunidade e o coletivo.

Como alternativa prática ao sistema opressor em que vivemos, a construção de redes, objetivos e fazeres baseados na sustentabilidade abre um leque de possibilidades para recusar e mesmo, evitar, a cultura capitalista, o materialismo espiritual e as desigualdades sociais. Seria necessário confirmar ainda o quanto o olhar sustentável poderia ser suficiente para manter uma mudança e causar uma verdadeira renovação dos laços sociais e dos costumes do nosso mundo. Por enquanto, as ecovilas se apresentam como uma das opções mais viáveis para seguir um estilo de vida menos nocivo e contra “o uso indiscriminado da natureza pelo capital” (FRASER; RAHEL, 2020, p. 59).

2.4 AS ECOVILAS NA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO

Partindo da discussão que envolve nosso tema de pesquisa, compreendemos que trabalhos de outros pesquisadores sobre ecovilas e espiritualidades femininas seriam necessários para que fosse possível ter noção do panorama sobre os estudos de ecovilas no Brasil, principalmente no campo dos estudos de Comunicação. Partindo disso, fomos levadas a procurar por meio do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por sua ampla variedade de trabalhos acadêmicos, e pelas revistas e-Compós e Estudos Feministas, por abordarem temas que se aproximam do que queremos tratar dentro de questões midiáticas, espirituais e de gênero. Também buscamos por meio do Google Acadêmico, devido ao alcance em portais de diferentes universidades e periódicos. Como recurso de busca, definimos algumas palavras-chaves que englobassem nosso tema geral de pesquisa: **ecovilas, mídia e sagrado feminino**.

Também é importante ressaltar que, pela temática das ecovilas ser ainda pouco abordada em investigações acadêmicas no Brasil, não nos limitamos à trabalhos realizados no campo da Comunicação, mas ampliamos nosso corpus para áreas, como Administração, Psicologia e Arquitetura e Urbanismo, que pudessem contribuir com a base teórica referencial do nosso tema.

Na pesquisa feita no banco de dados da CAPES, para o período entre 2001 e 2019, foram encontradas 29 dissertações e oito teses na busca por “ecovila”, sem utilizar a ferramenta de filtro. É interessante notar que ao utilizar o termo no plural, “ecovilas”, o número de dissertações sobe para doze. Especificamente sob o filtro “Comunicação”, não encontramos nenhuma pesquisa. No entanto, na área das “Ciências Sociais Aplicadas”, encontramos apenas três dissertações de mestrado e uma profissionalizante, nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e Administração. O foco são as temáticas de gestão e sustentabilidade. Ao acrescentar demais

palavras-chave, “mídia” e “sagrado feminino”, foram mostradas pesquisas que englobam outras questões relacionadas à mulher e comunicação ou espiritualidade, sem privilegiar o foco das ecovilas. Optamos então, por manter nossa busca em “ecovilas” no sistema, pois compreende todos os trabalhos produzidos com o contexto e tema das ecovilas, o que nos interessa. Dessa forma, temos um olhar amplo sobre as pesquisas.

Entre as dissertações, os trabalhos se concentraram em temas com foco em sustentabilidade (BISSOLOTTI, 2004; FABRI, 2020; FREITAS, 2016; PERJESSY, 2017) e práticas como a permacultura, a agroecologia, organização e gestão, construção (AZEVEDO, 2017; BROGNA, 2007; CAVALCANTI, 2014; MACEDO, 2011; MACHADO, 2018; MATTOS, 2015; PELLEGRINI, 2017; ROYSEN, 2013; SCHETTERT, 2016). Apenas uma foi encontrada com um tema relacionado às mulheres, o ecofeminismo, junto da sustentabilidade (FLORES, 2013).

Nisso, destacamos os trabalhos que acreditamos expressar maior possibilidade de contribuição para nossa investigação. O primeiro é o de Flores (2013), *Ecovilas e ecofeminismo: a sustentabilidade ambiental em Piracanga/Maraú-BA*, por trazer algo especificamente ligado às mulheres como o ecofeminismo. A pesquisa realizou-se pelo programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente (UESC-BA). Este se trata de uma vertente do movimento feminista que enfoca na relação entre mulheres e Natureza (SHIVA; MIES, 2014). Assim, é o único que diretamente apresentação uma ligação com as questões femininas. A autora buscou entender se em uma comunidade dita como sustentável estariam presentes preceitos do ecofeminismo e se na prática eles contribuem para essa sustentabilidade. Assim, utilizou-se das interfaces de dois movimentos: o das ecovilas e o ecofeminismo, para avaliar em sua relação prática se há contribuição à sustentabilidade da ecovila de Piracanga.

A ecovila foi utilizada como espaço da pesquisa, com um período de quatro meses de coleta de dados através de observação direta com registros fotográficos, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários estruturados com perguntas abertas e fechadas. Pelas respostas e práticas no dia a dia da comunidade, foi possível observar o nível de sustentabilidade por indicadores sociais, econômicos e de recursos naturais e a presença de preceitos ecofeministas em correlação com a sustentabilidade ambiental. Entre os principais autores do referencial teórico estão: Sachs (1993), Kotlinski (2010), Garcia (2009), Siliprandi (2000), Capra (2000), Di Ciommo (2003), Dias (2010) e Santos (1992). Foi concluído pela autora que a ecovila não consegue experienciar todas as dimensões de sustentabilidade em totalidade, mas que os princípios ecofeministas estão presentes em suas práticas e podem

contribuir para equilibrar essa questão. Como se pode perceber, o foco de Flores (2013) ainda é a sustentabilidade, mesmo pelo viés do ecofeminismo. Dessa forma, podemos ter indicações de que, como a autora afirma, as mulheres estão presentes em todos os ambientes e atividades produtivas, além de serem maioria no local. Nesse sentido, o viés ecofeminista presente nas práticas dessa ecovila incentiva uma reestruturação das relações e hierarquias sociais, buscando relações colaborativas ao invés de dominantes. Não há uma inversão dos papéis de gênero e formas de execução de poder, mas as mulheres reivindicam lugares e posições na ordem em prol de uma igualdade na estrutura social da comunidade (FLORES, 2013).

O segundo, é a dissertação de Beatriz Arruda (2018), *O fenômeno de ecovilas no Brasil Contemporâneo*, por trazer questões essenciais para o estudo do tema das ecovilas. O Mestrado da pesquisadora se situou no Programa em Urbanismo (PUC-Campinas). A autora faz um apanhado dos antecedentes das ecovilas, como se formaram inicialmente e como funcionam hoje, trazendo desde as crises ambientais até os movimentos contra cultura do século passado e as ecovilas como um movimento globalizado para investigar a abrangência científica e geográfica das ecovilas no Brasil. A autora utilizou-se da análise bibliométrica para investigar os trabalhos acadêmicos publicados no tema e mapear as ecovilas através de dados secundários. Os autores de sua base teórica são Boff (2002), Capra (1982, 2002), Harvey (2003, 2016), Santos (1985, 1994, 2001), Sassen (2005) e Goldstein (2010). De 195 ecovilas encontradas, muitas ainda são aspirantes enquanto outras trabalham com sustentabilidade. As mulheres são citadas por sua presença em movimentos ambientais e práticas que ajudaram a construir as ecovilas, no entanto, apenas brevemente. Esse trabalho contribui com um panorama sobre onde e como se encontram esses espaços em território brasileiro, como se desenvolveram e que são espaços que vão além do cuidado com o habitat local, produzindo alimentos para o autoconsumo, facilitando cursos e oficinas de educação ambiental e afins, a busca por vivenciar e multiplicar a experiência ecológica como modo de viver e também, a assimilação entre princípios da ecologia com preceitos religiosos e/ou espirituais (ARRUDA, 2018).

O terceiro, trabalho de Matheus Machado (2018), *A comunidade dos clássicos e a nova comunidade: um estudo da organização de ecovilas*, traz o tema das ecovilas sob a perspectiva do conceito de comunidade, buscando compreender a concepção de comunidade inscrita e subjacente ao movimento de ecovilas. O autor traz a pesquisa no programa de Mestrado em Administração, pela UFRGS-RS. Para isso, realizou um estudo de caso em uma ecovila brasileira. Já para a base teórica, são citados autores como Bauman (2003), Weber (1989), Dias *et al.* (2017), Dardot (2017), Christian (2003) e Dregger (2015). Concluiu que a concepção de comunidade do local pesquisado, em termos de propriedade reproduzia os mesmos mecanismos

que organizam nossa sociedade, contudo, seus moradores aceitavam não encontrar reconhecimento na cultura dominante (MACHADO, 2018). Destacamos essa pesquisa por contribuir ao nosso estudo abordando, mesmo que brevemente, indicadores sobre as relações de gênero, sendo inegavelmente parte da história de comunidades e um dos aspectos para a permanência de comunidades. Ao contabilizar os membros de uma ecovila, no entanto, as mulheres estavam em menor número.

Entre as teses, a maior parte dos trabalhos engloba o tema da sustentabilidade, como a partir da economia solidária, uso social e ambiental do solo e novamente, o ecofeminismo (CUNHA, 2012; FLORES, 2013; SAMPAIO, 2013) e de práticas relacionadas à ecovila. Essas práticas envolvem o potencial transformador desses espaços, relações sociais no nicho e práticas comunitárias (CABRERA, 2017; ROYSEN, 2018; ROCHA, 2017). Ainda, encontramos aspectos dentro da espiritualidade, como ela se relaciona com aprendizado nas ecovilas (COMUNELLO, 2017; SANTOS JR., 2006). Também questões ligadas à gestão, como o desenvolvimento de ecovilas urbanas (JOSÉ, 2014) e por fim, comunicação (SIMAS, 2013), mesmo que não conste na categoria quando selecionada a área na ferramenta de filtro.

Destacamos então, a tese de Ana Carolina Simas (2013), *Comunicação e diferença: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária*, única dentre todos os pesquisadores que aborda diretamente a comunicação no tema das ecovilas e no campo da Comunicação, pelo programa de Doutorado em Comunicação e Cultura da UFRJ-RJ. Assim, a autora partiu do pressuposto de que os processos comunicacionais atuais não facilitam diálogo e contribuem para uma lógica hierárquica e de separação, objetivando explorar caminhos de reflexão e ação através de a) problematização dos modos de produção de sentido sobre identidades e diferenças e a lógica separação binária em níveis ambiental, sociocultural e socioeconômico e b) pesquisa e experimentação de formas de interação social e processos de comunicação colaborativos que expressem outras lógicas e modos de produção de sentido sobre identidades e diferenças.

Simas (2013) escolheu para realizar um estudo de caso aliado à pesquisa ação, em uma comunidade sustentável. A autora segue as bases teóricas de autores como Adorno (2008), Bauman (2003), Bhabha (2008), Dawson (2006), Lopes (2003), Paiva (2003) e Sachs (2004). Os resultados da pesquisa-ação trouxeram a capacitação de agentes comunitários para a facilitação de processos de comunicação. A tese de Simas (2013) trata de forma teórica e breve das lógicas de separação e exclusão, mulheres em comunidade e a opressão feminina, que se dão devido à hierarquia social. Isso contribuiu para pensarmos em aprofundar a perspectiva das mulheres nas ecovilas, pois apesar de mencionados, os indícios de como são formadas as

práticas das mulheres, as lógicas de exclusão e a opressão feminina não são aprofundados. Contudo, uma abordagem ecosófica seria um caminho para evitar discriminação e sexismo (GUATARRI, 2006 apud SIMAS, 2013).

O trabalho de Rebeca Roysen (2018), *Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no Brasil: o papel das relações sociais e dos elementos das práticas*. A tese foi realizada por meio do programa em Desenvolvimento Sustentável da UnB (Brasília-DF) e teve por objetivo compreender o papel das ecovilas no desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no Brasil e a influência das relações sociais nesses processos. Para isso, a autora realizou uma análise multinível com levantamento das ecovilas nacionais e uma pesquisa de campo em uma ecovila. Caracterizou as ecovilas encontradas e suas práticas sustentáveis, além de fazer um mapeamento de suas redes sociais através da Análise de Redes Sociais. Para a base teórica, os principais autores citados são Christian (2007), Bourdieu (1995, 2002), Mertens (2011, 2012, 2013), Smith (2005, 2007, 2010, 2014), Siqueira (2012), Seyfang (2010a, 2010b, 2013a, 2013b) e Roysen (2013, 2015). Foi descoberto que as ecovilas brasileiras são nichos de inovação de base para desenvolvimento de práticas de “baixo para cima” e colaboração entre si, através de trocas de compartilhamento de práticas e informações com órgãos governamentais, conselhos comunitários, membros da academia e redes transnacionais, o que possibilita a circulação de diferentes formas de conhecimento. A tese de Roysen (2018) contribui para nossa pesquisa ao abordar círculos de mulheres e a prática do Sagrado Feminino, e de forma breve, a presença de mulheres na ecovila em que realizou a pesquisa, como número de integrantes. Assim, as práticas do Sagrado Feminino servem para questionar o valor atribuído ao corpo feminino e a competitividade feminina na sociedade patriarcal, resgatando em partilhas e rituais a sacralidade presente na mulher através da reconstrução de relações entre mulheres. Ao contabilizar os membros da ecovila pesquisada, as mulheres estavam em maioria, ainda que por pouca diferença.

Dessa forma, os trabalhos sobre ecovilas nos possibilitam ter uma ideia das práticas das mulheres dentro das comunidades, mas ainda há uma lacuna quando buscamos compreender de forma mais ampla. Nisso, podemos perceber que, apesar de as mulheres serem mencionadas, seu espaço como parte de pesquisa nas discussões acadêmicas é pequeno, gerando uma falta sobre seus papéis e práticas em ecovilas. Nosso trabalho, portanto, busca preencher tal lacuna em relação às questões femininas e de gênero, especialmente no campo da Comunicação.

Diante da atual disponibilidade de trabalhos, decidimos buscar em outros dois bancos de periódicos, a revista e-Compós da Comunicação devido à área e a revista Estudos Feministas, por abranger questões das mulheres e dos estudos de gênero. No e-Compós, é possível acessar

o artigo de Veneza Mayora Ronsini (2019), *Classes, Comunidades Intencionais e Usos da Mídia: esboço teórico para sua articulação*. A autora relaciona a visão da mídia das comunidades intencionais junto da expropriação da classe média, tratando do lugar desta na sociedade brasileira e sua reprodução na esfera do consumo, para a potencialidade da mídia para a comunicação e o estilo de vida das ecovilas. A autora cita principalmente autores como Souza (2018), Lipovetsky (2007), Gohn (2011), Eder (2008), Bauman (2008), Bourdieu (2008), Castells (2000, 2003), Pochman (2014) e Pierucci (2007). Mencionamos esse trabalho por tratar das relações de classe e mídia, uma questão também ausente das pesquisas em Comunicação encontradas no levantamento bibliográfico. Investigações sobre as demais categorias sociais, além de classe, tais como raça/etnia também estão ausentes. Reiteramos que a ausência do debate acerca de gênero busca ser sanada, ainda que sem intenções de encobrir com exclusividade a questão, por esta pesquisa.

Já na Estudos Feministas, encontramos um artigo de Barbara Flores e Salvador Trevizan (2015), *Ecofeminismo e comunidade sustentável*. O trabalho, derivado da pesquisa da acadêmica na pós-graduação, foca em apresentar os índices de sustentabilidade e se os princípios do ecofeminismo estão presentes na dinâmica da ecovila, contribuindo para a sustentabilidade ambiental da comunidade em suas dimensões social, econômica e dos componentes naturais. Ainda assim, também aborda brevemente aspectos que pretendemos refletir, como a relação entre mulheres e Natureza, a subordinação feminina e o ecofeminismo, e valores negligenciados na sociedade por serem atribuídos às mulheres, com o cuidado e a cooperação. Os autores base para o artigo incluem Capra (2000), d'Eaubonne (1974), Cunha (2010), Coleman (2008), Jackson (2004), Langhelle (2000), Mclellan (1978) e Siliprandi (2000). Como uma extensão da dissertação de mestrado da autora, já citada aqui, auxilia a pensar o cunho ecofeminista presente em práticas de construção de relações colaborativas ao invés de dominantes, tanto entre seres humanos quanto humanos e natureza. Assim, as questões ecológicas se relacionam com as mulheres na ecovila a partir dessa busca por reestruturação nas relações e na busca por sustentabilidade.

Ainda, mais alinhado com o Sagrado Feminino, há a dissertação de Natássia Bueno (2017), na área da Psicologia, pelo programa de Mestrado em Psicologia (UNIR-RO), com o título de *O Sagrado e o Feminino: as mulheres e as vicissitudes no consumo da Ayahuasca*. A autora explorou o universo feminino dentro de ritualísticas de consumo de ayahuasca em uma comunidade ayahuasquera para entender como se constroem os aspectos relacionados ao feminino nas relações desses rituais. Ela realizou entrevistas para aprofundar a forma com que ocorre a representação das mulheres e os elementos de purificação e castidade que as cercam e

aproximam do Sagrado, com o semblante da Deusa Criadora e da maternidade. Sua base teórica centra-se principalmente na psicologia para compreender o feminino e suas representações e a maternidade, apoiada em autores como Perrot (2007), Miller (2010), Lacan (1985, 1988), Freud (2006), Soler (2003), Fink (1995) e Patrasso e Grant (2005). O trabalho de Bueno (2017), então, nos auxilia a refletir sobre como os mitos em torno da expressão do que é feminino e como o sagrado se relaciona com a mulher no contexto da pesquisa, como isso é reproduzido no cotidiano. Segundo a autora, as posições assumidas pelas mulheres frente à comunidade são relacionadas à essência feminina das atribuições, principalmente em uma característica da passividade, correspondendo à demanda de outro e sendo concebida por meio do referencial masculino do que é feminino (BUENO, 2017). Para a Tribo, os homens entram em contato com o Sagrado através do desempenho feminino, que porta uma máscara de pureza e castidade.

Também foram encontrados dois artigos de maior aproximação ao nosso tema pelo Google Acadêmico e pela revista Estudos Feministas. O primeiro é da área da Educação e tem o título de *Ecovilas: aprendizagens, espiritualidade e ecologia*, escrito por Luciele Comunello e Isabel Carvalho (2015). Seu foco era abordar a relação entre práticas ecologicamente orientadas com a experiência de uma espiritualidade imanente em uma ecovila, objetivando compreensão da participação do mundo material na construção de um mundo mais-que-humano. A pesquisa se desenvolveu durante um ritual em uma ecovila no Sul do Brasil e há detalhamento sobre a conduta das mulheres e adaptações que são necessárias durante o ciclo menstrual para a participação em tal ritual. Para isso, recorrem às teorias sobre espiritualidade, rituais e as práticas ecológicas das ecovilas, como a permacultura, sob as abordagens de Meyer (2009), Amaral (2000), Ingold (2013) e Steil e Carvalho (2014). O artigo incentiva a procurar entender e refletir sobre a dinâmica dos rituais em uma ecovila, a presença do espiritual nesses espaços e o comportamento feminino ritualístico, que se mostra em uma diferença em relação aos homens devido à condição biológica, como a menstruação, sob o pretexto de que a energia poderia mudar a dinâmica do ritual, que se deve à uma ideia espiritual de continuidade entre corpo, mente e espírito. Isso é visto como um esforço individual que se torna um empreendimento coletivo (COMUNELLO; CARVALHO, 2015).

O segundo artigo é de Daniela Cordovil (2015), *O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos "Círculos de Mulheres"*. Analisou um espaço de mulheres em que se desenvolve uma sociabilidade feminina a partir da cosmovisão da religião Wicca, objetivando entender os significados que as participantes têm das questões femininas como menstruação e aspectos relacionados, tais como o cuidado e os trabalhos manuais. Situando a discussão teórica nos Estudos Feministas, traz Amaral (2000), Bauman (2001), Chanter (2011), Giddens (1991),

Douglas (2012), Koss (2000) e Siqueira (2002), para falar de relações, de feminino e gênero e religião. A pesquisa de Cordovil (2015) é importante por trazer a perspectiva feminina de um círculo sagrado, como se relacionam com a espiritualidade e de que forma questões externas a isso são tratadas. Nesse sentido, um dos principais pontos é a questão do simbolismo da mulher e do sangue menstrual, tratado como impuro pela ideologia cristã e recebendo centralidade na sacralidade do feminino por meio da religião Wicca. A autora coloca que mulheres de “diferentes faixas etárias e trajetórias de vida experimentam uma ligação com o sagrado feminino, a partir de uma experiência comunitária” (CORDOVIL, 2015, p. 446). Há também uma inversão dos estereótipos femininos, retirando a ideia de inferioridade sobre o cuidado e o espaço doméstico, exercendo uma espécie de alternativa aos ideais patriarcais, ainda que não em abordagem propriamente feminista.

A partir disso, podemos ver que no âmbito da produção acadêmica brasileira, principalmente no campo da Comunicação, há uma escassez de trabalhos que tratam de ecovilas, e ainda, junto das demais áreas como Administração e Arquitetura e Urbanismo, não há pesquisas envolvendo ecovilas e mulheres/relações de gênero. Aquela que mais se aproxima dessa relação, é *Ecovilas e ecofeminismo: a sustentabilidade ambiental em Piracanga/Maraú-BA*, de Flores (2013). Contudo, mesmo trazendo o ecofeminismo que inclui uma discussão sobre as mulheres, seus esforços estão focados nos princípios ecofeministas partindo da sustentabilidade. Ou seja, a sustentabilidade, não há maior espaço sobre a perspectiva das mulheres, muito menos de suas práticas espirituais.

No geral, pudemos detectar também tendências no estudo das ecovilas, como a questão da sustentabilidade muito presente nas pesquisas. Bem como, estuda-la por diferentes perspectivas, seja a do ecofeminismo, como da gestão administrativa, gestão ambiental, e sob práticas realizadas nas comunidades que contribuem para seu exercício, como a permacultura e a agroecologia. Assim, mesmo que as ecovilas estejam em um crescente debate e sejam consideradas um “fenômeno” (ARRUDA, 2018), pouco se tem estudado acerca delas além dos temas mencionados, e menos ainda, envolvendo a dimensão espiritual. Consideramos isso um indício da relevância de tratar sobre o tema e estabelecer uma relação entre mulheres, comunicação e ecovilas. Especialmente pelo potencial de contribuição que tal pesquisa terá na Comunicação e em outras áreas das Ciências Sociais e Humanas.

Construir um levantamento bibliográfico demanda tempo, mas o esforço pode trazer direcionamentos à pesquisa ao compreender a presença do tema no âmbito acadêmico. Essa questão nos foi enfatizada e conseguimos visualizar o que está sendo, de fato, tratado na pesquisa brasileira sobre as ecovilas e espiritualidades. Mesmo que centrando-se em outras

áreas, a diversidade de abordagens pode trazer benefícios para nosso referencial teórico, principalmente quando apresenta aproximações com a Comunicação. Dessa forma, desenvolver este levantamento e possivelmente, complementá-lo conforme o andamento do estudo, nos permitiu enxergar diferentes ângulos questões relevantes para escolher as melhores formas de trazer uma nova perspectiva sobre as ecovilas, aliada ao contexto espiritual, midiático e às questões de gênero.

2.5 MAPEAMENTO DO SAGRADO FEMININO NA MÍDIA

Com o propósito de visualizar a presença do Sagrado Feminino na mídia e como se apresentam produtos midiáticos relacionados, realizamos um mapeamento do Sagrado Feminino nas plataformas digitais como Instagram, Facebook e YouTube e traçamos obras literárias e audiovisuais com temática semelhante e certo reconhecimento no tema. Aqui reconhecemos o papel dos algoritmos nas ferramentas de busca das plataformas digitais, que direcionam o usuário às páginas específicas de acordo com seu uso personalizado da rede, dessa forma, outro indivíduo pode ter como resultado páginas diferentes daquelas encontradas pela pesquisadora, mas nem por isso diferente em nível de relevância. Nisso, podemos situar a discussão nesse meio, mostrando que o tema possui potencial ao gerar discussão em diversas páginas e produtos da mídia, servindo de importante referência para suas mulheres seguidoras e consumidoras.

As páginas e grupos escolhidos foram selecionados a partir de número de seguidores e curtidas, sendo os perfis com maior número quando se busca por “Sagrado Feminino” nas plataformas. As obras literárias e audiovisuais são mencionadas em comum entre as diferentes páginas sobre Sagrado Feminino. Sendo títulos que trazem protagonismo feminino, acolhimento de ser mulher e práticas espirituais também associadas à magia, como no caso das séries.

2.5.1 Instagram

2.5.1.1 Perfil Faces do Sagrado @facesdosagrado

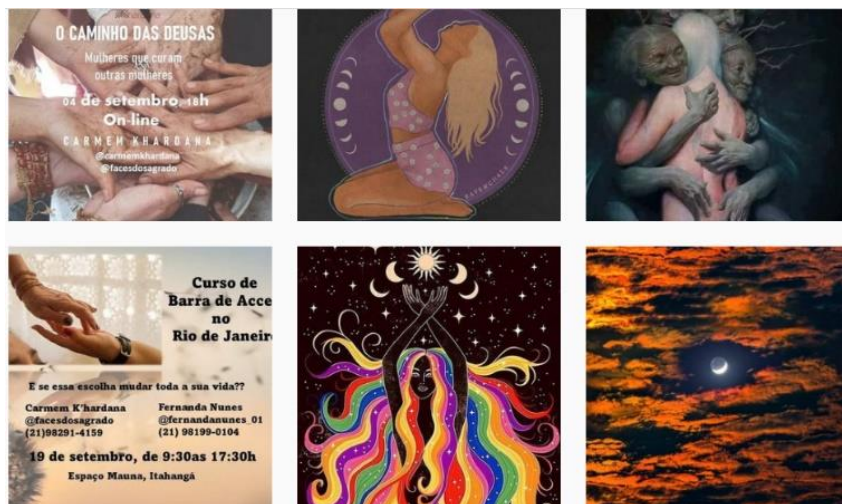
Figura 1 - Perfil Faces do Sagrado



Fonte: Instagram @facesdosagrado.

Administrado pela mentora espiritual Carmem Khardana, as postagens referem-se às temáticas relacionadas ao corpo feminino, à energia feminina e espiritualidade através de imagens, poemas e textos reflexivos. Também são oferecidos cursos de aperfeiçoamento pessoal e espiritual, como barra de access, numerologia terapêutica, cabala ancestral, constelação familiar e o Caminho das Deusas, sobre os mistérios do Sagrado Feminino.

Figura 2 - Postagens perfil Faces do Sagrado



Fonte: Instagram @facesdosagrado.

Figura 3 - Postagem perfil Faces do Sagrado



Fonte: Instagram @facesdosagrado.

2.5.1.2 Perfil Blog Las Lobas @bloglaslobas

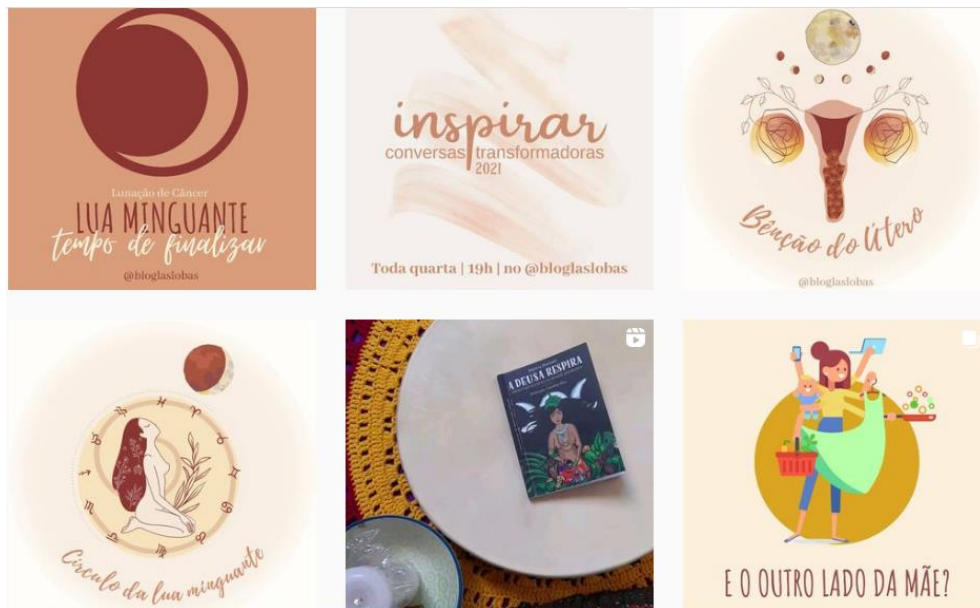
Figura 4 - Perfil Blog Las Lobas



Fonte: Instagram @bloglaslobas.

Perfil fundado por Marília Lopes, tem postagens que tratam de ciclo menstrual, ciclos da lua, livros como *Mulheres que correm com os lobos*, leitura conjunta da obra, livros ligados ao Sagrado Feminino, manifestação energéticas. Também promovem círculos de conversação e espiritualidade visando aprendizado de mulheres acerca de uma natureza feminina.

Figura 5 - Postagens Blog Las Lobas



Fonte: Instagram @bloglaslobas.

Figura 6 - Postagem Blog Las Lobas



Fonte: Instagram @bloglaslobas.

2.5.1.3 Perfil Pri do Feminino Sagrado @pri_elias_

Figura 7 - Perfil Pri Elias



Fonte: Instagram @pri_elias_.

Perfil administrado pela terapeuta Priscila Elias, postando informações sobre o corpo feminino, saúde da mulher, ciclo menstrual, medicina de plantas e flores, rituais e energia, percepção da fertilidade. Também divulga cursos que realiza a fim de ampliar o conhecimento de mulheres sobre o próprio corpo e se reconectar com o próprio feminino.

Figura 8 - Postagens perfil de Pri Elias



Fonte: Instagram @pri_elias_.

Figura 9 - Postagem perfil de Pri Elias



Fonte: Instagram @pri_elias_.

2.5.2 Obras literárias

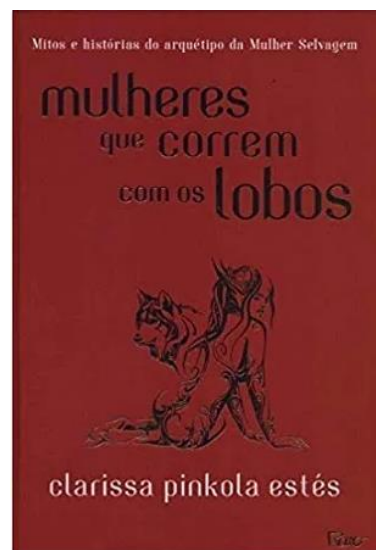
2.5.2.1 Mulheres que correm com os lobos

Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1992, traz mitos e histórias do arquétipo chamado Mulher Selvagem, descritos pela psicanalista junguiana Clarissa Pinkola Estés. Visto como um guia de como romper com os padrões de submissão impostos às mulheres, a obra gerou um número infindável de conteúdo nas plataformas digitais, desde *lives* no Instagram, clubes do livro, episódios de podcast e vídeos no YouTube. Teve mais de 80 mil exemplares vendidos entre 2018 e 2019 no Brasil e já foi traduzido para mais de 42 idiomas e esteve na lista de mais vendidos do portal Amazon em 2020 durante o tempo de pandemia (NORONHA, 2020), mostrando um interesse emergente por parte das brasileiras na temática abordada pela autora.

A autora escreve sobre contos de fadas e mitos inspirados em diferentes culturas, desde o Barba Azul até o Patinho Feio como uma forma de discorrer sobre os problemas sofridos pelas mulheres. De acordo com a autora, muitos deles derivam de uma faceta da personalidade feminina que foi domesticada ao longo do tempo pelo patriarcado, a Mulher Selvagem. Ela a utiliza como um arquétipo que se manteve apagado para agradar aos outros e deixar a si de lado, mas que pode ser recuperado. Além de narrar essas histórias, o livro resulta do objetivo da

autora de relacionar ensinamentos e simbologias com o inconsciente feminino. Ela passa pelos inúmeros contos como forma de explicar tais questões inconscientes e maneiras de resgatar a Mulher Selvagem, mostrando como a mente feminina pode se fortalecer, viver seus ciclos e não ceder às imposições opressoras. Dentre muitos temas, trata sobre perdão, amor, sexualidade, autoconhecimento e relações. Cada conto traz um aprendizado, uma espécie de moral, que revela formas de alcançar a Mulher Selvagem e quebrar com as normas de comportamento que colocam a mulher em uma posição de subjugada (MAGALHÃES, 2021).

Figura 10 - Capa do livro Mulheres que correm com os lobos



Fonte: Amazon (2021).

2.5.2.2 Lua Vermelha

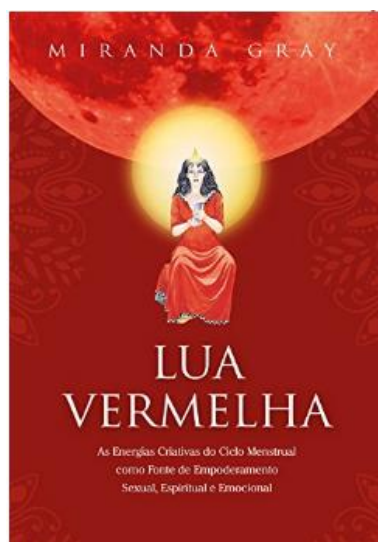
A obra, publicada por Miranda Gray originalmente em 1994, busca transformar a relação feminina com o próprio corpo através do simbolismo presente em contos de fadas e lendas. Tratando de questões acerca do ciclo menstrual, ciclos lunares, emoções, condições físicas, por meio das histórias a autora propõe um resgate do bem-estar físico, emocional e psicológico da mulher. Nesse sentido, ela une mitos com informações biológicas sobre o corpo feminino, como uma forma de tornar positivo o olhar e entendimento das mulheres sobre sua natureza (GRAY, 2017). De acordo com a sinopse:

Em Lua Vermelha, Miranda Gray resgata a sabedoria do sagrado feminino a fim de mostrar às mulheres modernas como elas podem voltar a aceitar a sua natureza cíclica e se reconciliar com todos os aspectos da feminilidade. Explorando arquétipos da

menstruação e da condição feminina contidos na simbologia de mitos, lendas e contos de fadas, a autora oferece métodos e exercícios práticos para você entrar em sintonia com o seu ciclo menstrual, e assim impulsionar sua criatividade, viver sua sexualidade plenamente e aceitar as mudanças naturais do seu corpo e da sua vida (GRAY, 2017).

Assim, a autora resgata lendas e mitos para estruturar arquétipos ligados aos ciclos menstruais, como a Donzela, a Mãe, a Feiticeira e a Bruxa Anciã, relacionando também as fases da lua e as estações do ano e diferentes temas, como a ligação entre a mulher e a terra, a energia feminina e a criatividade, a simbologia da serpente e o uso da mandala lunar. Assim, seu objetivo é tratar do ciclo menstrual como uma fonte de energia, poder, espiritualidade, saúde e sexualidade na vida das mulheres e não uma interferência.

Figura 11 - Capa do livro Lua Vermelha



Fonte: Farias (2021).

2.5.2.3 O Oráculo da Deusa: um novo método de adivinhação

Lançado em 1998, o livro de Amy Sophia Marshinky procura celebrar uma deusa feminina que foi adorada em muitas culturas no início dos tempos. Assim, combina mitologia, rituais, poesia e um baralho de 52 cartas, chamadas *Cartas das Deusas*, para guiar as mulheres nesses tipos de conhecimento. Tais cartas servem como uma guia para direcionamentos da leitora, funcionando como uma ferramenta de adivinhação para que analise questões acerca da própria vida sob o que chamam de olhar das Deusas e de acordo com o Sagrado Feminino. O Oráculo da Deusa tem por objetivo guiar a mulher em uma conexão profunda com seu lado místico, unindo universo material e espiritual, especialmente em relação ao conhecimento da

Deusa. Possui também a tiragem de cartas para ser usada como ferramenta de comunicação através de mitos e histórias que mostram diferentes deusas de diversas culturas e mitologias, propondo um caminho para o autoconhecimento (GRUPO PENSAMENTO, 2021).

Figura 12 - Capa do livro O Oráculo da Deusa



Fonte: Grupo Pensamento (2021).

2.5.3 YouTube

2.5.3.1 Canal A Mulher Selvagem: Júlia Otero

Canal criado na plataforma do YouTube em 2017 por Júlia Otero, já recebeu mais de 1 milhão de visualizações e tem por objetivo o compartilhamento de informações sobre o Sagrado Feminino. Como a criadora do canal chama, compartilhar experiências na jornada em busca dessa sacralidade. Ela trata de diversos temas relacionados às técnicas e práticas espirituais, descrição de arquétipos e conceitos, ciclos da lua e do corpo feminino³.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/AMulherSelvagem>. Acesso em: 06 set. 2021.

Figura 13 - Canal A Mulher Selvagem



Fonte: A Mulher Selvagem (2021).

2.5.3.2 Canal Filha da Serpente

O primeiro vídeo do canal foi postado em 2018 por Camila Soarez. Desde então, traz informações sobre diversos rituais e aspectos de diferentes religiões e práticas espirituais, como a ayahuasca e o rapé, temáticas em torno da bruxaria, Sagrado Feminino, ciclos lunares e ciclo menstrual⁴.

Figura 14 - Canal Filha da Serpente



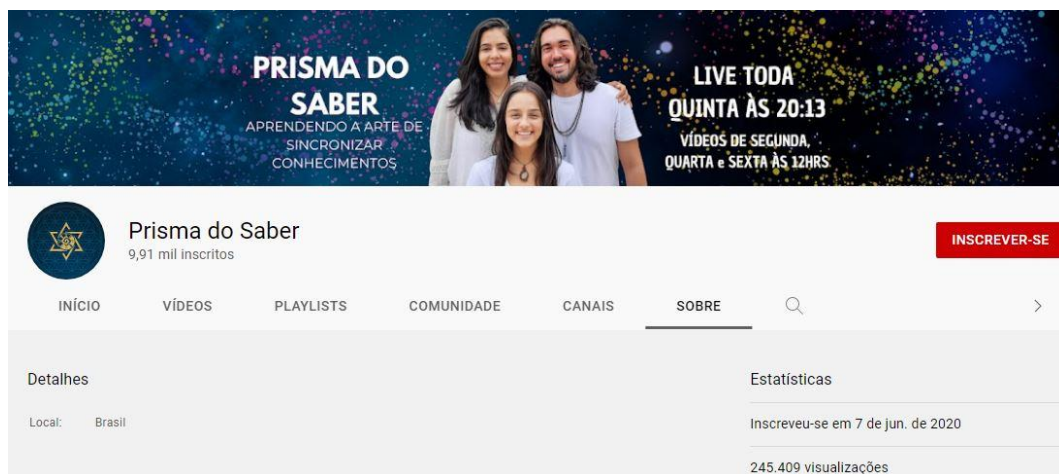
Fonte: Filha da Serpente (2021).

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/FilhadaSerpente>. Acesso em: 06 set. 2021.

2.5.3.3 Canal Prisma do Saber

Criado em 2020 com o propósito de tratar do Sagrado Feminino e questões acerca dos astros e práticas espirituais, busca auxiliar as pessoas no autoconhecimento e na reconexão feminina através de conhecimentos ancestrais. Os vídeos apresentam temas que procuram relacionar com o Sagrado Feminino, como ciclos femininos e práticas de diferentes religiões e doutrinas espirituais, como chackras deusas orixás, mantra Kin e sincronário galáctico⁵.

Figura 15 - Canal Prisma do Saber



Fonte: Prisma do Saber (2021).

2.5.4 Produções audiovisuais

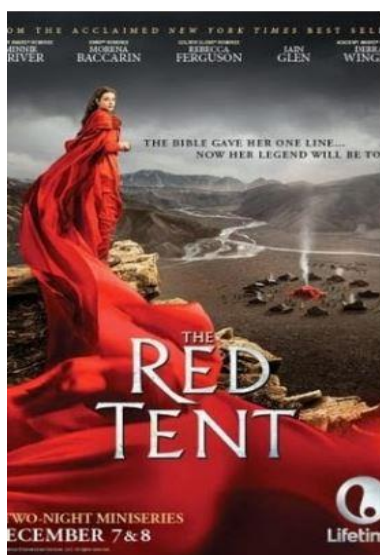
2.5.4.1 A Tenda Vermelha

Minissérie de temática bíblica, derivada do livro de mesmo título da autora Anita Diamant, que foi produzida no meio audiovisual por Paula Weinsten e lançada em 2014. Conta a história de Dinah, filha de Jacó, derivado do livro de Gênesis na Bíblia. A tenda vermelha representa na história um local onde as mulheres se reuniam na Lua Cheia para contar tradições, passar pelo período menstrual e cultivar laços e rituais de irmandade e espiritualidade. O romance conta, através de Dinah, as tradições e as práticas das mulheres na antiguidade, principalmente em relação à tenda vermelha, que era o local onde elas se recolhiam e se reuniam durante diferentes fases de seu ciclo para conversar e realizar rituais. Há uma ênfase do mistério

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/PrismadoSaber>. Acesso em: 06 set. 2021.

que cercava essa tenda, frequentada por todas as esposas de Jacó e com reverência às figuras femininas, algo que gera desconfiança nos homens e mostra como tal desconfiança leva às tragédias como violência e ruptura nas práticas ancestrais femininas⁶.

Figura 16 - Pôster A Tenda Vermelha



Fonte: Filmow (2021a).

2.5.4.2 O Resgate do Feminino Sagrado

Idealizado por Anita Gomes e produzido pela Paiol Filmes, esse filme tem o formato de documentário e foi um trabalho de 2014, de conclusão de curso de pós-graduação em Psicologia Transpessoal pelo Instituto CLASI. A produção aborda questões relacionadas ao culto de deidades femininas, civilizações antigas que cultuavam uma deusa mulher, a relação mais próxima com a natureza que os povos tinham, modelos de masculinidade e feminilidade, energias e comportamento⁷.

⁶ Disponível em: <https://filmow.com/a-tenda-vermelha-t102999/>. Acesso em: 06 set. 2021.

⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XdEK0co_Gaw&t=1223s. Acesso em: 06 set. 2021.

Figura 17 - Imagem O Resgate do Feminino Sagrado



Fonte: Paiol Filmes (2014).

2.5.4.3 As Brumas de Avalon

Outra obra muito citada quando se trata de temáticas femininas e espiritualidade, narra vida de mulheres que tinham importantes papéis na religião druida da Grã-Bretanha na antiguidade. A história original foi criada pela autora Marion Zimmer Bradley em uma série de livros dos anos 70, que abordam a mesma temática. Já a produção audiovisual foi lançada como minissérie em 2001, dirigida por Uli Edel. A história narra a história do Rei Arthur sob a perspectiva feminina, protagonizando mulheres como Morgana, Vivianne e Morgause, que viviam sob a religião da antiga Deusa-mãe, abordando também a temática do Sagrado Feminino. Conforme a religião cristã se insere na Grã-Bretanha, a religião da deusa vai perdendo espaço e as mulheres são colocadas em posições de submissão como esposas. Conforme a ascensão e o reinado de Arthur acontecem, tais mulheres estão agindo por trás para que ele se firme socialmente, contudo, elas perdem o próprio espaço. A história, portanto, traz um olhar sobre como uma época de mulheres e sua deusa foi substituída pelo poder patriarcal que relegou tudo isso ao esquecimento⁸.

⁸ Disponível em: <https://filmow.com/as-brumas-de-avalon-t7496/>. Acesso em: 06 set. 2021.

Figura 18 - Pôster As Brumas de Avalon



Fonte: Filmow (2021b).

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 MULHERES, CUIDADO E ESPIRITUALIDADE

3.1.1 Gênero entre opressão e cuidado

Na memória da história que temos como civilização, em nenhum momento as mulheres tiveram o poder de exercer plenamente sua liberdade, ou ainda, tiveram liberdade plena. A historiadora Silvia Federici (2017) cita que após a queda do Império Romano, aproximadamente nos primeiros séculos da Idade Média na Europa, as mulheres passaram a possuir maior autonomia e poder sobre as próprias escolhas. Nas terras comunais trabalhavam igualmente com os homens e plantavam o próprio sustento, quando não desejavam se casar, podiam ser acolhidas por mulheres que viviam juntas em comunidades que administravam e cuidavam.

No contato próximo da Natureza que a vida no campo proporcionava, elas possuíam inúmeras habilidades medicinais com o uso de ervas, chás e flores, facilitava uma independência no cuidado à saúde. Questões como a gravidez eram tratadas a partir de conhecimentos naturais e do próprio corpo, pois durante a Idade Média, “elas podiam usar métodos contraceptivos e haviam exercido um controle indiscutível sobre o parto” (FEDERICI, 2017, p. 178).

Em algumas regiões europeias de governo feudal, mesmo a autoridade dos servos homens era limitada em relação às mulheres, pois a terra era passada à unidade familiar e elas podiam dispor de seus produtos e trabalhos sem a necessidade do esposo para se manter. O trabalho no feudo baseava-se na subsistência e a divisão sexual era menos pronunciada do que nos estabelecimentos agrícolas capitalistas. Cita Federici (2017, p. 52) que na aldeia feudal “não existia uma separação social entre a produção de bens e a separação da força de trabalho: todo o trabalho contribuía para o sustento familiar”. Cozinhar, lavar, trabalhar no campo, manter horta e criar crianças não eram atividades desvalorizadas como o trabalho doméstico hoje na economia monetária.

Segundo a autora, conforme o sistema capitalista teve seu início através da acumulação primitiva as terras comunais tiveram seus moradores expulsos e foram privatizadas e distribuídas entre a burguesia. Às mulheres especificamente, não era de interesse do Estado que tivessem tamanha liberdade e ainda, controle de suas capacidades reprodutivas. A privatização das propriedades e as relações econômicas que se moldavam criaram uma preocupação na

esfera burguesa sobre a paternidade e a conduta feminina, devido à necessidade de controle da prole e hereditariedade para mandar as riquezas na família.

Com isso, o Estado adotou novos métodos disciplinares com a finalidade de regular a procriação e romper com o controle das mulheres sobre a reprodução e seus corpos, sendo um deles, a Caça às Bruxas. Sob esse pretexto elas passaram a ser perseguidas, recebendo tamanha desconfiança que era impossível conseguir emprego ou casa para morar se não pertencessem à uma família financeiramente abastada. E ainda, precisavam lidar com as acusações de bruxaria, muitas vezes vindas de dentro de casa. Toda a liberdade e autonomia conquistadas foram retiradas e qualquer aspecto antes considerado seu, agora era uma questão do Estado, principalmente envolvendo a reprodução social (FEDERICI, 2017).

As políticas de controle duraram por duzentos anos e resultaram na escravização das mulheres à procriação: o destino das mulheres na Europa Ocidental, no período de acumulação primitiva, foi similar ao das negras nas *plantations* americanas, que, “[...] foram forçadas por seus senhores a se tornar criadoras de novos trabalhadores” (FEDERICI, 2017, p. 178). Dessa forma, foi assim que as mulheres passaram a ser subjugadas e consideradas como inferiores no mundo moderno, e até como propriedade do homem, pois deviam obediência ao pai, e depois ao marido para cumprir com seu papel de esposa e gerar filhos. Os interesses do desenvolvimento econômico dependiam disso para a criação de novos trabalhadores e produção de riquezas, dentre outras questões. Assim, isso se alastrou da Europa para grande parte do Ocidente junto do processo de colonização em outros continentes, e a situação feminina declinou e se agravou.

Essa é a perspectiva feminina da forma como o capitalismo se estabeleceu e o patriarcado se fortificou. Este último, aqui entendido como o sistema que designa os homens como detentores do poder, sendo quase um sinônimo de “dominação masculina” ou de “opressão de mulheres”, criando uma imagem das mulheres como irrelevantes e as subordinando a papéis, cargos e tarefas consideradas inferiores (DELPHY, 2009).

Foi somente com as ideias revolucionárias de mulheres que escreviam e se opunham a esse sistema que sua condição começou a ter mudanças, mas tais ideias não excluem o fato e que a liberdade das mulheres ficou cada vez mais restringida sob a diferença do que podemos chamar de gênero. Esse conceito é muito importante para compreendermos realmente o papel da mulher e do homem na sociedade.

O gênero é tido como o conjunto de normas e condutas construídas socialmente que dita como os seres humanos devem se comportar, agir e portar a partir de seu sexo biológico, que produz uma legitimação da desigualdade entre homens e mulheres. No caso das mulheres, são

socializadas desde crianças para serem esposas e mães, sendo ensinadas a serem passivas, gentis, emocionais, não ocuparem posições de destaque. Também há a dupla jornada de trabalho, a baixa representação na política e a coisificação/objetificação feminina na publicidade e em grande parte das narrativas audiovisuais (GARCIA, 2011).

Para Danièle Kergoat (2009), socióloga e pesquisadora feminista, isso ocorre especificamente porque todas as relações sociais possuem uma base material da qual decorre o trabalho através da divisão social do trabalho entre os sexos, ou divisão sexual do trabalho. Para isso, é dada aos homens os cargos de trabalho produtivo, e para as mulheres, o reprodutivo, que como já vimos, referem-se respectivamente às funções fora dentro do ambiente doméstico. Essa dualidade é uma forma de restringir e isolar a política das relações de poder na vida cotidiana, tirando o caráter político e conflitivo das relações de trabalho e familiares. Bem como, favorecer valores supostamente universais como constituintes de uma esfera pública construída por poucos para poucos, sendo o espaço público considerado como local masculino, de ação, fala e discurso (MIGUEL; BIROLI, 2014).

A crítica feminista defende relações mais justas e democráticas na esfera privada, como o desmanche dos papéis convencionais de gênero e uma nova divisão do trabalho, o que ampliaria as possibilidades femininas de participação na sociedade e o impacto em suas trajetórias pessoais (MIGUEL; BIROLI, 2014). Há ainda feministas que expõem o argumento de que o trabalho reprodutivo deveria possuir salário, o que tiraria a visão de naturalidade sobre o trabalho doméstico que a mulher é responsável (FEDERICI, 2017). A questão é, a dualidade entre esfera privada e esfera pública mostra que há uma oposição entre particularidade e universalidade, respectivamente, que gera as desigualdades que contornam as hierarquias presentes em ambas.

A reprodução dessas desigualdades é sustentada também pelos ideais de beleza e comportamento, que ordenam uma busca pela aprovação da aparência feminina pelos homens através de dietas de emagrecimento, maquiagem, cirurgias plásticas, hipersexualização da imagem da mulher. Falta de autonomia, de autossuficiência e imposição da passividade, da submissão, da baixa autoestima e da dependência estão atreladas a isso (MIGUEL; BIROLI, 2014). Esses ideais estão diretamente relacionados com a feminilidade.

Segundo Beauvoir (2017), a subordinação e inferioridade feminina vem desse atributo colocado sobre as mulheres desde a infância e que dita diretamente sua educação e socialização. Isso indicaria que existem qualidades, valores e modos de vida especificamente femininos, como uma natureza feminina, que põe um caráter essencialista sobre as mulheres e enfatiza a forma com que devem agir. A autora contradiz isso, afirmando que é um mito criado para

prendê-las em uma condição de oprimidas e submissas ao masculino. A mulher também é associada ao emocional e ao sensível, porém, a raiva não lhe é permitida.

A feminilidade seria, assim, uma forma de opressão, uma ideia construída a partir do corpo feminino e ligada ao sexo biológico como justificativa para a naturalização de comportamentos na mulher e para a sustentação de expectativas que serão colocadas sobre ela durante toda sua vida. Isso vai além de brincadeiras com bonecas, maquiagem e formas de vestir, alcançando também o perfil psicológico ao ser ensinada a sempre agradar, sorrir e se comportar, por exemplo, desencadeando um crescimento cheio de dúvidas e inseguranças que a tornarão uma adulta com baixa confiança devido a um conflito entre agir por si mesma ou agir para satisfazer outra pessoa (BEAUVOIR, 2017).

É a partir da feminilidade que as imposições se baseiam, como a maternidade compulsória, a inevitabilidade do casamento, o papel de cuidadora e a responsabilidade pelo ambiente doméstico. A mulher também é impedida de exercer livremente sua sexualidade, de controlar sua reprodução e de seu poder de escolha em relação a isso, como a ilegalidade do aborto no Brasil. Do mesmo modo outras questões, como as trabalhistas, são envolvidas, em que recebe salários menores em cargos idênticos aos ocupados por homens (MIGUEL; BIROLI, 2014).

Todos esses aspectos são vistos como negativos e como fraquezas atribuídas à natureza feminina e por causa dessa natureza, quando na realidade são comportamentos e funções prescritos, não parte de uma verdadeira essência. A dificuldade em enxergar um início disso, da feminilidade e da opressão, facilitam muito essa naturalização, pois é algo que parece ter estado sempre presente. Assim, muitas mulheres aceitam o papel subalterno sem questionar e estabelecem-se como cúmplices dele, por ser algo certo a ser seguido e que não levanta discussões. É a crença enraizada na sociedade do que é ser mulher.

Já o papel de superior é dado ao homem, “o poder do macho embora apresentando várias nuances, está presente nas classes dominantes e nas subalternas, nos contingentes populacionais e não-brancos” (SAFFIOTI, 1987, p. 16), isso significa que em uma escala da percepção da dominação, a que ocupa a última posição é a mulher negra e pobre, porque além de ser atingida pelo sexismo e machismo, o é pelo racismo e pelas dificuldades da pobreza. Deve-se atentar, então, para o que é essa crença do “ser mulher”, que também possui problemas quando enxergamos como padrão a mulher branca e excluimos a realidade das mulheres negras que primeiro estiveram condicionadas ao trabalho forçado durante a escravidão e depois, às péssimas condições de trabalho fora de casa. Além do sexismo, o racismo é responsável pela

violência que sofrem, muitas também são maioria na parcela mais pobre da população. “A mulher burguesa sofre em maior conforto do que a mulher pobre” (SAFFIOTI, 1987, p. 69).

Sherry Ortner (1979), antropóloga e professora, afirma que a universalidade da subordinação feminina está presente em todo tipo de classificação social e econômica, em toda sociedade de todo grau de complexidade. Essa presença mostra a profundidade e inflexibilidade do problema, que requer mais do que uma reclassificação de tarefas e papéis no sistema social ou nova ordem na estrutura econômica, para ser solucionado. Muitas culturas, segundo a autora, apresentam em suas mitologias e religiões a figura feminina como exaltada, mas é preciso olhar atentamente para a materialidade da mulher se quisermos ver além das histórias de um povo. Pode-se ter um equilíbrio em representações espirituais, mas que no plano material se curvam sob uma organização e poder patriarcais.

Semelhante a essa ideia, o sociólogo Goran Therborn (2004) fez um extenso estudo sobre o poder patriarcal familiar em *Between Sex and Power*, trazendo informações principalmente sobre a Ásia, a Europa, a África e os aspectos coloniais dessas sociedades. Sua amostra apresenta que onde há a linhagem patriarcal e a falocracia, isto é, o domínio do macho, sobre a vida familiar a mulher sempre está encontra em situação de inferioridade. Alinha-se à argumentação de Ortner (1979) de que a subordinação feminina é universal na cultura, ainda que o autor trate especificamente de sistemas familiares e relações conjugais, elas são o reflexo de uma sociedade inteira.

Em um primeiro entendimento, a naturalização da inferioridade e do trabalho da mulher centra-se no cuidado, à maternidade, à capacidade de dar à luz e à criação e educação das crianças. Basicamente, como se a mulher tivesse nascido para cuidar dos outros, sendo esse um dos estereótipos que conduz a manutenção da submissão da mulher na sociedade (KUHNNEN, 2014). Kergoat (2009) ainda coloca dois princípios organizadores designados por essa divisão: o de separação e o de hierarquização. O primeiro define o que é trabalho feminino e o que é trabalho masculino; o segundo, coloca o trabalho do homem como de mais valor do que o da mulher. Assim, qualquer tipo de trabalho relacionado a isso é desvalorizado, como empregadas domésticas, funcionários de limpeza e cuidadores de crianças ou idosos, por exemplo, que por serem vistas como áreas de cuidado e “trabalho de mulher”, o salário, aplicado a essas funções, costuma ser baixo.

A opressão ocorre pelos papéis sociais designados às diferentes categorias de sexo, que a sociedade espera ver cumpridos pela identidade social de cada um. “A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que *pode* operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que *pode* atuar o homem” (SAFFIOTI, 1987, p. 8). Assim, a socialização dos

filhos e filhas é uma tarefa tradicionalmente tida como das mulheres, como mencionado anteriormente, mas para Saffioti (1987) é importante frisar que isso ocorre de maneiras diferentes para diferentes mulheres.

Para a classe dominante, não é necessário que a mulher saia de casa para trabalhar e ajudar a sustentar a casa, possuindo maior tempo de ócio para desfrutar. Mas nem por isso é isenta do trabalho manual da educação e orientação das crianças e ainda, a supervisão de outras trabalhadoras que fazem a maior parte do serviço doméstico para ela, geralmente mulheres de classes baixas. Já essas, ou precisam sair para complementar o salário do marido, ou cuidam sozinhas da família, mostrando que a vida de mulher, como cita a autora, varia de acordo com a classe social (MIGUEL; BIROLI, 2014). Seja como for, independente do trabalho assalariado, a ordem na residência fica sob as mãos femininas. Como trabalhadoras extraluar, não passaram a exercer funções apenas no espaço público, no privado já realizavam tarefas produtivas essenciais ao sistema capitalista. Afinal, toda função doméstica tem o intuito de preparar o trabalhador assalariado para o próximo dia, após encontrar alimento e descanso prontos.

A atividade realizada pelo sexo feminino, considerada como atividade reprodutiva, é de alta necessidade “à existência do trabalho assalariado [...] e ao funcionamento do capitalismo. O trabalho assalariado não poderia existir nem ser explorado na ausência do trabalho doméstico” (FRASER, 2020, p. 53), pois a criação das crianças, o cuidado afetivo e demais funções produzem novas gerações de trabalhadores, sendo a reprodução social indispensável à manutenção capitalista.

Saffioti (1987) também enfatiza a naturalização desse processo, que a mulher ao ser associada à maternidade e à capacidade dar à luz, é automaticamente ligada também à criação das crianças e assim por diante. Isso faz parte de uma racionalidade que coloca o sentimento de conexão e o cuidado como algo feminino, natural do feminino, sendo que é sobre responsabilidade em relação aos outros no reconhecimento de que eles têm direito a algo. Não significa que as mulheres sejam as únicas exercer isso, pois seria um dever de todos os seres humanos como parte da vida em sociedade (KUHNNEN, 2014). A divisão entre produção como masculina e reprodução como feminina é um artefato histórico presente apoiado pelo capitalismo, não um estado natural (FRASER, 2020). Contudo, a ordenação da vida baseada em gênero pela sociedade patriarcal define diferenças e hierarquias sociais, na possibilidade de uma sociedade não-patriarcal, homens e mulheres estariam livres para o exercício da justiça, da autonomia e do cuidado responsável nas relações (GILLIGAN, 1997 apud KUHNNEN, 2014). Dito isso, os princípios mencionados por Kergoat (2009) são válidos e crentes pela ideologia

naturalista que afirma o gênero sobre o sexo e faz os papéis sociais sexuados serem assimilados como algo determinado aos seres humanos.

Segundo Carol Gilligan (1982), mesmo o exercício do cuidado e da ética como próxima dele, é entendido e realizado de forma diferente entre homens e mulheres. Sua compreensão acerca disso ocorreu pelo estudo presente em sua obra *In a Different Voice – Psychological Theory and Women's Development* publicado em 1982. Pesquisou sobre o desenvolvimento psicológico moral de meninos e meninas por muitos anos, afirmando que o desenvolvimento psicológico de meninos e de meninas diferente em certos níveis, e ao chegar à vida adulta, as mulheres possuem uma voz moral distinta daquela desenvolvida pelos homens. A partir do senso moral, que é construído desde a infância, a moralidade masculina tende a se basear em direitos, priorizando imparcialidade, enquanto a feminina se inclina à uma ética da responsabilidade, focando em equidade no reconhecimento das diferenças nas necessidades (ROSENDO, 2012).

As diferenças nos desenvolvimentos feminino e masculino é constituída sobre as experiências e a ciclo de vida de cada um. As expectativas convencionais, como diriam Miguel e Biroli (2014), sobre o papel da mulher definem seu valor pela capacidade que ela tem de cuidar dos outros, de renunciar a si mesma em favor dos interesses alheios. Quando as mulheres possuem uma abordagem moral direcionada aos relacionamentos de cuidado e à responsabilidade nas relações, é porque sua experiência a prepara desde cedo ao cuidado maternal, gerador de um sentimento de conexão entre mãe e filha. A problemática disso, no entanto, se encontra na falta de percepção que a sociedade tem sobre a voz moral ligada ao feminino, não a percebendo ou a silenciando por considera-la inferior em comparação à suposta racionalidade presente na voz moral ligada ao masculino (KUHNNEN, 2014).

A autora não propõe um modelo ideal de moralidade, seu objetivo centra-se apenas em apresentar o processo do desenvolvimento moral e reconhecer a diferença gerada em homens e mulheres por causa de suas experiências. O mais próximo de colocar um modelo é no argumento de que a maturidade do desenvolvimento moral seria alcançada na complementaridade entre ambas moralidades (KUHNNEN, 2014), não colocando-as como feminina e masculina, inferior e superior, mas de forma que todos pudessem conciliá-las.

Baseando-se no trabalho de Gilligan (1982), a teoria do cuidado, ou a ética do cuidado, tem esse argumento como um de seus pilares. Nesse sentido, as formas convencionais da divisão sexual do trabalho produziram “uma ética distinta da ética da justiça, a chamada ética do cuidado ou do desvelo” (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 50), pois a justiça da imparcialidade do moralismo masculino não seria capaz, por si só, de compreender o fundamento de relações

e familiares. A sensibilidade e responsabilidade femininas são estruturadas de modo que levaria a considerar outras vozes e pontos de vista que não os próprios, ampliando sua capacidade de julgamento (GILLIGAN, 1982).

A “ética do cuidado” tem em comum com abordagens comunitaristas e tradicionalistas, como as de Michael Sandel e Charles Taylor, o fato de que seu ponto de partida são as relações que constituem os indivíduos, e não os próprios indivíduos, isto é, a intersubjetividade é tomada como a base da individualidade, e não o contrário. A correlação entre uma perspectiva – e sensibilidade – feminina e uma ética orientada pelas relações e pelo cuidado produziria o fundamento moral e ético para relações menos violentas (MIGUEL; BIROLI, 2014, p. 50).

Nesse sentido, a antropóloga Donna Haraway (2016) incentiva uma recomposição do conceito de parente, ou parentesco, fazendo com que signifique além da ligação por ancestralidade ou genealogia. Um novo sistema seria constituído a partir disso, permitindo mobilizar um sentido maior de comunidade e de colaboração, desviando dos sistemas de dominação. Assim, o cuidado e a responsabilidade que podemos exercer como seres humanos se estenderia aos outros seres humanos e criaturas do planeta. Para a autora, uma transformação nas relações seria um dos movimentos para acabar com a destruição do planeta e iniciar um trabalho intenso e colaborativo entre os seres, um novo começo para as relações entre humanos e não humanos.

Por fim, é através de construções sociais, históricas e culturais, então, que as mulheres receberam status inferior e posições subordinadas. A exploração feminina pode ocorrer de muitas maneiras e por inúmeros motivos, todos derivados de uma servidão ao homem. O gênero e a feminilidade foram estruturados para criar um entendimento de determinismo biológico em ambos, tornando mais fácil a aceitação de papéis sociais e sexuais como imutáveis (CISNE; FALQUET, 2020).

Porém, tudo isso começa a ser desestruturado e desconstruído aos poucos, a partir do estudo e raciocínio de mulheres que tiveram a chance de não se conformar com as imposições patriarcais. Dessa forma, elas vêm estabelecendo táticas de resistência e mudança na busca por uma solução que traga a compreensão de toda a estrutura nociva patriarcal e seu desmonte, objetivando a libertação feminina (CISNE; FALQUET, 2020).

3.1.2 Desvelando o Sagrado Feminino

Diante do que já foi abordado e da opressão sofrida, muitas mulheres se colocaram em um caminho para subverter e superar todas essas questões, com o objetivo de emancipação em

todas as esferas da sociedade. O movimento feminista certamente é um desses caminhos, buscando reconhecer os padrões sociais entre homens e mulheres e indo à raiz do problema, para dar fim à opressão sexista (HOOKS, 2019). Outro caminho escolhido por mulheres, de reconhecimento de características tipicamente femininas como positivas, é o caminho da Deusa. As espiritualidades femininas, ou *female spirituality* (CORDOVIL, 2016), sugerem uma perspectiva que substitui o olhar de inferioridade sobre a mulher e as funções sociais pelo seu enaltecimento com base no sagrado.

Ganhando popularidade desde a década de 1960, esses modelos de espiritualidade encontram-se presentes no tipo mais conhecido do *New Age* ou Nova Era, e se baseiam no pacifismo, na espiritualidade e nas relações de harmonia com a Natureza (ARRUDA, 2018). Contudo, grande parte da credibilidade nessas espiritualidades femininas, que neste trabalho chamaremos de *Sagrado Feminino* (CORDOVIL, 2015), está na própria crença de um passado pré-patriarcal, em que o poder da sociedade estava nas mãos das mulheres em uma sociedade em que o feminino era venerado. Essa ideia surge pelas estatuetas e objetos encontrados em sítios arqueológicos, como a Vênus de Willendorf, que representa uma mulher de seio e ventres fartos, servindo de inspiração e evidência de um matriarcado pré-histórico (ELLER, 2000).

Dentre aquelas que creem nisso, Cynthia Eller (2000) afirma estarem mulheres acadêmicas, artistas, mães que não trabalham fora, feministas de longa data e mulheres jovens que recém começam a entender a ideia de viver em um mundo patriarcal. Grande parte são brancas e de classe média, com educação superior e educadas no cristianismo. Algumas, como as que também são mães, enxergam a espiritualidade do Sagrado Feminino como um modo de obterem o respeito que sentem não receber.

As ações naturais do corpo biológico feminino tornam-se símbolos e as características atribuídas a elas de forma negativa pela sociedade, são reconhecidas e enaltecidas. Também se incluem figuras femininas que representam aprendizados para as mulheres, como deusas de religiões antigas e mitologias, que recebem um grau de arquétipos e autorizam a concepção de que mulheres “são essencialmente diferentes de homens em relação a características culturais, emocionais e espirituais” (FRANCO; MARANHÃO, 2019, p. 136). O suposto período de matriarcado incentiva nas práticas mais recentes modelos de paz, abundância, harmonia com a Natureza e igualitarismo entre os sexos (ELLER, 2000). Isso é algo encontrado no movimento *New Age*. A questão da Mãe Terra e a mulher como figura central também é muito presente em comunidades que seguem essa linha espiritual.

Essas estão presentes no Sagrado Feminino por haver uma forte demarcação entre o feminino e o masculino, enfatizando os aspectos de cada um e as diferenças que, culturalmente,

os permeiam. Antes marcas de vergonha ou subordinação, quando associadas às mulheres, sob essa perspectiva matriarcal da espiritualidade tornam-se símbolos de orgulho e poder. É uma teoria firmada em um mito que alia sexo, corpo e natureza, definindo as mulheres como “quem dá à luz” e quem nutre (ELLER, 2000).

Apesar de termos tratado da questão das bruxas na Idade Média, é necessário afirmar que neste trabalho não queremos utilizar disso como uma confirmação de sociedade matriarcal pré-patriarcal, pois as atividades e costumes das mulheres daquela época davam-se por necessidade de subsistência e por uma relação de colaboração com a Natureza, não por sentirem algo próximo de uma conexão espiritual. Diferentemente do Sagrado Feminino, que enaltece uma relação essencialista entre mulher e Natureza.

O mito de um passado antigo e matriarcal é o que rege essa espiritualidade feminista, como chama Eller (2000), e a ideia de uma sociedade pré-histórica baseada na idolatria a uma deusa e suas sacerdotisas mulheres é considerada muito importante nesse meio para dar às mulheres de hoje uma história à qual se firmar e buscar recriar. A autora também usa o termo *feministas matriarcalistas* para denominar aquelas que creem nessa pré-história feminina. O trabalho de historiadoras, antropólogas e paleontólogas que descobriram possíveis indícios desse passado não tinha aspecto religioso inicialmente, mas foi utilizado para construir esse viés espiritualista.

O termo *espiritualista* é importante pois não se trata de uma instituição religiosa, por sua flexibilidade institucional e mesmo, hostilidade contra qualquer dogma religioso que possa tentar definir o movimento ou criar uma associação. Assim, encontros ocorrem frequentemente em celebrações de solstícios e equinócios, para realização de rituais de autoempoderamento e culto à deusa e deusas de diversas culturais do mundo. Partilha de rituais de divinação, cura, magia e meditação guiada também são presentes em suas práticas, bem como o ensino da sagrada história do mito do matriarcado pré-histórico.

O que mais inspira a crença atual é algumas descrições de que nas sociedades matriarcais os indivíduos viviam em “paz, prosperidade, harmonia com a natureza, uso apropriado de tecnologia, liberdade sexual (liberdade reprodutiva inclusiva) e justiça e papéis em equidade para mulheres e homens” (ELLER, 2000, p. 41, tradução nossa). Na religião da deusa também havia uma maior proximidade com a natureza, uma ligação com as estações do ano e com a terra e uma intercomunicação com todas as criaturas, seres energéticos e os planetas.

A agricultura é tida como uma invenção de responsabilidade feminina e outras disciplinas de saber como a matemática, a astrologia e filosofia teriam suas origens no passado matriarcal. Haveria um senso de comunidade em tais sociedades, em que as crianças eram

educadas e cuidadas pelo todo e não apenas por uma única mulher. A matrilinearidade e a matrilocidade seriam vigentes e a visão da mulher como mãe, tanto sagrada quanto soberana, é o que caracterizaria a organização social, ampliada até as suas crianças. Tanto é que, o papel do homem seria muito pouco ou quase nenhum, com um adulto ainda visto sob os cuidados da mãe: “*men could never become mothers in matriarchal society (or anywhere else, for that matter), so they would then seem to be forever the second kind of person: children*” (ELLER, 2000, p. 44).

Apesar disso, não seria uma infantilização do homem, pois ele teria responsabilidades relacionadas à caça e ao comércio. Com isso, e seguindo o pensamento crítico de Eller (2000), questiona-se qual seria realmente o poder e posição das mulheres nesse tipo de sociedade, se papéis mais combativos e de relações exteriores ainda seriam ações masculinas. Consta que a oposição entre público/privado não existiria, mas ainda se separa o campo de atuação da mulher daquele do homem, ainda se estabelecem papéis diferentes e funções diferentes com base no corpo feminino e seu potencial reprodutivo, criando-se uma aura de milagre, misticismo e sagrado que constitui toda uma cultura e religião.

A era de ouro matriarcal acaba com a ascensão do homem ao poder em uma revolução patriarcal, que acontece por meio de invasões de outros povos que derrotaram as sociedades matriarcais e impuseram seu sistema social e político, ou ainda, por mudanças sociais que deram governabilidade ao homem na medida em que ele percebia seu papel essencial na reprodução, antes desconhecido. Assume-se que os meios de produção na agricultura e outros produtos foram colocados nas mãos masculinas devido à força física do homem que é vista como superior, dando a eles motivo para controlar a sociedade (ELLER, 2000; STONE, 2012).

Desde então, o mundo teria sofrido com a opressão masculina que evita reconhecer o poder presente nos corpos femininos. Partindo disso que muitas mulheres participantes dessa crença são chamadas feministas, e as *espiritualidades feministas*, porque buscam a emancipação e independência femininas, mas o fazem através da espiritualidade não por meios políticos e materiais (CROWLEY, 2011). Pois, essa perspectiva espiritualista do passado matriarcal acredita que ao retomarmos o poder do feminino, elevando suas características e qualidades, poderemos romper com a opressão e o poder patriarcais, enaltecendo a mulher e a capacidade de criação de seu corpo que tem uma profunda ligação com a terra, a natureza e a vida (ELLER, 2000). Assim sendo, a harmonia entre homens e mulheres, a não-violência e a cooperação encontradas nas sociedades pré-patriarcais seriam valorizadas novamente. É no enxergar um passado promissor em que mulheres eram deusas, sacerdotisas e governantes, que

tentam trilhar um caminho na espiritualidade que as levará outra vez a esse tipo de sociedade sem abusos.

Com base nisso, a espiritualidade é considerada como empoderadora para muitas mulheres, que acabam vendo em danças e rituais uma forma de exercer certa liberdade. Encontrando outros modelos de feminilidade que trazem uma ideia de maior liberdade e autonomia nas diferentes práticas culturais presentes em movimentos espiritualistas como o *New Age* (CROWLEY, 2011).

Isso começa mais como uma mudança *interna* do que *externa*. A vontade de mudar o mundo e acabar com a opressão às mulheres se manifesta no desenvolvimento espiritual *interno*, diferentemente do feminismo que mantém seus esforços em ações externas. Tal articulação implicou em uma série de críticas às espiritualidades femininas desde décadas atrás, sob acusações de ser um movimento apolítico, que não considera a estrutura social e desvaloriza os esforços prestados pelas feministas. Como Crowley (2011) bem coloca, uma parte das mulheres iniciadas na espiritualidade vem de grupos de leitura com ensinamentos de contos e figuras arquetípicas de livros para inspirar o feminino a ampliar-se e às mulheres a se empoderarem.

Uma das obras muito utilizadas para esse fim, inclusive na família da autora, é *Mulheres que Correm com os Lobos* (1994), de Clarissa Pinkola Estés, que já na sinopse dá indicações da temática presente com o movimento espiritualista feminino:

Medo, depressão, fragilidade, bloqueio e falta de criatividade são sintomas cada vez mais frequentes entre as mulheres modernas assoberbadas com o acúmulo de funções na família e na vida profissional. Esse problema, no entanto, não é recente, acredita a psicóloga junguiana Clarissa Pinkola Estés. Ele veio junto como desenvolvimento de uma cultura que transformou a mulher numa espécie de animal doméstico. *Mulheres que correm com os lobos* identifica a essência da alma feminina, sua psique instintiva mais profunda, com o arquétipo da Mulher Selvagem, e propõe o resgate desse passado longínquo como forma de atingir a verdadeira libertação (ESTÉS, 1994).

Esse tipo de leitura pode trazer reconhecimento das opressões e raiva às mulheres, mas muitas mantêm-se apenas nos clubes e não direcionam esses sentimentos para ações externas que podem, de fato, construir mudança. Segundo Crowley (2011), é nisso que reside a problemática e o desentendimento acerca das espiritualidades praticadas por mulheres. Demais feministas ainda, não querem se aliar à um movimento que represente despreocupação com a esfera política e material das mulheres. Há também a questão do enaltecimento de qualidades “femininas”, algo que o feminismo lutou contra por muito tempo, opondo-se à uma essência

feminina e um jeito próprio de ser mulher. E a visão de superioridade sobre a mulher não pode ser expressada quando barrada por circunstâncias externas.

Apesar disso, pode-se dizer que desenvolver a espiritualidade têm ajudado mulheres a construírem a autoconfiança e autoaceitação, autoconsciência e emancipação espiritual. Esse alinhamento com o movimento *New Age* têm uma maneira diferente de protestar e opor-se às instituições patriarcais. Contudo, é preciso ter um certo nível de apoio material para poder exercer isso, o que pode explicar por que grande parte desse público são mulheres brancas, de classe média, ocidentais e com percurso acadêmico. Mulheres de classes baixas e de diferentes raças e etnias não se encontram tão presente nesse movimento, possivelmente por não terem as mesmas condições materiais ou por exercerem outras práticas derivadas de diferentes heranças culturais, espirituais e religiosas (CROWLEY, 2011).

As inspirações para o caminho da deusa e do empoderamento feminino pelo viés espiritual podem vir de muitos lugares, sejam eles históricos ou literários, pela influência de doutrinas estrangeiras e tradicionais ou saberes mais locais, mas o objetivo em comum é o desenvolvimento das mulheres. Mesmo com o foco no espaço individual e privado, o Sagrado Feminino apoia que a partir disso que se dará o empreendimento coletivo. A aposta está na ajuda que propostas terapêuticas de cura e experiências místicas e holísticas podem dar à humanidade, centrando-se no autodesenvolvimento como chave para a mudança no melhoramento humano (COMUNELLO; CARVALHO, 2015).

O Sagrado Feminino tem proximidade, ou ainda, pode fazer parte, da perspectiva cultural do ecofeminismo. Isto é, dentro da teoria do movimento feminista estabelecem-se o que se costuma chamar de correntes feministas, sendo uma delas o ecofeminismo, derivado da junção entre ecologia e feminismo, buscando evidenciar a relação entre a busca por emancipação feminina com a busca por justiça ambiental (RUETHER, 2000).

Referente ao termo, a ecologia traz o olhar sobre o que a sociedade considera não-humano, como os outros animais e a natureza e de que forma os seres humanos estão prejudicando os bens naturais e causando destruição da vida no planeta (RUETHER, 2000). As feministas afirmam que apesar da importância disso, um olhar apenas da ecologia não é suficiente, é preciso acrescentar a ótica do gênero nessas questões para compreender como a dominação da natureza está ligada à dominação das mulheres e que ambas se apoiam, “a cura ecológica requer uma conversão psicocultura/espiritual dessa postura antropocêntrica de separação e dominação” (RUETHER, 2000, p. 129). Nesse sentido, o ecofeminismo expõe o olhar de objetificação que o patriarcado lança sobre mulheres e não-humanos e o considera como principal fator para a opressão e desigualdades sociais presentes na sociedade

(SILIPRANDI, 2000). A abordagem ecofeminista, portanto, visa identificar os mecanismos de dominação sobre mulheres e natureza como uma forma de expor que a opressão patriarcal possui diversas facetas e todas são interligadas (GAARD, 2011).

Contudo, o ecofeminismo também possui diferentes perspectivas, que a ecofeminista pesquisadora e filósofa Alicia Puleo (2000) coloca como clássica, construtivista e espiritualista. A tendência clássica propõe uma ética feminina, com práticas de cuidado e pacifismo, de proteção aos seres vivos e contra à agressividade presente na masculinidade e na busca de poder dos homens que está destruindo o planeta. Já tendência construtivista tem uma abordagem mais politizada, afirmando que a relação entre mulheres e natureza ocorre a partir da exploração que os homens fazem de ambas, e que isso gera um prejuízo enorme para o planeta e para o contexto social feminino. A tendência espiritualista apresenta a espiritualidade como responsável pela relação entre mulheres e natureza, pois seria algo natural da condição feminina ter uma forte ligação com a natureza e compreensão do funcionamento dela e dos ciclos naturais (PULEO, 2000).

Ainda que considere uma questão histórica e social da opressão patriarcal sobre mulheres e natureza, a perspectiva ecofeminista espiritualista (PULEO, 2000) ou essencialista (RUETHER, 2000) baseia-se na crença de que a ligação entre mulheres e Natureza é mais forte por se tratar de um vínculo natural, enxergando as mulheres como parte da Mãe Terra por serem capazes de dar à luz, ter ciclo menstrual, o que as aproximaria da fertilidade da terra e dos ciclos naturais. O pensamento de que as mulheres são mais sensíveis, emotivas e empáticas as tornaria mais propensas a compreender o sofrimento da natureza e, portanto, combatê-lo, honrando o vínculo através de rituais, e o reconhecimento da união entre mulheres e Terra (RUETHER, 2000).

Mais uma vez, essa perspectiva é trazida pela crença de um passado matriarcal em que uma grande Deusa mulher era venerada. Assim, a passagem para o patriarcado e para a opressão consistiria numa revolução religiosa em que a Deusa foi reprimida pelo Deus masculino, como em uma espécie de “queda do paraíso”. Segundo Ruether (2000), isso traria as bases para reinventar uma adoração à Deusa e através disso, rejeitar todas as formas de religião e abuso patriarcal, criando novos grupos cúlticos e o desenvolvimento de práticas rituais espirituais. Porém, a autora afirma que é preciso ter cuidado ao adotar esse tipo de olhar e abordagem, pois muitas pessoas se centram em grupos privilegiados e compostos por uma elite branca e fora da esfera de pobreza, o que acaba por desviá-las de um ecofeminismo que evidencia questões de classe, raça e cultura. A pesquisadora afirma que “um ecofeminismo que não tenda a se tornar um escapismo cultural para uma elite privilegiada de mulheres do Ocidente precisa estabelecer

conexões concretas com as mulheres que estão na base do sistema socioeconômico” (RUETHER, 2000, p. 134).

Essa abordagem espiritualista também é vista como parte de uma teologia ecofeminista, justamente por se apoiar na sacralidade e propor o aprofundamento das relações humanas com os demais seres da Criação, também “pela tentativa simbólica de substituição de divindades masculinas por divindades femininas, sustentadas nos processos biológicos das mulheres” (CANDIOTTO, 2012, p. 1409). Considera-se que está situada em uma vertente espiritual pós-cristã, pois o respeito às mulheres e demais seres vivos vem de serem sagrados, e não por terem direito inerente à vida fora de um contexto espiritualista (CANDIOTTO, 2012). Porém, em nenhum momento se faz inválidas as possibilidades mobilizadoras e conquistas proporcionadas por essa abordagem em prol do bem-estar de mulheres (ANGELIN, 2017).

Nesse sentido, é possível compreender uma aproximação entre o Sagrado Feminino e o ecofeminismo espiritualista, pois ambas abordagens buscam elevar o status da mulher de alguma forma e creem em sua relação com um divino feminino, seja através do passado com o culto à uma Deusa, ou por uma relação natural da mulher com os ciclos da terra e da natureza. Mas, o Sagrado Feminino não relega tanto destaque à natureza, tendo uma preferência por focar nas práticas espirituais das mulheres em si e sem o objetivo principal de tratar de temáticas sociais. E o ecofeminismo espiritualista, já está situado dentro da teoria de um movimento social, então ainda que traga questões de sagrado e rituais espirituais, a abordagem tem direcionamento para temas políticos e sociais.

Em se tratando de uma perspectiva da teoria feminista, o ecofeminismo deriva do próprio feminismo. Este, por sua vez, tem como maior semelhança ao Sagrado Feminino o destaque dado às mulheres, porém, a abordagem costuma divergir enormemente. Quando tratamos de feminismo (CISNE, 2014; DEVREUX, 2005; FALQUET, 2012; HOOKS, 2019) nos referimos a um movimento que busca o fim do sexismo, da exploração sexista e da opressão, colocando esforços para combater o sexismo institucionalizado sistêmico e envolvendo questões de classe e raça (HOOKS, 2019). Assim, grande parte de seus esforços centra em luta e prática política e social, demandando direitos para as mulheres, como direitos reprodutivos e trabalhistas.

Ao passo que o Sagrado Feminino reconhece e enaltece as diferenças estabelecidas entre mulheres e homens no âmbito social, destacando as características consideradas femininas como positivas, o feminismo busca identificar tais diferenças sociais, reconhecê-las e desmantelá-las. Mencionamos a questão do trabalho masculino e do trabalho feminino, exposta pelas teorias feministas que a colocam como algo construído justamente para manter uma

separação e fazer a manutenção dos papéis de gênero em prol dos sistemas de dominação do patriarcado e do capitalismo. O feminismo busca o fim dessa manutenção e do que conhecemos como papéis de gênero, se dispondo a acabar com uma hierarquia entre mulheres e homens, lutar contra a exploração capitalista e mentalidade neoliberal (FRASER, 2020).

Assim, a perspectiva sagrada vê as funções femininas como parte de sua essência de sua natureza. Quando em contraposição, a perspectiva feminista as vê como designadas e construídas socialmente (CISNE, 2014), não necessariamente femininas, mas tarefas e funções como ter sensibilidade, criar os filhos e manter o ambiente doméstico organizado que deveriam ser responsabilidade humana e não apenas de um grupo. Essa é a diferença fundamental entre Sagrado Feminino e feminismo. O primeiro traz um outro olhar sobre os papéis de mulheres e homens, e o segundo, tem por objetivo romper com a ideia de que haveria um papel específico para mulher e outro para homem.

Por grande parte de seu exercício visível manter-se na esfera pública, e aquele de esferas mais particulares e um conhecimento profundo do que realmente é feminismo e toda a amplitude desse movimento, muitas mulheres podem pensar que ele procura tirar o que já conhecem e deixá-las desamparadas quanto às questões mais pessoais, justamente a espiritualidade e a falta de um modelo do que seria uma sociedade não sexista. Como coloca Hooks (2019), isso acontece porque o que não é hegemônico e tem potencial revolucionário é deixado de fora do acesso comum e da mídia acessível. Assim, sem antes mesmo saberem o que são as diferenças entre homens e mulheres sob paradigma patriarcal e os problemas disso, algumas mulheres partem para uma espiritualidade que traz olhar positivo sobre si mesmas e aquilo que já conhecem, como o Sagrado Feminino, já presente nas redes de comunicação e com informação de acesso facilitado pela mídia, como visto no mapeamento realizado.

Outra questão que isso leva é ao tempo proposto por cada solução, dado que o Sagrado Feminino propõe soluções mais imediatas com seus rituais e direcionamento claro de culto à uma Deusa mulher. Pois o movimento feminista depende muito de fatores externos e uma forte pressão política para alcançar determinadas conquistas e direitos, focando em questões que podem ser efetivadas à longo prazo, desviando de algo que mulheres possam buscar no momento presente. Com isso, queremos ressaltar que não estamos problematizando mulheres buscarem o sagrado como um guia para suas vidas, mas sim, procurando explicar uma possível motivação para se inteirarem disso e não do movimento feminista como uma ferramenta para libertar a si mesmas e as mulheres na sociedade.

Diante disso tudo, nos questionamos a forma com que isso ocorre na prática na vida de mulheres partindo de referências midiáticas e se as ecovilas seriam espaços facilitadores desse

desenvolvimento e melhoramento humano que poderia trazer possibilidades mais amplas e liberdade às mulheres.

3.1.3 A espiritualidade do Sagrado Feminino nas Ecovilas

As ecovilas como comunidades intencionais, fazem parte de uma busca por alternativas ao modo de viver da sociedade atual. Muitas utilizando de motivações como a busca pela espiritualidade, pacifismo e comunitarismo em prol da transformação pessoal e de relações mais harmônicas com os outros e a natureza. Geralmente isso se dá por um núcleo de valores compartilhados entre os membros, focando na espiritualidade (PRADO, 2018).

A visão holística como visão de mundo também é muito presente na dinâmica das ecovilas e comunidades intencionais, fazendo referência à relação do ser humano consigo mesmo e a que estabelece com os demais seres vivos através da ação da ética, justiça e responsabilidade, e, portanto, da espiritualidade (PRADO, 2018).

Sobre isso, algumas ecovilas possuem um centro holístico atrelado ao seu espaço, como é o caso da Comunidade Inkiri em Piracanga - BA, analisada por Barbara Flores em sua dissertação. A pesquisadora relata que a comunidade possui a espiritualidade como um pilar através de um forte trabalho para fortalecer a vivência comunitária por meio de encontros e cerimônias de espiritualidade, de reuniões e outros eventos semelhantes. As tomadas de decisão e discussão de diversos assuntos ocorre pela troca de experiência, objetivando a espiritualidade. Manter a harmonia nas relações e nos acordos de convivência é uma preocupação muito grande dessa comunidade, que mantém regras claras para evitar conflitos e se apoia sobretudo no desenvolvimento pessoal por meio da espiritualidade (FLORES, 2013).

Devemos atentar à possibilidade de mercantilização existente em certas ecovilas, que apesar do foco em espiritualidade e junto ecologia e arte, se adequam à lógica do mercado ao comercializar lotes e construindo um condomínio voltado para as classes média e alta, ao invés de um ambiente focado no desenvolvimento humano (PRUDENTE, 2006).

Porém, isso parece ser a exceção e não a regra. Isso difere do objetivo de oferecer vivências e cursos no tema, para auxiliar a economia da ecovila e facilitar contato com o público externo (ROYSEN, 2018), pois o objetivo principal não é a comercialização. Afinal, Prado (2018) afirma que muitos estudos sociológicos já colocam que a espiritualidade é o que mantém as comunidades fortes, facilita sua expansão e incentiva os membros a serem unidos. A prática espiritual, dessa forma, realmente faz uma diferença. Findhorn, o autor coloca, que é uma ecovila presente na Escócia e uma das mais antigas conhecidas nessa categoria de comunidade,

surgiu espontaneamente pela associação de valores e crenças que um grupo de pessoas possuía e logo, tornou-se uma das mais fortes comunidades intencionais existentes (CITIZEN INITIATIVE, 2017 apud PRADO, 2018).

Ou ainda, serve também para fortalecer laços e conhecimento entre diferentes comunidades que partilham de valores semelhantes. Algumas práticas espirituais foram adotadas por comunidades a partir de rede de colaboração e trocas de informações com outras ecovilas, em um sistema informal de relações que se mostra muito importante para o desenvolvimento delas e difusão das ações que praticam (ROYSEN, 2018).

Siqueira (2012) também relata espaços dentro de ecovilas que servem a esse propósito sem serem necessariamente centros holísticos, como bibliotecas com livros e apostilas voltados à espiritualidade e religião, além da permacultura. Assim, junto de valores ecológicos e comunitários, a espiritualidade se faz presente em práticas cotidianas (ROYSEN, 2018).

A busca pela harmonia com a Natureza e o afastamento da estrutura social vigente, bem como a busca pela transformação social através de experiências bem-sucedidas são algumas das motivações que levam os indivíduos a procurarem a espiritualidade nas comunidades intencionais (PRADO, 2018). Algumas ecovilas se referem a esse núcleo de valores compartilhados justamente como “espiritualidade”, e de certa forma, é o que atrai também o público externo. Siqueira (2012) menciona o exemplo colocado por Cunha (2012), sobre a comunidade de Auroville no sul da Índia que é hoje um dos maiores centros de peregrinação de praticantes de Ioga no mundo inteiro. Assim, muitas comunidades também crescem devido a seus valores e práticas espirituais, criam-se redes entre aquelas de práticas semelhantes e visões comuns.

Os sentimentos de pertencimento, lar e segurança evocados pelo senso de comunidade é o que leva muitas pessoas a buscarem esse tipo de lugar com esse tipo de práticas (KOZENY, 2003). As experiências espirituais e religiosas são um recurso que oferece aos sujeitos “um conjunto de elementos e de princípios que satisfazem suas necessidades mais relevantes” (SINISTERRA, 2013, p. 30), como também a consolidação de referências para a afirmação de sua identidade, a adoção de novos significados na vida.

Os rituais e manifestações de espiritualidade e de tradições culturais das ecovilas estão contidos nas expressões criativas e artísticas praticadas e celebradas, é o que forma sua dimensão espiritual e cultural cujo objetivo é conectar os indivíduos e indicar um propósito de vida mais amplo (SANTOS JR., 2006). Estimula-se o crescimento pessoal, o respeito à dignidade humana, o engajamento na proteção de comunidades e da natureza, a diversidade, a reconexão entre ser humano e natureza e o estilo de vida de baixo impacto ambiental.

Nesse sentido, a dimensão espiritual é um dos aspectos base das ecovilas e comunidades intencionais. Questões como a expansão da consciência, identidade e missão se relacionam com a responsabilidade de “curar” a Terra e considerar a vida como um todo em que se integram tanto humanos quanto não-humanos (SIQUEIRA, 2012). Para Comunello (2017), a espiritualidade e o movimento de reintegração à natureza, seus ritmos e ciclos estão ligados à transformação que elas querem dar por conta da crise ambiental e do colapso iminente à que estamos submetidos. As mudanças sociais não podem ser alcançadas e a sustentabilidade não pode ser efetiva se não houver qualidade de vida, que pode ser buscada através de crescimento, comunicação e espiritualidade, como afirma Von Lüpke (2012), não pode haver a construção de um mundo diferente sem novos valores culturais, éticos e espirituais.

Dessa forma, os membros de comunidades intencionais se distanciam das normas e dos valores comuns pregados em nossa sociedade, tais como o materialismo consumista e a falta de espiritualidade e se voltam para o senso de comunidade e lar criados por meio de rituais, celebrações e reuniões espirituais (MEIJERING; HUIGEN; VAN HOVEN, 2007). Isso pode explicar o motivo de mulheres escolherem esses locais para exercer sua espiritualidade e realizar cerimônias e rituais relacionados ao feminino e relações de harmonia e respeito para com a Deusa, a natureza e os demais membros da comunidade.

Na Vila Céu do Mapiá, visitada e estudada por Ana Carolina Simas (2013), a cultura está ligada aos modos de vida tradicionais da floresta amazônica e é através da espiritualidade que se propõe ecológica e comunitariamente a revalorização da floresta. Composta por pessoas de vários locais do Brasil e do mundo, a comunidade incentiva uma forte interação entre os saberes e o conhecimento dos povos da floresta e outras visões de mundo, o compartilhamento de experiências e origens culturais diversas de seus moradores e visitantes (SIMAS, 2013). Os Círculos de mulheres estão presentes nessas experiências e relatos.

Segundo o trabalho de Mary Sinisterra (2013), uma pesquisa realizada na comunidade e ecoaldeia de La Atlântida na Colômbia com as mulheres locais, foi possível saber que em certos lugares há grupos de mulheres que se reúnem com propósitos espirituais. Assim, elas se juntam no que podemos chamar de Círculo de Mulheres. Os Círculos de Mulheres são o mais próximo de uma junção entre o Sagrado Feminino que conhecemos como expressado em diferentes grupos sociais difundidos através da mídia (SINISTERRA, 2013), e os saberes tradicionais de povos latino-americanos. Isto é, por ser uma das formas com que as espiritualidades femininas, ou *female spiritualities* são exercidas em comunidades e ecovilas na América do Sul.

Os elementos presentes nisso correspondem, portanto, com a manifestação do Sagrado na Mulher, que na América do Latina se relacionam diretamente com “o Movimento da Deusa, A Mulher Deusa e o Feminino Sagrado, que se nutriram de experiências precedentes nos Estados Unidos e de países da Europa” (SINISTERRA, 2013, p. 98). Nesse sentido, apesar das diferentes histórias e mitologias, desde as cosmogonias das tradições de comunidades étnicas andinas e as dos povos originários americanos, a ideia do feminino está sempre ligada às figuras das deusas como detentoras da capacidade de gerar a vida. Uma dessas figuras é a Pachamama como mãe universal.

Para elas, esses círculos são um espaço de socialização com o intuito de recuperar as sabedorias ancestrais femininas. São trocados conhecimentos dentro dos temas relacionados aos corpos femininos, seus ciclos hormonais, questões espirituais, discussões envolvendo saberes tradicionais, relações sociais e de gênero, assuntos de saúde e de caráter cultural, questões políticas e ambientais (SINISTERRA, 2013). O Círculo da pesquisa da autora era o Círculo Kilawasi, que aborda a dimensão do feminino a partir da integração de saberes e práticas ancestrais e de uma condição sagrada do feminino cujo discurso carrega um conjunto de elementos que envolvem a integração das mulheres com a natureza, os animais e as plantas. No Círculo estão presentes muitos dos princípios e elementos simbólicos dessas mulheres e de seus espaços, como as recriações das representações coletivas em torno do conceito de feminino. Sinisterra (2013, p. 91) afirma que “ultrapassa a discussão de gênero e que se aproxima de uma ideia telúrica de origem. O tema do feminino apresenta-se como um recurso construído com base em princípios ideológicos e como princípio construtor de identidades e gerador de mudança social”.

Contudo, é necessário colocar que durante a pesquisa de Sinisterra (2013), nenhuma das mulheres se posicionava como feminista ou em busca de uma mudança na sociedade como um todo. Elas tinham um desejo de equilibrar as relações com os homens, pois, como bem afirmar a pesquisadora, ser uma ecoaldeia por si só não significa relações isentas de conflitos e disputas de ordem social, apesar dos critérios de comunidade e espiritualidade. Há uma certa divisão harmoniosa nas tarefas e atividades do local, mas o mais importante para elas era aprofundar uma essência feminina, preferindo focar em características derivadas disso, como a delicadeza e o cuidado para com os filhos. Tampouco foi tratado sobre a forma com que o feminismo questiona o gênero e seus papéis, nem formas de militância. A autora identificou uma certa hostilidade em relação ao feminismo, considerado como parte de algo que poderia fazer com que as mulheres se perdessem de si mesmas, vestissem roupas masculinas e não tivessem crianças (SINISTERRA, 2013).

De qualquer forma, todos os anos o Círculo de Mulheres se reúne em prol de trabalhar e discutir aspectos constituintes do que chamam como universo feminino, levando em consideração todas as questões espirituais que desenvolvem próximas de si e das culturas ancestrais e suas relações com outras mulheres, com os homens e com a natureza. Nesse sentido, a espiritualidade nessa comunidade e mesmo, em outras ecovilas, serve como uma oportunidade de que as mulheres tenham espaços apropriados para suas cerimônias e crenças, bem como espaços próprios. Contribuem, também, para resolução dos déficits de cuidado que fazem parte da crise que sofremos, junto das mudanças climáticas e da desdemocratização (FRASER, 2020).

3.2 O SAGRADO FEMININO NA MÍDIA E O CONSUMO

Quando tratamos de qualquer tipo de mobilização social, capitalismo, soluções e alternativas, é importante tratar também de comunicação, da internet e das redes sociais digitais, pois a sociedade em que vivemos hoje é permeada pelos meios de comunicação e as redes de compartilhamento, troca e informação construídas nelas e em plataforma digitais. A própria comunicação estendeu e aprofundou seu papel essencial nos processos das demandas sociais e as novas tecnologias da informação vem integrando o mundo em redes globais, gerando comunidades e interações virtuais. Assim, há também uma nova forma e grau de sociabilidade, mas que ainda se desconhece as consequências culturais.

Uma transformação tecnológica em nossa sociedade vem possibilitando uma melhoria de nossa capacidade produtiva, criativa e potencial comunicativo. As redes que baseiam essa estrutura social são parte dos instrumentos apropriados para a economia capitalista, sendo o capital investido através dessas redes por todo o globo e inúmeros setores de atividade como de informação, negócios de mídia, saúde, tecnologia, turismo, religião, entre outros. É importante atentar para isso, pois há processos dominantes em atividade nas redes dando forma às relações sociais. A mídia envolve produtores de conteúdo e consumidores em uma experiência contínua de engajamento e desengajamento (SILVERSTONE, 2005).

Por muito tempo a mídia foi configurada em um modelo determinado de um-para-muitos, mas que hoje está inserida na ideia de que produtores e consumidores de mídia se tornaram, ou têm grandes chances de serem, um mesmo indivíduo (COULDRY, 2004), estendendo sua variedade no cotidiano (COULDRY, 2012). Esse papel desempenhado pela mídia trouxe consequências para os usos das mídias, especialmente com a internet e as redes sociais digitais inseridas cada vez mais em nosso cotidiano, exigindo uma reconfiguração em

nossos olhares sobre os processos midiáticos e de recepção (COGO; BRIGNOL, 2011). Nisso, a mídia está presente em todas as esferas de nossa vida, interferindo nas interações sociais e propondo uma nova “estruturação das práticas sociais marcada pela existência dos meios” (COGO; BRIGNOL, 2011, p. 79).

Baseando-se em Couldry (2009), Escosteguy (2011) afirma que tratar a mídia como prática é compreender os entrelaçamentos entre ela e as relações de poder presentes na vida cotidiana já saturada pela mídia. Afinal, as narrativas pessoais midiáticas são atravessadas por elas (ESCOSTEGUY, 2011). Isso nos permite tratar da mídia e de práticas midiáticas por meio do consumo, que pode ser entendido de forma ampla abrangendo esferas de produção midiática, consumo do receptor e produção do receptor.

Associando a essa questão, Schmitiz *et al.* (2014) realizaram um estudo sobre o tema fundamentando-se principalmente em García-Canclini (1993) e Morley (1996), que entende o consumo midiático como articulado ao uso e apropriações da produção cultural midiática, nisso, inclui-se grandes meios como televisão, rádio, livro, internet, blogs, sites e os produtos e conteúdos proporcionados por esses meios, com filmes, séries, informações, etc. Nisso, em estudos sobre consumo midiático, interessa pesquisar em três pontos: o primeiro é saber o que os indivíduos consomem da mídia, o segundo a maneira como se apropriam dela e a utilizam, e terceiro, o contexto de envolvimento com ela, como lugares ou rotina. Isso permite conhecer as diferentes relações e configurações acerca da presença dos meios de comunicação e dispositivos, pois, conforme mais tecnologias se agregam à nossa vida, mais nossa interação com elas se modificará, transformando também nosso comportamento (SCHMITIZ *et al.*, 2014).

As ecovilas, mesmo mantendo uma distância dos conglomerados midiáticos e focando em outras formas de relação que não as do meio online, também necessitam utilizar das mídias digitais para fazerem-se conhecidas e obterem sustento financeiro. Nas ecovilas, as tecnologias digitais ou a mídia audiovisual são canais para “a manutenção econômica das comunidades com a venda de produtos e serviços”, e também “para a disseminação de princípios ecológicos em benefício do planeta e das gerações” (RONSINI, 2019, p. 17). Dessa forma, não consumimos apenas bens e objetos, mas informações, como afirma Silverstone (2005), o consumo é uma própria forma de mediação pois os valores dados aos objetos, serviços e mensagens são transformados na linguagem.

Em se tratando do Sagrado Feminino, muitas de suas adeptas são criadoras de redes midiáticas através da publicação de obras literárias, páginas de conteúdo nas plataformas digitais e grupos de compartilhamento de informações, como visto no mapeamento midiático

realizado. Citando Ronsini (2019, p. 17) “as formas de vida só podem ser transmitidas culturalmente e, contemporaneamente, através da circulação delas nos meios de comunicação impressos, audiovisuais, digitais”. Percebe-se a existência de um esforço em obter informações e realizar compartilhamentos ao redor do poder espiritual feminino, do que é ser mulher e aprendizados sobre identificação e cumplicidade. “Círculos Femininos, culto à Deusa, Wicca, estudos aprofundados sobre ginecologia natural e ciclos menstruais, produção de conteúdo direcionado às mulheres, participação dessas mulheres em práticas e grupos representativos da espiritualidade na Nova Era, entre outros” (LEAL, 2019, p. 54).

Leal (2019) afirma que a internet e os meios de comunicação são a ponte para que mulheres de diversos lugares tenham acesso a esse tipo de material, antes desconhecidos por elas. A criação de comunidades é facilitada pelas tecnologias, e as discussões ocorridas nelas abordam questões relevantes para essas mulheres, como temas antes considerados tabus que não possuíam espaço em conversas com pessoas de outros círculos sociais e familiares. Podemos ver isso na medida em que inúmeras plataformas e mídias criam perfis e lançam produtos que abordam o tema e informam ensinamentos do Sagrado Feminino às mulheres.

A mídia e as redes digitais, servem como ferramentas de apoio e de um novo consumo, indicando que mesmo um movimento ou fenômenos sociais com práticas e hábitos alternativos da sociedade em geral possuem a necessidade de estarem presentes no meio midiático. E assim, também presentes para a construção de subjetividade do indivíduo, moldando suas práticas e visão de mundo. Colocar em debate o consumo na sociedade hoje é saber que “numa sociedade de consumidores, todo mundo precisa ser, deve ser e tem que ser um consumidor por vocação” (BAUMAN, 2008, p. 73). Para compreender tal afirmação, é necessário compreender o funcionamento da organização social e como ela determina ou influencia modelos de subjetividade, o que repercute sobre eles e de que forma são afetadas demais questões econômicas, sociais, políticas e culturais de nossa época (GIDDENS, 1991).

Os estudos que tratam de investigar e expor o fenômeno atual da globalização, como aqueles realizados pelo antropólogo García-Canclini (2010), permitiram também que pudéssemos entender como diferentes modos de consumo afetam e estão presentes no cotidiano dos indivíduos. Bem como, o acesso à bens de consumo e produções culturais. Nesse caso, o sentido da produção cultural possui um novo significado por meio da apropriação de bens e mensagens dos sujeitos, em que ocorre uma reorientação da investigação cultural sobre consumo. Isso é importante na medida em que supera o tradicional moralismo que reduzia o consumo ao um ato de gastos inúteis e compulsões irracionais (GARCÍA-CANCLINI, 2010), assim, mostra-se benéfico desconstruir essa questão para não haver conclusões equivocadas, pois

o consumidor e a experiência do consumismo são parte do nosso novo mundo e integrante de sua construção (SLATER, 2002). O consumo, então, tem seu entendimento expandido e passa também a ser considerado um processo facilitado pelo acesso.

A “industrialização, globalização e digitalização” (GARCÍA-CANCLINI, 2010, p. 115) são responsáveis por proporcionar novas informações e novos comportamentos, especialmente aos jovens, que com a modernização, receberam possibilidades de conhecer além de seu contexto local. Mostrando também o papel dos dispositivos audiovisuais e eletrônicos nos modos de distinção socioeconômica e cultural (GARCÍA-CANCLINI, 2010). O desenvolvimento tecnológico trouxe maiores oportunidades para o consumo e opções aos consumidores, “uma vez que encontram à disposição o bem e o dinheiro necessários para a realização desse ato” (ARAUJO, 2006, p. 149).

Por isso, o consumo também serve para construir e comunicar diferenças sociais (SCHERER, 2016). Os bens demonstram o gosto de quem os possui e consome em decorrência da disputa pela distinção simbólica presente nas práticas de consumo de nossa sociedade. Como atesta Bourdieu (2007), os bens reforçam as barreiras entre os diferentes grupos através do status que adquirem ao consumirem determinado produto ou serviço. A construção teórica do autor explica os padrões sociais de consumo e coloca a classe social como uma categoria que vai além do capital financeiro do indivíduo, mas corresponde ao seu capital cultural. Nesse sentido, enfatiza-se a quebra do discurso moralista mencionado, pois junto das condições econômicas, as relações sociais, comportamentos, estilos de vida e aspirações também compõem a condição de classe (SCHERER, 2016).

Ao consumir, reproduzimos além de nossa existência física, portanto, reproduzimos modos de vida específicos e culturalmente significativos (SLATER, 2002). Basicamente, nossas identidades são construídas a partir do consumo rotineiro, também como meio de exercer a cidadania no mundo social, na modernidade “as lutas pelo poder de dispor de forças e recursos materiais, financeiros e simbólicos tornaram-se fundamentais” (SLATER, 2000, p. 14).

Toda posse material está carregada de significação social, o que nos incentiva a buscar entender a “forma comunicadora dos usos desses objetos” (VALENTIM, 2015). Assim, manifestamos que a presença do consumo em nossa pesquisa não exclui a categoria de classe social, reconhecemos sua importância em relação ao tema que se refere à uma classe média, observada empiricamente, ainda que não tenha sido tratada teoricamente. Esclarecer isso nos auxilia a especificar o grupo com que trabalhamos, pois como afirma Scherer (2016), é estudando o consumo de diferentes grupos que podemos compreender suas perspectivas sobre os diversos elementos sociais.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, busquei⁹ explicitar o percurso metodológico percorrido e os passos de execução da pesquisa. Descrevo a coleta exploratória de dados que me levou a aprofundar o recorte da pesquisa, e na sequência, como procurei abordar as mulheres nas ecovilas e de que forma poderia captar suas perspectivas de acordo com a metodologia proposta.

Foi realizada uma pesquisa exploratória no Facebook e no Instagram, a fim de me comunicar com mulheres participantes das ecovilas e averiguar a possibilidade de uma etnografia virtual. Para isso, divulguei um questionário online em quatro grupos do Facebook (Ecovilas no RS, Cultura Alternativa, Ecosocialismo e Ecovilas), cinco perfis de ecovilas no Instagram e no grupo de e-mails do CASA Brasil. Junto, foi estabelecido um período de observação entre agosto e setembro de 2020, no Facebook e no Instagram para acompanhar as comunidades online e suas interações a respeito de questões femininas e de gênero.

Contudo, as respostas no questionário tiveram um número baixo e mostraram-se insuficientes para captar uma ampla perspectiva dessas mulheres, quem são e como a comunicação está presente em suas vidas. Mesmo os dados coletados durante o período de observação nas redes sociais não seriam suficientes para esta pesquisa, pois elas pouco tratam de questões pertinentes e particulares à situação das mulheres. Assim, foi preciso repensar a metodologia, e adequar uma que permitisse certa participação da pesquisadora na pesquisa ao mesmo tempo em que o foco estivesse nas mulheres, pois uma etnografia virtual necessita de mais engajamento nos grupos e páginas. E uma etnografia tradicional, demanda a presença pessoal que não foi possível devido à pandemia do Covid-19 e o isolamento social.

Pensando nisso, decidimos nos aprofundar no que as mulheres que vivem nas ecovilas têm a dizer, como suas perspectivas e experiências poderiam nos ajudar a compreender o que procuramos saber por meio da problemática e dos objetivos estabelecidos. Para tanto, foi necessário encontrar um método que as contemplassem sem reducionismos, o que nos encaminhou à uma metodologia com um olhar sobre suas práticas e vivências em relação às ecovilas e ao Sagrado Feminino, e como estas são comunicadas. Elegemos os retratos sociológicos, metodologia desenvolvida por Lahire (2004) para captar e aprofundar as perspectivas de três mulheres que moram, ou tiveram experiências, em ecovilas através de entrevistas.

⁹ Neste capítulo será utilizada em alguns momentos a primeira pessoa do singular para relatar a experiência de campo, por ser um momento em que a pesquisadora se encontra “sozinha”. No entanto, compreendemos que o estudo é construído a partir de diversas colaborações entre autora, orientadora e demais contribuintes.

Como um caminho para o pensamento e a prática científicos que nos possibilita abordar a realidade, a metodologia ocupa um lugar central nas teorias. Segundo Minayo (2009), inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade. Para compreender, de fato, as vivências dessas mulheres, é preciso abraçar a motivação do pesquisador (PERUZZO, 2017), por querer entender os processos de comunicação existentes para identificar suas virtudes e avanços, falhas e desvios, bem como ter a “preocupação de documentar a história das experiências consideradas relevantes e dignas de serem registradas e dadas a conhecer a outros públicos – como o acadêmico e ao conjunto da sociedade” (PERUZZO, 2017, p. 138).

Lopes (2016) afirma que ao tratar de metodologia, não podemos nos manter em uma sequência de operações rígidas e aplicações inflexíveis, mas que devemos nos adaptar às transformações do processo, o que descreve de forma acurada o processo desta pesquisa, diante de tantas mudanças e incertezas que ocorreram durante os anos de 2020 e 2021. Isso demonstra também o papel da metodologia e sua importância no campo da Comunicação, pois baseia-se na interação ativa entre pesquisador e grupo pesquisado, buscando observar e mesmo, vivenciar, fenômenos voltados ao desenvolvimento social.

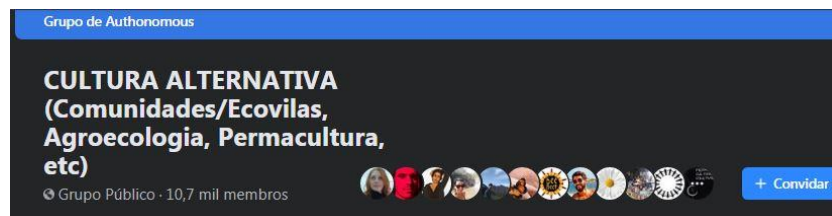
4.1 DADOS EXPLORATÓRIOS

Para definir a metodologia, iniciamos com uma pesquisa exploratória que nos permitisse visualizar questões importantes sobre as ecovilas, as mulheres moradoras e os produtos midiáticos de comunidades, além de temáticas reconhecidas e inseridas em suas discussões. Como passo inicial, optamos pela elaboração de um questionário, realizado no meio online, por motivos de maior alcance geográfico e pela impossibilidade de qualquer coleta de dados presencial devido à pandemia do Covid-19, que operou isolamento social desde março de 2020. A plataforma escolhida para estrutura-lo foi o Google Forms, pelo fácil acesso às questões, essas foram separadas totalizando cinco categorias: atividades, família, gênero, conceitos e consumo; e 39 perguntas divididas entre todas. Buscamos construí-lo de forma direta para otimizar o tempo das participantes, principalmente devido ao estilo de vida comumente praticado nas ecovilas, com certo distanciamento das práticas de consumo que envolvem tecnologia da comunicação (SIQUEIRA, 2012).

Inicialmente optamos por iniciar a divulgação do questionário através do Facebook, devido à uma grande quantidade de grupos e comunidades presentes na plataforma, constituídos por pessoas que moram em ecovilas, voluntários e simpatizantes de temáticas ecológicas, como

visto em uma pesquisa por “ecovilas” na ferramenta de busca da rede social. A busca foi em termos que se enquadrassem na temática das ecovilas, mas não limitadas a ele, envolvendo outros movimentos ecológicos que pudessem ser relacionados. Participamos daqueles com maior número de membros, tendo o maior mais de 10 mil participantes, e procurando observar também o engajamento, que se mantinha em torno de dez postagens por dia com menos de dez curtidas, à exceção de algumas que subiam para em torno de trinta. Mantivemos três que possuíam engajamento diário, o Cultura Alternativa (Comunidades/ECovilas, Agroecologia, Permacultura, etc), com 10,7 mil membros (Figura 19); o Ecovilas no RS com 3,4 mil membros; e o Ecosocialismo, com 2,8 mil membros.

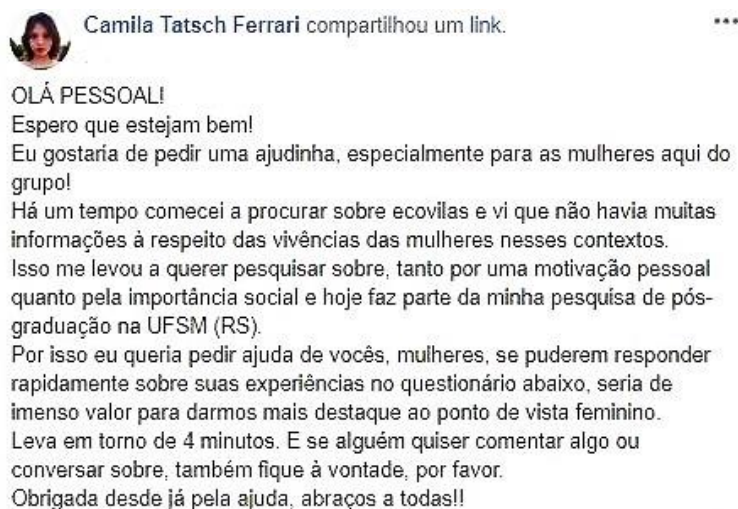
Figura 19 - Grupo Cultura Alternativa em setembro de 2020



Fonte: Cultura Alternativa (2022).

Utilizou-se do perfil pessoal da autora para criar as postagens de divulgação em cada um deles, para gerar aproximação com o público feminino (Figura 20). Explicou-se brevemente a trajetória e interesse no tema, justificando a importância do questionário não só para a pesquisa, mas também para possibilitar uma maior visibilidade da presença das mulheres no contexto das ecovilas.

Figura 20 - Apresentação



Fonte: Cultura Alternativa (2022).

Junto da divulgação do questionário no dia 26 de setembro, também nos propusemos a uma observação nos grupos do Facebook, atentando para as **postagens realizadas por mulheres e aquelas em que possuíam alguma representação significativa**. E ao incluir o Instagram para envio de mensagens, também passamos a observar as páginas que responderam. Em ambos buscou-se identificar temáticas referentes à gênero e mulheres.

No Facebook, um total de 129 postagens foram encontradas entre os quatro grupos (Ecovilas no RS, Cultura Alternativa, Ecosocialismo e Ecovilas) nos critérios estabelecidos. Apenas três não foram postadas por mulheres, mas envolviam um tema que colocava uma mulher em posição relevante, como a apresentação de um curso (Figura 21).

Figura 21 - Apresentação de curso



Fonte: Cultura Alternativa (2022).

Nas demais, as postagens variaram entre a publicação de notícias e textos; o compartilhamento de lives e eventos; a divulgação de outras páginas, serviços e ecovilas; candidaturas políticas, como a pré-candidata Vera do PSTU à prefeitura de São Paulo na época e da atual deputada federal no Rio Grande do Sul, Fernanda Melchionna do PSOL; e críticas a acontecimentos na sociedade, como manifestações antivacina e falta de combate às queimadas de 2020 no Pantanal. Dentre todas, somente em duas postagens encontramos alguma referência ao termo gênero ou uma questão política diretamente ligada às mulheres. A primeira leva para um portal de notícias fora da plataforma e trata da atuação de mulheres indígenas para proteger a floresta Amazônica, no dia 24 de setembro (Figura 22). A segunda, é uma divulgação do episódio de um programa que aborda questão da saúde da mulher (Figura 23).

Outras questões políticas são tratadas, mas ligadas diretamente ao ambientalismo como as queimadas no Pantanal, apoio à luta dos povos indígenas e defesa de direitos indígenas e saúde feminina. Percebemos, dessa forma, que a maior parte das postagens nos grupos tem como tema a divulgação de ecovilas, seguido da questão ambiental e apenas por último a questão de gênero, com foco na saúde da mulher. São mulheres as pessoas que mais postam conteúdo, no entanto, a questão de gênero está em último lugar, possivelmente por serem espaços para divulgar ecovilas e informações acerca disso, não havendo exposição de conflitos que possam afetar relações da comunidade interna das ecovilas.

Figura 22 - Mulheres indígenas



Fonte: Ecovilas (2022).

Figura 23 - Episódio de Diversidade Feminina



Fonte: Ecovilas no RS (2022).

Em seguida decidimos também buscar por páginas de ecovilas no Instagram, com o intuito de contatar seus administradores e conseguir mais informantes ao primeiro questionário do *Google Forms*. Fizemos o mesmo processo na ferramenta de busca, através do termo “ecovila”. Aqui, como no capítulo anterior do mapeamento midiático acerca do Sagrado Feminino, também reconhecemos o papel dos *algoritmos* na rede social que nos direciona às páginas de forma personalizada, portanto, as páginas indicadas para a pesquisadora pela plataforma podem ser diferentes daquelas indicadas para outro indivíduo. Assim, no Instagram, conseguimos resposta de quatro páginas que responderam ao questionário, além de coletarmos um total de 36 postagens. Somente sete postagens possuem a presença de mulheres nas imagens ou incluem algum relato, mas não há menção direta a qualquer questão relacionada à gênero. Um dos perfis é afirmativamente administrado por uma mulher, ainda que em conjunto de seu companheiro (Figura 24).

Figura 24 - Perfil Ecovilas_Brasil



Fonte: Ecovilas Brasil (2022).

Já o Ecovilas Brasil, responsável pela articulação entre ecovilas e comunidades afins junto ao CASA Brasil¹⁰, é um perfil que pedimos auxílio para a divulgação do questionário. Ao concordarem, repassaram a mensagem a um grupo de e-mails com mais de 300 membros, o que rendeu dois retornos em relação à pesquisa ainda no mesmo dia, de duas mulheres que afirmaram um reconhecimento da importância do tema e nos passaram relatos sobre suas próprias experiências em relação a ser mulher no contexto das ecovilas e comunidades sustentáveis. Já em relação às postagens, o Ecovilas Brasil apresenta presenças femininas devido às lives apresentadas no perfil, em que costuma haver uma mulher convidada para falar sobre temas específicos (Figura 25).

Em se tratando de postar conteúdo, Fazenda Cura é a única das observadas que possui uma frequência de pelo menos quatro postagens semanais, as demais não têm uma frequência estabelecida.

¹⁰ O elo brasileiro dentro da corrente latino-americano da Rede Global de Ecovilas (*Global Ecovillage Network – GEN*) (CASA BRASIL, 2021).

Figura 25 - Live Ecovilas Brasil



Fonte: Fazenda Cura (2022).

Já com o questionário, divulgado e aberto durante o mesmo período que observamos os grupos e as páginas (26 de agosto a 26 de setembro de 2020), foi possível ter uma melhor noção de quem são essas mulheres e indicação de como se reconhecem, os movimentos com que se identificam. Recebemos respostas de **sete** mulheres, e dentre elas, todas são brancas, a idade menor é de 28 anos e a maior de 51 anos. Seis estudaram em algum momento em escola particular e pelo menos quatro têm pós-graduação completa. Todas já moraram em outros países e viajam com certa frequência por trabalho e como parte de seu estilo de vida. Aqui no Brasil, suas localizações são no Rio Grande do Sul, Bahia, São Paulo, Goiás e Santa Catarina.

Somente três eram mães e dividiam os cuidados parentais com outra pessoa, ao mesmo tempo em que cinco são responsáveis pelo próprio sustento ou da família. Sobre isso, o salário mais baixo está entre um a três salários mínimos e o mais alto, acima de 15 salários mínimos. Trabalham via online além das funções na ecovila, que são apresentadas como desde bioconstrução e atendimento, até trabalho doméstico.

Sobre as questões e relações de gênero, mais importantes devido ao foco da pesquisa, estipulamos três conceitos para que pudessem se identificar e discorrer sobre: feminismo, ecofeminismo e Sagrado Feminino. Trouxemos os três termos na elaboração das questões por serem movimentos de mulheres em ligação com as ecovilas, os movimentos ecológicos e mesmo, as novas espiritualidades. O feminismo porque busca a emancipação da mulher e relações não-hierárquicas entre os sexos (HOOKS, 2019), o ecofeminismo por tratar de uma busca por justiça entre humanos e não-humanos, reconhecendo a opressão que as mulheres sofrem como próxima da que a Natureza sofre (SHIVA; MIES, 2014). Já o Sagrado Feminino,

também traz uma perspectiva de emancipação feminina e ligação com a Natureza, contudo, ligada diretamente ao viés espiritual. Por sua vez, todas as sete afirmaram conhecer o último, seis o feminismo e cinco o ecofeminismo, nisso, praticamente os três conceitos são conhecidos pela maioria. Contudo, o ecofeminismo tem mais adeptas do que o feminismo, de quatro para três e o Sagrado Feminino ainda mais, com cinco mulheres. Pode-se entender que, para elas, o Sagrado Feminino forneceu uma espécie de acolhimento em si mesmas e para com outras mulheres, assim como a forma com que se relacionam com a Natureza.

O sagrado feminino é parte da minha relação comigo e com a Mãe Terra (Participante 4).

Praticamos o recolhimento das mulheres durante sua lua, para se preservar e se conectar (Participante 2).

Os círculos de sagrado feminino são muito importantes na minha vida, por terem me ajudado a construir relações de irmandade com outras mulheres e por serem espaços de acolhimento para questões que só outras mulheres entendem (Participante 5).

Estar em sincronia com vida, em sintonia com a terra, vivendo a dança sagrada do amor, honrando as sagradas relações no caminho da essência (Participante 7).

O feminismo é mencionado como parte do trabalho e contribuinte nas discussões entre mulheres na comunidade. O ecofeminismo, no entanto, foi mencionado diretamente apenas uma vez, como fazendo parte da vida da participante e outra, destacou somente a questão da ecologia como fazendo sentido em sua vida. Já uma possível conexão entre os três conceitos, há a afirmação que todos têm algo em comum ou se complementam, mas que são diferentes. Contudo, o Sagrado Feminino ainda recebe um destaque maior, parecendo a opção preferida, comparando com o feminismo ou o ecofeminismo.

Aos poucos, o círculo de mulheres do IBC tem passado a compartilhar e discutir estudos feministas mais acadêmicos e isso têm ampliado a nossa percepção de muitas situações que ocorrem na comunidade, evidenciando o machismo em diversas circunstâncias. Por isso, cada vez mais tenho me considerado uma feminista (Participante 5).

Ou o sagrado feminino é político, ou é brincadeira de revista Wicca. E feminismo que ignora a questão ambiental e como ela se relaciona/impacta nos gêneros não tá vendo o panorama completo. E feminismo/ecofeminismo que ignora a dimensão espiritual da vida é colonialismo puro (Participante 4).

O feminismo valorizou bastante a mulher, mas hoje as famílias estão desestruturadas e descartáveis [...] acredito num sagrado feminino, sagrado da família e do amor onde todos devem ser respeitados igualmente (Participante 2).

Enquanto Mulher diante do Sagrado, exerço o poder de ser com amor, inspiro mulheres a empoderar-se como protagonistas m sintonia com esse amor, enquanto

guerreiras, sacerdotisas, mestras, visionarias, sábias de seu próprio rumo e expressão (Participante 7).

Nisso, podemos observar que há maior igualdade de gênero em relação à liberdade de expressão e tomada de decisões. Já sobre a divisão de tarefas a situação se mostra melhor que os dados acerca dos lares brasileiros, em que as mulheres trabalham cerca de 21,4 horas por semana em tarefas domésticas e os homens apenas 11 horas¹¹, sendo que mais da metade das participantes afirma dividir tarefas com os homens. Quando indagadas a respeito disso, cinco afirmam que não há hierarquia onde vivem e que sempre puderam dar opiniões sem problemas. Duas, já colocam que há uma certa hierarquia e que já tiveram problemas para dar opiniões. Quanto à tomada de decisões, seis afirmam que ocorre entre todos os membros, tal qual as tarefas que são delegadas igualmente entre mulheres e homens no local. No entanto, quanto às tarefas do âmbito doméstico, somente quatro afirmaram haver divisão igualitária e cinco, que há divisão nas tarefas externas ao ambiente doméstico, como plantio e construção, as demais afirmam que exercem mais tarefas do que os homens e que não há paridade na realização, principalmente de tarefas domésticas. E sobre mulheres e homens terem o mesmo tratamento dentro na comunidade, uma das participantes trouxe referências do Sagrado Feminino em sua resposta e outra, aspectos negativos sobre a questão, como em seguida:

Sim, trabalhamos com a visão matrística, onde o sagrado inspira homens e mulheres em uma gestão circular na arte do encontro, onde nossos pilares, são sorrir, servir, amar em beleza (Participante 7).

Aqui na ecovila temos muitas mulheres fortes que lideram diversas iniciativas da comunidade. Vejo que alguns homens se incomodam com isso e tendem a fazer muitas críticas às mulheres, ao mesmo tempo em que não contribuem para os trabalhos coletivos e, também, não reclamam com os outros homens. Descarregam toda a sua imaturidade emocional em cima das mulheres que lideram as atividades e que, também, são as únicas que se disponibilizam para facilitar reuniões de gestão emocional. Ou seja, mesmo no nível da comunidade, são as mulheres que assumem a carga do trabalho emocional, administrativo e de acolhimento dos homens (Participante 5).

Essa referência ao Sagrado Feminino, “a visão matrística onde o sagrado inspira homens e mulheres”, confirma a resposta positiva de todas sobre poderem exercer livremente seu posicionamento dentro da comunidade. Já sobre o que as levou a buscar ou conhecer sobre tais posicionamentos, foram mencionadas programações espirituais próprias, saberes naturais e tradicionais, livros de temática feminista, sendo as autoras citadas: Heleieth Saffioti, socióloga brasileira dedicada ao estudo da violência contra a mulher no Brasil; Lélia Gonzalez,

¹¹ Dados de 2019 divulgados pelo IBGE (RIOS, 2020).

antropóloga brasileira pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no país; Alda Facio, professora e especialista em gênero e Direitos Humanos na América Latina; Vandana Shiva, filósofa e física indiana dedicada ao tema do ecofeminismo e à globalização; Naila Kabeer, economista social nascida na Índia e atuante em estudos de gênero na Inglaterra; e por fim, lives de Valeska Zanello, professora brasileira que trata sobre saúde mental e gênero; e o documentário Silêncio dos Homens, produzido pelo portal Papo de Homem, que trata da violência do machismo aos próprios homens. Sendo os mais citados os livros, todas afirmam ser uma das mídias mais importantes que consomem, enquanto o celular e o computador vêm em seguida para trabalho e estudo. Já a televisão, foi a única alternativa não selecionada por todas.

Com isso, percebe-se que apesar de o questionário ter sido pouco acessado, mulheres que participam de ecovilas estão presentes nas redes sociais e familiarizadas com termos que não se aplicam especificamente ao seu contexto. É possível pensar que são mais seletivas quanto às mídias que consomem e o modo que o fazem.

Sobre as relações de gênero, a maioria delas parece não ter insatisfações quanto a isso dentro das comunidades, porém, a única que mostrou alguma reclamação apresentou situações mais detalhadas. Isso conecta-se com um dos e-mails de retorno que recebi pelo grupo do Casa Brasil, em que duas mulheres me relataram ter passado por situações de machismo. Questionamos também se o interesse maior delas esteja em buscar um espaço para desenvolvimento espiritual, e se as preocupações da sociedade em geral como da opressão feminina não fazem parte disso. Assim, a preferência de mulheres pelo Sagrado Feminino ao invés de um movimento social e político foi o que guiou nosso direcionamento para o tema deste projeto.

4.2 METODOLOGIA E PERSPECTIVAS

Pensando nisso, decidimos nos aprofundar no que as mulheres que vivem nas ecovilas têm a dizer, como suas perspectivas e experiências poderiam nos ajudar a compreender o que procuramos saber por meio da problemática e dos objetivos estabelecidos. Para tanto, foi necessário encontrar um método que as contemplasse sem reducionismos, o que nos encaminhou à uma metodologia com um olhar sobre suas práticas e vivências em relação às ecovilas e ao Sagrado Feminino, e como estas são comunicadas. Elegemos os retratos sociológicos, metodologia desenvolvida por Lahire (2004) para captar e aprofundar as perspectivas de quatro mulheres que moram em ecovilas através de entrevistas.

4.2.1 Retratos sociológicos

Para Lahire (2004), o ser humano é um animal individualizado no seio da sociedade, é partindo disso no início de sua obra de mesmo nome da metodologia, Retratos Sociológicos (2004) que inicia a tratar do desenvolvimento de uma ótica de análise da subjetividade individual dentro da sociologia. Assim, argumenta a possibilidade da disciplina de não se limitar somente à realidade coletiva, mas expandir-se para o individual, buscando compreender os aspectos mais singulares como fenômenos socialmente produzidos.

Seu objetivo então, era que a visão macrossociológica da sociedade pode trazer uma perspectiva muito geral sobre os indivíduos, não podendo reduzi-los a um grupo ao qual pertencem em uma escala coletiva de análise. Afinal, não existe o pertencimento a um único grupo ou coletividade, como família. Por isso, é necessário atentar para as especificidades da realidade individual e investiga-la. Dessa forma, procuramos seguir o indivíduo em sua histórica e deslocamentos, as dimensões, atividades e contextos de sua vida para se ter claro seu ponto de vista e entender as diretrizes que guiaram a construção de sua realidade.

Nisso, o autor propõe uma grade de entrevista que segue alguns pontos específicos para que se possa desenvolver um retrato sociológico, pontos estes que são chamados de exigências teóricas, como captar os efeitos nos entrevistados pelas grandes matrizes socializadoras, como família e as instituições educativas, nesse caso religiosas e culturais; não se deve acabar com a homogeneidade dos contextos (familiares, profissionais, escolares...), diferenciando demais pessoas de seus ambientes (focando de maneira muito específica em um membro da família ao invés da família como um todo). Também é importante apreender a pluralidade dos princípios de socialização entre membros significativos da “constelação do pesquisado” (LAHIRE, 2004, p. 28); cada grade da entrevista tem um caráter biográfico, abrangendo fases e instituições da vida do pesquisado, como instituições e relações próximas; algumas das perguntas devem buscar disposições precisas para que se evidencie o grau de extensão de sua ativação e como são aplicadas, exemplo: ascetismo *versus* hedonismo – e o que varia entre, desde rigor à dispersão, moralismo à displicência; disposições estéticas *versus* disposições utilitárias: tipos de lazer praticado, no uso do corpo, escolhas das roupas; ter precisão em contextos, variedades nos exemplos dados, amplos indicadores para haver uma boa diversidade (LAHIRE, 2004).

Basicamente, as diretrizes para uma grade de entrevistas constroem um panorama do entrevistado, para saber mais sobre “suas práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir, agir em diferentes domínios de práticas (ou esferas de atividade) ou em microcontextos” (LAHIRE, 2004, p. 32). Dessa forma, devemos encontrar um caminho teórico, metodológico e

empírico que levam “da ideia à compreensão de certas dimensões do mundo social” do determinado indivíduo (LAHIRE, 2004, p. 19).

Sendo assim, à luz de nosso problema de pesquisa e objetivos, nos baseamos na proposta de Lahire (2004) para montar uma grande de entrevista capaz de facilitar nosso caminho na captação da realidade individual de mulheres que vivem em ecovilas. Visamos contemplar aspectos e fases de suas vidas na tentativa de entender como o Sagrado Feminino foi adotado em seu cotidiano dentro das comunidades e se ocorre uma inclinação midiática que as levou a adotar essas práticas. A partir de 9 categorias, além de dados socioeconômicos: comunidade, autonomia, espiritualidade, Sagrado Feminino, política, maternidade, relações sociais, beleza e autocuidado, comunicação, e consumo midiático. As questões foram voltadas às percepções de gênero, espiritualidade e comunicação, com o total de 145 perguntas que, quando necessário, foram adaptadas ou ampliadas na aplicação durante a realização da entrevista, para evitar repetições de respostas já obtidas ou suscitar o aprofundamento de algum tema. Após aplicação do questionário com três participantes, separamos suas respostas em quatro categorias para organizar os retratos sociológicos, a partir de uma breve introdução sobre a informante, definidas como: Vivência(s) na ecovila; Práticas espirituais e o lugar do Sagrado Feminino; Questões de gênero e o Ser Mulher; Consumo Midiático e Consumo Globalizado.

4.2.2 Aproximação com o campo

Nossa investigação teve de ser adaptada aos moldes do meio on-line, devido ao isolamento social iniciado em março de 2020 pela pandemia de Covid-19, cujas restrições se estenderam à 2021. Sem a possibilidade de realizar pessoalmente as entrevistas, buscamos participantes através das redes sociais digitais, com o questionário aplicado em grupos de ecovilas no Facebook e perfis do mesmo tema no Instagram. A pesquisa foi facilitada pelas plataformas de reuniões online, como o *Google Meet* e tivemos de levar em consideração o tempo de disponibilidade das entrevistadas para manter-se online durante o tempo necessário da pesquisa.

A primeira informante participou do questionário inicial em um grupo do Facebook, deixando seu e-mail após responder as questões e se disponibilizando a participar das próximas etapas da pesquisa. Dessa forma, confirmou por e-mail aceitar participar da primeira parte da entrevista, realizada em dezembro de 2020 pela plataforma do *Zoom* e obtivemos sua participação em uma segunda parte em agosto de 2021, realizada por meio do *Google Meet*. Nesse sentido, foi possível aprofundar questões que não estiveram tão claras na primeira vez.

A segunda e a terceira informantes foram encontradas por meio do Instagram, cujos perfis estavam associados a páginas de ecovilas e que abordam temas semelhantes. Ambas foram abordadas por e-mail, que concordaram participar de duas entrevistas de aproximadamente 1h15 através do *Google Meet*. A segunda participante teve as entrevistas realizada em outubro e novembro de 2021, e a terceira participante teve as duas em janeiro de 2022. A partir disso, então, que foi possível obter os empíricos da pesquisa, como visto sob o formato dos retratos sociológicos, a seguir.

5 COMUNICANDO O SAGRADO FEMININO

5.1 INTRODUÇÃO À PARTICIPANTE - SALLY

Sally tem 38 anos, é branca e natural do sudeste do Brasil possui uma residência em uma ecovila localizada no centro-oeste do país. É graduada em Comunicação e possui doutorado na área da sustentabilidade, com uma renda de 1 a 3 salários mínimos no cargo de pesquisadora em grupos de organização sobre ecovilas, além de trabalhar em funções comunitárias na ecovila. Atualmente ela mora com a filha de 11 anos no local, em uma casa que construiu com adobe e outros materiais sustentáveis. Um tempo antes da entrevista, havia morado por um ano com o antigo companheiro e pai da filha, que começaram a construir juntos a moradia, mas terminaram o relacionamento e ela seguiu construindo a casa sozinha para ela e a filha. Entre seus motivos para escolher morar em uma ecovila, o senso de comunidade e rede de apoio foi o principal fator. “Dar uma infância diferente da que teve para a filha” também influenciou no processo, pois considera importante o contato com a natureza desde idade menor, algo que não teve por ter vivido em prédios e apartamentos em centro urbano durante a infância e adolescência.

Sobre essa fase da vida, a entrevistada afirma que passava a maior parte do tempo dentro de casa, que os pais não gostavam de sair ao ar livre e ir em parques. O único lugar que conhecia para passear era o shopping, então grande parte das primeiras noções acerca de questões naturais e ambientais se deu através dos *livros*. Como a descrição da experiência de nadar em rio e a consciência ecológica e sustentável, “no quarto, no apartamento e eu lia sobre as pessoas indo nadar no rio e indo na natureza e eu sempre, tipo, tinha esse desejo de viver isso né, mas meu primeiro contato com a natureza foi através dos livros mesmo”. Desde a primeira parte da entrevista, Sally afirmou a importância dos livros na sua vida e colocou-os como a principal mídia que vem consumindo ao longo da vida, depois das redes sociais e plataformas digitais e por último, a televisão, que considera como algo que lhe fazia mal, ainda que fosse um meio muito presente na família, já que a mãe era *noveleira* e assistia qualquer coisa da rede Globo.

Afirma ter sido a pessoa, entre os pais e a irmã, quem mais lia no núcleo familiar e buscava atividades e temas diferentes para se inteirar, “eu sempre li muito, mais do que o resto da minha família, eu sempre consumi muito livro, sempre curti muito ler”. Já os pais, eram *super conservadores* e consumistas, preocupados com a aparência e a imagem que teriam diante dos outros. O consumo de certos bens, como afirmam Douglas e Isherwood (2006), dão sentido à vida cotidiana dos sujeitos e são marcadores das linhas de relações sociais. Em certo momento

isso levou Sally a “*ser consumista e patricinha, porque era tudo que eu conhecia, não sabia outras coisas*”, mas quando começou a enxergar outras possibilidades, se manteve aberta a elas. Essa espécie de inconsciência que Sally afirma ter tido ao ser *consumista e patricinha* também se associa à feminilidade imposta às mulheres. Como afirma, Beauvoir (2017), certas qualidades, valores e modos de vida são impostos sobre as mulheres desde a infância como se fosse sua natureza, criando um essencialismo sobre o comportamento feminino.

Um *ponto de virada* foi em torno dos 18 anos, quando começou a namorar e o namorado a levou em um festival de música e cultura alternativa. Diferentemente da experiência que tinha na cidade grande, no local as pessoas exerciam um senso de comunidade, sempre com “disposição a ajudar e olhar o outro olho no olho”. Temas como vegetarianismo, yoga e troca de energia e práticas como ducha e alimentação compartilhadas foram questões que marcaram bastante sua experiência no festival, e a entrevistada comentou que isso foi tão importante para si mesma que falou sobre o acontecimento na introdução da dissertação de mestrado.

As atividades e as práticas do festival marcaram sua trajetória principalmente por terem ampliado sua visão de mundo, “*quando você começa a ver que existem outras formas de se relacionar, de viver e tal. Aquilo abre né*”. Pois, associava a vida na cidade e os costumes da família com hipocrisia e superficialidade, baseados em consumismo e uma enorme preocupação com a autoimagem e o que os outros iriam pensar:

Desde pequena essa coisa da contracultura sempre me atraiu muito. Eu sempre gostei muito de ler sobre a contracultura, porque, enfim, igual eu te falei, eu cresci com pais muito urbanos e eu via a hipocrisia desse modo de vida né. Minha mãe sempre muito preocupada com o que os outros iam pensar, na importância da aparência, "não que você tem que tá com a aparência bonitinha e tudo...", ela me deixava toda bonequinha assim. E a superficialidade das relações né, eu via como muitas mentiras pra manter a aparência (SALLY).

Enquanto que “essas ideologias contraculturais né, de comunidade, de natureza, me parecia muito mais libertária, muito mais gratificante”. Aspectos presentes em movimentos de contracultura possuem um viés de resistência e mesmo, de oposição ao sistema econômico vigente (CARDOSO, 2014), o que pode dar aos sujeitos uma sensação de lutar pela mudança através das práticas cotidianas que diferem daquelas realizadas pela sociedade em geral.

Em relação às questões de sustentabilidade, menciona que as considera importantes desde criança, citando uma ocasião marcante do tempo da escola fundamental, quando ganhou um livro pequeno com questões básicas sobre ecologia. Na época, isso a levou a querer fazer uma campanha de reciclagem de lixo no prédio onde morava com a família, mas por ser uma

criança ninguém se importou com essa vontade, então o projeto não foi pra frente, “pra mim fazia sentido, tipo, reciclar, cuidar, preservar, é uma questão, assim, científica né”.

Nesse sentido, questões ligadas à natureza sempre estiveram presentes na vida da entrevistada, conectando outros interesses como o movimento hippie, ideias contraculturais, a própria espiritualidade e o processo de morar em uma ecovila. Depois de conversar com um amigo sobre o projeto de construção da ecovila, ela decidiu que também queria viver assim, “na verdade já tinha um pouco de relação com o movimento hippie, já sonhava com essa coisa de comunidade tal”. A convivência em comunidade também se mostra importante, opondo-se ao individualismo que é algo problematizado por ela e considerado uma das causas da degradação ambiental e pela falta de importância com o lado emocional. Segundo a entrevistada, precisamos de uma *mudança radical no nosso estilo de vida*, uma vida mais simples e com menos coisas, “com mais comunidade, e não dá pra sustentar esse estilo de vida consumista, individualista, baseada no petróleo, que a gente leva”. Compreende que é uma questão cultural, que fomos criados dessa forma na sociedade, mas quando você vai para uma ecovila é diferente e *supercoletivo*.

Ela cita sobre as visitas na casa da irmã em uma cidade grande, em que todos os moradores do prédio vizinho estão com a televisão ligada geralmente no mesmo canal, e uma alternativa a isso seria uma sala coletiva de televisão, para evitar um grande consumo de energia. “*Em tudo que a gente faz no coletivo a gente economiza, né. Então, pra mim é isso*”. O desenvolvimento tecnológico, segundo ela, fez evoluir muito o lado racional, e *a parte emocional ficou muito atrofiada*. As guerras e as relações desentendidas entre os países são frutos disso e de ficar *cada um por si*, dentro de um modelo *competitivo, individualista e ganancioso*.

Reitera que só vamos conseguir cuidar do planeta quando pudermos colaborar e ter empatia pelo próximo, se preocupar mais com o coletivo, com questões que estão na dimensão da cultura e não na tecnologia. “Então por isso que eu acredito muito nas ecovilas, né, cidades em transição, movimento de hortas urbanas, é, tudo que vem da sociedade civil”. Aguardar o governo ou uma ajuda *terceirizada* não é a solução para os problemas do mundo, há muitas coisas que precisam ser resolvidas e para ela, isso deveria partir de uma mudança de mentalidade e uma junção de todos. “É isso, mas eu acho muito difícil, assim. Eu vejo que tá crescendo esse movimento, cada vez mais tem pessoas mais conectadas com isso, mas, enfim, é um trabalho que vai de gerações aí, pra conseguir mudar”.

5.1.1 Vivência(s) na ecovila

Dessa forma, as ecovilas são uma possibilidade de exercer essa busca coletiva por mudança, já que o foco é justamente uma vida em comunidade, segundo ela. Desde que se mudou em 2015 e se tornou associada da ecovila, ela assumiu diversos papéis para contribuir com a comunidade e a estrutura do local, “já fui secretária, já fui coordenadora administrativa, já fui coordenadora do ecocentro, eu puxo muita reunião de partilha emocional”. Grande parte das funções assumidas pelos membros e moradores são voluntárias em prol da organização e do desenvolvimento da comunidade, desde a parte burocrática até projetos com universidades. “Eu me sinto muito realizada fazendo esse tipo de trabalho, porque eu sinto que eu tô contribuindo para disseminar uma nova consciência. Enfim, são boas causas né. Mesmo que fique sem dinheiro, a gente se alimenta dessa realização”.

Por esse potencial de mudança e coletividade, quando indagada se as ecovilas seriam um movimento social ela concorda, ainda que afirme que existem várias definições do que seria um movimento social, mas que algumas delas incluem a dimensão cultural da qual as ecovilas podem se inserir. A atuação na sociedade é uma parte essencial disso, coloca, ao mencionar que a comunidade participa de 5 conselhos na cidade, “são lugares que a gente tá participando e tentando barrar políticas do agronegócio, de mineração [...], a gente tá aqui tentando defender a pauta ambientalista, né, dentro desses conselhos”.

No momento a ecovila tem aproximadamente 35 associados, 18 são mulheres. Contudo, nem todos os associados residem na área da comunidade e os que residem, nem todos são associados, pois podem ser cônjuges. Dentre os atuais moradores, a ecovila conta com 29 participantes, sendo 15 mulheres. Sobre convidados e voluntários externos, por causa da pandemia não puderam receber ninguém. Dessa forma, passaram pelo período de isolamento social apenas entre os moradores e ainda mantiveram reuniões por meio de plataformas on-line, atividades que ocorriam pessoalmente. As reuniões geralmente são propostas para tomadas de decisão, resolução de conflitos, partilha emocional, coordenação de projetos, e ainda, rituais e trocas espirituais.

As tomadas de decisão e resoluções burocráticas ocorrem por um modelo de gestão e tomada de decisão chamado *sociocracia*, em que todas as decisões são tomadas com consentimento entre todos do grupo a partir de uma proposta da coordenação institucional, a diretoria. A proposta é feita e todos se ouvem até “até chegar numa proposta que seja de seguro o suficiente para ser tentada. Não precisa ser ideal, mas todo mundo tem que se sentir seguro pra tomar aquela decisão, que pode vir descer depois, ser reexaminada e modificada né”. Há

pequenos círculos de organização, como o círculo do ecocentro que organiza eventos, projetos e cursos, mas todos são mediados pela diretoria, o círculo gestor. A organização de comunidades em um movimento administrado, com ações e construção de redes e relações também é algo mencionado por Heelas (1996) como um dos modos de organização de movimentos referentes aos da *New Age*, bem como com viés da contracultura.

Desde o início da entrevista, Sally deixou claro que os cargos de burocracia e diretoria são compostos pelas mulheres, que assumem as maiores responsabilidades, “hoje não tem nenhum homem ajudando nessa parte”. Isso atinge diretamente o cotidiano da entrevistada, já que é uma das pessoas mais ativas na comunidade a participar e exercer tarefas de coordenação e organização da ecovila.

Uma questão bem enfatizada foi seu interesse pelas reuniões de partilha, e por ser ela quem as coordena, especialmente para resolver conflitos e problemas de comunicação dentro da comunidade. Mesmo pelas redes online acabam ocorrendo questões mal resolvidas, como no “grupo de WhatsApp no meio da reunião”, algo que acontece com frequência. Assim, esses momentos seriam para falar de sentimentos e trabalhar o lado emocional, mas que infelizmente, poucas pessoas participam, “geralmente vem duas, três pessoas participar, as pessoas não vêm muito [...], eu vejo que tem outras comunidades que trabalham melhor esse lado, que todo mundo participa mais dessas reuniões de [...] de partilha emocional que é super importante né”. Segundo a entrevistada, é necessário haver esse lugar para as pessoas se verem, se falarem e se escutarem.

Sally também destaca que é um processo normal dentro das ecovilas e que deve ser levado em consideração, “muita gente fica muito deslumbrado com essa ideia de ecovila, mas na prática, é [...] não é assim tudo cor de rosa né”. Nisso, outra questão é que as mulheres são as mais dispostas a resolverem conflitos e tratem de como se sentem. Já os homens, “quando tem um conflito cada um vai pro seu canto, eles ficam sem se falar, nenhum busca resolver”. Mesmo as funções com objetivo mais coletivo acabam sendo complicadas quando não há mulheres envolvidas, “iniciativas realmente coletivas eles tentam, mas eles não conseguiram ainda. Por exemplo, essa ideia de fazer uma horta comunitária [...], os meninos falando e falando, mas eles não conseguem fazer”.

Isso se estende também à projetos visando uma comunicação para fora da ecovila. A entrevistada relata que foi criado um círculo de comunicação, basicamente formado por homens, para administrar e tratar das redes on-line da comunidade. Contudo, ela afirma que “como tudo que os meninos tentam fazer” lá dentro, não sabe se terá continuidade. Apesar disso, é um homem que tem *pegado essa frente* e organizado as plataformas digitais da ecovila,

como o site, o Instagram e o Facebook. Outras pessoas auxiliam, como ela que escreve artigos para o site, mas ele que se dispõe a realizar as postagens.

Ainda em relação à comunicação, é visível que para a comunidade ela muito se apoia em bom convívio e colaboração comunitária, ocorrendo principalmente através de reuniões e grupos no WhatsApp. Não há uma definição fixa do que seria a comunicação para a ecovila ou mesmo, para a entrevistada, mas é tudo que insere em uma expressão comunicacional. Para tratar o que mais se descreveria no conceito de comunicação, ela cita o exemplo de um evento de celebração da ecovila, que ocorreu na ecovila antes da pandemia, “foi um evento muito grande, agente recebeu umas 500 pessoas aqui dentro, só que assim, rolou muito conflito sabe”. Segundo ela, demorou nove meses fazerem outros eventos de novo, o que aconteceu com a vinda de um indígena colombiano que realizou um retiro para desenvolvimento comunicacional. “E eu sinto que a gente começou a aprender, pelo menos eu aprendi que comunicar é escutar”. Após isso, ela afirma que a comunicação entre todos melhorou muito, mesmo que ainda ocorram outros conflitos. Tudo depende da colaboração, não apenas em discussões conflituosas, mas em participar das reuniões de partilha e escuta.

5.1.2 Práticas espirituais e o lugar do Sagrado Feminino

Após o relato do retiro, foi possível perceber que muito da comunicação pode se relacionar diretamente com a questão espiritual, ao menos na concepção da entrevistada. Quando indagada sobre ser uma forma de fortalecer e facilitar a comunicação, ela concorda e conta que até para a resolução de conflitos são utilizadas ferramentas de cunho espiritual, “tem outras pessoas que são da umbanda, às vezes quando tá tendo muito conflito e tal, ela fala *‘ah eu vou acender uma vela, vou colocar lá na porteira’ e ela faz o trabalho dela né*”. O xamanismo, no entanto, é o que Sally sente que é o que mais une a comunidade em *termos de espiritualidade*.

Rituais e procedimentos da cultura indígena também estão presentes, apesar de todos terem sua própria *filosofia*. Os moradores costumam se reunir para tomar *ayahuasca* e receber indígenas de diversas etnias para fazer rituais com eles, “então eu sinto que quando a gente se une pra fazer alguma coisa em termos espirituais, é nessa pegada indígena”. Essa é uma característica em comum entre movimentos que se relacionam à Nova Era, a flexibilização de doutrinas e a adequação de aspectos que convém aos indivíduos e segundo a construção das próprias práticas e crenças, sem seguir um dogma (OLIVEIRA, 2011).

Ela destaca a importância desses rituais para manter o bem-estar emocional da comunidade, especialmente o ritual feito após o evento, realizado pelo chamado *taita*, um líder indígena colombiano. Na ocasião, ela se reuniu em volta do fogo com os demais moradores após fazer vários exercícios durante o dia em que revia a relação com os pais e os traumas de infância, “à noite a gente se reunia em volta do fogo [...] quando uma pessoa fala não pode ser interrompida [...], foi muito legal assim, a gente ver o outro, entender melhor né, o outro [...], sinto que a gente se uniu muito”.

Ela também participa de um grupo de mulheres de fora da ecovila que realiza trocas espirituais e serve como uma rede de apoio. Sally se coloca como aquela que mais tinha vontade de organizar reuniões entre mulheres e grupo de apoio feminino, mas as demais mulheres na comunidade não eram muito *ligadas*. Foi quando ela começou a se conectar com grupos de mulheres da cidade e logo depois a líder, *que começou esse grupo de mulheres*, se mudou para ecovila. “A gente começou a fazer alguns lá e aí também tem essa pegada xamânica né [...] nem todas as mulheres da comunidade participam né, algumas participam desse grupo. Tem pessoas de fora e de dentro também”.

Quando questionada acerca da espiritualidade antes de sua residência na ecovila e da experiência do grupo de mulheres, ela fala da família primária e dos primeiros direcionamentos espirituais que teve. O pai era judeu, *mas não muito praticante*, nem participava de uma rede de pessoas judias, então ela nutriu interesse pela religião. Já a mãe era kardecista e passou a ela vários livros, *Zélia Gattai* e do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, então quando criança acreditava em reencarnação e karma nessa perspectiva. Contudo, afirma que também gostava de coisas diferentes quando criança, como *pedras* e *gnomos*. Conta de uma loja que havia em um shopping que costumava visitar com frequência, “*que era tudo de coisa de bruxinha, de gnomos, de coisas e eu ficava encantada*”. Na época, comprou um livro chamado *O Guia Essencial da Bruxa Solitária*, e afirma que toda família *tirou sarro* quando o mostrou:

Era sobre a wicca né, e falava sobre as bruxas e cara, eu me encantei com isso, porque eu estava muito afastada da natureza, mas eu sentia que fazia sentido pra mim com a espiritualidade conectada com a natureza, conectada com as estações, conectada com o vento, com o sol, com a lua, com os ciclos [...] (SALLY).

Foi quando passou a se aprofundar mais na Wicca, fazendo parte de um grupo que realizava rituais, visitava parques e *abraçava árvores*. Afirma que a Wicca facilitou sua primeira conexão com a natureza, pois vivia com os pais em um apartamento em uma cidade grande e os pais *detestavam mato*, tinham um estilo de vida essencialmente *urbano*. Para ela a

conexão proporcionada pela espiritualidade encontrada na Wicca fazia sentido depois de uma infância sem contato com a natureza, e isso foi algo que pode ser mais explorado ao completar 18 anos, junto de estudos que tratavam de temas relacionados ao corpo. Reconhece-se uma ligação entre o corpo feminino e a natureza dentro das espiritualidades femininas, como cita Eller (2000), como uma forma de enaltecer a mulher e romper com o padrão colocado pelo olhar opressor masculino.

Esses fatores foram essenciais para mudar sua visão acerca de espiritualidade, “e aí eu li vários livros, eu li Erro de Descartes, do Antônio Damácio, que fala como que funciona o pensamento [...] livros de antropólogos buscando como a formação do pensamento vem através do corpo”. O principal desses estudos foi o entendimento para si de quebrar a dualidade entre corpo e alma e da ideia de que quando o corpo morresse, a alma continuaria, “essas religiões que falam de uma vida após a morte, também acaba desmerecendo um pouco o trabalho social que precisa ser feito para melhorar a vida das pessoas na terra né”. A promessa de sofrimento em uma vida para riqueza na outra, é problemática para a entrevistada, pois tira a responsabilidade das pessoas sobre a vida na terra. Essa ideia parou de fazer sentido e ela passou a se inserir mais em uma perspectiva do *tantra*, de que o todo é um só que continua a existir. Sustenta também, a possibilidade de as pessoas acreditarem em diferentes perspectivas, e essa é a principal diferença da espiritualidade para a religião, “a gente fala de religião vem essa coisa do dogma né”.

Ela relata que experimentou outras religiões além daqueles familiares, como hare krishna, “porque eu gostava da comunidade, [...] era uma galera muito legal né, super divertida”. Começou a estudar o *Baghavat Gita*, mas afirma que tinha certos incômodos com tais ensinamentos, “ele é bem machista também né [...] algumas coisas eu não engolia”. A Wicca também não foi uma prática que mantém ainda hoje, apesar da crença de ligação com a natureza. “Pra mim a espiritualidade é muito única, assim como cada pessoa é única, essa pessoa vai ter uma visão do universo que é única. Então é difícil que você consiga que todo mundo pense igual”. Aponta a *diversidade* como a questão essencial para mudanças no mundo e em termos espirituais, “acho que o grande barato é a diversidade né. A gente tem várias formas de ver, de pensar e de existir, essa diversidade cultural. Eu acho que as religiões tendem a querer que todo mundo fique igual [...] e aí eu já acho que começa a entrar na hipocrisia”. Além da diversidade, a verdade e honestidade são questões muito importantes na visão de Sally quando tratamos desse tema, que segundo ela, foi algo que veio do próprio pai. “Ele sempre foi muito, direito assim, sempre de falar a verdade”. Portanto, “E pra mim, a questão da verdade, e da

empatia, e do amor incondicional é o principal assim. E aí cada um vai saber no que acredita. Acho que vai ser muito único de cada pessoa”.

Já as práticas e ações espirituais, além dos rituais em conjunto com a comunidade ou os grupos de mulheres, afirma não realizar nenhum de forma individual ou sozinha. A proximidade com a natureza e estar em um local que possibilite isso, já traz *uma conexão*, que pra ela *traz muito bem-estar*. “Ver o pôr do sol, de ver os bichinhos, de ver os passarinhos, os lagartos, assim... isso pra mim traz uma conexão, mesmo sem nenhum tipo de prática”. Nisso, percebe-se outra característica dentro da esfera da *Nova Era*, a não necessidade de dogmas e religiões, de rigidez em suas crenças (OLIVEIRA, 2011).

Para ela, uma prática espiritual vai além da meditação ou de rituais sozinha, mas envolve *compartilhar* e ter *consciência*. Contribuir para o coletivo, doar, redistribuir os excedentes, e ter com a verdade, “pra mim a espiritualidade é essa retidão”. Afirma que esse pensamento vem muito das culturas indígenas e da permacultura.

[Uma] coisa que vai fazer o bem pro mundo, que vai ajudar na sustentabilidade. E eu sei que a minha intenção tá firme, que eu tô com boas intenções, eu tô compartilhando o que eu tenho de acesso, que é uma das regras da permacultura né. De redistribuir os excedentes, é o terceiro princípio. Então eu tô sempre distribuindo o que eu tenho de conhecimento, eu passo e repasso pra quem precisa. Ou compartilhando as coisas que eu posso (SALLY).

Nisso, também inclui a consciência dos próprios privilégios, como mulher branca que conseguiu a renda que tem hoje porque na época do mestrado teve uma empregada que era negra que cuidou da filha enquanto ela estudava. Doar parte da renda pra quem precisa, e tentar contribuir de alguma forma para essa pessoa que a ajudou fazem parte disso, “não é uma coisa eu consegui porque eu sou muito inteligente. Não, eu consegui por eu fui privilegiada né [...], eu sei que sem ela eu não teria conseguido”. Critica as pessoas que tem bastante e nada fazem para contribuir ao coletivo, “então pra mim assim, essa é a minha espiritualidade, sabe. Não faço meditação, não faço nada. Essa retidão, assim, no caminhar, sabe”.

Contudo, também afirma que se insere em uma perspectiva do **Sagrado Feminino**, pois acha importante uma busca das mulheres de se *empoderar*, de *resgatar essa força do feminino*, “e essa coisa do juntas a gente consegue, a gente precisa se unir também né”. Também enxerga isso como uma forma de ocupar espaço na sociedade e não ceder aos modelos patriarcais, “porque para os homens essa coisa de dividir e conquistar, para eles é ótimo né. Quanto mais a gente fica uma brigada com a outra, uma com inveja da outra, para os homens isso é ótimo”. Então a grande busca feminina em um viés espiritual seria essa, para ela, de união, conseguir

juntas e empoderamento. Assim, o Sagrado Feminino traria essa *irmandade* para as mulheres. Tal acolhimento e relação de intimidade é algo muito presente nos círculos femininos e redes de espiritualidade feminina, como um modo de se fortalecerem e partilharem sobre si mesmas (SINISTERRA, 2013).

Também indo além de práticas e rituais, essa abordagem espiritual traria essa união, diferentemente do se vê *na mídia*, que segundo a entrevistada, os filmes e novelas colocam as mulheres nesse lugar de buscar a *aprovação dos homens*, de colocar as mulheres como competidoras pela *apreciação de um homem*. “E aí o Sagrado Feminino vem trazer essa relação entre as mulheres”, um acolhimento que raramente se encontra em uma relação com um homem. A essência da espiritualidade feminina sob o Sagrado Feminino seria, para ela, se conectar com uma *amorosidade*, um *acolhimento*, que acaba por ser também uma conexão com a terra, com os alimentos.

Mesmo sobre o ciclo menstrual e rituais com o próprio corpo, busca apenas saber o que está sentindo e descansar quando necessário. O *autoconhecimento* também é uma parte muito importante da espiritualidade para ela, tanto do corpo quanto da mente. “Então eu respeito meu íntimo né, respeito assim, meu ciclo [...] Só o meu ritual é eu me recolher assim, talvez pra dentro, mas é isso”. Também enxerga o autoconhecimento como de alta relevância para todas as mulheres, pois “quanto mais a gente se autoconhece mais fácil fica a vida né [...], eu acho que todo mundo, quanto mais a gente se conhecesse mais honestas seriam as nossas relações”. Coloca que os grupos de autoajuda e entre mulheres auxiliam muito nisso, e se mais mulheres se reunissem para conversar e se abrir, agregaria na vida delas. Não apenas em uma questão de desenvolvimento espiritual, mas acima de tudo, por *acolhimento*. Cita o exemplo de uma amiga que se divorciou e tem dois filhos e que está morando na casa dela sem pagar aluguel, “Porque se você tá sozinha ali numa situação, não tem ninguém pra te apoiar, ninguém que converse sobre essas coisas, ninguém que realmente escuta, é muito difícil né. [...] Não precisa nem você ter xamanismo [...] Só tá na presença e na escuta”. A presença em um grupo, ou Círculo de Mulheres como nas palavras de Cordovil (2015), permite espaço para invenção pessoal, não necessariamente atrelada à uma doutrina espiritual específica.

Quando questionada se a espiritualidade entre mulheres seria um fator importante para melhorar as relações dentro das comunidades e ecovilas, ela afirma que as mulheres têm mais facilidade de “virar comunidade né, mais facilidade de se abrir, de se conectar, de sentir empatia, de pensar no todo, de pensar no coletivo, de se doar para as pessoas”. Já os homens, ela os vê um pouco perdidos, não necessariamente por um fundamento espiritual, mas porque ainda estão em um lugar de *conflito*, de *ego*. Nos rituais em grupo ela afirma que eles aparecem

quando há o consumo de substâncias, mas na hora de trabalhar o emocional poucos se fazem presentes. As mulheres, dentro da ecovila em que reside, acabam assumindo papéis de liderança nas questões comunitárias, mas por um olhar mais crítico: “não sei como isso se relaciona com a espiritualidade, assim. Acho que é mais uma questão social mesmo, a gente tá num momento que a discussão feminista ainda tá [...] as mulheres ainda estão acordando para essa questão”.

Já os homens, considera que é muito difícil eles saírem desse lugar de a *casa dos homens*. Menciona que esse é um termo utilizado por uma professora em uma *live*, em que falou que os homens ficam na casa dos homens. “As mulheres buscam validação dos homens e os homens também buscam validação dos outros homens”. Ela também coloca que isso pode ser prejudicial a eles, pois quando um se abre, o “outro já joga uma piada, ele já se fecha”. Na opinião da entrevistada, é o que impede de haver espaços de discussão e abertura, também dificultando as relações dentro da comunidade.

As mulheres que conhece, de seus grupos e da comunidade, mostram que têm noção do machismo e dos problemas das relações, se apoiam e formaram uma rede que “*ajuda muito com os filhos e quando precisa pra conversar*”. Mas uma convivência semelhante entre os homens seria um benefício para a comunidade, “eu sinto que o que precisa agora é do Sagrado Masculino né. E a gente enquanto mulher já sugeriu várias vezes pros homens”. O máximo que os homens da comunidade fizeram, conta, foi um grupo no WhatsApp, tal como as mulheres também o têm. Porém, não foi um lugar de debate, mas de reforçar o machismo, “aí acabou vazando umas informações de que as conversas que rolavam era tipo, quem você pegaria, entendeu”. Ela encara como uma possível solução, uma construção de um *Sagrado Masculino* que se assemelhe à rede de apoio e acolhimento das mulheres dentro do Sagrado Feminino. Seria algo que possibilitaria também, um desenvolvimento para a humanidade.

5.1.3 Questões de gênero e o Ser Mulher

A espiritualidade também abre portas para que ela pense questões relacionadas às mulheres e à opressão do gênero. Quando tratamos sobre a temática da maternidade, ela considera que o Sagrado Feminino acolhe as mulheres que são mães e que isso é muito importante. Cita uma ocasião em que participou de um encontro do Sagrado Feminino e as pessoas estavam compartilhando e olhando para o fogo em uma ação cerimonial, a filha estava presente e era pequena e começou a falar e interromper. “Aí eu já fiquei assim, porque mãe é assim, você tá em um lugar e o filho começa a chorar e todo mundo olha pra você né”. Também fala sobre as pessoas que ficam incomodadas, “cadê a mãe dessa criança, tira essa criança daqui,

essa criança atrapalhando [...] e você tem que sair com a criança do lugar”. Mas nessa ocasião, ela lembra que não sentiu esses olhares, pelo contrário, todo mundo tentou ajuda-la e quis buscar algo, um *brinquedinho*. Vê isso como uma coisa *tão simples*, e se sentiu *acolhida*, com todos tentando cuidar da filha e a apoiando. Sally afirma que isso é muito acolhedor para uma mãe e que sentiu que tinha um lugar que podia ir e levar a filha, ser escutada e compreendida, um *super apoio*.

No entanto, sua visão acerca da maternidade não mudou com o conhecimento do Sagrado Feminino, apenas se reforçou. A entrevistada coloca que isso se dá através de muita coisa que já vinha fazendo, das próprias ideias que foi formando por meio de leituras e estudo. A questão que destaca é a visão comunitária e coletiva, no sentido de que a criança deveria ser cuidada e criada por uma comunidade. “Quando tô com alguma criança, alguma amiguinha e tal, eu cuido, eu dou bronca, eu educo como se fosse minha filha, sabe [...], tem mãe que não gosta”, mas ela acha ótimo porque afirma de isso ser um enriquecimento que traz outras referências para a filha.

Além disso, o aspecto da *irmandade* também cita como reforçado pelo Sagrado Feminino, como a nova esposa do pai da filha, que busca enxergar como parte da família. “Essa coisa do coletivo, mesmo, da tribo né. De entender que somos todos uma família, e da gente se apoiar e de eu poder ajudar com o filho dela também. Enfim, acho que vai reforçando essa visão mais comunitária”. Essa visão facilitaria a vida de muitas mulheres e deveria ser uma responsabilidade de todos educar as crianças. Acredita que faz parte da condição feminina ser mãe, apesar de haver mulheres que escolhem não ser e apoiar isso, mas tem muita gente que acaba não escolhendo, “deve ter dados estatísticos que o brasileiro é filho de mãe solteira né”. Nesse sentido, seu entendimento de condição de mãe para a mulher vem de uma questão social, pela irresponsabilidade dos homens, pois quem *segura a onda* é a mulher. Coloca também, que não deveria ser assim.

Apesar disso, pensa que ser mãe é educar, transmitir valores e criar limites, “você tá moldando ali uma subjetividade né”. Todavia, toda a carga das tarefas associadas domésticas vem com isso, limpar, cozinhar, trocar fraldas e fazer compras. “Eu sinto que ser mãe não deveria ser essa coisa solitária que é na nossa sociedade”. Idealmente, enxerga a questão da comunidade e das várias referências para a criança, com outras pessoas ajudando na criação. Por isso, não enxerga que existe uma imagem de mãe ideal, ou mãe como *sagrada*. Para ela, o que mais fica evidente é o cansaço e o desgaste de mulheres que são mães, especialmente aquelas que como ela são mães *solo*. Assim, na opinião dela haveria mais uma *dessacralização* da maternidade. Contudo, o cansaço e o estresse sofrido pelas mães eram justamente aspectos

que se mantinham fora da imagem da mulher mãe sacralizada, e aquela que não fosse mãe, segundo Rohden (2003), sofria como uma negação da natureza.

Como exemplo, menciona diversas situações dentro da ecovila, em que nos grupos de mulheres é a *mulherada reclamando*, que os homens não têm cuidado e dificilmente dividem as tarefas. Mesmo em um local que busca colaboração e coletividade, ela afirma que as mulheres ficam muito sobrecarregadas. Pois, além dos cargos de diretoria e burocracia dentro da comunidade, precisam cuidar de suas casas e filhos, “às vezes a gente marca reunião de encontro de mulheres e todas vão com os filhos porque os homens não puderam ficar [...] no momento que a mulher tem alguma coisa importante”.

Em outro momento, os moradores estavam organizando uma preparação de almoço coletivo e dois homens queria pagar para comer ao invés de ajudar na cozinha. Sally coloca que mostrou sua posição ao dizer que faria a mesma coisa, “a gente acha meio normal homem não querer cozinhar e querer pagar, mas enfim, mas eu também senti que eu tinha o direito” e “eu não vou cozinhar pra homem a não ser que ele esteja cozinhando pra mim de volta, entendeu”. Ela coloca que sua posição é *radical*, mas que está cansada de ter que ter paciência e explicar as coisas, sendo que os homens devem ter iniciativa e aprender por conta sem que mulheres precisem explicar. Essa foi uma das atividades que acabou por não funcionar justamente pela falta de colaboração deles e “aí acabou que não rolou, uma galera saiu do grupo [...], eu já tô num nível, assim, que eu tipo, não aturo [...], igualdade, entendeu”. A partir do que Kergoat (2009) explica, é visível a forma como os homens da comunidade buscam reproduzir a falta de divisão de tarefa muito presente na sociedade em geral, sem relações mais justas e democráticas no que é considerado como esfera privada: a cozinha. Ao se colocarem indisponíveis na organização da cozinha, reiteram a ordem vigente geradora das desigualdades e reafirmam a hierarquia sexual que coloca as mulheres como aquelas com serviços dos quais eles podem usufruir sem contribuir.

Além disso, Sally dá ênfase ao fato de que são as mulheres quem *na verdade* lideram e sustentam o local, desde sua fundação. As mulheres ocupam os cargos de diretoria há anos, na coordenação tem um homem, mas *no papel, oficializado* e não muito atuante. Quem atua *mesmo* e faz as coisas acontecerem, segundo ela, são as mulheres. A ecovila não possui nenhum funcionário, então é tudo feito por elas. “A gente tá indo para todos os cargos aqui dentro né, e a gente faz a maior parte do trabalho [...], o fato de não ter homens fazendo essas funções também é um certo desequilíbrio, eu vejo”. Destaca que há um perfil muito forte de mulheres lá dentro, *mulheres independentes*. Isso parece ser a prática mais subversiva nas relações entre homens e mulheres dentro da comunidade de Sally, pois as mulheres estão em cargos

importantes de forma dominantes. Contudo, isso também mostra a falta de responsabilidade dos homens em pautas pelo fim das hierarquias e mais igualitarismo.

Dessa forma, elas acabam tendo muita voz e representatividade na comunidade, mas coloca que isso não impede de ainda haver muito machismo da parte dos homens. “O grupo das mulheres no WhatsApp a gente fica reclamando né, os maridos não estão ajudando, que a gente tá cansada [...] Assim, a gente ainda não conseguiu realmente estabelecer um diálogo com os homens sobre isso”. Em uma das reuniões que ela coordena, *puxou* esse tema e alguns dos homens se abriram sobre a forma que foram criados, “não pode chorar, não pode mostrar sentimento”. Sally afirma compreender esse lado, mas sente que as mulheres estão cada vez mais atentas para as atitudes machistas, e os homens precisam sair de um lugar de conforto. Beauvoir (2017) já colocava que o problema da mulher é também um problema dos homens, sempre foi. Assim, reconhece-se também de a parte masculina fazer seu papel para desatrelar tais atitudes machistas de suas vidas e das mulheres.

Indagada sobre a situação durante a quarentena, ela declara que o sobrepeso nas atividades aumentou ainda mais sobre as mulheres. A rede apoio entre elas que buscava dividir o cuidado com as crianças parou por um tempo devido ao isolamento social, praticado mesmo dentro da ecovila. As escolas e as creches da cidade próxima fecharam e isso também dificultou o cotidiano das mulheres, “ficaram todas as mães 24hs direto com as crias. E a gente também, acabou quebrando um pouco a autoajuda né”. Essa quebra se deve por, além do isolamento, a filha de Sally ser de grupo de risco, o que a deixava desconfortável em sair e ajudar a vizinha que trabalhava fora a cuidar dos filhos gêmeos, como costumava fazer. Nisso, é possível fazer um breve parâmetro com o mundo externo à ecovila, em que as mulheres em contexto pandêmico são as mais afetadas, com o acúmulo de tarefas e outras questões como desemprego e fechamento de escolas.

Quando questionada sobre o papel dos homens no cuidado com as crianças da comunidade, afirma que não vê isso acontecendo, que ocorre apenas entre as mulheres. “Os homens não cuidam nem de seus próprios filhos, quanto mais cuidar dos filhos dos outros né”. No máximo quanto realizam uma atividade grande em grupo, quando as crianças estão brincando juntas e um deles se oferece para *ficar de olho*. Mas, *se dispor* a cuidar do filho de outra pessoa, “*homem, eu nunca vi*”.

Uma parte disso, Sally afirma por experiência própria, por ter cuidado da filha sozinha. Quando foi morar na ecovila, ela e o antigo companheiro tentaram retomar a relação e depois de um ano ele se apaixonou por outra mulher da comunidade. “Então a gente faz parte da mesma comunidade, mas ele tá com essa outra pessoa agora”. Apesar disso, a maior parte da

responsabilidade continua com a entrevistada, “eu tenho que ficar pedindo e brigando né [...], ameaçar pegar uma advogada”, para que ele tivesse um papel mais ativo na criação da filha.

Segundo ela, a esposa do antigo companheiro ajuda a colocar um pouco de *sendo na cabeça dele*, de que ele tem que *ajudar*, algo que melhorou muito. “Pra mulher já é automático, o homem tem que fazer alguma coisa, ele deixa o filho com a mulher e nem pergunta, entendeu”. O antigo companheiro ajuda, mas ela precisa ficar *batalhando* para isso. Também coloca que os homens não têm muita *noção* do trabalho que as mulheres têm nisso, o *trabalho mental* de pensar em tudo da criança, certificar de remédio em dia, reunião de pais, *um milhão de coisas* que, segundo ela, eles nem se *ligam*, de *trabalho invisível*.

A diferença entre mulheres e homens e a desigualdade é, no entendimento da entrevistada, tem grande parte resultante da *socialização*. Beauvoir (2017) explana em sua teoria que meninos e meninas são educados de forma diferente e quem vem daí a diferenciação no comportamento das relações entre os sexos. Considera que biologicamente falando as mulheres possam ter certa predisposição para o cuidado por serem elas as pessoas que *nutrem* os olhos, e os homens essa *coisa da testosterona*, mas que nada justifica a desigualdade que existe. Eles precisam se *mexer* e fazer a *parte deles*, assumir responsabilidade e fazer trabalho emocional para *superar* a forma como foram *socializados*, “como eles aprenderam, que os pais foram autoritários, ensinaram um monte de coisa errada, mas meu, a gente pode mudar isso”. As mulheres não devem ter paciência com os homens, eles devem buscar melhorar. Ela cita as comunidades indígenas e a doação e o cuidado presentes na cultura deles, o que mostra ser uma socialização.

Nesse sentido, ela entende o **feminismo** como uma forma de melhorar essa questão, pois para seria realmente uma *divisão igual* das tarefas, incluindo o *trabalho emocional*, que é algo já colocado como importante dentro da visão dela do Sagrado Feminino. Feminismo também seria uma *mudança nas relações e desconstrução* de si. Nisso, ela cita como exemplo o amor livre. A relação monogâmica, na opinião da entrevistada, não faz o menor sentido porque você pode amar mais de uma pessoa, esse *negócio* de escolher e ter ciúmes é algo que a gente aprende, “todos os filmes que você assiste é isso, ah, alguém gosta de alguém e aí traiu, então gosta de dois, tem que escolher um e tal”. Para Sally, amar uma só pessoa coloca todas as expectativas em cima dessa pessoa, e isso não dá certo, principalmente “para a mulher que tem que suprir todas as necessidades do homem”.

Coloca também que foi a partir da quebra desse padrão de relacionamento que conseguiu *quebrar* muita coisa, “e por que não a gente pode se relacionar com vários? Amar várias pessoas e cada pessoa vai enriquecer de uma forma única”. Destaca-se nessa fala da participante a

questão de uma nova forma sexualidade, que podemos pensar a partir de Mattos (2006) como uma prática de pessoas com alto capital cultural quando tida como uma experimentação consciente. Já no entendimento dentro da espiritualidade feminina, o casamento é apenas uma “entre várias possibilidades para a expressão sexual amorosa” (STARHAWK, 2007, p. 29).

A rede de apoio entre mulheres mostra-se essencial em uma situação assim também, pois foi a troca entre mulheres que possibilitou a ela tentar novas formas de se relacionar e lidar com a insegurança dentro de relações abertas. Por ser algo a ser colocado em prática, ela afirma que quando “tem alguém ali pra tá te apoiando nessa transformação, alguém que vai tá ali pra conversar e te escutar e pensar junto”, facilita muito todo o processo. Nisso também são consideradas as rodas de mulheres, que se manifestam não apenas durante rituais ou encontros, mas em uma espécie de compromisso, falando sobre experiências e ansiedades, fortalecendo comportamentos de apoio (GEIGER, 2014).

Além de se referir ao feminismo, e se colocar como *super feminista* e a favor da *igualdade de gênero*, em termos de posicionamento político ela diz ser de *esquerda*, declarando ser favorável a pautas como a legalização do aborto e da maconha. Mesmo o Sagrado Feminino para ela tem um viés politizado, pois de nada adianta ter o ritual, mas não ter uma *prática*, se não vira um *simbolismo*, um *teatro*.

Em demais questões individuais, como relacionadas à beleza, aparência e corpo, Sally consta que nunca foi muito conectada à indústria da beleza. Não pinta a unha há anos e usa maquiagem apenas no Natal e no Réveillon, só passando um *lápiz no olho*, diferente da mãe que frequenta a manicure a cada 15 dias. Seu foco em fazer exercício como caminhada e se alimentar bem é a saúde, não a estética. Essas são práticas que situam Sally na esfera da classe média, pois essa ruptura com os padrões estéticos colocados sobre o sexo feminino é algo definidor de mulheres de tal classe (MATTOS, 2006).

Sobre roupas, afirma que há muito tempo não compra peças novas, um dos motivos sendo o clima da região que é seco e poeirento. Mas não vê muito motivo para comprar, pois prefere uma *estética natural*, incluindo no cabelo, “*tô começando a ter uns fios de cabelo branco, tô achando lindo, eu acho lindo mulher que deixa cabelo branco*”.

Nesse sentido, ter se afastado do consumo de televisão auxiliou muito nessa mudança, pois tinha *autoestima muito baixa* e percebeu que televisão *fazia mal* ao trazer muitos estereótipos, então simplesmente parou de assistir. Ela procura ter apenas o essencial, tanto em produtos de beleza quanto em produtos eletrônicos, como o computador, o celular, o Kindle e a máquina de lavar. “Acho que a vida é muito simples, enfim. Acho que a gente não precisa de muito. Pra mim a maioria das coisas são supérfluas”. É através da sua escolha do que é essencial

e não é, e seu olhar sobre os bens materiais que Sally se afirma praticante de uma vida mais simples, porém substancial. Por meio desse consumo, é que ela diz algo sobre si mesma (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006), afirmando-se também diante do restante da sociedade. Mesmo livros ela tinha muitos e doou quando foi morar na ecovila, tem poucas roupas e poucos cosméticos, sem lugar para guardar, “se você tem muita coisa, você vai ter que ficar tirando pó de muita coisa, então pra mim, ter praticidade e não ter muito trabalho doméstico”.

Sobre trabalho doméstico, tanto ela quanto a filha realiza tarefas dentro de casa, mas não chega a ser uma *divisão* pelo fato de a filha ainda estar aprendendo, tendo ensinado várias coisas no período de quarentena. “Aos pouquinhos ela vai aprendendo, estender a roupa, essas coisas”. Afirma que tem várias coisas que eliminou da vida, como atividades domésticas como passar a roupa e consumo desnecessário de bens materiais, “porque não faz o menor sentido mais pra mim”.

A partir dos pensamentos da entrevistada sobre gênero, papel da mulher e a desconstrução dentro do que considera feminismo e do Sagrado Feminino, foi questionada sobre o que seria um ideal de mulher. Logo ela recusa uma ideia assim, e afirmando que “um ideal de mulher não, o lindo é nossa diferença”. Ela não deseja para as mulheres um ideal, mas que tenham liberdade de seguir seu *propósito*, ter uma vida plena e viver bem. “De poder ter mudança e comunidade, é o que eu desejo para todas as mulheres [...], cada uma ser do seu jeito e cada uma trazer seu universo, sua visão, ponto de vista único”.

Também coloca que espaços só para mulheres são importantes para isso, pois é onde podem ter troca e apoio de outras mulheres, independentemente dos homens. Comenta que houve um momento em que pensaram em abrir o grupo de mulheres que participa para homens e pessoas de outros movimentos, mas sentiram que “a gente ainda precisa de um lugar da mulher, do feminino né”. Acredita em um mundo ideal que “todos possam trocar juntos”, mas no momento que vivemos, ainda sente necessidade de “ter esse acolhimento só entre mulheres”.

5.1.4 Consumo midiático e consumo globalizado

Os relatos na entrevista trouxeram clareza na importância e no espaço que a mídia ocupou e ainda ocupa na vida da entrevistada. As plataformas digitais são ferramentas de busca, troca e aprendizado, como as *lives* do Instagram, as conversas entre os grupos de mulheres e as discussões de organização da comunidade WhatsApp. Já o Facebook, passou a manter com as notificações desativadas, depois de assistir ao documentário *O Dilema das Redes* (2019), “depois que eu desliguei, não sinto falta nem tanta necessidade de entrar, acho que foi isso que

mudou. Usava mais, assim, as redes sociais”. Também acessa reuniões no *Zoom* semanalmente e lê notícias pelos sites no G1, na CNN. No YouTube assistia ao programa *Greg News*, mas que não estava mais sendo exibido. Coloca o WhatsApp como a rede que acessa diariamente, sendo as demais plataformas, apenas quando precisa realizar uma ação específica.

Ela afirma também *adorar* assistir Netflix em momentos de distração e entretenimento, mas sente falta de conteúdos mais informativos e que agreguem conhecimento. A plataforma da *Amazon* facilitou a publicação independente de um livro digital autoral, “eu gosto muito de ler. Inclusive escrever um livro durante essa pandemia. Eu divulguei na Amazon”. Como também, possibilita a aquisição de outras obras que são lidas no dispositivo do *Kindle*, “eu baixei as obras de Sherlock Holmes em inglês, por três reais, li tudo [...], li muito livro do século 18, século 19 [...] que achava de graça na Amazon, então tô sempre lendo algum romance”. Ela coloca a televisão como dispensável, mas enfatiza com frequência o valor que os livros têm. Desde o desenvolvimento da consciência ecológica e espiritual, às fontes de estudo e pesquisa.

Atualmente, está lendo o livro do Davi Kopenawa e Bruce Albert, *A Queda no Céu* (2015) “Tô amando porque, geralmente né, os livros são os antropólogos analisando os indígenas [...] e é só a voz do Kopenawa [...] ele relatando, ele conta as práticas espirituais dele, como que é na comunidade dele”. Além de *O Guia Essencial da Bruxa Solitária* (1998), não coloca outro livro que a auxiliou diretamente a desenvolver a própria espiritualidade, e afirma que não consome muitos livros com esse objetivo hoje. Quando questionada acerca de obras características do Sagrado Feminino, como *Mulheres que correm com os lobos* (1992) e *Lua Vermelha* (2017), admite que já ouviu falar, mas não teve muito interesse. O mais próximo da temática que leu é *A Tenda Vermelha* (2018), que trata sobre a vida e a mística de mulheres na antiguidade. “Eu gosto de ler livros assim, de realismo mágico”, nessa categoria refere-se ao *Da Magia à Sedução* (1995), “só que o filme é bem diferente do livro né, mas é um dos meus favoritos”.

Sally acredita que esse tipo de conteúdo midiático pode auxiliar as mulheres a irem em busca do Sagrado Feminino e abrirem o olhar sobre espiritualidade e autoconhecimento. Declara que gostaria de estudar sobre isso e coloca que se as novelas mostrassem as pessoas *compostando, separando orgânico, ia normalizar* mais e facilitar essas práticas no cotidiano da sociedade, trazendo uma *referência*. Cita como exemplo a mãe que, “é a típica pessoa que chega assim “na televisão falou que não sei o que [...]” e a época em que começou a vestir roupas *meio hippies e saídas* e a mãe nunca gostou, mas que um dia viu uma personagem na novela que se vestia parecido. “E aí ela começou a aceitar, entendeu, “*nossa você parece aquela mulher da novela*”. Reconhece a importância da novela para legitimar e normalizar práticas e a

influência sobre diversas questões, “qualquer debate mais profundo que apareça na mídia é super válido né, super importante pra trazer outras referências”. Segundo Marques (2018), como tratado em sua pesquisa, as novelas têm um importante papel sobre a representação feminina na sociedade e a construção do olhar das mulheres sobre si próprias e umas às outras.

Atenta também para os estereótipos presentes na mídia, que não apenas prejudicaram sua autoestima na adolescência, mas que impedem novos debates e a construção dessas outras referências. Como os personagens hippies que são mostrados como *bobões*, “depende da forma como isso é abordado né” e menciona a Rede Globo que tentou entrar em contato com a ecovilas *umas três vezes* e sempre recusaram, pois não se sabe como “isso vai ser cortado, editado e veiculado”. Apesar disso, não nega que houve avanços ao citar a Disney e a mudança na abordagem das *princesas*, que hoje não aparecem mais tanto, mesmo que ainda traga coisas *muito patriarcais*. Ela ressalta a importância de renovar e trazer novas referências em relação à temática do amor livre. “Quando comecei a fazer experimentação e quebrar essas barreiras [...], eu não tinha nenhuma referência né, de como fazer e seria legal ter uns conteúdos assim”.

Por fim, essa questão para a participante mostra-se importante na medida em que compreendemos que a mídia é vital para a definição da feminilidade e para gerar conformismo sobre as relações de gênero através da exploração do corpo feminino para definir padrões de beleza e elegância, ideias de respeitabilidade moral e sexualidade, além do cuidado familiar (RONSINI, 2016).

5.2 INTRODUÇÃO À PARTICIPANTE - KAREN

Karen é uma mulher branca de 32 anos, natural do sul do Brasil com experiência e voluntariado em diversas ecovilas no mundo. Ela reside em um sítio de agrofloresta no sudeste do país após um período viajando e residindo em uma ecovila no sul. É graduada em jornalismo e trabalhou por alguns anos na indústria jornalística como repórter e depois viajou visitando comunidades intencionais e ecovilas na Ásia, na Índia e estudando a prática da *yoga*. Vive com um companheiro homem e possui renda de 1 a 3 salários mínimos, quando indagada sobre isso, afirmou ser *comunicadora e agricultora*, pois realiza funções como edição de vídeo para uma fundação de comunidades intencionais, mídia social e trabalho de agricultura, principalmente em plantio de agrofloresta. Aqui também inclui funções mais técnicas, como “encanamento, irrigação, trator”, e “o que mais puder aprender”.

Dois marcos de sua vida foi quando saiu para viajar no exterior e passou a se inteirar da vida nas comunidades, com práticas ecológicas e minimalistas. Essas práticas surgiram tanto

por necessidade ao ter que viajar com poucos bens materiais, quanto pelas vivências em ecovilas. O que levou a participante a isso, foi um maior contato com a natureza ao começar uma pequena produção de hortaliças na sacada do apartamento em que morava, algo que a aproximou das ideias ecológicas e sustentáveis das ecovilas. Em seguida passaram a cultivar muitas plantas na sacada e praticar o uso de uma composteira.

O interesse de Karen cresceu de forma que resolveu fazer um curso sobre *cuidar sua horta*, em um sítio dedicado à permacultura e bioconstrução, relatando ser parte de “um crescente que vinha da hortinha na sacada”.

Cultivar o próprio alimento, e essa clareza, que me veio muito forte na época, que ainda persiste em mim, de que somos seres sociais, fomos feitos pra viver com mais pessoas e que esse é o grande desafio da humanidade. Eu tenho uma crença interna de que nós já temos toda tecnologia pra fazer um mundo melhor, mas não sabemos nos relacionar. E eu tenho a sensação de que as ecovilas ou comunidades intencionais no geral, elas tentam de alguma maneira, mesmo que com muita dificuldade, porque é difícil, passar por esse caminho do relacionamento entre pessoas, pra sanar esse ponto que parece tão difícil de ser sanado, eu acho, enquanto humanidade (KAREN).

Quando questionada se seu interesse por esses temas poderia vir de práticas trazidas na infância, Karen colocou que o mais próximo disso seria o hábito de alimentação, em que era acostumada a ter muita salada em casa com os pais e é algo que reproduz até hoje, assim como não ingerir refrigerante. Tais hábitos que visam um cuidado com a saúde, mostram uma inserção da família de Karen na classe média, como forma de distinção através de práticas culturais e materiais de consumo (BOURDIEU, 2007).

Karen cresceu morando com o pai, a mãe e o irmão. Seus pais eram veterinários e produtores de leite. Apesar de afirmar não seguir hábitos de cunho ecológico de seus pais, cita algumas atividades realizadas pela mãe que se aproximam disso, como ter um pomar e vender frutas na cidade; ser apicultora e ter abelhas, posse de duas estufas para verdura e produção de sabão caseiro. Mas não tinha preocupação com lixo, com água ou em compostar resíduos. “Tinha um pouco já dessa questão rural, mas não sustentável ou ecológica como a gente vê hoje”.

Suas viagens foram motivadas por uma busca por aprendizado e espiritualidade, quando tinha em torno de 26 anos, afirmando que queria estudar yoga. O primeiro passo foi dado ao ganhar uma bolsa de curso na Alemanha, o que a levou a vender e doar os bens materiais que tinha em casa e em seguida sair do país. Foi quando também, passou a se desapegar de hábitos tradicionais de consumo e apego de bens, pois vivia apenas com o espaço limitado de uma mochila. “Tem uma questão também que quando a gente vai pra esses lugares, ecovilas, você

tem normalmente tudo que você precisa”. Aqui indica o uso comunitário de utensílios de cozinha. Relata que, nesse sentido, a *transição* foi tranquila e que nunca sentiu que faltava algo: “eu tinha o livro que eu precisava ler. Sempre tinha, enfim, um lugar pra dormir, um lugar pra comer, comida abundante e diversificada”. Marques (2018) afirma um potencial nos bens de consumo para estabelecer relações sociais e comunicativas, nesse sentido, o uso comunitário de objetos e consumo de alimentos nas ecovilas se torna uma forma de fortalecer e mesmo facilitar as relações entre os membros, bem como, moldar o consumo individual de cada um.

Para Karen isso a ajudou a desenvolver *outro processo cognitivo do consumo*, porque apesar de gostar *de coisas*, como afirma, gostar de comprar coisas e de luxo, *não é uma dor profunda não ter acesso*. Para ela, é outra relação, pois só compra algo quando realmente precisa ou se tem espaço sobrando para uma nova aquisição, “eu noto que eu voltei a acumular algumas coisas, mas muito mais timidamente do que antes”.

5.2.1 Vivência(s) na ecovila

Karen teve experiência em diferentes comunidades de ecovilas ao redor do mundo, trabalhando como voluntária por semanas até meses. Ela coloca que não fez parte de todo o *contexto relacional que envolve morar numa ecovila*, mas é seu olhar de fora que permitiu identificar questões relevantes sem naturalizá-las, como talvez o fizesse se estivesse totalmente inserida naquele meio. Foi a permacultura que facilitou sua inserção nas ecovilas, quando começou a aprender mais sobre comunidades nos cursos feitos ainda no Brasil, pois a criação de comunidades é um dos princípios do movimento permacultural.

Quando finalizou os cursos e começou a viajar, visitou diversas ecovilas, sendo a maioria delas na Ásia. A que Karen conta como mais relevante é uma na Índia, considerada a maior comunidade intencional do mundo, em número de pessoas e alta organização. Outras duas ecovilas foram na Tailândia, e por fim, uma no sul do Brasil, em que teve participação mais fixa e de acompanhamento diário, além de criar intimidade com os moradores fixos.

A participante deu destaque às trocas feitas, como quando dava aulas de yoga em troca da estadia, ou trabalhos em comunicação como fazer e editar fotos e vídeos. “Isso é um ponto interessante que as comunidades têm essa abertura pra uma economia que não é só monetária”. Contudo, as trocas não foram as únicas funções que Karen teve nesses espaços, cada ecovila se organizava de forma diferente, algumas tinham um foco específico para os voluntários, como na indiana, que afirma ser na área da agricultura. Outras possuíam um sistema mais livre, em que haviam funções a serem executadas no começo de cada semana ou manhã e aí as pessoas

escolhiam o que fazer, “um modelo bem interessante e mais livre pra quem tá lá e quer experimentar”, relata. Deu alguns exemplos, como cuidar da estrada em época de chuva para os carros não atolarem, cultivo de horta e plantio de árvores. Na ecovila no sul do Brasil, destaca o cuidado com as crianças e a cozinha, preparo do almoço e um acontecimento marcante foi a participação em uma feira, em que ajudou a fazer os produtos a serem vendidos.

A participante afirma que voluntariado na maior parte das comunidades não entra em funções de tomada de decisão, mas ainda podendo variar. Em uma comunidade havia um círculo de *feedback*, para o voluntário expressar suas opiniões e sugestões acerca do programa e do tempo passado no local, dependendo se for algo de maior dimensão, a comunidade vai *deliberar e retornar*. Entretanto, ao ser introduzida ao tema da *sociocracia*, Karen pode lembrar e fornecer mais detalhes acerca das reuniões. Na ecovila brasileira, segundo ela, a sociocracia começava a ser implantada e a opinião dos moradores divergia sobre a intensidade com que deveriam aplicar esse sistema, era quando deliberavam sobre quem faria certas tarefas como “desentupir o vaso, cavar uma vala e plantar tal coisa”, e as pessoas traziam suas próprias demandas.

Já na ecovila indiana, Karen contou que havia reunião de deliberação uma vez por semana, com as pautas mais importantes a serem resolvidas enviadas por e-mail. Ela destacou que, ainda que seja o modelo mais usado, ele não impede conflitos. Havia também a reunião de partilha em que uma vez por semanas as pessoas se reuniam para falar de *coração aberto* e serem escutadas.

Contudo, algo significativo mencionado por ela é que, apesar de se utilizarem desses mecanismos de comunicação, “como todo sistema, ele não dá resposta a tudo”, ela cita, ainda se referindo aos conflitos. Karen relata nunca ter visto brigas, mas que uma comunidade acaba reproduzindo a sociedade lá fora em uma *esfera micro*. Ir para uma ecovila, afirma, “não significa que você consiga pensar ou se comportar de maneira diferente, é uma construção muito longa”. Dessa forma, entende-se que além do desenvolvimento social entre os membros, é necessário também um desenvolvimento individual.

Eu sinto que comunidades são lugares pra você conseguir ter um mínimo de clareza sobre si mesmo antes de poder compartilhar a vida com tantas pessoas. Lembro de uma das meninas lá da comunidade que ela dizia "basicamente eu sou casada com 20 pessoas". E ela era solteira, era muito engraçado (KAREN).

É nisso que Karen nota um incentivo nas ecovilas ao acesso “à todas as tecnologias sociais”, desde a comunicação não-violenta, a sociocracia e a tomada de decisão por consenso.

Frequentando esses espaços acredita que se aprende a lidar melhor com as emoções e com os outros seres humanos. Para Starhawk (2007), a comunicação aberta facilita uma harmonização com os ciclos da natureza, assim, percebemos coerência nas relações de colaboração que as ecovilas procuram ter entre seus membros e com o meio ambiente.

Quanto às pessoas que moravam e visitavam as ecovilas, notou uma mistura de homens e mulheres tanto na comunidade brasileira, quanto nas dos outros países, não reparando em *nenhum desequilíbrio*. E quanto ao tratamento dado às mulheres, na ecovila brasileira notou muito respeito e escuta, principalmente nas reuniões de partilha. Destaca que era um momento em que a maternidade estava muito presença na época, pois várias mulheres estavam tendo filhos e no papel de ser mães, “podendo exercer a maternidade plenamente e com muito suporte, o que era incrível”. Havia, segundo sua perspectiva, um espaço muito grande para que mulheres se desenvolvessem *como mulheres*, “no que isso significasse pra elas”. Junto à maternidade, também eram tratadas questões *bem do íntimo*, ou femininas, como sexualidade, práticas de ginecologia natural, o cuidado mútuo entre mulheres. Destaca que sobre estética, depilação não é um tema, pois “ninguém se depila mesmo, já nem é uma questão”. Segundo Mattos (2006), o julgamento estético é algo que baseia a distinção de classes, portanto, discursos considerados progressistas nesses termos, estão presentes nas experimentações e rupturas de padrões presentes na classe média.

No entanto, conheceu outras comunidades em que a motivação para o desenvolvimento profissional era maior e que nessa ainda via uma certa falta disso, pois as mulheres ainda “estão muito atreladas ao que mesmo externamente se tem no universo feminino”. Nisso, cita trabalho com cosméticos e plantas medicinais, massagens e trabalhos como doula. Aqui entra uma questão importante tratada por Karen, pois mesmo em um ecovila, a *feminilidade* ainda se apresenta fortemente, mesmo que de um ângulo mais confortável e menos violento para a mulher. Como citado no capítulo teórico sobre mulheres e gênero, a maternidade e um papel de cuidadora ainda são questões atribuídas à mulher, muitas vezes de forma compulsória. Ainda que elas vejam isso como uma escolha na comunidade, não deixam de ser aspectos da feminilidade (BEAUVOIR, 2017).

O cuidado com as crianças da comunidade foi algo que chamou atenção da participante, pois sentiu que era *muito bem dividido*.

As crianças um pouco mais velhas era muito comum ver elas com os pais, passar a tarde com o pai, o pai que vai cozinhar, alimentar, trocar fralda, levar pra passear, brincar, tudo... todos os cuidados. Tirando a amamentação eu tinha a sensação de que os cuidados eram muito compartilhados entre homens e mulheres. E a própria comunidade também dava um suporte. Então era muito comum alguém "sei lá, hoje

eu vou ficar com o seu filho e você pode ficar livre e deu". E isso normalmente era estendido mais às mães, essa generosidade, era mais estendida entre mulheres e para as mães (KAREN).

As mulheres, Karen afirma, ainda eram vistas como as *cuidadoras principais* e que tinham mais *responsabilidade* pelas crianças, destacando a época de amamentação dos bebês. Contudo, via com certa frequência “algum homem também ficar cuidando de alguma criança que não é sua”. Havia uma forma *muito mais* equilibrada e *dividida* dos homens realizando funções da paternidade, segundo Karen, do que geralmente se vê.

O cuidado das crianças da comunidade no geral, é *compartilhado*. Nos horários de trabalho comunitário, uma das funções, relata, é cuidar das crianças. Segundo Karen, a responsabilidade é da família, mas tem essa visão de que a comunidade inteira ajuda a educar”. Segundo Eller (2000), a distinção entre público e privado é uma característica central, se não a principal, da opressão das mulheres, especialmente pela ideia de que as mulheres são responsáveis pelo privado e tudo que concerne a isso, como o cuidado infantil. Dessa forma, no ambiente comunitário da ecovila, não há essas distinções demarcadas, e todos tornam-se responsáveis pelas tarefas e atividades visando o bem comum, algo que quando atrelado à educação das crianças, se distancia de ser uma função só da mulher, proporcionando a ela maior autonomia e tempo de lazer.

Outras trocas também fizeram parte do processo de Karen ao conhecer o contexto das ecovilas, como trocas de hábito e mentalidade, “eu acho que era uma pessoa totalmente diferente”. A cidade, por exemplo, virou um lugar onde vai pra comprar algum *luxo*, como ir em restaurante ou comprar *suprimentos*.

Apesar dessas questões, Karen não considera as ecovilas um movimento social. Na sua ideia, movimento social envolve mobilização externa, *na rua*. Enxerga as ecovilas como um grupo com articulação entre si em movimento de estar em crescimento”. Na sua visão, é mais sobre resistência e modos de consumo, *revolução de modos de vida*, de *afazeres*, “mais ligado a consumo do que à política partidária”.

5.2.2 Práticas espirituais e o lugar do Sagrado Feminino

O primeiro lugar que cita em relação à espiritualidade é a ecovila brasileira, que coloca não a ver nenhuma *diretriz* religiosa ou espiritual ligando os membros, que a *cola*, “o que une eles, é a permacultura”. Mas, vê claramente, que há praticas espirituais variadas entre os moradores. Cita também um *certo desvalor* de religiões formais, como o catolicismo, o

cristianismo e *os evangélicos*, já o espiritismo e a umbanda eram mais aceitos, na perspectiva de Karen, por terem esse cunho mais espiritual *do que religioso*. Eventualmente, relatou ainda, várias práticas espirituais foram propostas ao longo de sua estadia, como cerimônias de *ayahuasca*, de *temazcal*, meditações, danças e danças meditativas. Também menciona convidados de fora que iam propor oficinas e eram bem acolhidos.

Quando diz que a comunidade não seguia uma diretriz, mas que era aberta às práticas de *pegada mais alternativa*, a participante se refere à não ter um parâmetro único de espiritualidade, mas diversas linhas que eram seguidas. Isso porque, quando questionada acerca de uma espiritualidade mais praticada na comunidade no geral, ela afirma categoricamente ser o xamanismo, que via ter mais adesão. Nisso, destacou especialmente características relacionadas aos rituais indígenas, além de “ayahuasca, o uso do tabaco [...] de forma medicinal, no cachimbo né”, e fogueira também como lugar ritualístico e sagrado, de momento coletivo e confraternização. O budismo, de acordo Karen, também tem seu lugar, principalmente em leituras, estudos e conversas. Já o hinduísmo, afirma ser o menos presente, mais “relegado à prática do yoga, dos asanas, a prática física mesmo”. Assim, percebemos que essa interconexão de inúmeros práticas espirituais é refletida por influências do movimento *New Age* e forma ampla com que lida com crenças e doutrinas diferentes (AMARAL, 2000).

Já na ecovila indiana, para Karen também não havia uma religiosidade, contudo, eles seguiam a *palavra da Mãe* e na perspectiva da participante, isso tornava a *espiritualidade* muito mais intensa e *explícita*. A Mãe, *Mother*, conhecida assim por todos, foi a fundadora da comunidade no século XX e quem “concebeu toda ideia, o conceito”. A participante relata que os próprios moradores da ecovila se declaravam *não religiosos*, que é algo que ela mesma coloca quando inicia falando desse tema, mas logo depois revela que a *sensação* é de que havia “uma religião que era “*nós seguimos a palavra da Mãe*”, e eu senti que era bem dogmático”.

Essa questão lhe causou um *estranhamento* no início, justamente por dizerem que não havia religião no local, mas “em quase todos os lugares da [ecovila] tem um altar com uma foto da Mãe e uma guirlanda de flores em volta. Isso é absolutamente comum”. Segundo ela, isso causa em toda comunidade uma *noção* de *santidade* ou *deidade*, também se ouvia muito a frase “*Ah, mas a Mãe falou [...]*”. Em certos momentos as pessoas se reúnem para *ouvir a palavra da Mãe*. Além disso, também praticavam yoga, meditação, yoga e terapias, o *OM*. Em relação à uma figura espiritual feminina, é algo facilitador de empoderar homens e mulheres, como menciona Starhawk (2007) sobre a religião da deusa e demais práticas que envolvem uma divindade mulher.

Nesse sentido, Karen se liga às práticas presentes nas ecovilas de forma também *equilibrada*, focando sua espiritualidade naquelas voltadas para a *ação*, “da entrega através da ação e do fazer”, se ligando principalmente às ideias do *Karma Yoga* e filosofias e doutrinas orientais. Cita também práticas de *projeção astral* e os estudos com a espiritualidade do feminino, também muito presente na vida de amigas. Quando está *conectada* com essas práticas, maior disposição e energia são frequentes.

Com o questionamento da origem de suas crenças, sua primeira reação é a afirmação de que não vieram de seus pais, pois ainda que fossem *declaradamente católicos*, não praticavam e nem iam à igreja. “Não é um tema no meu grupo familiar”. Ainda assim, participou de etapas na igreja católica, como a *catequese*, afirmando ser por desejo próprio na época por *todo mundo* estar fazendo. Logo depois, percebeu que não se identificava e não queria fazer parte daquela religião, já a *espiritualidade* veio depois, afirma.

Outro ponto que destaca é que se dizia *Wicca* quando adolescente, após ler alguns livros sobre temas semelhantes. Karen cita *As Brumas de Avalon*, “Eu achei muito legal. Então tinha toda essa mística da bruxa né, e eu lembro disso, muito marcado”. Afirmou que seu interesse na Wicca vinha inspirada pela história do livro, por ser essa *ideia da bruxa*. O restante de suas inspirações espirituais vindas da adolescência veio de uma tia que era *budista*, aqui afirmando uma certa relação familiar com suas práticas atuais. O *Yoga* coloca como um início importante dessa época também, Além da tia, *uma grande referência*, “não tem muitas outras referências familiares”, para Karen, algo que foi *surgindo*.

Sobre suas referências da adolescência levarem ao Sagrado Feminino, afirma que hoje concorda mais com a ideia de ser uma rede de acolhimento entre mulheres, mas não concorda muito com o levante de bandeiras, tendendo a manter um *certo distanciamento* de coisas *muito institucionais*. “Muito nível pessoal”, coloca, e que não se interessa por se posicionar em nenhuma dessas *bandeiras*, seja do Sagrado Feminino, da permacultura, nem das ecovilas. A própria questão do feminino, para si, vem de mulheres que falam disso, e amigas entre si, que realizam uma *troca direta* de experiências, que considera muito *inspirador*. Na ecovila brasileira, afirma ter sido *muito legal* o “nível de sensibilidade de trocas com as mulheres”, a “sensação de acolhimento, de troca em lugares mais profundos, não tão superficiais”. Afirmar ter se sentido sempre “muito feliz e muito acolhida e escutada, recebendo de volta a confiança delas, elas me contando suas experiências”. Como mencionado, a opressão e submissão feminina na sociedade também ocorre em nível emocional (BEAUVOIR, 2017), pois apesar da mulher ser associada ao emocional e sensibilidade, sentimentos como a raiva não lhes são

permitidos. Assim, um grupo de acolhimento entre mulheres mostra-se de extrema importância ao validar os sentimentos umas das outras sem julgamento e sem um olhar discriminatório.

Nesse sentido, enxerga o Sagrado Feminino como uma prática espiritual a partir do momento em que é sobre uma conexão mais interna do que movimento social. Nesse ponto, associa o feminismo com o *externo*, “entra em um movimento social, mudança de realidade”. E o Sagrado Feminino, “pra uma mudança que está mais pra dentro do que pra fora”, um olhar de mais *cuidado* e *carinho* com o feminino, “de mais voz e de valorização”. De acordo com Crowley (2011), é comum que mulheres prefiram buscar mudança interna através da prática espiritual, ao invés de mudança externa com o feminismo, a fim de desenvolver algo mais pessoal. Contudo, a autora afirma uma crítica ao questionar se o pessoal não deveria ser político, tal como propõe a reconhecida frase feminista dos anos 70, de que “o pessoal é político”.

Algo que Karen considera importante é a clareza que as mulheres dentro dessa espiritualidade têm de se posicionar como mulher e “exigir que isso seja valorizado”. Outro aspecto que admira e considera o que chamou de *ligação bonita* é a relação entre mulheres e plantas medicinais, fazer seus preparos, pomadas, que afirma ser “uma bruxaria né”, colocando que já fez muito de *alquimias*, um lado que gosta muito. A participante também vê isso como uma forma de *autocuidado* através das plantas, por não ser algo genérico e comprado em loja, mas um fazer de *suas medicinas*.

O aprofundamento do *feminino espiritual* e estudos relacionados a esse tema é algo que criou interesse principalmente pela presença de amigas e mulheres próximas inseridas no assunto e nas práticas do Sagrado Feminino. Nos estudos, havia iniciado recentemente a leitura do livro *Quem tem medo do feminino?*, emprestado por uma amiga. Sobre a ligação de mulheres com o Sagrado Feminino, cita vizinhas, amigas e mulheres de ecovilas que conheceu que tratavam do assunto, “eu acho que nesse movimento rural tem sido cada vez mais comum, as que eu conheço a maioria tá no campo, realmente”.

As mulheres da ecovila brasileira são as que mais notou serem *estudadas* no tema, tendo algumas das rodas de conversa entre mulheres baseadas em contos do Sagrado Feminino, a partir de uma noção da *tenda vermelha*, em que estão juntas para “compartilhar um momento que é só feminino”. Relatou também o uso de instrumentos como tambores para iniciar os encontros. Sobre rituais de Sagrado Feminino nessa ecovila, não chegou a ver práticas muito diferentes, mas sim um grupo de conversa entre mulheres que propunha relacionar ao Sagrado. No momento da entrevista, afirmava estar programando *rodas de fogueira* e leitura com uma das vizinhas, “normalmente tem mais esse sentido de fazer alguma leitura, às vezes rola um canto ou alguma coisa assim, mas muito espontâneo. Diria que não rituais com método

específico”. Segundo Cordovil (2015), os rituais nas reuniões têm uma produção de sentido positivo sobre a condição feminina, por meio do diálogo e outras atividades, como trabalhos manuais.

Karen vê potencial no Sagrado Feminino para melhorar a posição feminina na sociedade e mudar o olhar de fragilidade associado às mulheres. Ainda que acredite em uma *pluralidade de movimentos* e não em uma *resposta única*, acredita que é inspirador e um começo, pois pessoas que “convivem com mulheres alinhadas ao Sagrado Feminino, elas já vão automaticamente mudar seu olhar”. Mas também frisa uma espécie de cuidado que é necessário ter, pois em sua visão, parecer muito *ritualístico* poderia tender a ser *rotulado como hiponga* e criar uma segmentação, “acho que pra ser valorizado como mulher, não precisa todo mundo correr com lobos e sangrar na terra. É outra coisa né [...] não preciso bater um tampo de pele”. Karen não vê problema nessas coisas, mas afirma serem *pequenos* detalhes que podem afastar pessoas “que vão olhar com certo preconceito, mesmo que elas se identificam com a pauta”. Mas isso não é suficiente, segundo a participante, para não haver um nicho, ainda que, em termos de mudança global, não pareça ser possível em sua perspectiva que afirma estar provavelmente “cheia de equívocos”.

Sobre relações entre homens e mulheres e a possibilidade de evolui-las para além de hierarquias sociais e sexuais, Karen acredita que sim, pode acontecer. Sua afirmação vem da ideia de que no *mundo externo* a valorização da mulher muitas vezes vem de “reproduzir características masculinas, uma Angela Merkel, uma Dilma”. E o Sagrado Feminino busca “todo o espaço que ser mulher me permite acessar, ser valorizada por isso e não por parecer um homem”. Essa é uma das pautas, coloca, que as pessoas tanto dentro quanto fora das comunidades de ecovilas podem ser *tocadas*, uma “pauta de valorização da mulher inteira, plena, não só aquela imagem que a gente tem”. Karen problematizou o que considera a imagem valorizada de uma mulher na sociedade, que é aquela que “trabalha fora e é empresária poderosa, que ainda acha tempo pra tomar um *shake* e ir pra academia no fim do dia às 22h da noite”. Nisso, o Sagrado Feminino busca algo *muito importante* e que deve ser *reconhecido*, também algo que afirma estar em um “nível mais humano, mais sutil, mais sensível, mais de acolher as dores”. O principal exemplo nesse sentido dado pela entrevistada é o da cólica menstrual, que em alguns se a mulher não quiser sair da cama por isso, “está tudo bem”, e em sua visão isso é muito importante.

Nesse sentido, o relato da participante corrobora com a afirmação de Cordovil (2015), indicando que o Sagrado Feminino e círculos de mulheres se utiliza daqueles valores que o patriarcado designou como negativos para a dominação da mulher, e realizam uma inversão

dos mesmos, para ressaltar questões femininas como positivas ou passíveis de maior compreensão.

Karen enxerga a consciência ligada ao Sagrado Feminino como quão *conscientes* estão as próprias mulheres de “seu lugar no mundo, do seu lugar nesse tempo e de entender a condição feminina nesse tempo que a gente vive”. Não *baixar a guarda* para um mundo predominantemente masculino é um dos pontos essenciais, em seu entendimento, e que o Sagrado Feminino proporciona isso dando um lugar de *mais segurança e autovalorização* para a mulher.

Levando em conta a condição feminina e a relação com a maternidade, o acolhimento às mães é algo que Karen vê através da “figura da mãe sempre presente”, mas, discorda de um possível papel *sagrado* designado às mães. Para ela, o *sagrado* é um peso que mães não devem carregar, pois criar um ser humano, uma criança, é um *desafio*, e as mães deveriam ser vistas mais como um *ser humano* que tem *dificuldades*, que às vezes quer ficar um dia longe do filho e é uma situação que deveria ser vista como normal, porque “é cansativo e é pesado, e não é que elas não os amem ou não querem cuidar” e “o olhar do Sagrado tira permissão para momentos difíceis como esse. Acho que acaba engessando muito a mulher num lugar de “esta é sua única função no mundo e tudo que você deve ser é mãe e cuidar do seu filho angelicalmente” e isso não é real.”. Muito suporte, apoio e cuidado são valores que mães merecem.

Esse acolhimento pode ser um dos motivos pelos quais mulheres vão em busca não apenas de ecovilas, mas também do Sagrado Feminino, como Karen mostra concordância e enfatiza a questão da *conexão*. Frisa em suas palavras a busca por um *espaço de pertencimento*, em que se escuta e é escutada “em pé de igualdade”. Por fim, Karen traz à ideia de que a espiritualidade é uma espécie de resposta, principalmente porque a pessoas estão *sem esperança* com o mundo, e isso permite a elas *buscar alguma coisa*, como um “caminho que a humanidade sempre fez e que é o mais comum de “puxa, se aqui não tá legal, tá estranho, vamos ver o que mais existe por aí [...]”.

5.2.3 Questões de gênero e o Ser Mulher

Toda construção de sua perspectiva em relação às questões já tratadas, e também as que ainda serão mencionadas, é atravessada por uma condição muito relevante: a de ser mulher. Karen expressa isso ao comparar duas realidades que experimentou na vida, que é a da vivência

em comunidade em uma ecovila e a de trabalhar em um jornal em uma cidade conservadora no sul do país.

Quando trabalhou no jornal, relata que era muito jovem e era um espaço só de homens velhos, “bem mais velhos”. Mesmo as fontes demoravam a confiar nela, foi toda uma construção de trabalho. Nas comunidades que vivenciou, sente que era tratada mais como *indivíduo*, “acho que mais igualdade do que na comunidade comum” e que “Eu sinto que nas comunidades tem uma abertura melhor a te olhar como ser humano mesmo enquanto mulher”. A questão *estética* é um dos aspectos que traz ao assunto com facilidade, afirmando que no jornal também havia preocupação com as roupas que usava, quando colocava vestido curto “os homens ficavam olhando e aí causava um desconforto”. Diferentemente da cidade conservadora em que trabalhou, nas comunidades sentia muito mais abertura e liberdade para roupas e aspectos da aparência, “às vezes estão com uns trapos sujos e até rasgados, às vezes estão seminus, às vezes estão todos vestidos”.

Durante sua estadia, muitas crianças haviam nascido, “tinha muitos bebês” sob seu olhar, as mães não ficavam sobrecarregadas. Karen relata um “respeito muito grande às mães”, com esforços de apoio e cuidado, coisa que não viu acontecer sempre lá fora. Contudo, a participante afirma que já sentiu de homens uma espécie de *herança* de “achar que alguns serviços rurais, da agricultura, devem ser feitos por homens”, mas não vê nada que uma mulher não possa fazer, mesmo dirigir um trator que é mais pesado, coloca, acha que a mulher tem que e “ver se ela consegue”.

Diante disso, Karen enxerga a comunidade com um espaço em que as mulheres estão mais à vontade para se impor, sem receio. Especialmente por afirmar que lá “tem mulheres muito sensíveis, muito femininas, mas muito fortes e muito seguras de suas visões, daquilo que elas querem trazer pro mundo”. Ainda que veja características em comum entre mulheres e homens, de forma pessoal, como timidez, agressividade e força impositiva, foi nas mulheres que notou maior imposição. Nas reuniões, em momentos de tomada de decisão ou de pequenos conflitos, eram elas que se *impunham*. No geral, afirma, notou em todas as comunidades oportunidade de expressão, mas alguns homens ainda replicavam “comportamentos mais convencionais”, com o que chama de uma “energia mais masculina” com atitudes forçadas e carregando uma estrutura em que a mulher é mais submissa.

Na comunidade brasileira, afirma ter sentido que havia também uma “comunhão muito grande entre as mulheres”, o que considera bem interessante. Na época, isso era intensificado pela questão das crianças e o que chama de “momento maternidade”, como um tema *recorrente* que *unia* as mulheres. Karen relembra que faziam rodas de conversa e tratavam de temas como

sexualidade e relacionamentos, enfatizando o que via como um “apoio muito grande entre as mulheres, uma irmandade”.

Ainda nesses encontros, elas preparavam comidas, faziam algumas práticas ritualísticas como *tocar um tambor*. Os inícios podiam ser tirar um momento em silêncio antes de começar a conversar, ou às vezes já direcionado à uma questão específica. Às vezes os encontros eram apenas “um momento para as mulheres estarem juntas”. Acontecia também, Karen relata, de os homens fazerem encontros semelhantes para conversar, o que afirma ter sido “bem *disruptivo*”. A ecovila brasileira de mostrou para ela um lugar com bastante espaço para diálogo, com momentos em que se o rumo dos debates se inclinava para o tema do feminismo ou lugar da mulher, “tinha um cuidado e um respeito muito grande de escutar e validar esses pedidos das mulheres”.

No tema da maternidade, quando levantado como questão pessoal, a participante afirma não ter desejo de ser mãe, mas que acredita ser “a experiência mais incrível e mais potente que uma mulher deve ter”. Essa ideia vem do conhecimento que tem sobre amigas cuja relação com a maternidade afirma ser nesse sentido, de uma “transformação muito interessante, uma autodescoberta”. A comunidade, de acordo com seu relato, se apresenta como um espaço que proporciona às mulheres essa transformação e uma vivência da maternidade sem sobrecarga. Karen menciona o quanto foi marcante estar lá e ver isso acontecendo, a ponto de quase sentir “vontade de ser mãe”. As mães e os pais são os cuidadores principais, mas, a educação e o cuidado se estendem a todos os moradores, “todo mundo chega cuida, todo mundo chega junto”.

Um auxílio nessa questão é o próprio trabalho diário da comunidade, que durante as horas de trabalho comunitário a função de alguém é cuidar das crianças, permitindo à mãe “se libertar, para fazer outros trabalhos”. Karen entende isso como um “um análogo à creche, mas dentro de um contexto escolhido, né. Que é “essa criança está com pessoas que eu confio, que eu já conheço, num ambiente que eu já confio e conheço, fazendo vivências que são muito diferentes que uma creche proporcionaria”. Em tudo isso, Karen nota que há “esse olhar de companheirismo e solidariedade para as mães”, em que as pessoas buscam ficar com os filhos das outras para dar à mãe “um tempo sem criança e poder estar de boa, fazendo alguma outra coisa”. Esse suporte e rede de apoios eram muito fortes, a ponto de fazê-la ver que o *estresse da maternidade* ali não parecia ser tão intenso quanto em outros espaços, “quanto numa família nuclear”. Na ecovila, sendo *bem dividido e comunitário*, mesmo *espontâneo*, o cuidado infantil, “bem comum os homens estarem cuidando as crianças, os pais absolutamente presentes sempre”,

Não conheci nenhum pai lá que não estivesse muito presente na criação dos seus filhos e que passasse muitas horas sozinhos com os filhos. Super comum. E também cuidando de filhos de outras pessoas. Tipo 'ah hoje vou passar a tarde com fulano', a criança 'tal' vem passar a tarde comigo (KAREN).

De acordo com ela, a criação é mais baseada na ideia de que a criança é um *ser humano neste mundo* do qualquer outra coisa. Isso se enquadra também em um tipo de *divisão de tarefas*. Mas que Karen não se sente em um lugar de poder desenvolver muito a questão, pois conhece poucas pessoas fora *do contexto rural* no momento da entrevista, tendo apenas como referência amigos e familiares. Também admite ter uma *sorte*, por “conhecer homens maravilhosos na minha vida, todos muito pra *frentex*, assim”.

A participante compara isso com homens que as amigas conhecem e lhe contam, que a deixam surpresa, a forma como se comportam de forma bem machista tanto no trabalho quando quanto elas compram coisas. Conta que a fazem pensar “*Nossa, como pode? Ainda?* Porque aqueles que eu conheço, a maioria já tá evoluído, muito pra frente”. Conta que, mesmo os colegas de escola seguem “sendo muito [...] não vou dizer *feministas*, mas com uma noção muito clara dessa desigualdade, de querer equilibrar”. Nesse caso, percebe-se que não somente o gênero, mas também a classe social, é uma forma de dar sentido às relações e diferenças entre os sexos (RONSINI, 2016). Assim, esses atravessamentos possibilitaram à Karen uma prática mais igualitária nas suas relações com homens, diferentemente das amigas, que ocupavam o mesmo lugar que ela.

O principal ponto que faz Karen pensar sobre as atitudes masculinas e essa diferença que há, é a *geração*. Para ela, a geração da mãe e das tias é diferente, citando a época do Natal, em que as mulheres fazem toda a comida e lavam a louça e os homens não fazem nada, “é um grande incômodo para mim, então eu noto na geração, isso é muito marcado, muito claro”. Como *juventude*, ela afirma em seguida, da “*nossa geração pra baixo*, com certeza isso já está sendo um debate muito presente, então talvez esteja mais no nosso tempo do que na comunidade em si”. Pois, enfatiza que o machismo sofrido foi por parte de homens de *mais idade*.

A princípio esse olhar, que chama de *questão do feminismo*, entrou na vida de Karen antes das comunidades. Destaca principalmente a época da faculdade e os estudos sobre papel da mulher que realizava nas pesquisas acadêmicas. Na sua perspectiva, isso se deve ao feminismo ser, ao menos em parte, *urbano*, “tem a pauta do feminismo com mulheres no campo, mas ele também é uma pauta mais presente no mundo urbano”. Na comunidade sente ter desenvolvido um lado *mais sutil*, mais ligado ao *Sagrado Feminino*, o que envolve *sensibilidade*, como o tema da *menstruação* e *cólica*. Fora desse espaço, entende que o *buscar*

uma igualdade está mais ligado ao social, “em direitos, deveres, ações, mais com respeito”. E que através da vivência em ecovilas, hoje se sente “mais à vontade do meio das comunidades de exigir o espaço dessa sensibilidade” e que os homens também deveriam se permitir isso, “esse lado mais sensível, mais sutil, ligado ao feminino e menos o desse feminismo mais engajado, mais social, tipo divisão de tarefas”.

Contudo, não dispensa essa questão, ao abordar a relação com o companheiro, que dividem as tarefas de casa, sendo uma *questão pessoal* para ela. Karen afirma que seu nível de exigência sempre foi *maior* com todos os seus companheiros, “é dividido e isso é muito importante pra mim. Ela compara sua experiência com a da mãe, que é *ao contrário*, sendo a “pessoa que vai fazer tudo sozinha”.

Para ela divisão é essencial, sua crença se baseia no pensamento de que todo mundo é capaz de tudo, ainda que certos *interesses* possam ser *socializados* e que “às vezes a gente confunde o que é nosso e o que é ensinado [...] acho que não tem restrição”. “Eu acredito que todo mundo pode fazer tudo”. Na questão física, entende que mulheres e homens possuem forças diferentes e na questão mental, que os interesses são *socializados, ensinados*. A participante cita como exemplo sua vivência de trabalho em *agrofloresta*, e uma certa separação por gênero que ocorre nas tarefas. As mulheres quase sempre trabalham com *agrofloresta medicinal e aromática*, “sinto que é um papel colocado e não necessariamente só o que a mulher deseja”. Particularmente tem interesse no *plantio de comida*, esse contato com a agricultura de plantar o próprio alimento, mas aconteceu de em um primeiro momento as pessoas a indicarem para outra função, “ah você vai lá e planta agrofloresta medicinal e as florzinhas... e eu fiquei assim “não, não quero isso pra mim”.

Mesmo a questão de força física, Karen aponta que tem “menos força que muitos homens, mas alguns homens vão ser mais fracos” do que ela. ". Nesse ponto ela menciona uma situação na comunidade em que estava com vergonha de não conseguir podar rápido uma árvore, mas o homem que a acompanhava disse para “tirar teu tempo e acaba”, algo que para ela foi “tão tranquilizador, tão gosto escutar isso de um homem, que ele estava me ensinando”. Foi um momento muito marcante para Karen, relatando que “não importa se sou mulher, estou aprendendo. Talvez eu não tenha força, mas eu tenho mais tempo. Vou ter que arranjar mais tempo e está tudo bem”.

No entanto, o que mais mudou para ela não foi tanto esse *olhar* sobre divisão de tarefas e funções entre homens e mulheres. A participante mesmo afirma que todas as pessoas que conhece e é próxima estão nesse meio, “todas moram no campo”, tendo *afinidade* com os mesmos temas que ela também tem. “Tanto família quanto pessoas de antes, segue a mesma

relação”. A questão *interna* e de relacionamento foi, relata, o que mais mudou, se tornando mais *consciente*, “que vem muito dos estudos de comunicação não-violenta, sociocracia, esse tipo de coisa. E de *espiritualidade*, que a espiritualidade que eu sigo fala muito sobre comportamento”, sobre aprender a *lidar com a raiva e observar*.

Esses aprendizados fazem parte daquilo que acredita ser um caminho que o próprio *feminismo* apresenta, na sua visão pessoal que diz não ser uma *visão social*, é uma proposta de entender que todos os seres humanos “são iguais e merecem carinho, respeito e um olhar de apreciação”, sendo a mulher incluída nisso, “pra mim, na minha busca, é de buscar o nível de igualdade, não ser nem elevada, nem menosprezada pela minha condição de mulher. Para ela, está em um lugar de se colocar como *mulher* e demandar *respeito*, de poder sair na rua sem preocupação, “com qualquer roupa sem sentir desrespeitada”, é não sofrer essas *sutilidades* do dia a dia, afirma ela.

Apesar disso, ressalta que não *levanta bandeiras*, não participa de manifestações por não considerar *sua praia*. Mas, se considera *feminista* no que chama de “contexto de observar, cuidar e entender a desigualdade e de desejar ser aceita”, realmente como um ser humano, e não no entendimento masculino do que é ser *mulher*. Quando questionada a respeito do *ecofeminismo*, Karen não afirmou não ter uma definição muito clara, mas que uma abordagem ambiental no feminismo é interessante. Contudo, considera a busca por uma resolução à degradação ambiental uma *pauta humana*, não necessariamente feminina. Ainda que, em sua perspectiva, as mulheres tenham maior propensão e olhar ao *cuidado*, “mais carinhoso, de conexão mais sentimental com esse tema”, mas sendo uma questão *ensinada*. Sobre as figuras que conhece hoje “puxando as pautas de conservação, restauração, regeneração, elas são tanto homens quanto mulheres”.

Já sobre aspectos mais cotidianos que abrangem às mulheres, abordamos questões de *beleza*, que Karen considera algo que ainda é de alta importância na sociedade para a mulher, independente do lugar. No *mundo externo*, afirma haver certos padrões de beleza, de roupas *bonitas*, mas isso é algo que também ocorre nas comunidades, “só que são outras roupas. “Eu acho interessante como a comunidade reproduz o mundo externo”, relata, descrevendo que as roupas nas ecovilas são mais *soltas*, como *saias*, e cabelos *longos e naturais*. A beleza lá dentro ainda é *muito relevante*, ela coloca, já que as mulheres buscam plantas para fazer seus cosméticos que ajudam na beleza. Mesmo o corpo e tudo que se confere a ele, desde cheiros roupas e maneiras de falar agir são distinções corporais e demarcam uma posição social (BOURDIEU, 2006).

Seu processo de se desprender dessas questões começou com as viagens e teve continuidade nas comunidades. Passou a usar maquiagem apenas para ir em festas, mas como não costuma mais sair, não utiliza mais, bem como esmalte. Sobre beleza capilar, cita o movimento *no-poo*, mas que não aderiu a ele e sim à prática das mulheres indianas de passar óleo após lavar o cabelo com *shampoo*. Sobre vestimenta, também foi algo que mudou muito para ela nos últimos anos, agregando ao seu estilo roupas no estilo das que encontrou na Ásia, como calças largas, saias, e roupas mais largas no geral. Calça jeans é algo que serve a ela hoje apenas para trabalhar no campo, por ser mais grossa, e antes fazia parte do seu dia a dia, “na faculdade eu usava jeans, All Star, camiseta e acabou”. Para Karen conforto é importante na hora de adquirir novas roupas, mas compra também por *estética*. Seus lugares de compra costumam ser os brechós, “eu gosto de roupas que eu considero bonitas, algumas estampas que eu acho bonitas, eu gosto muito de vestido e saia, isso já tinha em mim antes, mas eu noto que me permito usar mais hoje em dia”.

Quando viajava tinha de três a quatro mudas de roupa, um livro, um caderno pra escrever, um par de chinelo e tênis, computador, câmera e celular. Mais atualmente, *mais assentada*, ela afirma que tem necessidade de mais “coisas para tornar a vida prática”. Desde máquina de lavar, até uma televisão, ventilador e principalmente *bons* utensílios de cozinha. Já armário, cita como exemplo, não é tão necessário para si, como descreve a prateleira que fez com dois pedaços de tábua. Sobre assinaturas, menciona *Netflix* e *Spotfy*, “que isso é um prazer, o prazer rural, então quando tudo já cansou é só ver um filme e deu”.

Outros hábitos que adquiriu com o tempo foi o de seguir uma *Mandala Lunar*, que iniciou como um presente recebido por uma tia. É uma agenda em que se anota informações acerca do próprio ciclo menstrual, para “perceber os ciclos e as fases”, em que Karen afirma que anotava “tudo, tipo, sensações”. Depois passou a anotar apenas o básico do ciclo e “depois de alguns anos tendo essa prática, já mudou, já é mais natural”. Segundo a participante, isso se relaciona com o **Sagrado Feminino**, por ser o aprendizado de si mesma e a “respeito de tudo que é ser mulher, que inclui esses ciclos”. Para ela, essa é uma das questões principais nessa espiritualidade, e que acha *muito belo e interessante*. É um “conhecimento pessoal, íntimo, muito relevante como mulher”, afirma, opinando que deveria ser ensinado na escola, pois as mulheres aprendem muito superficialmente, de forma desconectada, sobre seu corpo. É preciso incentivar as mulheres, coloca, a olhar para si e o próprio corpo, entender seu “bem-estar, seu humor, seu nível de energia, sua disposição para estar com outras pessoas, seu desejo sexual”. O Sagrado Feminino, portanto, as ensina a terem um olhar mais profundo nessas questões.

Karen enfatiza isso como de alta importância, e que as práticas espirituais estão ligadas a isso. A participante faz referência à uma palestra do TED de Mónica Guerra da Rocha¹², *A Terra é uma Mulher e o meu Útero, o Universo*, sobre as mulheres serem cíclicas e a “sociedade tende a querer mostrar a mulher como uma coisa linear e não é e nunca vai ser”. Nisso, é necessário esse *conhecimento* para “me autorizar a aceitar meu corpo, meu ciclo, meus momentos”.

No entanto, pode-se afirmar que Karen não *essencializa* isso como um *ideal* de mulher, ainda que haja essa questão, ela procura reconhecê-la. A participante afirma notar a existência de um *ideal* feminino, mas não acha possível alcançá-lo e problematiza a questão. Segundo Karen, tal ideal pode mudar de acordo com o local em que se está, a própria *mãe* como uma sagrada é uma *super idealização*, na sua opinião, do mundo externo, ainda que as comunidades o reproduzam muito. Nelas também há uma idealização do que é ser mulher, enfatiza, algo bem comum, mas a partir de “outros padrões, outros critérios”. O próprio Sagrado Feminino, para ela, faz parte dessa mulher ideal das comunidades, que “você tem que saber do Sagrado Feminino”

Na sua visão pessoal, um ideal feminino está muito ligado à mulher como uma pessoa que cuida, mais carinhosa. Já sobre um ideal feminino propagado pela mídia, afirma haver *vários*. Como principal aspecto, enxerga a *magreza*, algo que se tem muito presente em filmes e séries, mesmo que se debata mais sobre *gordofobia* nesta época.

Menciona também uma *super mulher*, “aquela que tem uma carreira bombástica de muito sucesso, tem uma família feliz, tem um tempo pra fazer tudo, tem uma dieta saudável”, e que é preciso romper com essas expectativas e construções de *ser mulher*. Principalmente por serem um “fator de sofrimento para quem é mulher e esperança alcançar aquilo”. Restringir a liberdade e criar inseguranças são outros aspectos propagados por essas ideias, “no momento em que eu sou ensinada de que isso é ser mulher e quero fazer outra coisa, possivelmente vou me sentir insegura, menos aceita” e dificulta que a mulher seja aquilo que quer ser. Karen exemplifica, afirmando que “ah, se eu sentir que uma mulher tem que ser delicada eu não vou me sentir confortável de dirigir uma motosserra ou dirigir um trator, por isso não é uma coisa bela”, sendo isso o que mostra o quão *perigosos* são esses ideais. Nesse sentido, os diferentes tipos de mídia podem oferecer a mulher como mercadoria, propagando ideais de inferiorização feminina por meio de inúmeros simbolismos (CORDOVIL, 2015), assim, torna-se um desafio no cotidiano para as mulheres reconhecerem problemática tão presente, algo já feito por Karen.

¹² Fundadora do Instituto Comida do Amanhã, que visa apoiar objetivos de desenvolvimento sustentável na área da alimentação.

Ela própria já tentou se enquadrar, de forma *inconsciente* nesses padrões não apenas de comportamento, mas de beleza. Afirma ter usado muito salto alto e maquiagem “na época de colégio ainda, em que [...] saía muito, era o padrão assim”. Para Bourdieu (2006), o corpo se identifica com um formato socialmente determinado. Marques (2018) explana a ideia do autor ao colocar que o corpo se constitui a partir do formato da imagem de si, uma imagem que mostra o indivíduo como “ele é” porque também o conforma enquanto tal. Essa busca por um padrão levantou nela diversas questões, como a da *barriga*, que afirma ter sido sempre *um tema*, não ter “a barriga super lisa *chapada*”. Reconhece que é uma imposição social e midiática, mas têm dificuldade em sair dela. Só quando se sente “muito magra” é que consegue “usar roupas que mostram a barriga”.

Para Karen, essa é sua grande questão com o *feminino*, e que os demais papeis estão em um nível que chama de “mais sutil”, como o cuidado com a casa, que acha “que é algo de minha responsabilidade, num nível bem subconsciente, ainda carrego essa *responsa*”. Conclui que são os principais que reconhece com certa rapidez.

Sobre outras esferas, como da espiritualidade, coloca que não participou a fundo de um grupo do Sagrado Feminino para saber se, como “qualquer grupo humano”, criam regras e normas esperadas, como por exemplo, “pegar o copinho, do coletor menstrual e botar o sangue nas plantas”. Relata que foi algo que tentou fazer, mas achou uma coisa *muito trabalhosa*, mas “nem por isso eu gostaria de sentir que sou menos digna de um grupo desses”. Nesse sentido, entende que podem existir regras em certos grupos, mas espera que não seja um problema não realizar certas práticas.

Não recusa, contudo, questões positivas e até subversivas presentes nessa espiritualidade. O Sagrado Feminino nesse ponto, para ela tem um “grande potencial, sim, de aceitação de padrões”. Ou seja, cria possibilidades de mudança de certos padrões. Karen cita a importância que é o movimento inverter certa lógica social de que a mulher não deve ser poderosa, incentivando que ela deve “até mais poderosa do que um homem”.

5.2.4 Consumo midiático e consumo globalizado

Quanto ao papel da comunicação na vida da participante, ela o considera além dos meios de comunicação, indo primeiro para uma *comunicação interpessoal*, “habilidade ou processo de seres humanos, de pessoas, estarem passando mensagens uma para outra”. Afirma também uma função da mídia nesse processo, pois envolve alguém “falando algo e sendo escutado na outra ponta” e “pessoas se encontrando e se vendo”, muitas vezes através do midiático.

Karen enfatiza a comunicação como um processo entre as pessoas, uma forma de exercer *cuidado* dentro das ecovilas. Workshops de comunicação não-violenta e oficinas de métodos e formas que melhorem a comunicação entre as pessoas são comuns na comunidade, bem como reuniões e encontros que servem como momentos de partilha para que sejam expressadas questões, muitas vezes mais íntimas e emocionais, *internas*. Há uma grande atenção com isso, segundo seu relato, e um exemplo disso são os *sharing circles*, que são esses encontros para tratar de assuntos mais pessoais, e momentos do dia em que alguém sugere uma prática de comunicação não-violenta.

Entre as mulheres, seguidamente é marcado um encontro, “uma vez por semana ou a cada duas semanas um encontro de mulheres”, onde é um espaço para tratarem de questões próprias ou conversarem com intimidade. Mesmo os homens, afirma, de vez em quando fazem o mesmo, criando uma atmosfera em que homens e mulheres estejam *cada um na sua*. Nos encontros femininos, sentia presente uma abordagem do Sagrado Feminino, não de forma *ritualística*, mas uma forma mais informal de exercer a espiritualidade.

Afirma também uma *comunicação externa*, mais próxima da mídia e que se pensa a mídia social, para pensar o site da ecovila e divulgação de eventos. Karen sente, no entanto, que as páginas de ecovilas nas redes sociais são “muito rústicas”, no sentido de terem pouco conteúdo e não mostram coisas relevantes e interessantes que poderiam ser atrativas pro *mundo externo* e “chamaria mais pessoas”.

Apesar dessa falta de presença mais elaborada nas redes sociais, o consumo de mídia é bem presente na comunidade brasileira e demonstra paralelos com a sociedade externa. Um exemplo é o acompanhamento de séries, que lembram à Karen a discussão sobre novelas que ocorria em sua escola. “Todo dia a galera chegava e ficava, várias pessoas iam ficar comentando”, nisso relata que isso era “um grande tema” no dia a dia da ecovila, pois todos assistiam o mesmo programa, geralmente na Netflix, e comentavam sobre os acontecimentos na trama.

A mídia ligada a um *consumo cultural* é a que tem mais impacto na comunidade, o consumo de filmes e séries, livros e música. Já o tipo do seu consumo, Karen afirma que varia de acordo com a época que vive, “uma época eu estou lendo mais, outra eu estou vendo mais filmes, em outra estou escutando mais podcast”.

No momento da pesquisa, o consumo de mídia da participante focava principalmente nas redes sociais, em busca por informação e entretenimento. O Instagram é a plataforma mais utilizada, “além dos amigos e conhecidos, tem muita coisa de agrofloresta em especial, plantas, perfis de pessoas que falam sobre plantas específicas, comida, tem yoga e bichinhos fofinhos”.

Seguida pelo WhatsApp e “um pouco de Facebook”, para “momentos de tédio” e saber o que está acontecendo com pessoas conhecidas. Já os podcasts, cita o *Fora de Teresina*, da Revista Piauí e que trata de política, “costumo buscar em podcast algum tema de interesse no momento. Já escutei vários sobre comunicação não-violenta, sobre agricultura, sociocracia”.

Em termos de notícias, o *El país* e o *Nexo Jornal* são os que costuma ler no meio online, “o que estiver em pauta no momento”. Escuta música pelo aplicativo do *Spotify* e sobre os livros, costuma ler livros técnicos relacionados à agroflorestal e permacultura “os livros do Bill Morrison e David Holmgreen, *Permacultura 1* e *Permacultura 2*” e o *Princípios da Permacultura*. As obras de *Marshal Rosenberg* escolhem para o estudo da comunicação não-violenta. E relacionados à espiritualidade, yoga e meditação, como o *Bhagavad Gita*, um dos livros basilares do yoga e *Quatro Yogas* de Swami Vivekananda, que também fizeram parte da construção de sua perspectiva espiritual. Para Karen, os livros são fonte de informação, conhecimento e uma forma de consumir *arte*.

O consumo de filmes sempre esteve muito presente na vida de Karen, desde a infância. A participante relatou que todo fim de semana visitava locadoras com os pais para alugar fitas de vídeo e que realizavam um ritual em família, “a gente alugava duas, três fitas por fim de semana”, destaca principalmente *Rei Leão*. Durante a adolescência, com o uso da internet, passou a baixar filmes que encontrava em blogs de filme *Lado B*, de filmes alternativos e diferentes, filmes independentes. A maioria não encontrava na locadora, por isso procurava em blogs e assistia vários, como *Donnie Darko* e *Requiem for a Dream*, “difícil dizer, porque são tantos”. Dá preferência para os documentários e enredos de *drama*, *aventura* e *fantasia*, como os filmes de super herói da *Marvel*. Bem como em séries e desenhos animados ou *animes*.

Livros Karen relata que tiveram quase tanta presença quando os filmes desde que era criança, “sempre foi algo que eu gostei muito”. Na literatura brasileira tem como referência *Machado de Assis*, e de séries de fantasia *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis* são os que mais marcaram o começo de sua *fase de leitora*, bem como *Agatha Christie* e a *Série Vagalume*. “Eu sempre fui uma grande leitora, eu sempre lia muito, e principalmente na época da escola eu li toda literatura disponível que eu consegui alcançar”. A biblioteca era o espaço que mais frequentava na busca por livros, pois a cidade em que vivia era pequena e não possuía livraria. Também pegava alguns volumes emprestados ou “tinha que viajar daí pra poder comprar”. Outra obra que destaca é *As Brumas de Avalon*, que afirma ter encontrado nessas buscas e se conectou muito na época.

O jornal era um constante dentro de casa, seus pais assinavam *dois*: *Zero Hora* e *Correio do Povo*. Começou a assinar junto a revista *Super Interessante*, que despertava seu interesse e daí começou a acompanhar mais, pensando hoje que foi o que a levou para o *jornalismo*.

O computador pessoal e a internet em casa facilitaram não apenas o acesso aos filmes, mas à música, pois os pais só ouviam um pouco de *vinil*. Redes da época eram acessadas da mesma forma, como o *ICQ* e o *Mirk*, “quando era adolescente”, e “aí foi crescendo toda questão da mídia social né, eu fui acompanhando toda essa evolução e usando praticamente todas”. Em certa época da adolescência, viajou com uma tia para visitar um *templo budista* e adquiriu um livro sobre o tema. Afirma que depois foi pegando referências como *Dalai Lama*. A tia, conta Karen, a inspirou a ter um olhar “menos, ou não apenas, material sobre o mundo”.

Anos mais tarde, quando começou a se aprofundar nessas questões, teve outras referências que marcaram sua trajetória midiática, especialmente na perspectiva da espiritualidade. Além do *Bhagavad Gita* e o *Quatro Yogas* já mencionados, sobre yoga destaca os livros de Laura Parker e os de José Hermógenes e ligado ao taoísmo o livro *O Tao do Pooh*, que explana o *Tao Te Ching*. Afirma que essas são obras que sempre retorna e considera muito importantes para si. Sobre yoga ainda, fora da literatura, cita o site *Yoga Journal*, e três assuntos que estava lendo: a autobiografia de *Ghandi*, filosofia indiana de *Krishnamurti* e filosofia de *yoga*.

Os livros *Mulheres que correm com os lobos* e *A Tenda Vermelha* são referências quando pensa em livros relacionados ao Sagrado Feminino e espiritualidade feminina. O *Mulheres que correm com os lobos* será parte de encontros literários sobre o feminino que participará, mediados por uma vizinha que é *doula*, “[ela] tem todo um trabalho, já faz muitos anos, com o feminino, bem bonito”.

A mídia também possibilita, na perspectiva de Karen, que mulheres criem redes entre si com o intuito de compartilhar conhecimento e apoio. Como exemplo, citou o *Tear dos Sonhos*, que era um grupo “bem em voga”, com duas amigas que a chamaram para participar. Havia uma “forma de Mandala” em que as mulheres se formavam e organizavam, com categorias como “mulher-fogo, mulher-água, mulher-terra, mulher-vento”, para entrar era preciso que cada mulher depositasse uma quantia de dinheiro e “conforme essa mandala rodava, uma mulher sempre saía e quem estava saindo reunia o valor que todas tinham depositado”. O grupo tinha encontros online e semanais, com essa “questão de dinheiro”. Na época, ela não se conectou e não se interessou a participar.

Para a participante, independe de qual grupo seja, considera uma forma bastante importante de as mulheres se conectarem entre pessoas, compartilharem “coisas no geral, tanto

num nível mais social quanto num nível íntimo”, pois possibilita ampliação do próprio universo e “quebram algumas barreiras”. Para algumas mulheres, afirma notar, isso cria um “espaço de segurança onde elas se sentem seguras pra conversar e compartilhar”.

5.3 INTRODUÇÃO À PARTICIPANTE - MARINA

Marina é uma mulher branca situada no sudeste do Brasil, possui 34 anos, é solteira e mora há mais de um ano em uma ecovila, onde está construindo sua própria casa e depois de viajar por diversas comunidades no país. Sua graduação é na área do design, tendo feito uma pós-graduação em Pedagogia da Cooperação. Atualmente sua renda vem do aluguel de um apartamento herdado na cidade, mas já trabalhou com facilitação gráfica, projetos colaborativos e envolvida em processos de organização e de sociocracia, mantendo-se na renda de 1 a 3 salários mínimos. Hoje considera como trabalho também a construção da própria casa e a arte de fazer cerâmica.

A jornada de Marina em relação às ecovilas e sua espiritualidade começou com uma época em que trabalhava com design em um estúdio localizado em um prédio perto de uma praça em que ocorriam protestos e manifestações com frequência. Ela relata que achava “uma coisa muito surreal que aparece na TV”, e que não sabia das questões tratadas ou que “essas coisas aconteciam”. Foram os atos da Rio+20 que a tiraram do posto de observadora, afirma, “com uma sensação de impotência” e pensando que deveria estar presente lutando pelas pautas. Seguido disso, participou de várias manifestações, exposições e palestras. “Eu lembro que a Rio+20 foi um marco, assim, de mexer comigo nesse lugar de "o que eu estou perdendo? O que estou fazendo aqui? Acho que eu devia tá fazendo algo mais importante", a partir disso, Marina coloca que as coisas foram *aparecendo*.

No momento em que realizava a entrevista, para Marina, todo o processo e experiência que tem vivido é muito importante, especialmente em relação à construção de sua casa, a está *constituindo*, afirma, de uma maneira que não conhecia. “Vai me fazendo conhecer de uma maneira totalmente diferente, trazendo outra sensação no corpo mesmo, por isso que eu vou continuar vendo e desenvolvendo, não especificamente o resultado disso, não é o resultado, é a experiência”. Mas é uma coisa muito recente, ela deixa claro, tendo começado esse *processo* no início dos 30 anos, pois, apesar de ter crescido em uma cidade grande com “um tanto de natureza e praia”, não era uma pessoa ‘muito rural’. Foi a arte que parece tê-la aproximado desse *caminho*, afirma ao colocar a arte, o desenho, o *criar coisas com as próprias mãos e artesanias*, como práticas muito presentes em sua vida, mas que por um tempo se manteve no

“campo de ir no museu, da arte mais institucionalizada” e sentiu que sua “criatividade deu uma esvaziada”. Ela traz que o contato com a natureza e outra forma de olhá-la e se relacionar com ela foi um grande diferencial, “dessa fonte inesgotável de beleza e criatividade e formas e texturas e materiais e cheiros”. Isso a fez querer passar mais tempo em contato com a natureza, o público e conhecer lugares.

Por essas questões e outras que ocorriam antes mesmo das manifestações, como uma insatisfação com o trabalho e a rotina, fizeram a participante refletir sobre seu trabalho e propósito. Logo depois, lembra que teve a indicação de um curso por uma amiga, sobre uma metodologia de criação colaborativa de projetos chamada *Dragon Dreaming*. Afirma que “alguma coisa mudou”, em contato com o que relata ter sido um processo criativo onde os sonhos dela estavam, ao invés de “trabalhar e fazer o sonho de outro acontecer”. Ela deixou o emprego no estúdio com o apoio dos pais, com quem morava junto, e foi “buscar coisas nesse sentido desse processo mais colaborativo de trabalho”, como um curso de design para sustentabilidade, apoiou em cursos de *Dragon Dreaming*. Foi em um desses cursos que teve conhecimento de uma ecovila, junto de outros temas que também se tornariam recorrentes em sua vida, como a permacultura e o xamanismo, que afirma *nem saber que existia*, pois tinha “a cabeça bem *mainstream*, assim, na cidade”. Mesmo seus pais, coloca, tinham uma vida consumista e começaram a participar da ecovila depois dela, também construindo.

Marina cresceu com os pais e o irmão numa cidade grande, e conforme foi mudando seus hábitos e frequentando novos espaços, seus pais a acompanharam mesmo que de forma mais tímida, “estão também nesse projeto da vila”, principalmente a mãe que gosta de “viver todos os processos”. Já o pai, afirma ser muito apegado à cidade, onde ainda trabalha. E o irmão, três anos mais novo, foi para um caminho totalmente diferente, focado em finanças e morando um centro urbano. “Eu sempre fui mais da arte e ele sempre foi mais do dinheiro”, afirma, “mas ao mesmo tempo a gente aprendeu a conviver com as diferenças, sabe, em algum momento”. Nem sempre foi assim, Marina relata, pois houve uma época em que havia muito julgamento entre ela e o irmão, mas que depois passou, através de um “processo bonito” e “muito libertador”. Seu tempo viajando e descobrindo o que queria fazer, relata, também serviu para que a família entendesse, “então não tem mais discussão”.

Dessa forma, o maior contato com a natureza e a busca pela alternativa de vive em uma ecovila trouxeram mudanças significativas para Marina, “isso tudo foi mudando meus hábitos, minha relação com o meu corpo [...] acho que esse resgate do contato com a Natureza é um resgate do contato com a gente”.

5.3.1 Vivência(s) na ecovila

Outras grandes mudanças foram ocorrendo na vida de Marina, desde as práticas cotidianas consigo mesma, o próprio corpo até às formas de se relacionar com os outros e o ambiente. Segundo ela, viver em comunidade proporcionou uma materialização de tudo que mudou para si em “relação com a vida”. Como afirmou durante a entrevista, a rotina no estúdio de design, “todo dia no escritório com as mesmas pessoas” davam a ela a impressão de sentir sua *criatividade morrendo*, como colocasse essa criatividade “a serviço de criar coisas minimamente bonitas para ser vendidas”. Somente após um dos cursos que fez que passou a se inteirar com as ecovilas.

Além do curso com conteúdo sobre ecovilas que a apresentou a esse tipo de comunidade, Marina afirma que um curso de *videomaker* que fez na época contribuiu muito, pois foi estagiar numa ecovila e surgiu a oportunidade de trabalhar em um projeto de documentário. Nisso, foi possível para Marina viajar para a produção, visitando “diversos lugares do Brasil que não necessariamente se chamavam ecovilas, mas lugares que tinham essa proposta de vida comunitária [...] e nossa proposta era ir, conhecer, sentir na pele, conhecer as pessoas, entrevistar”. Depois ela voltou a viajar para as ecovilas, tanto por interesse pessoal quanto para a mostra do documentário. Afirma ter admirado muito uma mulher, com quem foi passar uns dias e conversar, depois passando a residir na ecovila organizada por ela.

Afirma ter aprofundado sua experiência nas comunidades ao passar o documentário, desde com grupos de estudantes que desenvolviam a agroecologia até aldeias indígenas e assentamentos do MST, havia um foco nesse processo de vivência coletiva. “E eu senti que eu queria estar no mundo assim, tá em relação com o mundo, com pessoas diferentes, com lugares diferentes, me inspirando pra poder estar inspirada pra criar”, coloca. Seu relato destaca uma conexão muito forte com as pessoas e esses lugares, que viviam “possibilidade de essas relações serem mais fortes e mais profundas”. Depois disso Marina voltou para a cidade, mas passou a fazer parte de um grupo que tinha encontros semanais, onde as pessoas cozinhavam juntas, “tirava tarot, fazia conversas” e uma delas tinha uma casa no campo onde visitam nos finais de cena, “a gente começou a experimentar isso”. A participante continuou conhecendo lugares até parar em uma ecovila com o companheiro da época, onde fizeram o processo de experimentação para possivelmente ficar na comunidade, coloca que “foi uma experiência muito interessante, mas ao mesmo tempo eu ainda sentia que não era meu lugar”. Para Marina, há grande importância em se sentir *conectada* a pessoas, tanto que o relacionamento com o companheiro acabou e ela voltou para cidade, formando uma casa coletiva. Após o período de um ano, foi

morar no apartamento que ganhou de herança com uma amiga e afirma ter perdido o sentido morar daquela forma apenas as duas. Foi quando foi morar em outro apartamento coletivo e passou por diversas comunidades, até a cidade em que fica sua atual residência na ecovila. Por causa de Laura, a mulher que conhecera anteriormente, Marina participou de diversos grupos e jornadas naquele lugar, “sempre me conectei muito com os processos daqui, as práticas daqui”.

Apesar desse longo percurso, Marina largou a cidade e muito do estilo de vida que tinha quando surgiu a *pandemia*, “cara, acho que chega de cidade, eu preciso ir mesmo pro campo”. Voltou para a cidade de Laura, morando em um sítio que ela oferecia até surgir “a oportunidade de uma terra que era do pai dela [...] e Laura falou “*vamos fazer uma vila ali, vamos comprar coletivamente essa terra, fazer uma associação e começar uma vila*”. Após um mês já havia um grupo formado, um núcleo de 10 pessoas que fundaram a ecovila e passaram em desenvolvimento da comunidade por um ano até agora. Segundo a participante, a conexão com as pessoas e o conhecimento do lugar e da cidade a ajudaram a escolher.

No momento da entrevista, Marina afirma ter em torno de 20 pessoas presentes na comunidade, pois parte dos moradores viaja para outros lugares. A comunidade ainda em construção é um dos fatores para isso, pois alguns tem casa, mas outros ainda não. No entanto, isso não impede o recebimento de visitantes, que já tiveram algumas vivências e oficinas de bioconstrução, algo que deixa os moradores empolgados, afirma, mas que o *Covic-19* tem mantido algumas pessoas longe. Quanto aos moradores, em sua perspectiva há um equilíbrio entre mulheres e homens, pois a maioria é casal *heterossexual* e mesmo os solteiros, ela e outro rapaz, contribuem para isso. Mesmo entre as crianças, parece ser equilibrado, ela coloca.

Na organização da comunidade, há encontros semanais desde o dia em que começaram a construir a ecovila, “tem pessoas que estão aqui, tem pessoas que não estão aqui, então é online né”. Todos encontros são on-line e servem como um espaço para as pessoas levarem assuntos que precisam tratar, desde o banheiro da comunidade até *questões* dos próprios moradores.

É tipo um espaço pra qualquer coisa que se precisa fazer, falar e conversar. É ali, não tem uma coisa tipo, uma regra de como tem que acontecer ou o que que precisa ser trazido, como, votação [...]. Não tem esse processo, é só o processo de estar ali aberto pra trazer o que precisa trazer e escutar o que precisa escutar e é isso (MARINA).

Nisso, Marina afirma que não um sistema de tomada de decisão na comunidade, “o que a gente traz aqui é sair dessa ideia que a gente tem que tomar uma decisão. Parte desse ponto de que não temos que tomar uma decisão sobre nada”. Para ela, faz parte de uma *expansão do*

olhar. Quando algo acontece, em sua opinião, eles começam a expandir a visão de tal questão, aderindo às conversas e “vai se abrindo e trazendo os incômodos que aquela questão nos traz”. A participante coloca que não há uma forma rígida de decidir questões, ou um processo a seguir, tudo se direciona a partir do olhar voltado para o assunto. Para Marina, isso se relaciona diretamente com a espiritualidade da comunidade, partindo de um trabalho de *integração*. Afirma que a base para a comunidade é a *relação*, “a gente coloca a relação como base de tudo, o princípio né, gente tá aqui pela relação, então nada que atravessa a relação”. Ela explica que isso ocorre na vontade de não colocar um *intermediário*, que quando há uma regra ou acordo é como se fosse um *intermédio* na relação. Segundo a lógica que ela afirma ser a do funcionamento da ecovila, quando “se tem relação, vão existir milhares de formas de lida com a situação”. Assim, entende-se que o mais importante é como as pessoas se sentem diante de tal ocorrido, sendo importante que todas estejam confortáveis. Cada pessoa que vai lá com discussões, vai “sabendo que essa é a base”, algo que na sua visão, facilita muito e firma o foco da comunidade. A ideia é não *atravessar* a relação para chegar em algum resultado, não “atropelar as relações porque queremos chegar em algum lugar”.

Quando questionada se a *sociocracia* ou outros sistemas não eram uma opção, ela afirma que considera isso um *sistema*, “queremos chegar em algum objetivo, não, porque o objetivo já tá aqui agora na relação, sabe”. Contudo, coloca que é preciso ganhar *musculatura* ao se relacionar, pois afirma que nem todos sabem fazer isso. Sobre os motivos do porquê isso acontece, ela mostra ser importante saber ao destacar que a forma como a sociedade vive, com a ideia “de que a gente é separado um do outro, de que a gente é independente”, junto da individualidade, fez as pessoas não saberem “entrar muito em relação”. Segundo ela, entra em questões muitos pessoais, “pega em dor, pega em trauma, pega em marca, pega em história”. E enxergar “a pessoa que tá na nossa frente”, afirma que muda como se dá peso às coisas e à própria forma de entender a pessoa, assim, não seria mais na possibilidade de erro do outro, mas “o que é que aquilo está mexendo em mim”. Ainda, coloca que às vezes é preciso se abrir e olhar a própria história, trazendo que é incômodo para saber se relacionar. “Eu acho que esse ponto de partida, que não é um ponto de chegada, é um ponto de partida, se relacionar”, coloca, por fim.

Para ela isso faz parte de um movimento que está acontecendo, “na sociedade, com pessoas, com esse desejo de criar outros modos de vida [...] não necessariamente dentro do que está estabelecido e fazer isso junto”. É um fazer junto, pois só assim se vive e se consegue construir uma sociedade. Nisso, Marina declara considerar as ecovilas um movimento social, mas não “dentro do que a gente tá acostumado”, não sendo um movimento institucionalizado

que busca ser integrado, posições de poder ou desbancar um poder. A participante cita a ideia de movimentos que querem ser integrados em uma certa normalidade dentro da sociedade, buscando visibilidade e inclusão, e que as ecovilas não são assim em seu entendimento. Ainda que, admite, algumas pessoas de ecovilas estejam engajadas na política, em criar políticas públicas, mas as ecovilas seriam “um movimento um pouco mais *soft*”, de pessoas que só querem viver e construir. “Não tem sociedade de uma pessoa, então a gente tá aqui vivendo um movimento social, com certeza”, ao mesmo tempo em que coloca “não queremos convencer ninguém de nada”. Se alguém se identificar e quiser participar, tudo bem, Marina afirma, mas ninguém precisa ter “o mesmo direito” ou “fazer a mesma coisa” que estão fazendo.

Aprofundando mais em questão política, ela se vê como uma pessoa de esquerda, mas que não se envolve nos movimentos políticos ou partidários. Para ela, a própria política ocorre em um lugar da *micropolítica*, de “se conhecer, se relacionar com um movimento local”. Nisso, as ecovilas fazem parte desse processo, especialmente quando Marina menciona a criação de uma rede e cadeia de pessoas, um olhar atento ao que se consome e ao que se incentiva, o que se investe e formas de se relacionar com os outros. A participante enxerga como um processo *muito forte* que está vivendo ali, destacando a forma como se decide viver e se construir. Por exemplo, comprar a terra e fazer uma associação, tal qual fizeram em sua comunidade, considera *muito político*, ainda que nessa esfera *micropolítica* e “não da *macropolítica* institucional”. Por mais que não estejam lutando para que isso se institucionalize “e vire uma mega política pública”, afirma, é algo “que reverbera de um outro jeito”. O momento, ainda coloca, é de aprendizado e viver a experiência, entender o que é tudo isso e o que está fazendo ali.

5.3.2 Práticas espirituais e o lugar do Sagrado Feminino

Nesse foco nas relações, é onde também mais se desenvolve a espiritualidade da comunidade Marina. A relação é base das tomadas de decisão e também das práticas que considera como espirituais entre ela e os demais moradores, a questão da *integração*. Como tudo ainda está em construção e *em movimento* na comunidade, Marina afirma que não há como criar uma *estrutura* ainda, que vivem diferentes processos, “passa e depois vem outro processo e passa”. Nisso, coloca como exemplo as práticas que começaram juntos, como *meditações matinais*, mas que com o final de ano acabou modificando a rotina. Pelo seu relato, percebe-se que é tudo muito espontâneo e de acordo com as necessidades de cada um. Quando uma pessoa sugere de fazer algum *ritual*, quem quiser segue e faz junto, ou “uma pessoa está ali precisando

de uma escuta e um *reiki*, a gente vai, quem tá disponível vai”. Além disso, as reuniões semanais também podem se tornar momentos de encontro, “tem muito esse cuidado”. Cita ainda que, “às vezes é uma prática, às vezes é uma reunião de tipo "vamos tirar um tarot" e entender esse ciclo. Ou às vezes fazer um jogo de halocromos”. Marina explica que *halocromos* é um jogo tipo tarot, que serve para olhar uma situação de forma *muito completa*. A comunidade faz muita coisa, afirma, de forma muito rica, mas dinâmica e utilizando das habilidades e ferramentas de cada um, “quem tem uma coisa traz e o grupo participa”. Foi a Laura, organizadora primária da ecovila, que propôs muitas práticas e acabou gerando uma *linguagem*, a partir do que ela vivia. Assim, há esse *compartilhamento*.

Marina relata que também há a realização de rituais de mudança de estação, ou outros rituais que acabam acontecendo, como um ritual de *ayahuasca*. No último, um pajé foi visitá-los e segundo conta, “fez um ritual só pra gente aqui, foi incrível, maravilhoso”. A participante reitera a disponibilidade de todos os moradores para participar dos rituais, como nesse ritual em que mais da metade das pessoas não havia feito antes e “foi viver a coisa”. Afirmar que é “muito legal, acho que tá todo mundo nessa disponibilidade de estar aqui, de trabalhar, se conhecer”. São rituais que todos participam, mas também ocorre aqueles realizados por *afinidade*, como quando as mulheres se juntam, tendo “alguns mais específicos”, que acabam não sendo incluídos os homens.

Pessoalmente, Marina se considera em um processo cada vez maior de abertura com sua espiritualidade e de seu *canal espiritual*, como um caminho de *criação* que afirma ser muito interessante, “eu me sinto muito criativa e nesse lugar de criar rituais, de criar conexões com o invisível, sabe”. Quando indagada sobre suas abordagens, afirmou estar “bebendo de todas as fontes”.

Me conectando tipo ir numa cachoeira e me conectar com Oxum, sabe. Sentir isso, sentir essa conexão. Mas sem ser uma pessoa praticante de Candomblé, nada disso. Então acho que eu estou nesse momento assim, de bastante abertura, de uma conexão mais profunda, assim. E nessa conexão com a terra, então é como se fosse um caminho bem de ancoramento, de conexão com a terra, de escutar o que a natureza tá dizendo e ao mesmo tempo essa relação com esses seres encantados, mais estelares assim, digamos, uma conexão de céu e terra, e isso tá sendo muito importante, trabalhar a espiritualidade, nessa integração (MARINA).

Isso também é possibilidade pela experiência de viver numa comunidade, coloca, pois cada um com seus caminhos abre espaço para a própria expansão espiritual. O *reiki* é uma das práticas que citou como mais praticadas no momento, tendo feito de *manhã e de noite*, tanto em si mesma quanto em quem também se conecta. Já meditou bastante, mas são momentos,

pois não se adequa “à uma coisa de rotina”. Cada um tem seu próprio caminho lá, mas há uma forte conexão em comum com a espiritualidade. Marina afirma que isso a leva em um lugar de *autoamor*, de *pesquisa profunda* e “olhar para as sombras, de olhar para dentro, de entregar o que antes não conhecia e integrar”, no sentido de *aceitar suas sobras* e “olhar para elas com menos dor”.

Apesar dessa presença que a espiritualidade tem em sua vida hoje, não foi sempre. Marina relata que começou durante a faculdade, com um grupo de amigas com quem ia em festas todo final de semana, “segunda-feira a gente já tava planejando o final de semana, o show, o barzinho, sexta, sábado”. Relembra que gostava muito das amigas, mas “sentia falta de alguma coisa [...] uma profundidade nessa relação”. Havia muitos comentários sobre assuntos que define como *superficiais*, e sem um *ouvir* do que se passava dentro de cada uma fora da esfera social, como em relação à família e o que passavam em casa e em outras questões. Isso levou Marina a escrever um *manifesto*, em que reivindicava relações mais profundas entre amigas, em busca de ser *potente e criar coisas juntas*. A faculdade de *design*, coloca, auxiliou nesse processo por serem todas muito criativas, “muitas habilidades manuais” e então, começaram a “fazer rodas, encontros”. Nisso, ocorriam conversas sobre como estavam se sentindo, o que estavam acontecendo na vida de cada uma, como afirma, “esse movimento de todo mundo se ouvir, de abrir espaço para poder chorar, para poder falar de coisas mais profundas”. Também haviam outras propostas, como prática de respiração, cozinha conjunta, criação de fantasias para festas como o Carnaval. Isso possibilitou, segundo Marina, a criação de vínculos maiores entre as mulheres do grupo de amigas.

Dentre mais atividades destaca a criação de um coletivo, o compartilhamento da alimentação, especialmente de comida vegana, criação manual, “um lugar de troca de saberes”. É importante destacar também, que Marina considera esse o primeiro movimento de *Sagrado Feminino* que teve, mesmo que na época não tivesse referência sobre. Somente ao entrar, anos depois, no curso que ouviu falar de ecovilas, que ouviu falar também de *Sagrado Feminino* e passou a “entender mais” e “aprofundar outras questões”. Isso começou também com questões do próprio corpo, como do ciclo menstrual e a utilização do coletor “ao invés de absorvente”, algo que veio com uma *roda de mulheres*. Mas isso também, assim como os rituais da comunidade, ocorreu de forma dinâmica. “Nunca cheguei a participar de uma coisa específica assim “*ah vou numa roda de Sagrado Feminino*”, mas participei de várias rodas de *Sagrado Feminino*, sabe”.

Também afirma ter realizado um trabalho de *Sagrado Feminino* com um grupo de mulheres indígenas e coloca que hoje tem outro grupo de amigas, “que é muito desse lugar de

se ajudar, tanto no campo de espiritualidade, quanto nessas encenças de “estou precisando de uma escuta, alguém tá disponível?”. Nesse sentido, percebe-se que o Sagrado Feminino para ela vai além de uma prática imaterial particular, mas se estende à uma rede entre mulheres e práticas mesmo do cotidiano. “A gente se ajuda assim sabe, se escuta, faz uma prática junto, faz uma respiração, faz alguma coisa junto pra apoiar a outra sabe. Acho que é isso”, afirma. Para ela, é também criar uma relação muito forte, de família, com suas amigas.

Como práticas pessoais, ressalta o uso do *coletor menstrual*, de calcinha menstrual e o *plantar a lua*, algo que afirma ter se tornado natural, sendo mais *esquisito* jogar o sangue fora do que do que pôr na terra ou nas plantas. Segundo ela, isso foi um processo para se livrar da cólica, como um “trabalho de intencionar que o sangue precisava ir para a terra” e o útero “fosse entendendo o movimento que ele tinha que fazer [...] de entregar e não segurar”. Com isso, se refere às restrições impostas às meninas e o medo que muitas aprenderam a ter de que o absorvente vazasse na escola e os colegas rissem. Depois de ter tido muita cólica, é “reprogramar o útero pra ele voltar ao movimento natural [...] quase psicossomático”. Outra prática que cita foi do *yoni eggi*, mas sem muita experiência. Também a *mandala lunar*, mas admite com humor que comprou a agenda e usou apenas durante alguns meses, sem “entrar no ritmo de pintar todo dia”. Mas acompanhar o ciclo menstrual é algo que fez muito, mas que considera agora estar mais *perceptiva* do seu corpo, como quando faz exame de toque para checar o colo do útero e sabe as fases do ciclo em que se encontra. Alinhar o ciclo menstrual às fases da lua também é algo praticado, “nessa observação diária da minha rotina, e nessas sensações do corpo e na lua, como eu estou”.

Além dessas práticas mais próximas do próprio corpo, Marina também realiza alguns rituais, mas de forma *muito orgânica*, “a gente sente que tem algum ritual para surgir”. Cita banhos com rosas e ervas que realizou com pessoas próximas no final do ano, ritual na cachoeira, coloca que “o que eu gosto no ritual é que ele pode ser muito lúdico também”. Aqui entra novamente as relações em seu relato, quando menciona não ter uma “sabedoria muito profunda”, mas que muito do que aprendeu foi com outras pessoas que a foram ensinando. Uso de óleos essenciais e conhecimento sobre chás foram algumas dessas coisas aprendidas com amigas. Ressalta a *intuição* e a *criatividade* como exercícios presentes nos rituais, “com a espiritualidade muito ligada”, citando como exemplo o uso de três velas em um ritual, que pegou por acaso e chegando lá viu que era o número preciso para utilizar.

No próprio aniversário afirma ter realizado um ritual com amigas, em que foram buscando objetos e plantas para acrescentar no momento ou conforme *sentiam* ser necessário,

como o uso de velas, flores e óleo de lavanda e gerânio em uma bacia com água, urucum, “aí a gente acende as velas e a coisa vai acontecendo”.

Aí eu começo a agradecer meus ancestrais [...] "ah entendi, é pra minha ancestralidade essas velas", claro meu aniversário, né, não tem como eu celebrar sem celebrar minha ancestralidade, só estou aqui por causa deles. Aí tá, então faço ali esse ritual de agradecimento aos meus ancestrais e tal. E aí eu sinto que eu tenho tipo que começar agradecendo os elementos da natureza porque eles me compõem, então tá, vamos começar pela terra. E aí o urucum eu fiquei com vontade de passar urucum nos pés, de marcar bastante meus pés e começar a pisar assim, sabe, sentir a sustentação. [...] "A água", aí a gente pegou e eu tomei um banho com essa água cheia de rosas, cheia de flores, de óleo essencial, tomei um banho. E na hora que eu tomei um banho com essa água na hora assim veio um silêncio e eu falei "nossa é o ar o silêncio, a meditação é o ar" (MARINA).

Para ela, isso faz parte de um *fluir*, com a presença dos elementos e música, “no fim o fogo, veio a dança, vontade de dançar e dançar, isso tudo a gente fazendo junto”. Já outros rituais, como aqueles de troca de estação do ano, costumam tirar tarot ou “celebrar uma força da natureza [...] pedir proteção”. “É muito do que gente vai intuindo”, afirma, como um *canal com o meio invisível*.

Tudo isso aumentou, segundo ela, a escuta com o próprio corpo, se sentindo mais *reapropriada* de si mesma, sem estar “à mercê de conhecimentos, de morais e ideais”. Autocuidado, cuidado emocional, reconexão e maior energia, escutar sem julgamentos, além de prevenção são aspectos que cita. Prevenção ao se sentir ficando doente e buscar chás para auxiliar, como forma de amor próprio. Mesmo quando sente não estar *conseguindo*, tem parcerias que terá apoio.

Contudo, apesar de enxergar questões positivas, também questiona o termo *Sagrado Feminino*, que segundo ela, faz parecer que existe “um feminino que não é sagrado”. Considera um “chamado à ressacralizar o que foi tirando dessa feminino”, a partir “dessa reconexão com a terra, reconexão com o corpo, reconexão com a potência do feminino, com a potência criativa, com a potência sexual, com a potência do útero, do parir, da maneira que você quer parir”. Considera ser um olhar sagrado sobre as questões do feminino, que tira o que foi imposto às mulheres na sociedade como algo que não era *válido* ou *bom*. Destaca, outra vez, a relação com mulheres, colocando que também é “estar entre mulheres que se apoiem e se reconectar com isso”. Para Marina, “não é algo que você vive sozinha”, é uma conexão com uma *egrégora* de mulheres, “nessa transmutação de valores do patriarcado para uma reconexão com o feminino mais sagrado”.

Ainda em questionamento, quando indagada sobre a conexão de mulheres no geral com o Sagrado Feminino e o corpo, afirma que não necessariamente uma mulher precisa se

identificar com essa espiritualidade para ser *conectada*, com o próprio corpo, com a natureza. Cita mulheres do interior e avós, que são *benzedeiras* e entendem de ervas, “com muito pouca instrução escolar”, mas *muito saber*. Falando que chama de *seu lugar de fala*, afirma que “mulheres brancas de classe média que crescem na cidade [...] talvez nós sejamos as mais desconectadas”. Marina descreve a vida dentro do apartamento com “mães que na maioria das vezes trabalhavam fora” e que “qualquer coisinha” ia para o hospital, pronto-socorro e tomava antibióticos. “Eu sempre tive essa sensação de muita vulnerabilidade, sabe, tipo, alguma coisa aconteceu eu não sei o que fazer, tenho que ir pro médico”, relata. Para ela também é uma *pesquisa*, começar a olhar para o próprio corpo e *outros lugares*, “pro campo energético, pro campo espiritual, esse cuidando vai se ampliando, pegando muitas camadas”. Dessa forma, a conexão pode vir de outros lugares.

Outra questão que critica é o *estereótipo*, como “o problema de todas essas coisas”, pois afirma que isso prende a mulher e impede que outras se juntem à prática. “O que é uma mulher que tem seu Sagrado Feminino trabalhado [...] ela tem que ter um tambor xamânico, cantar cânticos...”, comenta, “às vezes a mulher não vai gostar de nada disso, nem plantar a lua [...], mas não faz dela menos mulher do que uma que planta sua lua”. Outra vez traz o termo *integrar*, afirmando que é preciso, e ser tanto *poderosa* quanto *assumir fraqueza*, “assumir que sou tudo”. Cita um livro das deusas, em que se fala que,

[...] no início só existia uma deusa, que era a deusa Gaia, que é a terra grande-mãe, era só essa deusa. E aí o patriarcado chega, e pra gente dominar a gente vai dividir. E aí divide deusa-gaia em várias deusas, então uma é a expressão do amor, a outra expressão da sexualidade, a outra a expressão da maternagem, a outra a expressão disso e segmenta. Bom, mas pra eu ser materna eu não posso ser sexual, pra ser sexual não posso ser amorosa, pra ser amorosa não posso ser trabalhadora. A gente começa a criar esses estereótipos e segregar e separar e não aceitar certos lugares nossos. [...] Então a gente fica sempre nesse correr atrás de uma coisa que tá faltando, e não falta nada, a gente tem tudo na gente (MARINA).

Para Marina, o potencial de *maternagem*, de *trabalhar*, ser *intuitiva*, *frágil*, *guerreira* e *lutadora* está em cada mulher, passível de ser ampliado e *integrado*. Trabalhar com arquétipos dentro do Sagrado Feminino não é problema, coloca, mas sim se *estagnar* neles, e a ponto de gerar o que chama de julgamento entre mulheres e pode afastar ou mesmo, forçar, algumas antes interessadas nessa espiritualidade, em frente à uma *checklist* “de coisas para ser do Sagrado Feminino”. É preciso equilibrar e não se manter em uma representação, coloca. Também deve-se observar e questionar, como afirma ser uma pessoa que gosta disso, para *problematizar* esse tipo de questão.

5.3.3 Questões de gênero e o Ser Mulher

Segundo Marina, quando uma mulher está mais *apropriada* de si mesma, ela tem possibilidade de se relacionar de forma mais saudável, “consegue estar numa relação mais inteira, mais a serviço de coisas que nos fazem bem”. Algo que na opinião dela, o Sagrado Feminino auxilia a fazer pelas mulheres. Contudo, nota que há um certo incômodo sentido pelos homens quando se trata de encontros e espaços só de mulheres, também em todos os movimentos de mulheres, desde o Sagrado Feminino ao feminismo. Afirma ter ouvido várias histórias e passado por situações em que os homens colocavam a culpa de separações no Sagrado Feminino e nas rodas de mulheres, se sentindo “meio para trás” e com medo de que “falassem mal dele”.

Para ela, esses movimentos trazem potencial de melhorar as relações entre os gêneros, mas que é preciso ter *cuidado* para que a mulher não “vire tipo terapeuta do homem e ele mesmo não vai para a terapia”. Nesse sentido, ela coloca que a mulher geralmente busca formas de trabalhar o próprio emocional e o homem não o faz, então ela entra em “um padrão que não é saudável de dar conta de tudo na relação, dar conta da parte emocional”, coisas que não deveriam ser trabalho dela. É necessário, coloca, que cada um faça o próprio trabalho e que isso movimenta um monte de coisa, afirma que “as mulheres dão à luz os homens, amamentam-nos e em nossas cultura são as responsáveis pela sua guarda enquanto crianças” (STARHAWK, 2007, p. 26), no pensamento expressado por Marina, podemos entender que esse papel de guarda aos homens acaba se estendendo muitas vezes à vida adulta, em que a mulher deve lhe ensinar suas questões, ao invés de ele mesmo ir buscar entendê-las por conta própria.

Na comunidade elas realizam algumas rodas de mulheres, mas nada organizado ou específico. “Acontece, assim o tempo todo [...] uma e outra se reúne e começa a falar”, coloca, e então se institui na hora uma espécie de encontro das mulheres. Essa dinâmica ocorre, na sua opinião, por não haver necessidade de marcar algo prévio, todas tendo acesso umas às outras o tempo todo e se alguém quer conversar “só vai ali e se junta uma a uma e conversa”. Segundo Starhawk (2007, p. 50), encontros com um viés espiritual feminino podem se caracterizar de diversas formas, “se concentram na cura e nos ensinamentos, outros podem ter inclinações para o trabalho psíquico, estados de transe, ação social ou criatividade e inspiração”, e ainda, “simplesmente, a darem boas festas”.

Na ecovila, relata que foram as mulheres principalmente que fizeram o *movimento* de querer ir para lá, e que os homens foram indo de acompanhantes e acabaram gostando. Nisso, para ela há um *campo equilibrado* entre o feminino e o masculino, a mulher e o homem, algo

que se estende de forma muito *interessante* mesmo nas ocupações e tarefas da ecovila. Há aquelas em que se tem maior presença masculina, como na parte de construção, m “mas isso não quer dizer que as mulheres também não façam”. Já na cozinha, admite que há mais mulheres porque os homens ficam mais na construção, mas que todos eles cozinham também, “então rola de todos cozinharem”.

A própria configuração da comunidade facilita uma certa divisão de tarefas e incentivo a isso, pois nem todos tem casas individuais e mesmo aqueles que estão construindo uma, como ela, se questionam se deveriam fazer cozinha ou banheiro, pois há a *cozinha comunitária* e o *banheiro comunitário*. Houve um momento, Marina afirma, em que todo mundo cozinhava de forma organizada, mas que o final do ano *desestrutou* isso e agora acontece de forma mais livre, “chega hora do almoço alguém começa a cozinhar alguma coisa e aí as vezes chega outra pessoa e vai, se une”. Mesmo na parte de construção, ou tarefas de agroflorestal, alguém começa e o pessoal vai se *juntando*. Nesse sentido, para ela a divisão não se mostra tão necessária porque todos estão trabalhando em alguma coisa e em grupo, tendo “vontade de estar junto”. Existe essa *harmonia* entre o grupo, afirma, e que o ambiente é passível de “relaxar na presença de outras pessoas [...] então vai surgindo coisas de fazer junto, vai surgindo parceria”.

As habilidades individuais de cada um também entram nisso, coloca, “tem as expertises”, e cita um morador que é engenheiro e outro marceneiro, que se juntaram para construir uma casa. Ou sobre si mesma, que gosta de desenhar e se uniu com outra moradora para fazer cadernos artesanais. “O estar nesse ambiente faz um monte de coisa emergir, sabe, coletivo”, relata Marina, incluindo as coisas básicas do dia a dia, como deixar o espaço limpo, cozinhar, coisas que são “básicas pra sobrevivência de todo mundo”, que vão se organizando *naturalmente e acontecendo*. Em um grupo forte com um viés espiritual, os membros possuem uma proximidade grande “e em momentos de dificuldade, naturalmente procuram ajuda entre si” (STARHAWK, 2007, p. 54).

Quando questionada se haveria, então, uma *igualdade* na comunidade, ela não concorda com o termo, e afirma ser um campo de *não-hierarquias*, “é diferente né”. Quando se fala em diversidade, Marina afirma, não é possível impor uma igualdade, pois se deve olhar a individualidade de cada um e ir equilibrando. Mesmo dividir tudo igual, coloca, pode acabar não sendo “bom pra todo mundo”, é preciso *mapear* as coisas. Marina opina que quando se sai de um campo individualizado objetivando o coletivo, “a referência é de comunismo né, de tudo igual e também não é sobre isso”. Para ela, o ideal é compor todas as diferenças e seus diversos níveis, ainda que em um campo social enxergue certos recortes. Aqui ela vai para além do gênero, dando como exemplo a falta de pessoas negras na comunidade, e afirmando que de

alguma forma essa mensagem não chegou até elas. Como possível causa, coloca a pobreza que assola majoritariamente pessoas negras no Brasil, e que muitas não têm acesso à terra ou herança para comprar e fazer uma organização de ecovila, principalmente devido ao processo de escravidão e a forma como isso constituiu o país.

Sobre a situação durante a pandemia, coloca que não sentiu sobrecarga, mas notou uma certa diferença nas funções. Havia aqueles que estavam trabalhando *online*, e aquelas que estavam mais integralmente na comunidade, sem trabalho remoto, que acabam fazendo mais coisas, “arborização, de organização, de limpeza, de cozinha”. Mas as pessoas que trabalhavam *online* não deixavam de fazer a coisas. Mesmo que as mulheres que vivem lá “já estavam acostumadas a estar com os filhos”. Na visão de Marina, não houve uma mudança grande de rotina nesse sentido, pois maioria das crianças já não vão à escola. “Os pais também estão muito próximos” e “vivem de fato uma paternidade”, destaca, especialmente se comparado com o mundo externo à ecovila. As mães ainda são as que mais dão conta das crianças, mas os pais também são muito presentes, mesmo aqueles que trabalharam *online* durante a pandemia, afirmando uma *diferença notória* de outros lugares. O cuidado e educação com as crianças foi algo que chamou a atenção de Marina desde as primeiras experiências com as ecovilas.

Ainda sobre as relações de gênero na comunidade, coloca que sente lá dentro um campo *aberto*, com essas questões diluindo e se dissolvendo muito. Quando Marina menciona que existe machismo, atribui a todos, não apenas homens, e que a comunidade é um campo mais propício para olhar para isso. “Não tem aqui um campo de superioridade, sabe, de nenhum dos gêneros [...] e de inferioridade”. Ressalta que isso chega a ponto de se sentir mais livre lá dentro do que em outros lugares. Relembra a primeira vez que foi para uma ecovila, em que tinha um companheiro e o sentia como um *guardião*, e uma importância de tê-lo ali, “como se o núcleo familiar tivesse mais peso”. Ela sentia, afirma, ter um sentimento de que para estar em uma comunidade, precisava estar casada, principalmente em uma ideia de que o núcleo familiar é um *território*, onde ele vai estabelece um território, com um modo próprio de operar. Afirma haver um “jogo de forças” na comunidade em relação a isso, no modo de se relacionar com o coletivo, “esse grupo familiar se relaciona dessa forma com a cozinha, esse daqui de outra forma, esse daqui de outra. E aí eu que sou sozinha e não tenho um grupo familiar que gera essa sensação mais forte de território”.

Marina reflete que já sentiu como uma minoria, nesse sentido, pois o perfil geral das comunidades é casais com filhos ou que pretendem ter filhos, ou mulheres com filhos. Mas com o tempo, a participante diz ter passado a e sentir mais à vontade, de ser ela mesma e fazer o que quiser, se colocar onde *bancar*. “Não tenho mais essa inibição”, coloca “que eu já tive antes de

poder falar o que eu quiser, de fazer o movimento que eu quiser e tal”. Algo que a ajudou nisso foi a abertura para conversa sobre a questão com os demais moradores.

A participante coloca que essas ideias de não-hierarquia e melhora nas relações não seriam possíveis sem o *feminismo*, pois ele *demarca* a sociedade em que estamos, o sistema patriarcal e as premissas necessárias para que ele aconteça. Assim como, também propõe formas de desconstrução de hierarquias, de diferenças entre homens e mulheres e a ideia de patriarcado. O feminismo, afirma, está dentro “desse processo da gente desconstruir tudo que vem de sistemas de crenças e ideais que o patriarcado carrega”. Dessa forma, ela se posiciona como *uma pessoa feminista*, considerando o movimento necessário dentro do patriarcado e como *um ponto de partida* para se reconhecer como mulher e reconhecer que é um “sistema que está dado, com certos acordos previamente definidos que você não participou”. O movimento contribui ainda para que as mulheres percebam questões sobre as relações, a sociedade e a cultura, cita Marina, “como você carrega isso” e “a gente vai desconstruindo essa visão”. A participante afirma que já esteve em um lugar de *raiva*, de ter vivido “vários momentos de feminismo”, e que chegou em um momento de questionamento, sobre como se posicionar e refletindo sobre as “várias camadas que a gente vai mexendo”. Nisso, destaca que, a partir desse entendimento se considera feminista, mas que poderia se sentir em dúvida quanto à outras definições existentes.

Por fim, ao ser questionada em relação ao ecofeminismo, relatou não ter muito aprofundamento *na ideia*, mas que vê uma forma de o feminismo se atrelar à desconstrução da hierarquia “entre ser humano, natureza, essa separação. “Então acho que quando a gente vai dissolvendo essas camadas, a gente também vai dissolvendo isso”, afirma, pois na sua visão o ser humano não é independente e precisa de tudo ao seu redor e que “está vivo aqui”.

5.3.4 Consumo midiático e consumo globalizado

Em se tratando de referências que direcionaram Marina em uma visão mais feminista, ela afirma que desde criança já tinha *algumas visões* que se encaixavam no tema, “É engraçado, eu não tinha tanto, não pesquisava tanto sobre feminismo, não tinha uma base teórica e tal, mas eu já questionava muita coisa, já olhava e falava “isso aqui não dá”. Cita a situação de ter ido estudar em um colégio de freiras porque não queria ser batizada, nem fazer a Primeira Comunhão, nos rituais do catolicismo de sua avó. Na própria escola ela afirma que brigava muito, por não querer ver aulas de religião. Starhawk (2007) explica que as religiões mais praticadas possuem homens e imagens masculinas como referência que caracterizam

divindades, pregadores, profetas e gurus. Dessa forma, “as mulheres carecem de sistemas espirituais que atendam às necessidades e experiências femininas” (STARHAWK, 2007, p. 25), o que pode justificar a falta de interesse feminino em conceitos religiosos de percepções e *insights* masculinos, como cita a autora, e venham a buscar um caminho que encoraje sua força e realizações.

Além de ser *observadora* de grupos, das relações e padrões, como ela se descreve, também leu muito livros na adolescência sobre *mulheres em sociedade muçulmanas*, no Egito e no Afegão, obras que a marcaram, mas que não recorda o nome por serem antigas. O que mais chamou sua atenção foi a forma de vida daquelas mulheres, que “não tinham nenhuma escolha sobre sua própria vida, seu próprio corpo”. Perceber que as mulheres vivem de formas diferentes ao redor do mundo e mesmo assim sofrem níveis de opressão foi uma questão bem marcante.

Ela destaca que gostava de se informar sobre o mundo e acontecimentos, interesses em diferentes de suas amigas, mais *amplos*, “no sentido de política, de feminismo, de, assim, na adolescência já ter esses interesses, sabe”. Por isso recebia comentários como “a Marina é muito política, muito questionadora”, mas afirma serem conhecimentos muito básicos na época, sem muito engajamento político, mas que no meio era visto como bastante. Assim, ainda que gostasse de algumas mesmas coisas que suas amigas, como *Britney Spears* e ir a *festinhas*, “coisas mais profundas” chamavam sua atenção, “tipo o livro *Brumas de Avalon*”. Sobre isso, relembra ter sido o livro da sua *adolescência*, “super importante, assim”. “Acho que ali começou um interesse pelas bruxas e desse olhar de entender como o patriarcado vai se instituindo e vai apagando né, a força das mulheres, essa força espiritual, essa conexão”. Também cita ter lido *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir nessa época.

Mais recentemente, quando já direcionada às questões femininas ligadas à espiritualidade, Marina cita como muito importante para si a obra *Mulher que Correm com os Lobos*, de Clarissa Pinkola-Estés, “é um livro realmente muito bonito, muita conexão”. Outro semelhante, é a *Jornada da Heroína*, ou *The Heroine’s Journey* de Maureen Murdock, que “marcou muito, que só tem em inglês”. Cita outras obras que incluíam análise sobre diferentes deusas e seus arquétipos, que contavam histórias de diferentes mulheres, e o *Oráculo da Mulher Selvagem*, bem como *O Oráculo das Deusas*, que afirma a acompanharem. Um livro mais recente, que acha *muito lindo*, é *Tudo Sobre o Amor* de Bell Hooks. Fora do meio literário, outras produções que contribuíram para sua visão foram os conteúdos da Morena Cardoso, que trata de espiritualidade, o portal *PrazerEla*, sobre sexualidade feminina e demonstra grande curiosidade sobre um podcast sobre Maria Madalena, que a aborda como uma bruxa que

“iniciou Jesus na magia, parece que desconstrói toda visão da prostituta né, porque assim como bruxa era esse cunho pejorativo né, também prostituta. Toda mulher livre era prostituta na época né”. Apesar disso, ressalta que “Mulher que Correm com os Lobos é a referência *master*”.

Os arquétipos são uma questão presente em certas abordagens do Sagrado Feminino, podendo derivar justamente da obra *Mulheres que Correm com os Lobos* (1992), com o objetivo de personalizar o Sagrado Feminino através de jornadas psicológicas em contato com o arquétipo da *Mulher Selvagem*, por exemplo. Esse termo, também descrito pela participante na temática de seu oráculo, o que associa as práticas da participante com seu interesse pela temática.

Contudo, Marina reflete e conclui que sua família não tinha “uma pegada fora da curva”, ainda que seus pais tenham se conhecido em uma escola de estudos filosóficos e conhecimento, que ela também estudou quando criança até certo momento. Depois, passou para outra escola e seus pais saíram do lugar, “acho que foi aquela vida mais normal, classe média, de cidade [...] de escola, de shopping e festinha, consumindo coisas industrializadas normalmente, televisão”. Assim, foi ela própria que se aproximou dessas questões, tanto feministas quanto espirituais, bem como a sustentabilidade e esse olhar sobre as ecovilas. “A gente não teve isso não”, afirma, se referindo às práticas saudáveis, sustentabilidade e passeios no campo.

Tanto é que a televisão teve uma presença grande na sua vida, conta que assistia muito, “canal aberto” e filmes. Sobre os mais a marcaram, cita *Matrix*, *Into the Wild* e *Diários de Motocicleta*. Além dos livros, as revistas eram fonte de curiosidade para a participante, mas que não assinava, apenas as lia na casa nos outros, “chegava na casa de alguém que assinava uma revista, sei lá, Veja por exemplo, e eu gostava de ficar lendo a revista”. A participante ainda, possui um portal para divulgar seu trabalho com o design e Dragon Dreaming e utiliza muito o Instagram.

Em relação ao consumo em geral e outra relação com ele, Marina coloca que foi tudo um processo. No momento da entrevista, ela estava construindo sua casa na ecovila e traz como exemplo essa questão. Afirma ser algo “muito revelador”, pela casa ser um *espelhamento* de crenças, nossa relação com estrutura e em relação ao nosso corpo, também “esse lugar de segurança e estrutura, flexibilidade ou rigidez”. Sua casa, que chamou de *tiny house*, tem a parte interna de 20m², de pau a pique com bambus e matérias acessíveis e fáceis de conseguir na região, como a areia e eucalipto. Exigiu que pensasse com cuidado o que colocaria nela, como uma pia para ter água dentro da casa, “mas será que eu preciso de um banheiro agora? Já que já vai ter banheiro comunitário. Será que eu preciso de uma cozinha agora, se já vai ter uma cozinha comunitária? O que eu realmente preciso, sabe?”. Chamou isso também um processo

muito *artesanal* em que desapareceu de muita coisa. Marina conta que levou meses para perceber que precisava de uma mesa para trabalhar, antes colocava a “canga no chão e ficava lá desenhando, toda torta”. Afirmar ser *muito transformador*, especialmente pela *leveza* dos materiais da casa, que mostra ser muito importante pela impossibilidade de gerar lixo, “tudo vai ser consumido e transformado pela natureza [...] vai dando essa sensação de quanto menos coisa eu tiver, menos energia preciso gastar pra sustentar”.

Marina relata que 2021 foi um ano de muitas mudanças e tomadas de decisão *radicais* em sua vida, pois parou de trabalhar oficialmente e decidiu viver com a renda do apartamento que possui na cidade. “Vou contemplar a vida”, relata ter pensado, “vou me conhecer, e vou olhar o que eu realmente preciso, quais são as minhas necessidades, o que eu realmente gosto, qual meu ritmo, qual meu tempo, o que é saudável, sabe”. Foi difícil quebrar uma crença sustentada pelo modo de vida capitalista de que deveria se manter trabalhando de qualquer forma. Afirmar que isso simplificou sua vida, pois foi quando se mudou para um sítio durante a pandemia, antes de se estabelecer na pandemia, e percebeu que ali “não tinha muitos gastos, só comida né, basicamente”.

Foi uma época também de olhar para o próprio consumo alimentar, conta Marina, percebendo que não precisava comer tanta coisa *industrializada* “podendo ter tempo de fazer minha comida”. Repensou as próprias coisas, como o carro, “mas o carro tá realmente sendo essencial pra morar no campo, assim, viagens com o carro né”.

Antes disso, outro momento de transformação e olhar para o próprio consumo veio na época que trabalhava no estúdio de design e via as manifestações de diversas pautas na praça abaixo do escritório, sendo a do Rio+20 a mais marcante para Marina. Logo depois, pela indicação de uma amiga, fez o curso de Dragon Dreaming e assistiu palestras sobre *economia colaborativa*, “então começou essas interligações, assim, de uma coisa com a outra”.

Muitas palestras da organização TED e TEDx passaram a fazer parte da sua rotina, “todo momento que eu estava no trabalho sem nada para fazer, eu ficava assistindo TED¹³”. Marina também lembra de ter utilizado o YouTube para assistir muitos documentários sobre ecologia e espiritualidade.

Depois disso, passou um tempo com uma amiga em um sítio de permacultura, onde muitos jovens mudavam seus hábitos de consumo e passavam a viver juntos plantando, estudando agroecologia. “Foi uma coisa, assim, muito esquisita, não era do meu campo essa possibilidade, [...] eu falei “*nossa, que povo hippie interessante*”. Lembra de ter ouvido uma

¹³ TED Talks é uma organização que realiza conferências sobre os mais diversos temas sob o slogan de “*Ideas worth spreading*” (tradução livre: Ideias que merecem ser disseminadas).

explicação da amiga sobre a relação entre *sociologia* e *agroecologia*, e voltando seu olhar para essas questões, integrando o social e o ecológico. Segundo a participante, essa amiga que indicou o curso de Dragon Dreaming e a guiou em diferentes questões, afirma ter tido “bastante essa influência dela”. Além disso, pesquisava muito na internet sobre esse tema, “nessa época o Facebook era um canal muito usado, muito importante, de ir encontrando textos, ir encontrando blogs, grupos”. Ressalta ter sido seu momento de *despertar*.

Outras mudanças vieram em seguida, com outro curso também indicado por uma amiga, “muito *abridor* de caminhos, da espiritualidade”, chamado Arte de Viver, de um guru indiano Sri Sri Ravi Shankar. Envolve meditação e yoga, conta Marina, e “a proposta era ficar essa semana sem carne, sem álcool, sem café. E nessa época pra mim era tipo “oi? *Vou ficar uma semana sem comer carne?*”. Mas relata que conseguiu ficar todo o tempo sem consumir carne e que eles passavam no curso filmes sobre os malefícios da indústria.

Quando acabou essa semana eu pensei "vou tentar ficar vegetariana 21 dias", aí eu fiquei vegetariana 21 dias, aí eu falei "já que eu fiquei 21 dias, vou ficar mais" e aí eu fui ficando e aí eu fiquei tipo mais de um ano e meio assim eu fiquei vegetariana total. E aí depois eu fui voltando a comer aos pouquinhos, hoje em dia eu não sou vegetariana, mas eu não sou carnívora também. A carne é uma exceção também, em momentos específicos (MARINA).

Para ela, foi depois desse curso que passou a ter uma abertura maior para as pessoas, após ainda, às manifestações da Rio+20, que também a marcou. Assim que integrou as questões *sociais* e *ecológicas*, também incluiu a *espiritualidade*, e afirmou que esse novo olhar sobre o consumo e práticas espirituais e sustentáveis moldaram também um olhar mais profundo sobre a vida.

5.4 APROXIMAÇÕES ENTRE OS RETRATOS DAS PARTICIPANTES

Os modos de consumo das participantes estão ligados à sua classe social de origem, especialmente devido aos rituais que funcionam como fatores de distinção social, tais como o exercício físico e a alimentação mais equilibrada em função de saúde e não uma preocupação estética, o que é enfatizado pela falta de preocupação de todas em não utilizar maquiagem e questões estéticas semelhantes, como a depilação e consumo consciente de vestimentas. São aspectos encontrados na classificação de classe média, segundo Bourdieu (2007), o que se afirma ao levar em conta o valor que as participantes colocam dos livros em sua vida, mostrando também um alto nível de capital cultural, especialmente ao levarem isso para suas experiências pessoais. Sally afirma sempre ter sido uma grande leitora e relata a publicação de um livro em

uma plataforma on-line, Karen coloca que os livros marcaram sua adolescência e tinha o costume de ler os jornais da família, e Marina também tinha a leitura presente e consumia revistas sempre possível. Bem como, demonstram um interesse em aprofundar temas incomuns à sociedade em geral, que também repercutem em suas experiências, como viagens, espiritualidade, sustentabilidade e questões sociais. As três participantes também se mostram atentas aos debates de classe, e mesmo raça, que as permeiam tanto hoje quanto em momentos anteriores às vivências com ecovilas, ao se reconhecerem como mulheres brancas, de classe média e heterossexuais.

O Sagrado Feminino, a partir do próprio termo, tem para elas, ou ao menos deve manter, o foco exclusivo na mulher, ainda que proponha relações saudáveis e trabalho emocional com os homens. Para as participantes, a maior característica dessa espiritualidade e que as envolve diretamente, é o acolhimento entre mulheres. Todas relataram fortes redes mantidas por grupos de mulheres em suas comunidades, objetivando apoiar, guiar e dar suporte às outras mulheres, tanto em rituais de partilha, cuidado com as crianças e o cuidado emocional. Percebe-se que o Sagrado Feminino, segundo a informante, está muito mais ligado à uma rede de fortalecimento e independência emocional de mulheres do que um culto à divindade ou celebrações espirituais específicas. As relações de gênero parecem ser parte de sua pauta, mas o foco é no desenvolvimento feminino. Nas experiências das participantes, de Marina e Karen, os homens participam de algumas partilhas e demonstram disponibilidade apoio e cuidado. Já Sally afirma que em sua comunidade os homens não engajavam em grupos de partilha emocional e dificultavam a divisão de tarefas e não tinham preocupação com o cuidado com as crianças da comunidade em geral.

Assim, em duas das ecovilas foi possível visualizar através dos retratos das participantes, um certo *equilíbrio* entre mulheres e homens e na organização da comunidade e realização de tarefas. Em uma, ainda ocorre problemas de relação devido ao individualismo dos homens na comunidade, que não colaboram com os projetos comunitários propostos. Com isso, percebe-se que o formato *comunitário* das ecovilas pode facilitar uma relação mais igualitária entre os gêneros, por proporem divisão de tarefas, reuniões de organização e encontros de partilha emocional entre todos os moradores, incentivando conversa e colaboração. Contudo, nem sempre funciona, dependendo mais dos indivíduos que constroem a comunidade e das contribuições de cada um para o coletivo, do que do formato de ecovila em si. Apenas isso não é suficiente, é preciso haver preocupação e empenho de ambos os lados, mulheres e homens, para tornar o espaço mais igualitário.

Quando tratamos de relações entre os gêneros, podemos visualizar também as relações entre apenas um, como o relacionamento entre mulheres. Nesse sentido, percebemos uma forte presença de laços sociais de amizade, seja entre as mulheres que convivem na ecovila, quanto entre as participantes da pesquisa e mulheres próximas que têm como amigas. As ecovilas facilitam, de acordo com os relatos, apoio e trabalho mútuo entre mulheres, a criação de uma verdadeira rede de acolhimento e a construção conjunta do objetivo de criar uma comunidade sustentável e organizada. No caso de Sally, vemos as mulheres responsáveis pelos cargos mais importantes da ecovila, bem a partilha no cuidado das crianças e demais tarefas consideradas domésticas, como a cozinha. Karen mencionou o grande apoio que as mulheres e mães tinham entre si, mesmo com aquelas não residentes fixas da comunidade, e as conversas e encontros sobre questões íntimas, desde emocionais até sobre sexualidade. Já Marina, tratou dos rituais e da disponibilidade que ofereciam umas às outras em momentos variados. Todas as três, ainda, destacaram a influência de uma ou mais amiga que as direcionaram ou introduziram no caminho da espiritualidade e mesmo, das ecovilas, seja através de indicações de cursos, livros ou conversas de confiança. Além, é claro, dos grupos de mulheres que participaram, participam ou pretendem participar. Nesse sentido, pode-se notar que há uma rede bem desenvolvida entre mulheres, de apoio, acolhimento e confiança, que atravessam as abordagens do Sagrado Feminino nas ecovilas. Ainda há uma preocupação, no entanto, demonstrada pelas participantes em relação à aparência, pois apesar de se manterem distantes do padrão de feminilidade ideal propagado pela mídia em geral, elas também se opõem a qualquer tipo de estereótipo possível, como o da mulher do Sagrado Feminino.

O consumo de mídia de livros e temas de ficção podem ter contribuído para sua subjetividade e criar um olhar capaz de ver caminhos alternativos, mas todas elas mencionaram viagens e a busca por uma *mudança interna* como a fonte de suas novas práticas e hábitos de consumo. Contudo, as referências e o consumo midiático em comum que partiram da juventude, como a obra de *As Brumas de Avalon* (1979) e leituras sobre questões de gênero/sexo como Simone de Beauvoir, levaram-nas por um caminho semelhante. Isso mostra como a mídia e a prática estão interligadas, assim, suas práticas midiáticas e sociais possuem essa aproximação. Assim, através das nossas entrevistadas, esse tipo de prática espiritual ocorre dentro das comunidades de ecovilas, muito importante para facilitar adoção do Sagrado Feminino pelo imaginário ligado ao rural e à natureza presente em ambos e pela proximidade com o meio natural.

Atentamos para questão da mundialização da cultura que liga todas as referências citadas pelas participantes, desde os livros relacionados ao Sagrado Feminino, à sociocracia

utilizada por algumas das ecovilas, os rituais de doutrinas orientais e cursos de permacultura e *Dragon Dreaming*. São referências consumidas por meio da mídia, maximizadas pela interação e compartilhamento em comum e sem fronteiras propiciados pelo processo de mundialização cultural, que promove uma troca de significados e gera diversidade de aspectos e símbolos em nível global (ORTIZ, 1994).

Refletimos, ainda, se suas preferências pela mudança interna ao invés da mudança social se devem ao Sagrado Feminino estar mais presente na mídia do que as políticas do feminismo. Há a preocupação, por mulheres feministas de que o Sagrado Feminino, ou o que deriva da religião da Deusa, sirva como desvio da “energia necessária das ações que buscam efetuar mudanças sociais” (STARHAWK, 2007, p. 27). Contudo, nossas participantes se mostram tanto abertas à espiritualidade feminina e aos conhecimentos do Sagrado Feminino, quanto às pautas e debates do meio feminista. Nesse sentido, Starhawk (2007, p. 27) cita que em “áreas tão profundamente arraigadas como as das relações entre os sexos” as mudanças tem possibilidade ocorrer apenas quando os mitos e símbolos culturais forem transformados.

Podemos entender que as referências de Sagrado Feminino das participantes vêm principalmente da infância e da adolescência, antes de adentrar grupos de mulheres que o praticam ou mesmo, os espaços das ecovilas que propiciaram esses conhecimentos. Os vínculos foram estabelecidos principalmente por meio dos livros, no entanto, mostram-se aberta às demais redes digitais e aos demais produtos midiáticos disponíveis que tratam do tema. Ainda que Sally tenha expressado não ter o costume de consumir mídia que abordem especificamente o Sagrado Feminino no momento, Karen e Marina afirmam buscar se informar através de referências principalmente literárias. As três, contudo, mostram que os livros e referências sobre magia e práticas espirituais consumidos quando mais jovem são o que construíram seus laços com essa prática espiritual e o mantém em processo de fortalecimento ainda hoje.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas questões trespassam a realidade feminina em nossa sociedade, desde a busca por uma liberdade e direitos plenos como cidadãs, até a imposição ao ambiente doméstico e cuidado familiar imposto pelos valores masculinos, o que culminou no desejo de libertação de posições submissas e manutenção familiar (HOOKS, 2019). Geralmente isso se manifesta através de ações políticas, como o movimento feminista e quando aliado à outras questões, como a degradação da natureza, os movimentos ecológicos (SILIPRANDI, 2015). Há ainda, outra via, a da espiritualidade, que serve como uma forma de mulheres buscarem uma liberdade interna através do desenvolvimento espiritual, como a prática do Sagrado Feminino (AMARAL, 2000).

Para o acesso à tais práticas, nos questionamos quais as referências que levam as mulheres até elas, nesse caso, buscamos nos situar em relação às referências midiáticas. Isso se mostra importante na medida em que se observa o sucesso e crescimento de vendas de obras como *Mulheres que Correm com os Lobos* (ESTÉS, 1994), que através de contos, objetiva traçar um caminho interno para que as mulheres libertem o arquétipo da *Mulher Selvagem*, mantida presa devido aos séculos de dominação e domesticação masculina do corpo e da psique femininos. Na ficção, também há a obra literária da história de *As Brumas de Avalon*, de Marion Zimmer, que aborda o Sagrado Feminino por meio da narrativa das mulheres que fizeram parte da ascensão do Rei Arthur ao trono, contando sua relação com o feminino, a magia e a natureza e a religião da Deusa-mãe. E *Tenda Vermelha*, livro de Anita Diamant, abordando a história de Jacó pela perspectiva de sua filha Dinah e as práticas do Sagrado Feminino das mulheres na Antiguidade.

Ainda, o lugar das práticas espirituais também é uma questão importante, nos levando a incluir as ecovilas, especialmente pela relação com o consumo de mídia e sustentabilidade presentes nesses espaços, bem como um objetivo por relações mais colaborativas (AMARAL, 2000). Diante disso, buscamos compreender o papel da mídia nas práticas espirituais de mulheres em ecovilas e para isso, propusemos a seguinte questão problema: **Em que medida a perspectiva do Sagrado Feminino nas ecovilas desconstrói padrões e propõe uma igualdade de gênero?**

Para responder tal questão construímos um referencial teórico que objetivou tocar em diversas questões acerca de ecovilas e da realidade feminina, e vieses espirituais, realizando em seguida entrevistas com três mulheres com experiências do Sagrado Feminino e de ecovilas, para compreender suas perspectivas acerca da temática, de seu consumo de mídia e suas práticas cotidianas. Dessa forma, foi possível elaborar um retrato sociológico (LAHIRE, 2004) para

cada participante, e a partir disso, analisar através de seus relatos, questões que nos auxiliassem a responder nossa questão problema.

Nesse sentido, percebemos que o Sagrado Feminino está presente nas práticas de mulheres em ecovilas através de suas práticas espirituais variadas e seu foco para o feminino. Isso inclui o reconhecimento de si mesmas como mulheres, como estudiosas e praticantes de diversas vertentes espirituais e um desenvolvimento das próprias relações sociais. Ou seja, as participantes trazem referências espirituais em seu dia a dia não apenas do Sagrado Feminino e rituais ligados ao feminino, mas também do xamanismo, do yoga, do hinduísmo e acabam mesclando essas práticas com seus saberes femininos e estudos, a partir de encontros e grupos com outras mulheres, leituras coletivas de livros como o próprio *Mulheres que Correm com os Lobos* (1994). Tal hibridismo espiritual é típico da *New Age*, algo possibilitado pela mídia. Nos cuidados com o corpo também se incluem, em relação ao ciclo menstrual, saúde física e mental, alimentação e em contestação aos padrões femininos estéticos dominantes, optando por não praticar hábitos como pintar as unhas, depilação, frequentar salão de beleza e usar maquiagem no dia a dia. Já nas relações sociais, observa-se que todas buscam laços igualitários e sem hierarquia, e que exercem, na medida do possível, uma divisão de tarefas com seus companheiros e entre os membros da comunidade. Sobre as questões ecológicas e de sustentabilidade, a pesquisa mostra que acabam se integrando às práticas cotidianas porque as participantes estão focadas em suas jornadas individuais, das quais esses aspectos fazem parte.

Dessa forma, nota-se que ao desconstruir padrões em relação ao próprio corpo e as práticas cotidianas, tal como relatado pelas participantes, de “a gente se ajuda assim sabe, se escuta” (Marina), isso facilita relações mais construtivas. Ainda que, como visto, as referências feministas e de igualdade de gênero tenham sido acessadas anteriormente àquelas de cunho espiritual, como as atitudes na escola (Marina), os grupos de pesquisa na faculdade (Karen) e leituras (Sally), os hábitos de cuidado para consigo mesmas exercem uma extensão às relações sociais, contribuindo para que busquem locais onde é possível receberem respeito e escuta. As ecovilas, contudo, já se propõem a esse tipo de prática, mesmo não aderindo à uma espiritualidade fixa, facilitando também, a prática do próprio Sagrado Feminino, pela proximidade com a natureza e tempo de estudo. No entanto, mesmo que o espaço comunitário da ecovila proporcione algo próximo de uma igualdade entre homens e mulheres, no relato de Sally percebe-se que nem sempre ocorre dessa forma, ainda havendo homens que se preocupam apenas com os próprios interesses. Não é uma regra, portanto, que as ecovilas tenham padrões de gênero desconstruídos, dependendo mais dos indivíduos e sua busca pessoal por desenvolvimento social do que do modelo exercido pelas comunidades. As divisões de tarefas,

cuidados com ambiente doméstico e educação de crianças funcionam por um objetivo comunitário, não necessariamente sob o objetivo de diminuir desigualdades sexuais e de gênero, mas na contribuição por um coletivo mais equilibrado, sem reconhecimento específico das categorias homem/mulher, ainda que se reconheça papéis de pai/mãe.

Podemos averiguar que há a presença do Sagrado Feminino nas ecovilas, por meio das práticas individuais e preferências de cada mulher, mas não um exercício regrado e rígido, variando conforme as vontades e necessidades de cada uma, desde leituras e estudo, até rituais e o envolvimento de outras doutrinas espirituais. Há encontros entre mulheres, mas não restringidos a elas, podendo ter partilhas emocionais com presenças masculinas, bem como em rituais. O papel da mídia se mostra relevante quando oferece um suporte a isso na vida dessas mulheres, como as obras literárias em que buscam se apoiar. No entanto, percebe-se que suas práticas vieram de pessoas próximas, como amigas que incentivaram e mostraram caminhos diferentes daqueles que elas seguiam. Há certas bases na adolescência que podem ter facilitado isso, como a leitura de *As Brumas de Avalon*, que envolve mulheres e Sagrado Feminino, uma história em comum entre todas as participantes. Mas uma busca por aprofundamento no tema veio mais tarde, como Sally e Marina que têm nos encontros com amigas uma forma de exercer a espiritualidade, seja por conversas ou rituais, e Karen, que começa a se inserir com mais interesse nos estudos do feminino.

Nesse sentido, conclui-se que a mídia teve presença suficiente para direcionar as mulheres ao Sagrado Feminino e menos ao feminismo. Contudo, as participantes possuem um certo reconhecimento acerca da desigualdade nas relações de gênero, uma questão vinda da universidade, das relações com outras mulheres, amigas, que comentavam sobre o tema e livros teóricos como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Assim, a mídia tem influência nesse direcionamento espiritual, porém, a televisão é considerada como hegemônica, e o livro e a internet não, como se fizessem parte de uma mídia diferente. Esse apelo individual mostra-se hegemônico da mesma forma que os conteúdos da televisão. Dessa forma, entendemos que o consumo midiático, ainda que presente, não se mostra tão proeminente quanto os outros atravessamentos e relações na vida das participantes. A questão possui relevância por ser parte dos objetivos da pesquisa e estar nas categorias do instrumento das entrevistas, porém, não adquiriu expressão tão significativa.

A pesquisa mostra que Sagrado Feminino nas ecovilas não desconstrói padrões porque funciona como um grupo de apoio para as mulheres, podendo apenas amenizar conflitos entre mulheres e homens na conciliação de seus interesses domésticos e públicos, ressaltando o discurso do empoderamento do *self* e a busca por soluções individuais (CAMPANELLA;

CASTELLANO, 2015). Ainda, propõe a sacralização da figura feminina na medida em que enfatiza as qualidades e características tidas femininas de forma positiva, contribuindo para autonomia e poder femininos e partindo disso, indiretamente para a igualdade de gênero.

Concluimos também que não há um padrão para o caminho do Sagrado Feminino, e que cada visão e prática dele é tão única quanto a experiência de cada participante, ainda que se construam semelhanças e questões em comum que vêm desde classe social, classe sexual e de educação formal. Esse caminho espiritual se desenvolve na esfera individual de cada uma das participantes, que dão destaque à individualidade como expressão da liberdade individual. Suas práticas se desenvolvem nessa questão, mostrando uma preferência em focar nas mudanças internas, que dizem respeito a si mesmas, ao invés de uma busca por mudanças externas através da ação direta do feminino.

Nesse sentido, as trajetórias dessas mulheres nos possibilitam ampliar nosso olhar sobre as práticas femininas em relação à mídia, às espiritualidades e modos de consumo no contexto social e ambiental em que vivemos. Reiteramos a relevância de haver uma espiritualidade com foco na mulher, principalmente por séculos de exercício em religiões e doutrinas de cunho masculinista, sendo assim, uma espiritualidade feminina não dispensa benefícios para a subjetividade das mulheres e figuras de representatividade. Nisso, a pesquisa realizada contribui também, pelo seu tema inédito, para dar destaque às narrativas femininas dentro da academia, nas comunidades de ecovilas e dentro do campo da Comunicação.

REFERÊNCIAS

A MULHER Selvagem: Júlia Otero. [S. l.: s. n.], 2021. Canal A Mulher Selvagem: Júlia Otero. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/AMulherSelvagem>. Acesso em: 06 set. 2021.

A TENDA Vermelha. **Filmow**, São Paulo, 2021a. <https://filmow.com/a-tenda-vermelha-t102999/>. Acesso em: 06 set. 2021.

AS BRUMAS de Avalon. **Filmow**, São Paulo, 2021b. <https://filmow.com/as-brumas-de-avalon-t7496/>. Acesso em: 06 set. 2021.

AMARAL, Augusto Jobim do; SANTOS, Jádía Larissa Timm dos. Neoliberalismo e colapso ambiental: a comodificação dos recursos naturais. *In*: PEREIRA, Agostinho Oli Koppe; CALGARO, Cleide; PEREIRA, Henrique Mioranza Koppe (Orgs.). **Socioambientalismo, consumo e biopolítica**. Caxias do Sul: Educs, 2019. p. 34-59.

AMARAL, Leila. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ANGELIN, Rosângela. Mulheres e ecofeminismo: uma abordagem voltada ao desenvolvimento sustentável. **Universidad en Diálogo**, Costa Rica, v. 7, n. 1, p. 51-68, jan./jun. 2017.

ARAUJO, Denise Castilhos de. O consumo e a mulher consumidora. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 147-165, jul. 2006.

ARRUDA, Beatriz Martins. **O fenômeno de ecovilas no Brasil contemporâneo**. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

AZEVEDO, Lays Britto. **Tecnologias socioambientais das ecovilas reaplicadas além de suas fronteiras**. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano) - Universidade Salvador, Salvador, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BIRCHAL, Fabiano Fernandes Serrano. Nova era: uma manifestação de fé da contemporaneidade. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 97-106, dez. 2006.

BISSOLOTTI, Paula Miyki Aoki. **Ecovilas: um método de avaliação de desempenho da sustentabilidade**. 2004. 148 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Sociologia Política**, Curitiba, n. 26, p. 83-92, jun. 2006.

BROGNA, Rodrigo Cesar. **Avaliação prévia de um paradigma urbano emergente: ecovila Clareando**, Piracaia, SP. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

BUENO, Natássia Henriques Daldegan. **O sagrado e o feminino: as mulheres e as vicissitudes no consumo da Ayahuasca**. 2017. 111 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2017.

CABRERA, Magali López. **Pequenas ações podem mudar o mundo: transformações e ecovilas**. 2017. 326 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAMPANELLA, Bruno; CASTELLANO, Mayka. Cultura terapêutica e Nova Era: comunicando a “religiosidade do self”. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 12, n. 33, p. 171-191, jan./abr. 2015.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. A Teologia ecofeminista e sua perspectiva simbólico/cultural. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 10, n. 28, p. 1396-1413, out./dez. 2012.

CARDOSO, Matêus Ramos. O desencantamento do mundo segundo Max Weber. **Revista EDUC**, Duque de Caxias, v. 1, n. 2, p. 106-119, jul./dez. 2014.

CASA BRASIL. 2021. Disponível em: <https://www.redecasabrasil.org/>. Acesso em: 14 set. 2021.

CAVALCANTI, Andrea Douat Loyola. **O mal-estar do coletivo: um olhar sobre as liberdades individuais dentro de uma ecovila**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CISNE, Mirla. Relações sociais de sexo, “raça”/etnia e classe: uma análise feminista-materialista. **Temporalis**, Brasília, ano 14, n. 28, p. 133-149, jul./dez. 2014.

CISNE, Mirla; FALQUET, Jules. Economia política sob uma análise feminista materialista: a imbricação das relações sociais de sexo, raça e classe. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 425-440, jan./jun. 2020.

COGO, Denise; BRIGNOL, Liliane Dutra. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. **Matrizes**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 75-92, jan./jun. 2011.

COMPARATO, Fábio Konder. Capitalismo: civilização e poder. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 251-276, ago. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142011000200020>. Acesso em: 10 jan. 2022.

COMUNELLO, Luciele Nardi. **Aprendizagem e espiritualidade em ecovilas: quando “o Universo todo ensina”**. 2017. 52 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

COMUNELLO, Luciele Nardi; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Ecovilas: aprendizagens, espiritualidade e ecologia. **Avá**, Posadas, n. 27, p. 81-99, dez. 2015.

CORDOVIL, Daniela. Espiritualidades feministas: relações de gênero e padrões de família entre adeptos da wicca e do candomblé no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 110, p. 117-140, set. 2016.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 431-449, maio/ago. 2015.

COULDRY, Nick. Does “the media” have a future?. **European Journal of Communication**, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 437-449, 2009.

COULDRY, Nick. **Media, society, world: Social theory and digital media practice**. Cambridge: Polity, 2012.

COULDRY, Nick. Theorising media as practice. **Social Semiotics**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 115-132, 2004.

CROWLEY, Karlyn. **Feminism’s new age: gender, appropriation, and the afterlife of essentialism**. Albany: State University of New York Press, 2011.

CULTURA ALTERNATIVA (Comunidades/ECOVILAS, Agroecologia, Permacultura, etc). [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/culturaalternativaecovilas>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CUNHA, Eduardo Vivian da. **A sustentabilidade em ecovilas: práticas e definições segundo o marco da economia solidário**. 2012. 234 f. Tese (Doutorado em Administração) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

DAWSON, Jonathan. From islands to networks - the history and future of the ecovillage movement. In: LOCKYER, Joshua; VETETO, James R. (Orgs.). **Environmental anthropology engaging ecotopia: bioregionalism, permaculture, and ecovillages**. New York: Berghahn Books, 2013. p. 217-234.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena *et al.* (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 173-179.

DEVREUX, Anne-Marie. A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 561-584, dez. 2005.

DIAS, Maria Accioly *et al.* Os sentidos e a relevância das ecovilas na construção de alternativas societárias sustentáveis. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 81-98, jul./set. 2017.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

ECOVILAS. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/166545293363149>. Acesso em: 21 jan. 2022.

ECOVILAS Brasil. [S. l.], 2022. Instagram: @ecovilas_brasil. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CEpOOsGJLi5/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

ECOVILAS no RS. [S. l.], 2022. Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/228085750560324>. Acesso em: 21 jan. 2022.

ELLER, Cynthia. **The myth of matriarchal prehistory**: why an invented past won't give women a future. 1. ed. Boston: Beacon Press, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Narrativas pessoais midiaticizadas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia. **Famecos**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 198-211, jan./abr. 2011.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FABRI, Adriano Diálogo. **Diálogo intercultural e sustentabilidade**: as experiências dos Ashaninka da floresta amazônica e dos Mapuche da selva valdiviana. 2020. 154 f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. Tradução: Renato Aguiar. **Cadernos de Crítica Feminista**, ano 6, n. 5, p. 8-31, dez. 2012.

FARIAS, Lilian. Resenha - Lua vermelha. **Poesia na Alma**, Aracaju, 08 mar. 2021.

Disponível em: <http://www.poesianaalma.com.br/2021/03/resenha-lua-vermelha.html>. Acesso em: 06 set. 2021.

FAZENDA Cura. [S. l.], 2022. Instagram: @fazendacura. Disponível em:

<https://www.instagram.com/fazendacura/>. Acesso em: 21 jan. 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FILHA da Serpente. [S. l.: s. n.], 2021. Canal Filha da Serpente. Disponível em:

<https://www.youtube.com/c/FilhadaSerpente>. Acesso em: 06 set. 2021.

FLORES, Bárbara Nascimento. **Ecovilas e ecofeminismo**: a sustentabilidade ambiental em Piracanga/Maraú-BA. 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2013.

FLORES, Bárbara Nascimento; TREVIZAN, Salvador Dal Pozzo. Ecofeminismo e comunidade sustentável. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 11-34, jan./abr. 2015.

FRANCO, Clarissa de; MARANHÃO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Sagrado não-binário? O conceito de psique andrógina na reformulação do debate de gênero no Sagrado Feminino. **Mandrágora**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 127-151, 2019.

FRASER, Nancy. Por trás do laboratório secreto de Marx: por uma concepção expandida do capitalismo. **Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, p. 704-728, 2015.

FRASER, Nancy; RAHEL, Jaeggi. **Capitalismo em debate**. Tradução: Nathalie Bressiani. São Paulo: Boitempo, 2020.

FREITAS, Lara Cristina Batista. **Análise de assentamentos humanos sustentáveis: experiências relevantes de ecobairros e ecovilas**. 2016. 150 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.

GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo queer. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 114-137, jan./abr. 2011.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

GEIGER, Luciene. **Aprendendo a ser mulher: contribuições de uma educação holística por meio dos círculos femininos tenda da terra e tenda da lua**. 2014. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GLOBAL ECOVILLAGE NETWORK. 2020. Disponível em: <https://ecovillage.org/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GILLIGAN, Carol. **In a different voice: psychological theory and women's development**. Cambridge: Harvard, 1982.

GRAY, Miranda. **Lua vermelha**. São Paulo: Pensamento, 2017.

GUIMARÃES, Felipe Flávio Fonseca. Traços da contracultura na cultura brasileira da década de 1960: um estudo comparado entre movimentos contraculturais nos Estados Unidos e no Brasil. *In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-MG*, 18., 2012, Mariana. **Anais [...]**. Mariana: ANPUH-MG, 2012.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitaloceno, plantationoceno, chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCOM**, Campinas, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/antropoceno-capitaloceno-plantationoceno-chthuluceno-fazendo-parentes/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

HARVEY, David. **A loucura da razão econômica: Marx e o capital no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2018.

HEELAS, Paul. **Spiritualities of life: new age romanticism and consumptive capitalism**. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2008.

HEELAS, Paul. **The new age movement**. New Jersey: Wiley-Blackwell, 1996.

HERRERO, Yayo. A vida em situação de guerra: coronavírus e a crise ecológica e social. *In: ISLA, Ana et al. (Orgs.). Economia feminista e ecológica: resistências e retomadas de corpos e territórios*. São Paulo: SOF - Sempre Viva Organização Feminista, 2020. p. 11-15.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Elefante, 2019.

IAQUINTO, Beatriz Oliveira. A sustentabilidade e suas dimensões. **Revista da Esmec**, Florianópolis, v. 25, n. 31, p. 157-178, 2018.

JOSÉ, Flávio Januário. **Diretrizes para o desenvolvimento de ecovilas urbanas**. 2014. 529 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In: HIRATA, Helena et al. (Orgs.). Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 67-75.

KLEIN, Naomi. **Não basta dizer não**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

KOZENY, Geoph. **Intentional communities: today's social laboratories**. 2003. Disponível em: https://www.gaia.org/wp-content/uploads/2016/07/GKozeny_IC-SocialLabs.pdf. Acesso em: 22 mar. 2020.

KUHNEN, Tânia Aparecida. A ética do cuidado como teoria feminista. *In: SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS*, 3., 2014, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.

LAHIRE, B. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LATOUCHE, Serge de. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. São Paulo: WMF, 2009.

LEAL, Marinna Cardoso. **Movimentos new age e a espiritualidade da nova era no contexto digital: estudo de caso do "movimento natural vibe"**. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Porto, Porto, 2019.

LEIS, Héctor Ricardo. **A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea**. São Paulo: Annablume, 2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. Proposta de um modelo metodológico para o ensino da pesquisa em comunicação. *In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MOURA, Cláudia Peixoto de (Orgs.). Pesquisa em comunicação: metodologia e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 99-107.

MACEDO, Sonia Gyssela Hernández. **Abastecimento de água e esgotamento sanitário em ecovilas**. 2011. 247 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MACHADO, Matheus Oliveira. **A comunidade dos clássicos e a nova comunidade: um estudo da organização de ecovilas**. 2018. 146 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MAGALHÃES, Renata. Por que Mulheres que correm com os lobos voltou à lista dos mais vendidos? **Veja Rio**, Ri de Janeiro, 19 mar. 2021. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/cariocas-correm-com-lobos-livro/>. Acesso em: 08 set. 2021.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da nova era**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.

MARASHINSKY, Amy Sophia. **O oráculo da deusa: um novo método de adivinhação**. 2. ed. São Paulo: Pensamento, 2021.

MARQUES, Camila da Silva. **Distinção, corpo de classe e estilo de vida**: “as situações que a gente passa, dentro das novelas têm”. 2018. 381 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

MATTOS, Patrícia. Dominação de gênero e classe: referências cruzadas. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPOCS, 2006.

MATTOS, Taisa Pinho. **Ecovilas: a construção de uma cultura regenerativa a partir da práxis de Findhorn, Escócia**. 2015. 250 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MEIJERING, Louise; HUIGEN, Paulus; VAN HOVEN, Bettina. Intentional communities in rural spaces. **Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie**, [S. l.], v. 98, n. 1, p. 42-52, 2007.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MULHERES que correm com os lobos. **Amazon**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Mulheres-que-Correm-com-Lobos/dp/853252978X>. Acesso em: 08 set. 2021.

NERY, Djalma. **Uma alternativa para a sociedade: caminhos e perspectivas da permacultura no Brasil**. São Carlos: [s. n.], 2018.

NORONHA, Heloísa. Por que ‘Mulheres que correm com os lobos’ voltou à lista dos mais vendidos. **Tab UOL**, São Paulo, 16 set. 2020. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/16/mulheres-que-correm-com-os-lobos-long-seller-ganha-folego-na-pandemia.htm>. Acesso em: 07 set. 2021.

O ORÁCULO da deusa - nova edição. **Grupo Pensamento**, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.grupopensamento.com.br/produto/o-oraculo-da-deusa-nova-edicao-8710>. Acesso em: 12 jan. 2022.

O RESGATE do Feminino Sagrado. [S. l.: s. n.], 2014. 1 vídeo (23 min 23 s). Publicado pelo canal Paiol Filmes. Disponível em: https://youtu.be/XdEK0co_Gaw. Acesso em: 06 set. 2021.

OLIVEIRA, Amurabi. Nova era e new age popular: as transformações nas religiões brasileiras. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 12, n. 100, p. 65-85, jan./jul. 2011.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza está para a cultura?. *In*: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (Coords.). **A mulher, a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PELLEGRINI, Matheus Reis. **Ecovilas e permacultura: uma etnografia da Aldeia da Mata Atlântica**. 2017. 143 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

PEREIRA FILHO, Marco Aurélio Marão Viana; FOLETTO, Laura Roratto; FERRARI, Camila Tatsch. Por uma nova ética de sustentabilidade na sociedade em rede: o caso das ecovilas. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL ECOINNOVAR, 9., 2020, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2020.

PERJESSY, Jaqueline Rosele. **Modelos sustentáveis para tratamento de efluentes sob a abordagem da gestão ambiental**. 2017. 91 f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade na Gestão Ambiental) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

PERUZZO, Cecília M. Krohlinh. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 161-190, 2017.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Ciladas da diferença**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

PINTO, Marina Barbosa; CERQUEIRA, Augusto Santiago. Reflexões sobre a pandemia da COVID-19 e o capitalismo. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 38-52, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1980-8518.2020.v20.30485>. Acesso em: 16 jan. 2022.

PRADO, Gustavo Íbis Gonçalves. **Ecovilas: história, práticas e a busca por uma 'nova' economia**. 2018. 110 f. Monografia (Bacharelado em Economia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PRISMA do Saber. [S. l.: s. n.], 2021. Canal Prisma do Saber. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/PrismadoSaber>. Acesso em: 06 set. 2021.

PRUDENTE, Gustavo. O velho sonho de morar no paraíso. **Problemas Brasileiros**, [S. l.], n. 377, 2006.

PULEO, Alcía H. Feminismo y ecología. **El Ecologista**, Madrid, n. 31, p. 36-39, 2000.

QUINTANA, Ana Carolina; HACON, Vanessa. O desenvolvimento do capitalismo e a crise ambiental. **O Social em Questão**, ano 14, n. 25/26, p. 427-444, 2011. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/21_OSQ_25_26_Quintana_e_Hacon.pdf. Acesso em: 02 fev. 2022.

RIOS, Renata. Desigualdade na divisão de tarefas continua, aponta IBGE. **Correio Braziliense**, Brasília, 04 jun. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/06/04/interna-brasil,861069/desigualdade-na-divisao-de-afazeres-domesticos-continua-aponta-ibge.shtml>. Acesso em: 19 jan. 2022.

ROCHA, Heliana Faria Mettig. **O lugar das práticas comunitárias emergentes: caminhos de coexistência socioecológica em projetos urbanos**. 2017. 315 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ROHDEN, Fabíola. **A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do Século XX**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

RONSINI, Veneza Mayora. Carne e alma: ensaio sobre feminilidade, capital simbólico e melodrama. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (Orgs.). **Etnografia & consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

RONSINI, Veneza Mayora. Classes, comunidades intencionais e usos da mídia: esboço teórico para sua articulação. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2019.

ROSENDO, Daniela. **A ética sensível ao cuidado: alcance e limites da filosofia ecofeminista de Warren**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

ROYSEN, Rebeca. **Desenvolvimento e difusão de práticas sociais sustentáveis no nicho das ecovilas no Brasil: o papel das relações sociais e dos elementos das práticas**. 2018. 209 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ROYSEN, Rebeca. **Ecovilas e a construção de uma cultura alternativa**. 2013. 245 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RUETHER, Rosemary Radford. Ecofeminismo: mulheres do primeiro e terceiro mundos. **Mandrágora**, São Paulo, n. 6, p. 11-17, 2000.

SACHS, Ignacy. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio ambiente**. São Paulo: Studio Nobel/FUNDAP, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SALLEH, Ariel. **Ecofeminismo as politics: nature, Marx and the post-modern**. London: Zed Books, 2017.

SAMPAIO, Rosana Lúcia Machado. **Aspectos ambientais e sociais de uso do solo em áreas de Mata Atlântica**. 2013, 92 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais e Florestais) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS JR., Severiano José dos. Ecovilas e comunidades intencionais: ética e sustentabilidade no viver contemporâneo. *In: ENCONTRO DA ANPPAS*, 3., 2006, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Associação Nacional Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, 2006.

SCHERER, Fernanda. **Consumo midiático em comunidade online: um estudo sobre o Mundo T-Girl**. 2016. 202 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.

SCHETTERT, Carla Simone Santos. **Descalço na simplicidade transformadora de uma ecovila: uma reflexão de suas práticas na construção de políticas públicas**. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2016.

SCHMITZ, Daniela *et al.* Jovem brasileiro e consumo midiático em tempos de convergência: panorama preliminar. *In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN*, 12., 2014, Lima. **Anais [...]**. Lima: PUCP, 2014.

SHIVA, Vandana; MIES, Maria. **Ecofeminism**. Londres: Zed Books, 2014.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 61-71, jan./mar. 2000.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SIMAS, Ana Carolina Beer Figueira. **Comunicação e diferença: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária**. 2013. 397 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SINISTERRA, Mary Lilia Congolino. **Circulando no Sagrado: tradições, rituais e cerimônias ancestrais na vida moderna: uma experiência na ecoaldeia La Atlantida em Cajibío – CAUCA- Colômbia**. 2013. 191 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.

SIQUEIRA, Gabriel de Mello Vianna. **Tensão entre as racionalidades substantiva e instrumental na gestão de ecovilas**. 2012. 237 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SLATER, Don. **Cultura do consumo & modernidade**. Tradução: Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Nobel, 2002.

SOUSA, Getúlio Cavalcante de. Herança da contracultura: a comunidade hippie de arembepe, Camaçari-Bahia (1970-2012). *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais [...]**. Natal: ANPUH, 2013.

STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

STONE, Merlin. **When God was a woman**. New York: Doubleday, 2012.

THERBORN, Göran. **Between sex and power: family in the world, 1900-2000**. New York: Routledge, 2004.

TONIOL, Rodrigo. O que faz a espiritualidade? **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 144-175, dez. 2017.

VALENTIM, Anamélia Fontana. Cidadania e experiência de consumo: uma aproximação com o conceito de partilha do sensível. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MODA, 5., 2015, Novo Hamburgo. **Anais [...]**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2015.

VON LÜPKE, Geseko. Ecovillages: Islands of the future? **RCC Perspectives**, [S. l.], n. 8, p. 73-78, 2012.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO

DADOS SOCIODEMOGRAFICOS

1 - Idade

2 - Nome da ecovila/comunidade em que mora

3 - Cidade e Estado

4 - Estado civil

() Solteira

() Casada

() União Estável

() Divorciada

() Viúva

5 - Como define sua cor de pele?

6 - Escolaridade

() Ensino fundamental incompleto

() Ensino fundamental completo

() Ensino médio incompleto

() Ensino médio completo

() Ensino superior incompleto

() Ensino superior completo

() Especialização

() Pós-graduação incompleta

() Pós-graduação completa

7 - Onde estudou

() Escola pública

() Escola particular

() Universidade pública

() Universidade particular

TRABALHO

1 - Trabalha fora da ecovila? Onde/como?

2- Quais trabalhos individuais e coletivos executa na ecovila?

3 - Participa do trabalho de divulgação da ecovila nas redes sociais/redes sociais digitais?

4 - Qual o uso principal das redes sociais/redes sociais digitais na ecovila?

5 - Qual seu uso principal das redes sociais/redes sociais digitais?

VIAGENS

- 1 - Morou em mais de um local no Brasil?
- 2 - E fora do Brasil?
- 3 - Para onde já viajou?
- 4 - Quanto tempo fica em média em cada lugar?
- 5 - As viagens costumam ser nas férias de estudos ou trabalho ou seriam parte do seu estilo de vida?

FAMÍLIA

- 1 - Atualmente na ecovila/comunidade, você mora
 - Sozinha
 - Com parceiro(a)
 - Com filho(s) e/ou filha(s)
 - Com parceiro(a) e filho(s) e/ou filha(s)
- 2 - Se possui filhos, quantos?
- 3 - Você precisa exercer a maternidade diretamente (cuidar do seu filho, amamentar, alimentar, etc.) além do seu trabalho e funções da comunidade?
- 4 - Você possui alguém que exerce a parentalidade com você?
- 5 - Quem é a (o) principal responsável pelo sustento da família?
 - Você
 - Pai/marido/parceiro
 - Mãe/esposa/parceira
 - Apenas eu (não moro com mais ninguém)
 - Outra (o)
- 6 - Qual a renda da família (ou renda individual se mora sozinha)
Nenhuma renda.
 - Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.045,00).
 - De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 3.135,00).
 - De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.135,00 até R\$ 6.270,00).
 - De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 6.270,00 até R\$ 9.405,00).
 - De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 9.705,00 até R\$ 12.540,00).
 - De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 12.540,00 até R\$ 15.675,00).
 - Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 15.675,00).

GÊNERO

- 1 - As relações entre os membros da comunidade são não-hierárquicas?
- 2 - Já teve problemas para se expressar ou dar opinião fora da comunidade?

E dentro da comunidade?

3 - Tanto mulheres quanto homens possuem iguais oportunidades de se expressar ou dar opiniões dentro da comunidade?

4 - As funções são delegadas igualmente entre mulheres e homens?

5 - Tomadas de decisão sobre a comunidade são determinadas entre todos os membros?

6 - As mulheres exercem mais atividades de cuidado (ser responsável pelas crianças, alimentação, limpeza...) do que os homens?

7 - Tarefas do âmbito doméstico (cozinhar, limpar, lavar louça/roupa...) são divididas igualmente entre mulheres e homens?

8 - Tarefas externas ao âmbito doméstico (plantio, construção, manutenção de horta e estruturas da comunidade, atividades ao ar livre...) são divididas igualmente entre mulheres e homens?

9 - Você sente ter autonomia dentro da comunidade?

10 - Você acredita que mulheres e homens são tratados da mesma forma na comunidade?

Se não, explique....

11 - Você está familiarizada com algum desses termos?

() Feminismo

() Ecofeminismo

() Sagrado Feminino

12 - O que significa pra você?

13 - Você se considera fazendo parte de algum?

() Feminismo

() Ecofeminismo

() Sagrado Feminino

14 - É possível exercer essa posição na comunidade?

15 - Há alguma referência que te fez se interessar pelo tema (livros, documentários, filmes, pessoas...)?

16 - Pra você há relação entre o Sagrado Feminino e o Feminismo ou Ecofeminismo?

CONSUMO

17 - Das opções abaixo, quais são mais importantes pra você?

() Jornais

() Livros

() Rádio

() Televisão

- Netflix
- Músicas
- Filmes
- Instagram
- YouTube
- Facebook
- WhatsApp

Outra

18 - O que mais costuma fazer na internet?

- Ler notícias
- Usar redes sociais digitais (Facebook, WhatsApp, etc.)
- Pesquisar questões de trabalho ou estudo
- Comprar produtos online
- Assistir a vídeos de entretenimento (filmes, séries, novelas, etc.)
- Assistir a vídeos informativos
- Outros

Próximas etapas de pesquisa

- 1 - Você se dispõe a participar da próxima etapa desta pesquisa?
- 2 - Caso sim, poderia fornecer seu endereço de e-mail para contato?

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

DADOS SOCIOECONÔMICOS

1.1 Idade:

1.2 Etnia

1.3 Estado civil () Solteira () Casada () Divorciada () Viúva () União Estável

1.4 Grau de escolaridade

1.5 Qual sua ocupação agora e anterior à ecovila?

1.6 Qual a ocupação do membro melhor situado da sua família?

1.6 - Qual a renda da família (ou renda individual se mora sozinha)

() nenhuma renda () Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.045,00)

() De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045, 00 até R\$ 3.135,00)

() De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.135,00 até R\$ 6.270,00)

() De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 6.270,00 até R\$ 9.405,00)

() De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 9.705,00 até R\$ 12.540,00)

() De 12 a 15 salários mínimos (de R\$ 12.540,00 até R\$ 15.675,00)

() Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 15.675,00)

Estado na ecovila (permanente, voluntário, visitante, ex-moradora)

Função/funções na ecovila

Como você define a comunidade em que mora?

Quais os critérios para fazer parte?

Há quanto tempo reside? Foi sua primeira experiência em uma ecovila?

O que a fez tomar a decisão de morar nesse local?

Que mudanças isso trouxe para sua vida?

Quantas pessoas tem no local? Quantas são mulheres? Costuma haver mais fluxo de mulheres (visitantes, voluntárias, etc)

Há alguma prática espiritual base?

a) Comunidade

Qual foi sua maior mudança em questões materiais e apego de bens?

Você acha que como mulher sua experiência tem particularidades?

Existe um conselho comunitário onde são discutidas questões e/ou problemas de interesse da comunidade? Como funciona?

Como são os mecanismos de resolução de conflitos e tomadas de decisão na comunidade? Você participa?

Há incentivo às relações sociais entre os membros da ecovila?

Você, como mulher, enxerga alguma diferença no tratamento que recebe aí dentro e quando vivia fora da comunidade da ecovila? Se sim, de que forma?

Qual a importância da espiritualidade na sua comunidade?

Você acha que o desenvolvimento da espiritualidade pode facilitar a comunicação entre as pessoas e as tomadas de decisão?

b) Autonomia

Como é a autonomia feminina dentro na comunidade da ecovila?

Vocês mulheres possuem reuniões entre si?

Ocorreu algum tipo de mudança de função ou sobrepeso nas atividades durante a quarentena? E na relação entre todos os membros?

As relações entre os membros da comunidade são baseadas em igualdade?

Tanto mulheres quanto homens possuem iguais oportunidades de se expressar ou dar opiniões dentro da comunidade?

Você acha que as mulheres têm mais voz dentro da ecovila do que fora? E pessoalmente?

Você tem algum posicionamento político específico?

Você considera as ecovilas parte de um movimento social?

Você acha que existe alguma conduta que difere as mulheres que moram em comunidades intencionais e ecovilas das mulheres que moram em outros locais e espaços?

c) Espiritualidade

Como era a família que você cresceu?

Como funcionava seu consumo de mídia na infância e juventude? Assistia televisão, ouvia rádio, usava computador, livros...

O cunho ecológico das atividades que você realiza hoje na ecovila são semelhantes às que você tinha na família quando criança?

Você acha que referências midiáticas e familiares que tinha na época contribuíram para seu posicionamento em relação à sustentabilidade, às ecovilas e à espiritualidade?

Pra você há diferença entre espiritualidade e religião?

Na sua opinião, espiritualidade e política podem se relacionar?

Como você considera sua espiritualidade hoje?

Vocês praticam alguma espiritualidade na sua comunidade?

Você diria que as ecovilas têm a espiritualidade como fator importante da comunidade?

Muitas ecovilas têm uma abordagem matriarcal, acha que isso seria derivado do tipo de espiritualidade praticada?

d) Sagrado Feminino

O que é pra você o Sagrado Feminino?

Considera uma forma de praticar a espiritualidade? Uma prática espiritual?

Há diferença entre Sagrado Feminino e espiritualidade feminina?

Quando despertou para essas questões de espiritualidade?

Como pratica o Sagrado Feminino?

Como se tornou adepta? Qual sua história com o Sagrado Feminino?

Isso trouxe melhorias para sua vida? Novas perspectivas?

Você acha que isso muda o olhar que temos sobre as mulheres e a posição feminina na sociedade? Para um olhar positivo/negativo?

Há abordagem específica do Sagrado Feminino na sua ecovila?

Isso modificou/contribuiu para as relações entre os membros de alguma forma?

Você acha que isso (Sagrado Feminino ou espiritualidade) muda a relação entre homens e mulheres?

Há benefício para as mulheres seguirem o caminho do Sagrado Feminino ou de espiritualidades femininas?

e) Política

Você acha que as mulheres são naturalmente mais ligadas/conectadas à natureza? Se sim, por que?

Você atribui a degradação da natureza a algum fator específico?

Acha que, especificamente as mulheres, poderiam contribuir para reverter isso?

Você é favorável à igualdade entre homens e mulheres?

Feminismo significa alguma coisa pra você?

Ecofeminismo significa alguma coisa pra você?

É adepta de algum deles?

É possível exercer esse posicionamento na ecovila?

O que é ser mulher em uma ecovila?

Quando despertou sua consciência ecológica?

f) Maternidade

Possui filhos?

Qual sua relação com eles na comunidade?

Você divide a educação deles com alguém?

Quando você/vocês está(ão) ocupado(s), quem cuida dos seus filhos?

Como funciona o cuidado das crianças da comunidade?

Homens e mulheres participam da educação igualmente?

O que é ser mãe pra você?

Acredita que faz parte da experiência feminina ser mãe?

Você precisa exercer a maternidade diretamente (cuidar do seu filho, amamentar, alimentar, etc.) além do seu trabalho e funções da comunidade?

Qual o significado de ser mãe/da maternidade na ecovila?

Você acha que o Sagrado Feminino acolhe a maternidade?

O Sagrado Feminino inspirou sua maternidade e aspectos delas de alguma forma? Seja na escolha de ter filhos, na criação e educação deles.

O Sagrado Feminino te trouxe uma visão diferente sobre o que é ser mãe da que você tinha antes?

Você acha que ser mãe é um papel sagrado que deve ser cumprido pela mulher?

O Sagrado Feminino indica rituais a serem cumpridos pelas mães ou na maternidade?

Você realizou rituais ou cerimônias envolvendo a maternidade, seus filhos ou em relação a ser mãe?

Há um lugar diferenciado para mulheres que são mães de acordo com o SF?

Você acha que mães devem ser tratadas como indivíduos sagrados?

O que significa a maternidade pra você?

Você acha que o SF inspirou esse significado ou você o carrega desde sempre?

Qual a maior mudança que o SF provocou no seu olhar sobre a maternidade?

Pra você o cuidado faz parte de ser mãe?

Existe cuidado fora da maternidade?

O cuidado é um dos princípios do sagrado feminino? e da maternidade?

Qual a visão dos pais no sagrado feminino?

Há cuidado na paternidade?

Existe diferença entre maternidade e paternidade no SF? E em relação ao cuidado?

g) Relações sociais

Você divide a casa com quantas pessoas?

Você tem um companheiro homem ou pessoa próxima como irmão/pai morando junto ou em contato frequente?

Vocês dividem as tarefas do âmbito doméstico igualmente?

Como funciona essa divisão?

Você considera importante que haja essa divisão?

Você considera que homens e mulheres podem fazer o mesmo tipo de tarefa?

Ou você acha que homens e mulheres são melhores em tarefas diferentes? Quais?

Para você, a espiritualidade está presente no cotidiano e nas tarefas do dia a dia?

Existe uma diferenciação nas tarefas realizadas por homens e mulheres de acordo com a espiritualidade?

O cuidado com a casa tem espaço na espiritualidade?

Residir na ecovila mudou sua visão sobre divisão de tarefas ou você já pratica isso?

Você enxergava as relações de forma diferente?

Se sim, o que mudou? Sua espiritualidade contribuiu para isso de alguma forma?

Fora da ecovila, como você vê a relação das mulheres com os pais e companheiros? É de igualdade ou dominação?

E dentro da comunidade da ecovila?

E em relação ao Sagrado Feminino, existe alguma mudança na sua abordagem sobre o cuidado e a casa fora desse âmbito espiritual?

h) beleza e autocuidado

Qual a importância da beleza para mulher?

Como eram as questões de aparência, estética e cuidado com o corpo antes de você ir residir na ecovila e agora, depois que já reside? O que mudou? Financeiramente, rotineiramente...

Com base em quais critérios você escolhe/compra roupas?

O que você considera consumo necessário e consumo supérfluo?

Sua espiritualidade também teve papel nos seus cuidados com o corpo e com a aparência?

Você segue algum tipo de cuidado com o ciclo, como o método de percepção da fertilidade, mandala lunar ou calendário lunar?

Isso está relacionado às suas práticas espirituais? Como?

Você realiza rituais sobre e para o corpo?

A fertilidade é algo importante para você? E a menstruação?

Você acha que a fertilidade e a menstruação têm um papel importante na espiritualidade feminina?

Se conectar com o próprio corpo, a fertilidade e os ciclos menstruais é algo que toda mulher deveria fazer? Isso está relacionado à espiritualidade?

Você acha que uma mulher que não tem práticas espirituais, nem é adepta do Sagrado Feminino, vai ter outra relação com o corpo?

Há um ideal feminino para você?

Esse ideal feminino também deve estar presente no corpo e na aparência?

Você acha que existe um ideal feminino propagado pela mídia?

Você já tentou alguma vez se enquadrar nesse ideal feminino propagado pela mídia?

Existe uma diferença pra você entre esse ideal feminino da mídia e o ideal feminino pelo Sagrado Feminino?

Há alguma problemática em algum desses ideais pra você?

Você procura seguir que características e comportamentos quando busca ser uma mulher ideal ou busca um ideal feminino?

Você acha que é possível alcançar um ideal feminino?

O ideal feminino do Sagrado Feminino poderia ajudar as mulheres a serem independentes e felizes?

i) Comunicação

O que é comunicação pra você e o que se insere nisso?

Vocês possuem funções, círculos ou reuniões específicos relacionados à comunicação? Se sim, como funciona?

Há um círculo de comunicação entre mulheres na comunidade? E entre os homens? E tanto homens e mulheres?

Se sim, que tipo de atividades estão relacionadas com esses círculos?

O círculo feminino possui um espaço próprio para exercício espiritual?

O círculo feminino está ligado à espiritualidade?

Como funcionam as práticas espirituais envolvendo apenas mulheres? E todos os moradores?

Visitantes, convidados, voluntários e pessoas de fora participam desses círculos?

Quem são os convidados ou convidadas?

j) Consumo midiático

Quais as mídias que você mais consome? (televisão, rádio, jornal, livro, plataformas digitais...) E que temáticas?

Seu consumo de mídia modificou quando passou a residir na comunidade?

Você considera a mídia algo importante para ecovila?

Qual o papel da mídia para você? E para a ecovila?

Você acha que a mídia teve algum papel na sua espiritualidade?

E sobre o Sagrado Feminino e sua espiritualidade, você consumiu ou consome mídia que aborda essas questões?

Você está familiarizada com livros como Mulheres que correm com os lobos, Lua vermelha, etc.? O que acha deles?

Acha que eles trazem contribuição para suas práticas espirituais? E de mais mulheres?

Há outros livros que você conhece que inspirou sua espiritualidade e suas práticas? E filmes? Séries, outras mídias, etc.

Você costuma acompanhar algum tipo de mídia? Qual sua preferência?

Quando você consome mídia, tem algum objetivo específico?

Muitas redes de mulheres têm se formado nas plataformas digitais com o intuito de ampliar e compartilhar conhecimento sobre espiritualidade feminina. Você conhece algumas? Você participa? Acha importante?

Por que você acha que essas mulheres estão buscando essas redes?

Pra você há algum motivo pelo qual as mulheres estão procurando desenvolver a própria espiritualidade?

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO

Título do projeto: O Sagrado Feminino nas práticas midiáticas e sociais de mulheres em ecovilas

Mestranda responsável: Camila Tatsch Ferrari

Orientador responsável: Dra. Veneza Mayora Ronsini

Instituição/Departamento: UFSM/ Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática

Telefone para contato:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

A pesquisa intitulada provisoriamente de “O Sagrado Feminino nas práticas midiáticas e sociais de mulheres em ecovilas” sob minha responsabilidade, a ser desenvolvida através de entrevistas com mulheres atualmente ou em algum momento residentes de comunidades de ecovilas, tem como objetivo em investigar como o Sagrado Feminino midiático incide nas relações de gênero nas comunidades de ecovilas.

Para conseguir as informações necessárias será preciso que a pesquisadora realize entrevistas pela plataforma do *Google Meet* e com participantes voluntárias e dispostas a realizar duas reuniões de aproximadamente 1h e 15 minutos de duração. A colaboração com a pesquisa se dará a partir de respostas acerca das trajetórias de vida das participantes com foco em suas práticas midiáticas, sociais e espirituais. Fica claro somente mulheres que quiserem por livre e espontânea vontade participarão da coleta de informações, sendo possível a desistência em qualquer etapa do estudo.

Para a divulgação dos resultados fica garantido o anonimato das participantes. Fica ciente, ainda, que a veiculação dos dados, em qualquer meio de comunicação, será exclusivamente para fins acadêmicos, de pesquisa e divulgação do conhecimento científico sem quaisquer ônus e restrições.

Eu, Camila Tatsch Ferrari, responsável pela pesquisa, declaro que estou à disposição para qualquer esclarecimento em qualquer momento durante a realização da pesquisa.

Sendo assim, declaro que ficaram claros para mim quais são os propósitos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Eu, _____ aceito voluntariamente em colaborar como participante e informante neste estudo, estando ciente e de acordo com os termos.

Santa Maria, ____ de _____ de 2021.

(assinatura da participante)